

The book cover features a woman with long, flowing red hair, wearing a black corset and a red skirt. She is holding two curved blades, one in each hand, with a bright light emanating from the top blade. The background is a dark, fiery landscape with a city in the distance. The title 'SHADOW & RISE' is written in a large, ornate, silver font, with a decorative flourish between the words. The author's name 'AUDREY GREY' is at the bottom in a white, serif font.

SHADOW & RISE

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
AUDREY GREY



Avisos

A PRESENTE TRADUÇÃO FOI EFETUADA DE MODO A PROPORCIONAR AO LEITOR O ACESSO À OBRA, INCENTIVANDO POSTERIORMENTE A AQUISIÇÃO.

O GRUPO NÃO TEM O OBJETIVO DE OBTER LUCROS, SEJA DIRETA OU INDIRETAMENTE.

SELECIONAMOS LIVROS QUE ESTÃO SEM PREVISÃO DE PUBLICAÇÃO NO BRASIL, ASSIM, AFIM DE PRESERVAR DIREITOS AUTORAIS E CONTRATUAIS DE AUTORES E EDITORAS, O GRUPO PODERÁ RETIRAR SEM AVISO PRÉVIO E SUSPENDER O ACESSO AOS LIVROS QUE SERÃO LANÇADOS POR EDITORAS.

PREZE PELO GRUPO, NÃO DISTRIBUA LIVROS FEITOS POR NÓS EM BLOGS, PÁGINAS DO FACEBOOK E CANAIS ABERTOS COMO OS DO TELEGRAM.

NÃO MENCIONE NOSSAS TRADUÇÕES EM REDES ABERTAS, TAIS COMO: TIK TOK E INSTAGRAM.

NUNCA FALE SOBRE LIVROS QUE FORAM FEITOS POR NÓS PARA AUTORES (AS), DIGAM QUE LERAM NO IDIOMA ORIGINAL.

PRESTIGIE SEMPRE QUE PUDER OS AUTORES COMPRANDO SEUS LIVROS, AFINAL ELES DEPENDEM DISSO NÃO É MESMO?



DORRINGS



SHADOW FALL

ORDEM DE LEITURA



SUMARIO

SINOPSE

Prologo

Capitulo 1

Capitulo 2

Capitulo 3

Capitulo 4

Capitulo 5

Capitulo 6

Capitulo 7

Capitulo 8

Capitulo 9

Capitulo 10

Capitulo 11

Capitulo 12

Capitulo 13

Capitulo 14

Capitulo 15

Capitulo 16

Capitulo 17

Capitulo 18

Capitulo 19

Capitulo 20

Capitulo 21

Capitulo 22

Capitulo 23

Capitulo 24

Capitulo 25

Capitulo 26

Capitulo 27

Capitulo 28

Capitulo 29

Capitulo 30

Capitulo 31

Capitulo 32



Capitulo 33

Capitulo 34

Capitulo 35

Capitulo 36

Capitulo 37

Capitulo 38

Capitulo 39

Capitulo 40

Capitulo 41

Capitulo 42

Capitulo 43

Capitulo 44

Capitulo 45

Capitulo 46

Capitulo 47

Capitulo 48

Capitulo 49

Capitulo 50

Capitulo 51

Capitulo 52

Capitulo 53

Capitulo 54

Capitulo 55

Capitulo 56

Capitulo 57

Capitulo 58

Capitulo 59



SINOPSE

*Meu nome é Maia Graystone: rebelde, terrorista e...
traidora.*

Aprisionada na Torre à mercê da arquiduquesa, esperando uma execução certa, passo cada momento pensando em maneiras de escapar para encontrar Riser e cumprir a promessa feita a meu pai.

Quando o momento perfeito surge, eu me liberto, apenas para descobrir o impensável, os rebeldes me marcaram como traidora.

Fica pior. A guerra se aproxima, meus amigos me abandonaram e Nicolai se recusa a ajudar a encontrar Mercurian.

Só há uma maneira de mudar de ideia e reconquistar o respeito dos rebeldes. Devo lutar nas implacáveis Cortes de Sangue, uma violenta arena de gladiadores onde apenas os fortes sobrevivem. O único problema é que primeiro tenho que derrotar o campeão em título. Se eu ganhar todo o exército rebelde será meu. Se eu perder o mundo queimará.

Alguém em quem uma vez confiei com meu coração.



PROLOGO



Eu estive preparada para morrer por metade da minha vida. Havia centenas de opções para escolher no Fosso; fome, desidratação, doença, assassinato; e uma vez que escapei do buraco nojento, os realistas vieram com esquemas ainda mais criativos para me matar.

Mas de todas as maneiras que imaginei que poderia morrer, todos os cenários que me forcei a imaginar, nenhum foi tão brutal ou horripilante como este.

A dor como nada que eu já senti me consome. Meus gritos devastam o ar, escorregadios com mofo e o cheiro acobreado do sangue. *Meu sangue*. Empurro e me contorço contra o altar ao qual estou acorrentada; pedra arenosa arranha a carne de minhas omoplatas, o topo da minha espinha.

Cada parte de mim estremece e queima de agonia.

— Onde estão os rebeldes, seu verme vil? — A arquiduquesa exige.

Pisco, meu olhar vagando ao redor da câmara escura. Já estive aqui antes, mas quantas vezes? Quando?

— Qual o seu nome?

— Dane-se... você.

Ela se estica para trás e seu punho acerta minha têmpora, tirando a visão dos meus olhos enquanto a dor ricocheteia dentro do meu crânio.

— Quantos rebeldes existem?

Deixo escapar um gemido — Nenhum.

— Há mais na Ilha?

— Não.

— Onde eles estão se escondendo? Quem é o líder deles?

Resista. A palavra está gravada em minha alma.

Resista. *Resista.*

Mas seria tão fácil... tão fácil ceder. A dor poderia parar. Tudo poderia ir embora.

Só o pensamento de parar a tortura deixa uma rachadura em minha vontade, um abismo cada vez maior que ameaça destruir minha decisão.

— Por favor... — O fogo queima um caminho pela minha garganta. — Água. Eu preciso... — Tenho uma convulsão e tosse, e estou tremendo até os ossos, meus dentes batendo juntos, embora minha carne pareça que poderia cozinhar um ovo. — Por favor pare.

— Por favor. — Ela zomba em um sussurro choroso que raspa minha espinha. — Por favor, pare.

Recuo contra o som de sua voz, cada célula, cada tecido do meu ser estremecendo com sua presença. Meus pedidos de misericórdia só parecem deixá-la mais furiosa, mas não consigo parar.

Os saltos da arquiduquesa estalam com força contra o chão de pedra imundo enquanto ela circula à minha direita. Minha mente sabe que não posso escapar de minhas correntes, mas meu corpo tenta de qualquer maneira, puxando e puxando as algemas pesadas que me prendem à pedra. O aço morde meus pulsos machucados.



Ela se inclina sobre mim, tão perto que posso sentir seu hálito quente em minhas bochechas e cheirar o pó de sua peruca. Seu nariz comprido brilha à luz das tochas.

— Quem é Riser Thornbrook?

Meu coração dá um soco na minha garganta. Eu sinto que ela já fez essa pergunta antes, como se fosse importante. Puxo uma respiração para estabilizar meu batimento cardíaco e olho para longe, uma lágrima deslizando pela minha bochecha esquerda porque eu me lembro do que acontece agora.

Eu sei a dor que está vindo. Eu sei que não sou forte o suficiente para aguentar.

Eu tentei, deuses, tentei não gritar quando ela me machucou, mas toda vez eu falhei. Cada vez, ela tenta uma maneira diferente de me machucar e, depois, ela tem meus ossos curados e minha pele curada novamente para que ela possa fazer tudo de novo.

Um ciclo interminável de agonia e dúvida, a única certeza é de que a dor será insuportável.

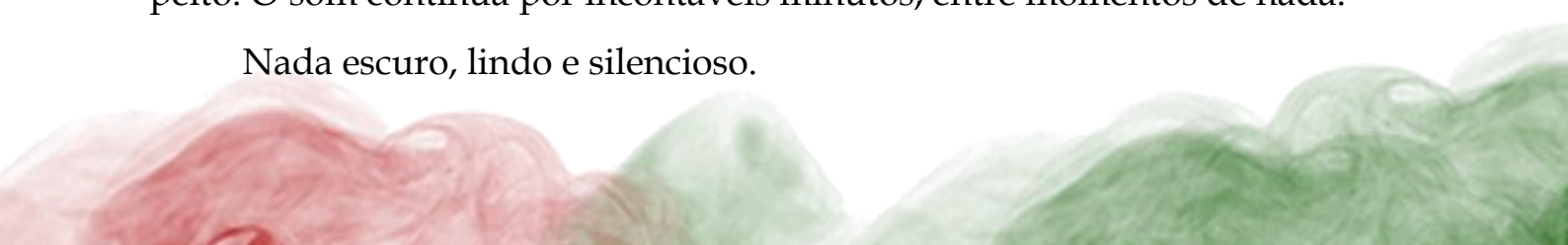
O rosto de Riser pisca em minha mente, seu olho verde brilhante e calmante, seu olho azul refletindo a tempestade dentro de mim.

— Lute. — Ele sussurra. — Lute até seu último suspiro, Garota Cavadora.

Algo bate contra a pedra. Um martelo. A arquidquesa acerta o instrumento de aço cego aos meus pés, cada golpe acertando um buraco em minha coragem. Então ela bate em minha carne e uma onda de escuridão me cobre.

Volto alguns segundos depois. Um grito sobrenatural sai do meu peito. O som continua por incontáveis minutos, entre momentos de nada.

Nada escuro, lindo e silencioso.



Raspo minhas pálpebras abertas. Minha garganta está inchada quase fechada, a exaustão engolindo meu grito. Tremo e gemo enquanto ela passa os dedos na minha testa, suavemente, tirando meu cabelo encharcado de suor dos meus olhos.

— Calma, calma. — Diz ela, inclinando-se sobre mim. — Vamos começar de novo, vamos? Qual é o seu nome?

A náusea queima minha barriga, minha pele está afogada em suor.

Lute, Garota Cavadora.

Toda a minha raiva, dor e medo colidem, criando um turbilhão de fúria que embota a dor latejante.

Apoiando-me nos cotovelos, rosno em meio à agonia e encontro seu olhar.

— Eu sou a garota que sobreviveu ao Fosso, que sobreviveu aos Julgamentos e escapou de você por anos. Você pode ter meus gritos, mas isso é tudo que você terá.

A arquiduesa sorri e levanta o martelo.

— Veremos.



CAPITULO 1



Eles vêm para mim ao amanhecer. Os ratos guincham e arranham as garras no chão de pedra enquanto fogem, e eu os olho com ciúme.

O que eu não daria para ser um rato agora.

Eu escaparia. Não apenas da minha cela dentro da Torre com seus cantos escuros e ar úmido e frio de doer os ossos, ou as algemas de ferro que gravam pulseiras ensanguentadas em minha carne. Não apenas da arquiduquesa insana e as ferramentas bárbaras que ela usa na minha carne, ou do asteroide com o nome de deuses que está a semanas de fazer chover morte em meu mundo.

Eu quero escapar de mim. O que eu fiz.

O labirinto consome meus pesadelos. Não o real, mas uma versão distorcida, híbrida, meio Fosso, meio labirinto, meio Torre.

Cada vez que fecho meus olhos, estou lá. Presa na escuridão, me afogando nela, o fogo crepitando ao meu redor. Meus amigos mortos gritam por ajuda. Princesa Ophelia. Minha melhor amiga, Merida. Riser.

Mas não consigo vê-los. Não consigo encontrá-los. Está muito escuro; há muitas e muitas voltas, muitas grades de prisão e escadarias tortuosas e chamas, tantas chamas.

Todas as noites eu revivo essa nova forma de labirinto construído para nos mutilar e matar. Cada vez que fecho meus olhos, é como se eu estivesse dentro dos Julgamentos novamente.

Tento lutar contra o sono, mas minha fraqueza e as drogas que o imperador me dá tornam isso impossível.

Depois, há as vozes. Elas rastejam pelo meu cérebro quando estou na minha cela, centenas e centenas de vozes, implorando-me para acordá-las. Como se fossem elas, e não eu, presas em um pesadelo.

Na maioria das vezes eu finjo que são reais, apenas para não me sentir sozinha. Desesperado, eu sei. Mas minhas circunstâncias exigem um pouco de desespero.

Não há como escapar das vozes ou dos pesadelos. Não quando estou dormindo. Não quando estou acordada. Nunca.

É um pequeno e divertido ciclo de, *vamos ver o quão louca podemos deixar Maia antes de matá-la*.

E eles vão, eventualmente. Todas as noites, quando eles me arrastam para a arquiduquesa, acho que finalmente é a hora. Eles vão cumprir sua promessa e me executar.

Mas eles só me fazem desejar estar morta, a arquiduquesa encontrando maneiras cada vez mais elaboradas de infligir dor.

Quando ela termina de brincar comigo, eles consertam minha carne arruinada com Reconstructores de mão, a dor quase tão forte quanto a própria tortura, deixando-me drogada e fraca.

Pelo menos quando eles me drogam, não vejo o Garoto do Fosso. Lado bom, certo?



Às vezes, eles me desfilam na frente de uma multidão furiosa e câmeras. Às vezes eles me fazem perguntas. Às vezes eles me chutam ou me batem, mas tudo parece tão distante.

Os dias estão perdidos para mim, afogados em uma tempestade febril de agonia, medo e memórias.

Há quantos dias estou aqui?

Difícil dizer. Pela dor profunda e implacável na minha barriga, já se passaram pelo menos dois dias desde que eu comi qualquer coisa além dos poucos pedaços que Bramble passa furtivamente pelo guarda em minha cela, o idiota corajoso.

Ainda assim, seus presentes geralmente voltam.

Uma risada fraca escapa da minha garganta ferida. É como se eu estivesse na cova de novo, Bramble procurando comida para me manter viva. Jurei que nunca mais voltaria a ficar nesta posição, mas aqui estou.

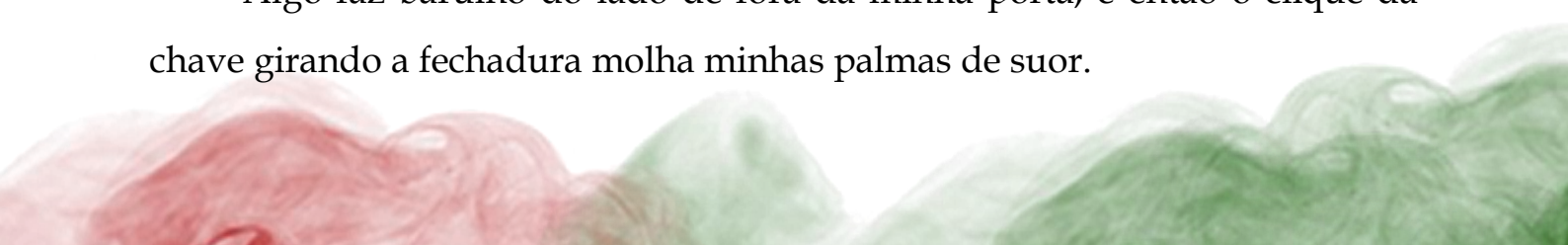
O som de uma porta se abrindo no corredor me faz focar na realidade. Minha cabeça gira enquanto eu fico de pé, meu corpo doendo por ser continuamente quebrado e recomposto. Inalo uma respiração entrecortada e mordo minha bochecha para me concentrar, esperando até que o halo ao redor da minha visão fosse apenas um leve brilho de ônix antes de soltar.

Preciso estar alerta, pronta, então repasso o plano.

Atordoe o primeiro guarda com um tiro na garganta. Use esse momento para tirar o segundo. Posso não ser capaz de escapar dos meus pesadelos, mas talvez possa escapar desse pesadelo em particular.

Felizmente, Bramble está vasculhando, então não preciso me preocupar com ele.

Algo faz barulho do lado de fora da minha porta, e então o clique da chave girando a fechadura molha minhas palmas de suor.



O portão da minha cela se abre e dois Centuriões param do lado de dentro, seus dedos enrolados acima das pistolas em seus quadris.

O homem maior vira a cabeça em direção à porta, seus olhos brilhando com uma aversão indisfarçável.

— Mova-se, escória Fieniana.

Pisco com a palavra que eu costumava desprezar. Fieniana. Então há uma terrorista. Rebelde. Assassina. E meu novo favorito, prisioneira.

— Ok. — Sussurro em uma voz fraca.

Faço uma lâmina com os nós dos dedos dobrados e estalo o pomo de adão do primeiro guarda, deixando-o cair no chão. Os olhos do outro guarda se arregalaram, e ele vai para sua arma, mas eu abaixo meu pé logo acima de seu tornozelo. Ouve-se um estalo agudo e nauseante, e o homem grita e cai, agarrando sua perna quebrada. Um chute certo no queixo faz o resto.

Uma vez que ele está caído no chão, eu pego sua pistola, me deliciando com o peso dela dentro da minha mão.

O primeiro guarda se contorce, os lábios escancarados como um peixe fora d'água tentando respirar.

Pego sua pistola e corro, os pés descalços batendo nas pedras lisas pelos calcanhares de milhares de prisioneiros sem nome como eu. Uma dor rasga meus ossos, minha cabeça girando enquanto desço a escada em espiral.

Preciso desacelerar, respirar, mas não posso me dar ao luxo.

A escuridão gira na minha periferia, meu coração estremecendo enquanto luta para fornecer sangue suficiente para meus músculos. Uma queimadura aguda enche meus pulmões.

Cada passo mais perto da liberdade drena um peso dos meus ombros, o medo do meu coração. Eu devo estar perto.

Livre. Quase livre.



A porta! Eu me lembro dessa porta. Eu a abro com um grunhido, piscando contra a luz do sol...

Apenas para ver o rosto de olhos arregalados de um guarda.



CAPITULO 2



O guarda que bloqueia meu caminho tem lábios finos e olhos cruéis. *Merda*. Trago minhas pistolas, mas meus músculos estão muito cansados, muito lentos, e grito quando algo afiado estala contra meu crânio.

Semiconsciente, sinto o guarda agarrar meu cabelo e me arrastar de volta pelas escadas em espiral que lutei tanto para descer.

Cada passo que atinge meu corpo decaído é um golpe de derrota.

Mesmo assim, eu luto. Minhas unhas arranhavam seu gibão de couro. Chuto e empurro, arrancando e arranhando tudo o que posso, mas estou muito fraca para causar muito dano.

O guarda ri enquanto me joga de volta para a minha jaula. Me enrolo em uma bola, meus músculos tremendo de exaustão, e vomito uma série de maldições para o guarda.

Por um tempo, não há nada além de escuridão. Então a porta da minha cela se abre, o som raspando minha espinha, e eu me levanto. O chão gira e minha cabeça lateja enquanto mais guardas me puxam para longe.

Tento parecer sem medo, mas minha boca está pegajosa de medo. Para onde eles estão me levando?

Conto tudo para permanecer sã, ou o mais sensata que posso ser com as vozes falando comigo.

Dois guardas. Oito celas. Uma janela gradeada. Trezentos e vinte e dois degraus em ruínas e uma porta de ferro. Mais quinhentos passos vertiginosos através do gramado bem cuidado e coberto de orvalho e através do conjunto de jardins perfumados.

Sete arbustos de azevinho. Minha cabeça fica embriagada com os cheiros de jacinto e jasmim enquanto examino a multidão além da parede de pedra coberta com rosas brancas.

Por um momento, acho que identifico as feições marcantes de minha mãe na parede de rostos, e meu coração bate para o lado no meu peito.

Mamãe. Ajude-me.

Mas não é ela. Claro que não. Embora ela não tenha nenhum problema em projetar um labirinto mortal para matar os finalistas das formas mais horríveis, ela nunca se rebaixaria a assistir uma prisioneira ser arrastada pela propriedade e ridicularizada. Não é realmente seu estilo.

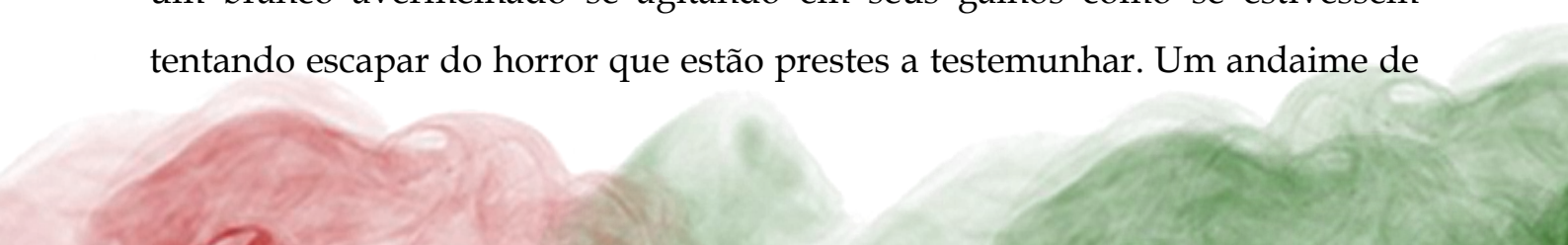
Pisco para o céu. Pandora assiste ao espetáculo por trás de um véu de nuvens finas, maior do que eu imaginava que ela seria.

Já poderia ser tarde demais para detê-la?

Uma garotinha joga algo vermelho no meu rosto, um tomate estragado, pelo gosto podre. Suas entranhas viscosas escorrem pelo meu queixo e pescoço. Piedade e ódio por mim mesma formam um buraco em meu âmago enquanto eu lambo o que posso.

Mais espectadores se juntam, jogando tudo o que têm à mão até que eu esteja coberta de gosma. Aperto minhas mãos em punhos. Quantas pessoas em Cypher poderiam se alimentar com isso?

Sinto o cheiro das cerejeiras antes de vê-las, suas flores deslumbrantes de um branco avermelhado se agitando em seus galhos como se estivessem tentando escapar do horror que estão prestes a testemunhar. Um andaime de



madeira espera por mim na sombra, pétalas de cereja amontoadas em pequenas pilhas ao longo do piso de madeira clara, girando na brisa esporádica.

Quando o grupo de curiosos que está tocando me avista, eles explodem em zombarias.

Embora seja de manhã cedo e o sol esteja fraco, a arquiduquesa espera por mim à sombra de uma das árvores finas e cinzentas, como se sua pele de papel fosse pegar fogo na luz suave. Ela está pálida, suas íris pálidas, lábios da cor de ossos velhos, como se cada gota de sangue tivesse drenado de seu corpo. Um vestido de luto preto-caixão cobre sua figura marcante.

Se alguém me dissesse que ela era um espírito perverso ressuscitado da morte para me assombrar, eu acreditaria sem questionar. Como se soubesse que estou pensando nela, ela dirige seu olhar cruel para mim.

Seus olhos se iluminam, seu brinquedo está finalmente aqui.

Me encolho quando seus passos largos devoram o espaço entre nós.

— Olá, verme. Linda manhã para um enforcamento, não é?

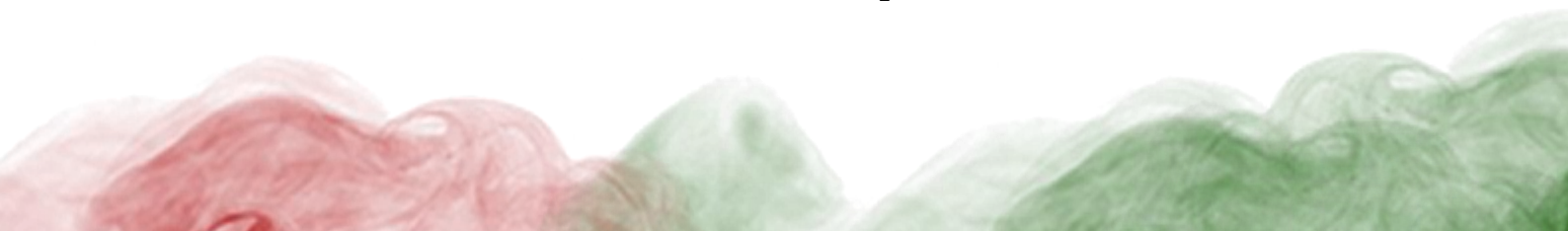
Minha respiração fica presa no meu peito; eles vão me *enforcar*.

Apesar do perfume enjoativo de oleandro que ela usa, o mais leve tentáculo da morte atinge meu nariz e meu estômago se contrai.

— Não faça beicinho. Você sabia que isso iria acontecer. Como não? Ou você foi realmente estúpida o suficiente para acreditar que poderia escapar impune atacando o imperador em sua própria ilha? Mas você não vai morrer ainda, verme.

É quando percebo o grupo perto do andaime. Um abismo de medo se abre dentro do meu peito.

— Não faça isso... — Minha voz está áspera. — Me mate. Eu. Eles não.



— Oh eu vou. Devagar, com prazer absoluto. Mas primeiro você tem que escolher. A partir de agora, toda vez que você me desobedecer, alguém morre. Cada vez que você não responder a uma pergunta corretamente, alguém morre. Cada vez que você tentar escapar, ou mesmo resistir, alguém morre. Agora escolha.

Centuriões em elegantes casacos militares pretos com botões dourados que brilham ao sol desfilam os prisioneiros à nossa frente. Assim como eu, a maioria usa vestidos extravagantes e coletes da celebração, as sedas e veludos luxuosos esfarrapados de dias de uso, manchas de sangue e manchas carbonizadas insinuando o horror daquela noite.

Eles imploram, seu foco oscilando entre a arquiduquesa e eu.

— Escolha o primeiro a morrer por seu erro. — Ordena a arquiduquesa.

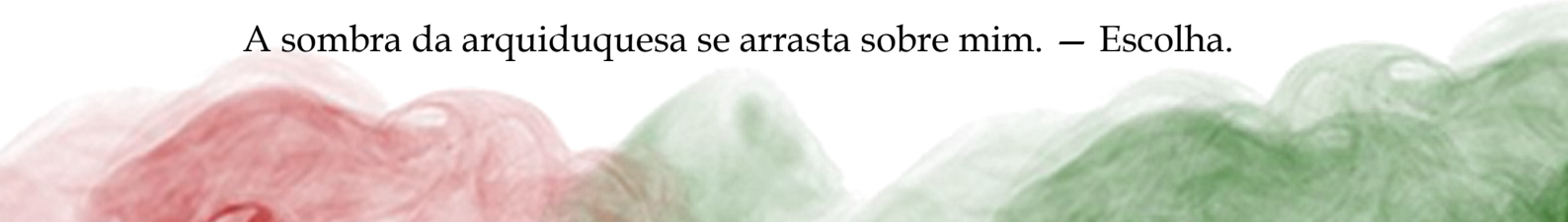
Apesar do frio, o suor escorre pelas minhas omoplatas. Não consigo ver as câmeras, mas é claro que estão aqui em algum lugar, filmando tudo.

O mundo inteiro está me observando escolher quem vive e quem morre.

Meu coração ruge dentro do meu peito enquanto eu forço meu olhar sobre os prisioneiros. Aí está a finalista que eu reconheço cujo nome não consigo lembrar, sua trança rabo de peixe escura caindo quase até a cintura. A mulher enrugada e endurecida pelo sol, com cabelos grisalhos e dedos nodosos, obviamente do outro lado da cerca. Um jovem de pele escura em uma jaqueta azul marinho esfarrapada com olhos combinando que varrem meu rosto.

Dou um passo e caio de joelhos. Risos e provocações da multidão realista enchem o ar, misturando-se com os ruídos do amanhecer dos pássaros cantando em uma canção horrível e cruel. Mesmo que o sol queime contra minhas bochechas, minha pele está úmida e arrepiada.

A sombra da arquiduquesa se arrasta sobre mim. — Escolha.



— Não.

— Então eu vou escolher para você, mas talvez eu escolha cinco em vez de um.

O vazio me preenche, uma dor profunda e insuportável. Meus dedos afundam na grama enquanto oro aos deuses para deixar a terra me engolir.

— Por favor.

— Você está me entediando, verme. Talvez eu leve dez. Sim, dez é um bom número...

— Não.

— Ou talvez eu pendure todos eles um por um e você puxe a alavanca. Não seria divertido?

Eu conto os prisioneiros. Vinte e quatro. Graças aos deuses, nenhum dos meus amigos está aqui. Eu odeio o pequeno sussurro de felicidade que essa realização traz.

Alguns eu reconheço de algum lugar, os Julgamentos talvez? Alguns parecem novos. É difícil lembrar. Cada vez que olho por muito tempo para uma pessoa, ela balança a cabeça e chora, seus olhos me perfurando com acusação.

Alguns se recusam a olhar para mim completamente.

Olho para os monarquistas reunidos ao nosso redor em seus trajes de luto, procurando pela câmera. Só os deuses sabem como estão apresentando isso ao mundo.

Eu deveria recusar, mas não posso. Não serei responsável por mais mortes do que deveria ser. Mesmo que os prisioneiros me odeiem por isso.

Mesmo que eu me odeie por isso.



Um homem mais velho se destaca do resto, seus olhos vidrados de dor. Ele aperta o peito, uma mancha vermelho-cereja escura se espalhando de seus dedos. Sua pele cinza brilha de suor. Ele está febril. Fraco.

Ele pode morrer de qualquer maneira.

Pelo menos é isso que digo a mim mesma enquanto, olhando para a grama, aponto um dedo trêmulo para ele.

— Isso é maneira de condenar um homem a morrer pelos seus pecados?

— A arquiduquesa pergunta. — Vá até ele. Olhe nos olhos dele.

Dou um passo em direção ao homem. Outro. Meus pés estão incrivelmente pesados, carregados de culpa.

Quando chego a trinta centímetros dele, vejo a imagem gasta que ele agarra, as costuras feitas à mão de sua túnica mal ajustada mostra que alguém era acostumado a se importar com esse homem.

— Ele. — Minha voz soa vazia, crua.

Apesar de sua dor, apesar de seu medo, ele acena para mim enquanto um Centurião o força a subir os degraus do andaime. Mesmo assim, sei que o verei novamente em breve, em meus pesadelos junto com os outros.

Um murmúrio de excitação percorre os espectadores. A arquiduquesa agarra um punhado de meu vestido e me força a me juntar a eles.

Minúsculos capilares vermelhos como fios se prendem em seu peito, sua respiração excitada saindo em rajadas curtas. — Assista, verme.

E eu faço. Forçando a diminuir a vergonha e a culpa, me obrigo a assistir o homem que condenei a morrer. Depois que acaba e a multidão diminui, fecho meus olhos e faço uma prece para o homem e quaisquer outros que venham.

Porque não vou parar de tentar escapar até que eu consiga encontrar o Mercurian ou até que eles me matem.



CAPITULO 3



Mal estou de volta à minha cela quando dois Centuriões que eu nunca tinha visto antes vieram me buscar. A porta enferrujada se abre. Não devo me mover rápido o suficiente porque o homem maior estende seu punho enorme e agarra meu cabelo, me puxando para fora.

Tropeço para frente, rangendo os dentes contra a pulsação maçante de fogo em minha perna, uma dor fantasma de minha Reconstrução. Perto do topo da escada, o idiota me empurra. Meus dedos arranham a parede de pedra para não cair, adicionando uma escória escura ao sangue seco e sujeira sob minhas unhas.

Um túnel subterrâneo espera. Tochas tremeluzentes crepitando na escuridão úmida. Ratos guincham nos cantos. O Centurião maior me provoca o caminho todo. Às vezes com os punhos. Às vezes com suas palavras duras e hálito podre. O ódio rola dele como névoa.

Eu aguento o abuso, dando boas-vindas às agudas pontas de dor que colocaram meus ossos em chamas e a raiva nada momentânea.

Cada golpe alimenta as chamas dentro de mim e me lembra que não estou morta.

Enquanto eu não estiver morta, posso escapar.

Algo metálico pisca na minha periferia. Bramble. Ele está nos seguindo, agarrando-se às sombras com os vermes e quaisquer fantasmas que assombram este lugar.

Enquanto nossos pés batem no chão molhado, eu faço uma oração silenciosa aos deuses para mantê-lo seguro.

Nós avançamos furtivamente pelo famoso túnel vermelho, onde o imperador tem prisioneiros da Torre secretamente trazidos para o castelo para interrogatório. Depois de várias noites sendo levada para ver a arquiduquesa, eu sei o caminho.

Exceto quando chega a hora de virar à direita na escada apertada, nós continuamos. À medida que entramos em outra escada que leva para cima, o ar mais rarefeito e aquecido a cada passo, considero todos os motivos possíveis para desviar do curso.

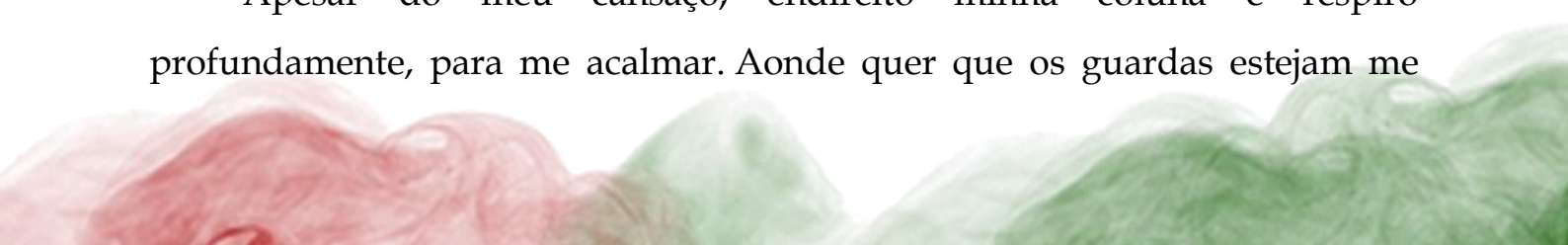
Os Fienianos poderiam ter capturado alguém importante, alguém querido para o imperador ou o general, com sorte a condessa Delphine, noiva de Caspian, e talvez eles estejam me trocando por ela.

Mas assim que o pensamento vem, ele vai. O imperador jamais negociaria com os Fienianos, nem mesmo por sua Escolhida favorita e que em breve seria sua nora.

Estou ofegante por causa da subida. Quão alto estamos subindo? Talvez estejamos indo para um dos muitos terraços que adornam o palácio. Para mostrar ao povo como o imperador pegou a malvada Fieniana responsável pelo bombardeio e pelas mortes. Desfile-me como um troféu novamente.

Ele fez isso uma vez, no início... Eu acho. Com a dor e as drogas, não consigo me lembrar exatamente.

Apesar do meu cansaço, endireito minha coluna e respiro profundamente, para me acalmar. Aonde quer que os guardas estejam me



levando, preciso estar pronta para lutar. Aperto meus pulsos contra as algemas, rosnando de dor.

— Pare de se mover. — O guarda rosna, me jogando contra a parede.

Minha cabeça bate de lado na pedra. Trago minhas mãos algemadas para lutar, mas ele já está abrindo a porta para um longo corredor.

Pelo canto do olho, pego Bramble correndo pelos degraus para me proteger, as delicadas antenas projetando-se de sua cabeça apontando para cima com raiva.

Empurro meu queixo em um comando sutil, parando-o na última etapa.
Vá, idiota, murmuro.

Eu juro que ouço um pequeno chilreio rebelde em resposta.

Retângulos dourados de luz emanam das janelas que revestem o corredor. Meu olhar corta para o céu amarelo polido enquanto eu procuro instintivamente por Ela. Pandora.

Minha promessa de detê-la parece boba agora, uma provocação infantil.

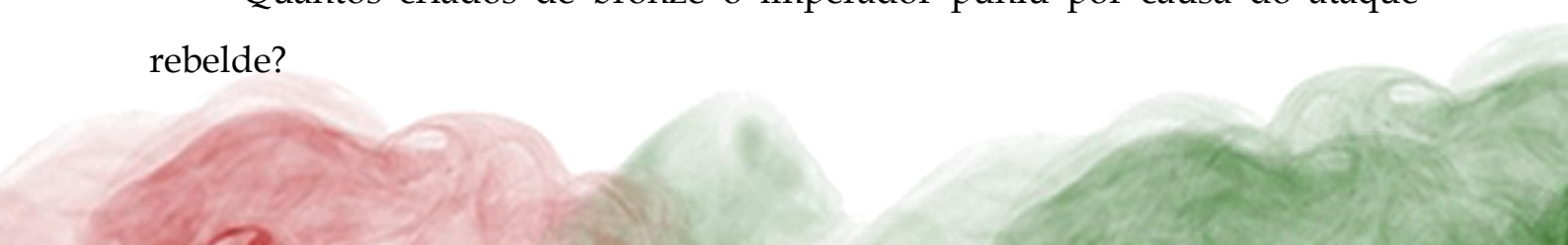
Exceto que não é bobo porque se eu puder escapar aqui, vou dedicar o resto da minha vida, mesmo que curta, a destruí-la.

Mas primeiro, tenho que cuidar desses dois idiotas. Tirando o cabelo dos olhos com o antebraço, olho para o guarda mais cruel.

Você será o primeiro a morrer.

Mantenho meu olhar atento, à procura de qualquer coisa que eu possa usar como arma enquanto avançamos pelos corredores iluminados por tochas e antecâmaras. O castelo está quieto, uma sensação de luto assombrando o ar. Alguns criados em túnicas feitas em casa desviam o olhar quando passamos, com os ombros curvados e os olhos tímidos.

Quantos criados de bronze o imperador puniu por causa do ataque rebelde?



Uma curva acentuada à esquerda nos leva a um corredor maior. Os atendentes estão do lado de fora de portas de carvalho grossas com fechaduras de ferro, e rosas vermelhas recém-cortadas alinham vasos de prata martelada nas alcovas, o perfume atraente das flores misturado com o forte perfume de incenso e baunilha.

Um servo encurvado de cabelos grisalhos corta mais rosas para um vaso e faz uma pausa quando passamos. Meu olhar passa rapidamente sobre a faca de jardinagem com cabo de madeira que ele coloca na mesa, a lâmina serrilhada do tamanho do meu dedo mindinho.

Quase sem respirar, fico o mais perto que posso da mesa, sem levantar suspeitas. O Centurião bate suavemente na terceira porta à esquerda, olhando para mim a cada poucos segundos como se eu fosse fugir ou fazer algo estúpido.

O que, espero, eu vou.

Passos abafados de dentro. Meu coração bate forte contra minhas costelas e minha boca se transforma em algodão. Terei apenas meio segundo quando a atenção de todos estiver na porta que se abre para pegar a faca.

A alça de ouro gira. Quando a porta se abre, eu me inclino para trás, deslizo meu braço sob o enorme dossel de flores e pego a faca.

Cuidadosamente, enfio a lâmina em meu busto e solto um suspiro.

Os dois guardas se curvam, mas o ângulo em que estou parada torna difícil ver quem está lá dentro.

— Meu Soberano. — Eles dizem em uníssono.

Soberano? Oh deuses, não. O Imperador. Provavelmente o imperador e a arquiduquesa.



O medo formigando pulsa em meus membros. Luto enquanto o guarda envolve seus braços em volta de mim e me puxa para frente, resistindo e chutando através da soleira e para dentro do grande cômodo.

Sua orelha passa na frente do meu rosto e eu aperto a cartilagem carnuda entre meus dentes e mordo. Forte.

— Cadela! — Ele grita.

O guarda me empurra para baixo. Estico minhas mãos algemadas, mas meus pés se enroscaram na bainha rasgada do meu vestido e meu rosto colide com o chão de mármore branco.

Cuspo sangue, tanto meu quanto do guarda, fazendo uma mancha brilhante no piso imaculado.

Silêncio. Chutando meu vestido arruinado, eu levanto minhas mãos algemadas, pronta para morrer lutando contra o imperador e a arquiduquesa.

— Se vocês acham que podem...

A respiração foge de meus pulmões. Nunca pensei que poderia haver alguém que odiaria enfrentar mais do que o imperador e a arquiduquesa, mas enquanto meu olhar trilha as botas de couro finas e sobre o gibão reluzente e para em seu rosto, fico paralisada de vergonha.

O Príncipe Caspian me encara, seus lábios curvados pressionados em uma linha tensa.

— Olá, Maia, ou quem quer diabos Fieniano que você seja.



CAPITULO 4



Uma onda de emoções cai sobre mim enquanto eu olho para o príncipe herdeiro. Tristeza por tê-lo enganado, fazendo-o se sentir responsável. Vergonha por ter participado do assassinato de Ophelia... Mas o imperador a matou, não que Caspian acreditaria em mim.

Principalmente, porém, sinto desejo de que as coisas fossem diferentes.

Estudo o príncipe com quem eu deveria me casar. Suas mãos estão cerradas em punhos ao seu lado, sua respiração superficial e agitada enquanto ele me inspeciona da mesma forma. Eu não suporto seu olhar, a condenação naqueles lindos olhos cor de champanhe com cílios dourados. Linhas parecem ter enrugado seus olhos desde o bombardeio, e suas bochechas estão encovadas e afiadas.

Uma parede invisível cresceu entre nós, tornando-o inalcançável.

Um músculo em seu pescoço estremece.

— Quem é você?

— Maia...

— Não. — Sua voz é baixa, cortada, sem o calor ou a diversão de antes dos bombardeios. — Você não é ela, não importa o que diga... — Ele passa a mão pelo cabelo dourado. — É tudo mentira, de qualquer maneira.

Tento ficar de pé enquanto ele caminha, mas o Centurião Um se lança para frente com o punho erguido, feliz por me bater novamente. Sua outra mão está pressionada em sua orelha sangrando e mutilada.

O segundo Centurião não está à vista, provavelmente lá fora guardando a porta. Incitar o guarda a me atacar pode ser benéfico. Se Caspian ainda tiver alguma decência, ele pode mandar o soldado embora, dando-me acesso total ao príncipe.

Mas um olhar para o rosto de Caspian, o corte cruel de sua boca, e eu sei que meu plano não vai funcionar. Não que eu o culpe.

Carrancuda, relaxo de volta em minha bunda enquanto a vergonha aperta meu peito. Meus dedos sujos, ainda manchados com areia e sangue do bombardeio, ocupam-se com os farrapos de seda do meu vestido, girando-os como fitas de sangue.

Sinto muito, eu quero dizer, diria, se ele acreditasse em mim.

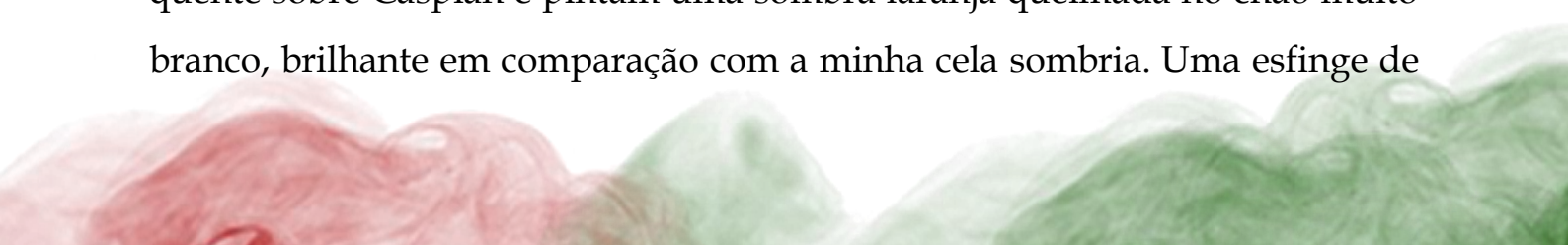
Apenas o imperador deveria morrer. Não centenas de inocentes. Não Ophelia, a doce princesa rebelde que morreu ao meu alcance. Mas as palavras ficam pesadas e azedas na minha língua, e eu as forço de volta para baixo.

Não se concentre nisso. Encontre uma maneira de se conectar com ele novamente.

Solto um suspiro e permito que meus olhos festejem no cômodo opulento, um contraste chocante com meu tempo dentro da Torre. Tetos altos de mármore, ricos painéis de marfim e ouro convergem para criar algo de belo.

E o espaço... você poderia colocar vinte celas da Torre dentro desta câmara.

No lugar das grades que estou acostumada, as janelas derramam luz quente sobre Caspian e pintam uma sombra laranja queimada no chão muito branco, brilhante em comparação com a minha cela sombria. Uma esfinge de



mármore pálido acima da parede olha para baixo em uma enorme cama de mármore com veios de ouro, como se zombasse dos amontoados de travesseiros de pele enormes da cor da neve.

O silêncio atrai minha atenção de volta para Caspian.

Seu olhar escuro e acusador me fixa no azulejo.

— Por quê?

— Eu... Eu... — Lambo meus lábios secos. — Não era para acontecer assim... Quer dizer, eu sabia, mas pensei...

Minha desculpa parece patética, até para mim. Largo meu rosto em minhas mãos enquanto os gritos e o cheiro de carne queimada perfuram minha mente.

Passos ecoam pelo mármore. Uma mão me puxa para ficar de pé.

— Não. — Caspian diz enquanto me arrasta pelo chão até a janela, meus pés fazendo sons de *baque-baque* contra o ladrilho. — Você não pode fechar os olhos e fingir que o que fez não tem consequências.

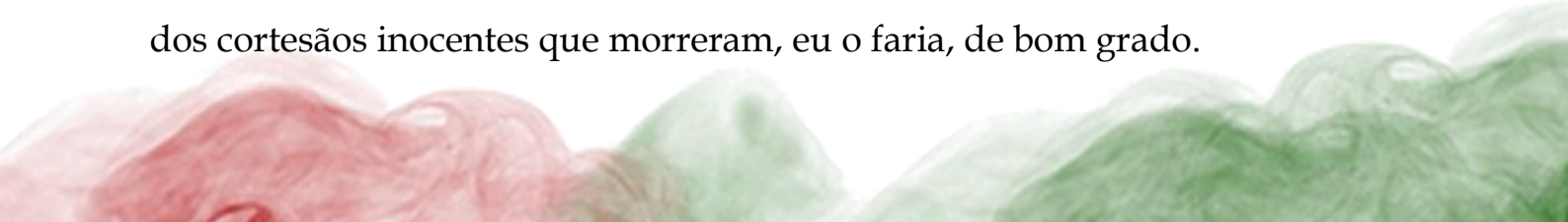
Embora eu saiba o que esperar, eu estava lá, afinal, a visão ainda me faz engasgar. O que antes era uma parede inteira no lado leste do palácio agora são pedaços de mármore pontilhados no gramado verde. Crateras enegrecidas estragam a grama como varíola. Os cavalos mortos ainda jazem onde caíram, sombreados por nuvens de moscas. Criados vasculham os escombros, limpando partes de corpos e juntando cadáveres em carrinhos de mão.

Em algum lugar distante, uma fumaça escura agita o céu.

Os realistas devem estar queimando os corpos.

Quantos são meus amigos? O pensamento torna difícil respirar.

Me viro para encará-lo. — Caspian, se eu pudesse voltar no tempo e impedi-los de alguma forma, se pudesse trocar minha vida por qualquer um dos cortesãos inocentes que morreram, eu o faria, de bom grado.



Sua mandíbula está cerrada. — Como O? Se você pudesse.

Gritos atraem meu olhar para baixo, perto das cerejeiras onde jantamos há menos de quatro dias, onde O sorria e brilhava como uma deusa benevolente nas páginas de um livro e Caspian não me odiava.

E Riser... Riser.

Mas agora, em vez das flores de cerejeira caindo em longas mesas de carvalho cheias de comida, eles correm para o alto andaime de antes. Dez pessoas estão de pé no andaime, laços em volta da garganta. Aperto os olhos ao ver meninos e meninas da minha idade, alguns chorando, outros estoicos.

Eles assistem com os olhos arregalados enquanto a arquiduquesa agarra a alavanca.

Não. Bato no vidro com meus punhos. Ela disse que se eu escolhesse, preservaria o resto. Mas deve ter sido tudo para mostrar. Um truque cruel.

Bato os punhos repetidamente, sacudindo a janela e, embora as grossas paredes de mármore ocultem o som das tábuas sob os pés dos prisioneiros cedendo, ainda posso ouvi-los, o som anterior gravado em minha cabeça.

A náusea agita minha barriga. Por que Caspian me mostraria isso?

— Ela disse que apenas um morreria se eu escolhesse.

— Ela mentiu.

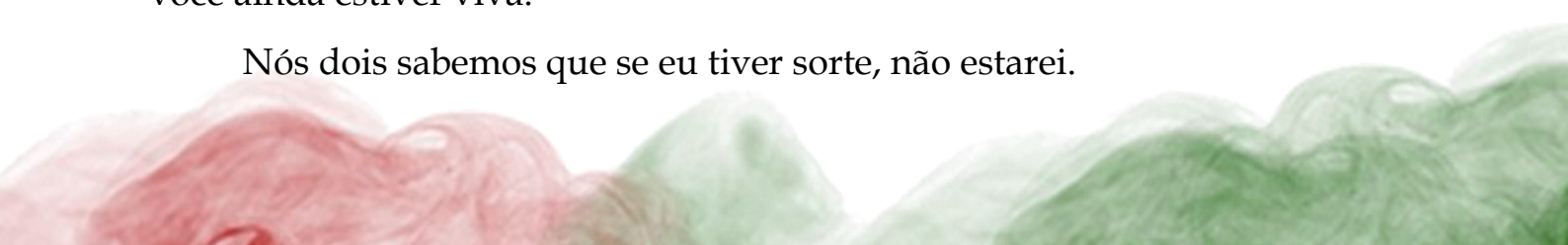
— Ela é um monstro. — Rosno, incapaz de conter a fúria em minha voz. — E também qualquer um que não pare.

— Os monstros vêm em várias formas diferentes.

Olho pela janela. — É isso o que vai acontecer comigo depois que a arquiduquesa ficar entediada com meus gritos?

Sua bochecha se contrai, mas seus olhos permanecem duros. — Sim, se você ainda estiver viva.

Nós dois sabemos que se eu tiver sorte, não estarei.



E qualquer chance de salvar o império também morrerá. Meu coração afunda. Meu pai passou grande parte de sua vida construindo o dispositivo que possivelmente poderia nos salvar.

Quantas horas levou para ele esconder o Mercurian aqui? Quantas vezes ele quase foi pego, uma ofensa que teria lhe rendido um lugar na mesa de tortura da arquiduquesa?

Caspian me observa com seus olhos dourados. Mas há um lampejo de... alguma coisa. Tristeza?

Mesmo depois de tudo o que aconteceu, a atração entre o príncipe e eu continua forte. Eu tenho que tentar entrar em contato com ele.

Estendo minha mão imunda. — Por favor, Caspian, por favor me ajude.

Ele inala bruscamente, seu olhar passando rapidamente pela minha mão antes de se demorar no sangue seco que escurece as rugas entre meus dedos.

Ele se endireita, ombros rígidos, parecendo em todas as partes o príncipe em seu gibão preto com fios de ouro. — Se você se dirigir a mim como qualquer outra coisa que não seja Príncipe de novo, vou mandar chicotear você.

Uma faísca de raiva queima meu peito. — Sim, nossas ações levaram à morte de O, mas foi o imperador que finalmente a matou. Sim, eu mereço a pagar por minhas ações, mas assim também faz o imperador. E o que dizer das centenas de bronzes que o imperador escravizou, aprisionou, torturou e matou. E eles? Eles não são tão merecedores quanto O?

Caspian me encara, e percebo que sua mente já está tomada.

— Por que você me trouxe aqui, Príncipe? — Levanto minhas algemas. — Para me ver amarrada e indefesa antes que a arquiduquesa me torture?

Ele se encolhe nas correntes, dando um passo rápido para trás.

— Tire-as.



Antes que eu possa entender o que está acontecendo, o guarda solta minhas correntes. Espelhando minha surpresa, ele me encara enquanto enfia as algemas no bolso.

— Deixe-nos. — Caspian ordena.

O guarda hesita. — Perdão, meu...

— Deixe-nos.

Meu pulso bate dentro do meu crânio, e eu torço minhas mãos. *Estou sendo libertada? Ele vai me matar?*

Preparo minha mão sobre minha faca escondida. Mas eu poderia matar Caspian se fosse preciso?

Sim, eu percebo, minha mão está tremendo enquanto eu deslizo sobre a alça. *Sim, eu poderia.*



CAPITULO 5



O Centurião sai pela porta, mas não antes de lançar um último olhar de aviso para mim. Se eu matar o príncipe sob a guarda do Centurião, com certeza ele será enforcado.

Meus dedos se contraem acima da adaga.

Caspian vai até a janela.

Suspirando, tento disfarçar meu alívio com uma conversa fiada.

— Não tem medo de me virar as costas?

Inclinando a cabeça para olhar o chão abaixo, ele ri sombriamente.

— Você tem uma faca escondida em algum lugar que eu não sei?

— Não. — Gaguejo, muito rapidamente. A faca de repente fica quente, como se quisesse que eu a pegasse. Mudo de pé, esperando que ele não perceba o quão rápido eu neguei. — Por que me libertar?

Quando ele se vira, meu peito aperta em sua boca rígida, a tristeza absoluta em seus olhos. — Eu não vou. Mas posso te dar um momento de paz antes que ela te leve.

Ela. Ele nem consegue dizer o nome da arquiduquesa.

— Você acha que remover minhas algemas vai me dar paz?

Ele franze a testa, seu olhar cintilando sobre o bufê de entretenimento na porta. Bolos fofos e bolos coloridos amontoam-se na porcelana dourada, e uma

xícara de chá de porcelana jorra vapor, fazendo minha barriga apertar. Como eu perdi isso?

Sem olhar para mim, ele acena com a mão, as abotoaduras da fênix dourada adornando suas mangas piscando.

— O que você quiser.

— Uma última refeição? — Bufo. — Você realmente acha que uma xícara de chá pode absolver você por soltar aquele... aquele monstro em mim?

Raiva pisca em seus olhos. — Isso é mais do que as trezentas e vinte e duas almas que você assassinou receberam. Eu os pedi para consertar sua perna e consertar o buraco em seu lado...

— O buraco que a arquiduquesa fez quando me apunhalou.

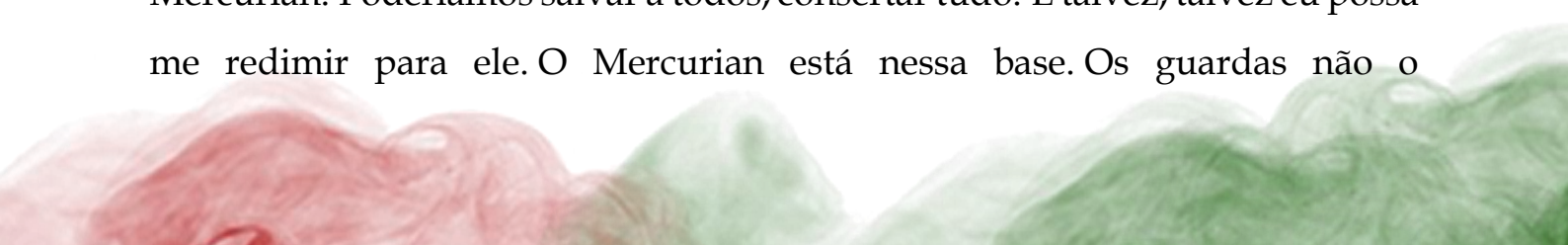
— Sim, bem, eu fiz tudo ao meu alcance para mantê-la longe de você, embora esse atraso tenha dado aos rebeldes tempo para escapar!

Escapar? Isso significa que nem todos estão mortos? Um lampejo de esperança faz cócegas em meu peito.

— Por quê? — Digo. — S e você me despreza tanto, por que não acabar com isso?

A luz minguante reflete nas quase lágrimas em seus olhos. — Sempre que eu... Sempre que olho para você, vejo a Rebelde que assassinou minha irmã. Mas então... — Ele dá um passo em minha direção, com o braço estendido. — No mesmo instante, eu vejo a garota com quem eu deveria estar e eu... Eu... — Seus ombros caem. Ele deixa seu braço cair, seus dedos se fechando em um punho. — Você é uma fraqueza, uma praga em meu caráter. E você quase me custou meu reino, minha vida, tudo.

De repente, quero cair de joelhos e implorar que me ajude a encontrar o Mercurian. Poderíamos salvar a todos, consertar tudo. E talvez, talvez eu possa me redimir para ele. O Mercurian está nessa base. Os guardas não o



questionariam se ele me levasse... Poderíamos procurar... mas não, nem sei onde está.

Use sua fraqueza, sussurra a parte reconstruída de mim. É a única maneira.

Vou até o bufê e cutuco um dos pastéis. Seu foco intenso queima minhas omoplatas.

— Príncipe... — Digo, girando uma torta escamosa recheada com geleia de framboesa. — Você ainda pode me levar ao Sim. — Dou uma mordida e viro. — Uma vez que eles... Assim que eu morrer, o que meu pai criou será inútil. Ajude-me a salvar nosso povo.

Ele pisca, engole, uma sombra passando por seu rosto. — Como antes, certo? Quando você me enganou? — Seu tufo de cabelo dourado brilha quando ele balança a cabeça. — Beba o chá antes que esfrie.

O bolo tem gosto de cinza na minha boca. Lavo com chá quente e amargo enquanto Caspian me observa, e me permito ter esperança.

Talvez eu não precise usar minha arma. Talvez se eu contar a ele sobre Ophelia, como seu pai a assassinou...

Suspirando, coloco a xícara de volta na bandeja e me viro. Então eu atravesso a sala para o príncipe.

Caspian enrijece, sua boca se separando ligeiramente.

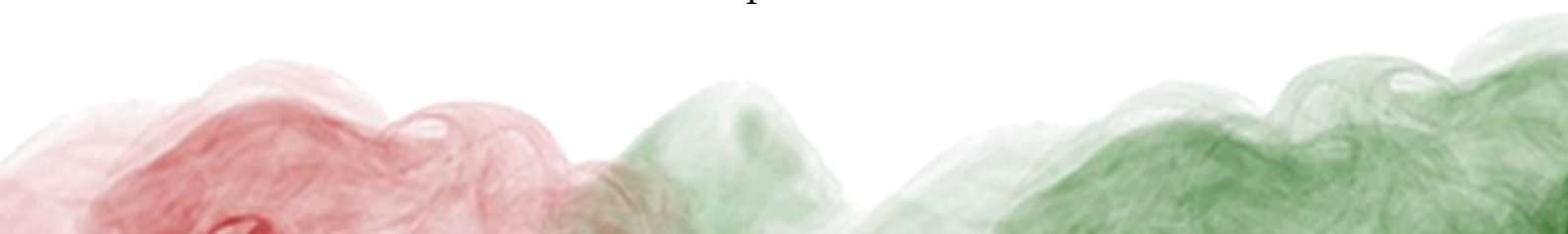
Quando estou perto o suficiente para sentir o calor de sua respiração, eu paro.

— Caspian, sem mais mentiras. Sem mais fingimentos. Somente a verdade.

Suas sobrancelhas se juntam acima de um sorriso.

— Você é mesmo capaz disso?

Cerro meus dentes contra a resposta mal-humorada em meus lábios.



— A princesa Ophelia Laevus era uma rebelde fieniana. Ela estava ajudando, nos ajudando, embora eu não soubesse disso na época.

Ele abre a boca e depois fecha, exalando pelo nariz. Seus olhos procuram meu rosto.

— De alguma forma, seu pai descobriu. Após o bombardeio, ela estava ferida, mas viva. Seu pai... o imperador a matou.

Examino seu rosto, tentando ler seus pensamentos. Tudo depende dele acreditar em mim. Seus dedos se fecharam em punhos apertados, mas isso pode significar qualquer coisa.

— O que eu disse a você naquela noite antes do bombardeio era verdade.

— Continuo, minha voz ganhando confiança. — Meu pai construiu algo que pode parar o asteroide. Seu pai sabe e quer destruí-lo. Eu não contei aos rebeldes sobre isso porque temo que eles usem isso como uma arma.

Sua mandíbula range para frente e para trás. *O que ele está pensando?*

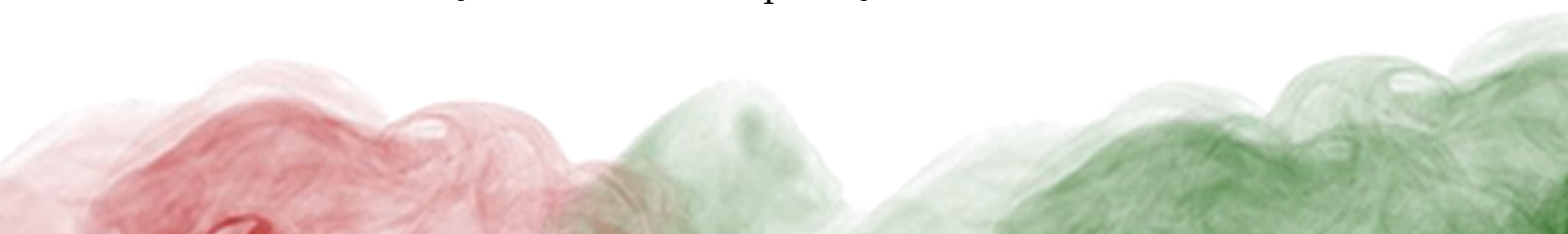
Estendo uma mão pálida, ignorando a sujeira e o sangue escurecendo as dobras, e toco seu ombro. — Você é a única pessoa que pode me ajudar. Por favor, Caspian. Podemos parar essa loucura juntos.

O *tique-taque* do relógio na parede marca seu silêncio em sincronia com meu coração.

Seus lábios se contraem e então ele agarra meu pulso e puxa minha mão de seu ombro como se eu fosse algo nojento.

— Eu pensei ter dito a você o que aconteceria se você não se dirigisse a mim corretamente. Guardas!

Encontro a faca em meu corpete, meus dedos hesitam em torno do cabo e faço uma pausa. Mas ele não me deixou escolha, então eu deslizo atrás dele e envolvo meu braço em volta de seu pescoço.



Ele se move para lutar, mas então congela, como se sentisse a lâmina em sua garganta e soubesse que estava perdido.

Pressiono meus lábios em sua orelha assim que os dois guardas entram.

— E eu pensei ter dito a você que não tinha uma faca? Acho que ambos mentimos, Príncipe.

Os guardas pegam suas pistolas e eu pressiono a ponta da lâmina na lateral do pescoço de Caspian.

— Parem, ou o príncipe morre.

Seus olhos se arregalam e lentamente eles levantam as mãos.

— Pense no que você está fazendo, Fieniana. — Cospe o guarda maior.

— Oh, eu estou. — Usando a ponta da faca para guiar Caspian, eu circulo ao redor dos guardas e para a porta. — Peguem suas pistolas e deslize-as pelo chão.

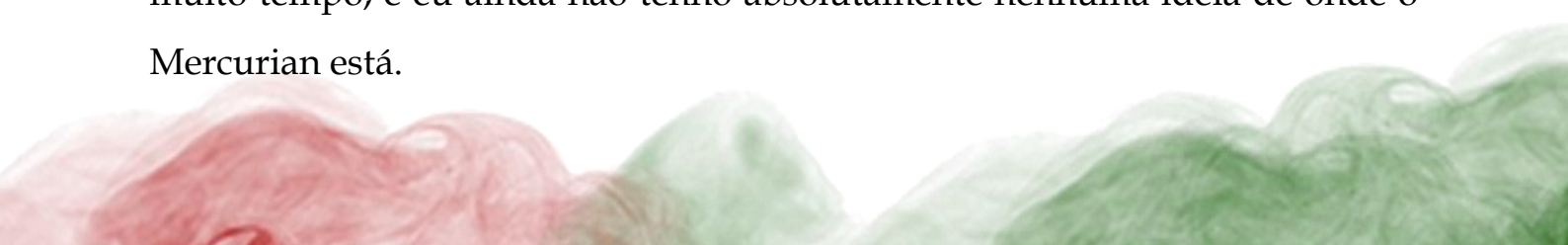
O guarda menor olha para o homem grande, que suspira, seus ombros enormes se levantando, e envia sua arma derrapando em nossa direção. O segundo revólver segue.

Forçando Caspian a se abaixar, pego a primeira arma e a coloco em meu corpete. Não há espaço para a segunda, então abro o cilindro e o inclino, derramando as balas, que guardo.

Nós resistimos. — Agora as chaves.

Depois de pegá-las, forço Caspian a sair pela porta e o faço trancar. A princípio, ele tenta me enganar apenas girando a chave de ferro enferrujada, mas empurro a ponta da faca um pouco mais fundo e o forço a obedecer.

Por algumas batidas de coração, estou perdida, dividida entre encontrar o Mercurian e escapar. Mas a porta que trava os guardas não vai aguentar por muito tempo, e eu ainda não tenho absolutamente nenhuma ideia de onde o Mercurian está.



Talvez Caspian tenha uma pista, mas pelos músculos tensos de sua mandíbula e pescoço, posso supor que ele está se sentindo um pouco não cooperativo no momento.

— Mova-se. — Rosno, forçando-o a descer o corredor enquanto meu olhar dispara sobre as portas e cantos, meu estômago balançando a cada som. — Sabe, não precisava ser assim.

— Não? — Caspian diz. — Devo realmente acreditar em você com uma lâmina em meu pescoço? E, enquanto discutimos como as coisas são, talvez você possa aliviar um pouco a faca. Gosto desta camisa.

Sangue mancha seu colarinho, e eu percebo que a faca cortou sua pele.

— Bem, talvez se você não estivesse prestes a mandar me chicotear, eu pegaria mais leve com você.

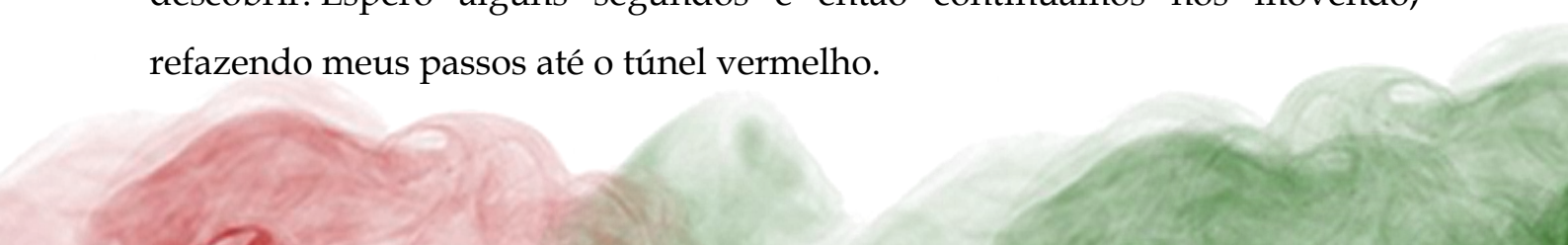
Uma risada amarga escapa de sua garganta. — Deuses, como eu acreditei em uma palavra que você disse? Você me mandou um poema, um poema estúpido, e eu simplesmente caí cegamente a seus pés. Você e seu pai traidor devem ter rido de mim. O pobre príncipe idiota.

Aperto a faca com a palavra traidor. Antes que eu possa corrigi-lo, vozes gotejam do final do corredor, e eu o puxo para uma alcova, achatando-se contra a parede.

— Não hesitarei em matar você. — Sussurro.

Não tenho ideia se isso é verdade. Eu pensei que poderia machucá-lo mais cedo, mas quem sabe do que sou capaz agora, especialmente com Caspian quente contra meu peito, cheirando a sândalo e cavalos, uma grande melhoria em meu aroma de prisioneira em uma torre.

Felizmente, as vozes desaparecem na esquina e não tenho que descobrir. Espero alguns segundos e então continuamos nos movendo, refazendo meus passos até o túnel vermelho.



Se eu conseguir chegar lá, posso ter um momento para pensar sem medo de ser pega. A faca vai para o lado dele agora, por isso parecerá menos visível.

Ratos guincham e fogem quando entramos no túnel vermelho, a pesada porta de ferro se fechando atrás de nós. Afrouxo meu aperto em um fio de cabelo de Caspian e solto um suspiro irregular.

Ele se mexe, rosnando enquanto a faca pressiona seu lado.

— Você não vai se safar com isso.

— Me veja.

Tento me mover de novo, e novamente ele resiste, apenas ligeiramente, olhando para o longo túnel em uma escada escura.

— O que há aí? — Exijo.

Seu silêncio me diz talvez algo importante. O forço a se aproximar, o chão de pedra bolorento escorregadio sob meus pés. Uma tocha estala no ar úmido e eu arranco a chama da parede. Os degraus são íngremes e desmoronando, sombras se acumulando para velar o que quer que esteja além.

No meio da escada, a luz da tocha ilumina uma porta de aço, ferrugem borbulhando em sua superfície.

— Aonde essa porta leva? — Pergunto.

Caspian suspira. — Eu nem sei se funciona.

— Mas se funcionar, aonde levaria?

Ele olha para a porta por um segundo longo demais. Então seus ombros caem.

— Para o outro lado das montanhas, mas o túnel provavelmente já desabou.

Tudo o que ouço são montanhas, o que significa fora da Ilha. Liberdade.

Pego as chaves do bolso e as entrego a Caspian.

— Abra.



Cerrando a mandíbula, ele vira a fechadura. Ouve-se um clique mecânico e, em seguida, a porta se abre com uma corrente de ar frio e úmido.

Dou um empurrãozinho em Caspian.

— Depois de você, Príncipe.



CAPITULO 6



Assim que a porta se fecha atrás de nós e o pequeno espaço aparece, meu corpo treme e o suor encharca minhas axilas. Mal posso puxar ar o suficiente para satisfazer meus pulmões.

Me mexo, meus cotovelos raspando nas paredes apertadas do túnel. Exatamente como o Fosso. Como o labirinto de horrores durante as Provas. Apesar da minha resolução, meus pulmões estão começando a surtar, sugando o ar como se eu estivesse me afogando.

— Bem, isso é aconchegante. — Caspian brinca.

Engulo outra respiração irregular.

— O quê, nenhuma resposta rápida?

Mas estou apenas na metade do caminho ouvindo enquanto forço mais ar em meu peito e tento desacelerar meu coração acelerado. O suor encharca minha testa.

Não posso ter um ataque de pânico quando estou tão perto da liberdade.
Inalar. Expirar. Sobreviver.

De repente, suas costas enrijecem. Ele diminui, apenas o suficiente para que eu perceba. Antes que eu possa reagir, seu braço acerta a faca.

Pressiono a lâmina ao seu lado. — Não faça isso.

— Ah! — Seu grito raivoso ricocheteia nas paredes. — Se você vai me matar, faça isso já!

Puxo a lâmina ligeiramente para trás, mas a mantenho ao seu lado. Eventualmente, as paredes se alargam, e o fosso e o labirinto desaparecem nos recessos escuros da minha mente. A tocha estala e crepita no ar úmido, uma luz laranja dançando dentro dos fios claros do cabelo do príncipe.

A água escorre de longe e um riacho frio corre sobre meus pés descalços. Minha boca dói. Quando foi a última vez que bebi?

Caspian para e quase colido em seus ombros largos. — Você ouviu isso?

— O que? — Meu aperto na faca fica mais forte. Nesse ponto, minha confiança no príncipe diminuiu um pouco e eu o deixei sentir a ponta afiada da arma.

A lâmina acelera o passo novamente, mas sua cabeça se inclina para a esquerda, como se ele pudesse ver algo na base de um monte de pedras na altura do joelho.

— Algo está nos seguindo.

Meus lábios rachados doem quando cospem em um sorriso. — Provavelmente é Bramble. Ele é um amigo.

— Bramble? — Quando eu não explico, Caspian bufa. — Se ele é um amigo, por que está se escondendo?

— Porque ele não confia em você. — Tenho muito mais prazer nisso do que deveria.

Os ombros de Caspian enrijecem e eu me preparo para uma discussão. Mas então ele limpa a garganta.

— Então... o que aconteceu lá atrás?



Encolho os ombros, embora ele não possa me ver. — Este lugar me lembra algo.

— O labirinto.

Não é uma pergunta. — Você viu o que aconteceu, o que todos nós tivemos que suportar. Você me viu matar minha melhor amiga. Então, eu não sei, o que você acha?

Ele passa a mão pelo cabelo. — Acho que quem passou por isso sairia traumatizado.

— O eufemismo do século. — Murmuro baixinho, pensando nas vozes. Traumatizado pode não ser a palavra certa para mim. — Você sabia que minha mãe criou aquele labirinto de horrores? Deixa pra lá. Claro que você sabe.

— Tenho certeza de que é difícil para você.

— Sim. — Minha mão aperta o cabo da faca quando me lembro que a mãe e a irmãzinha de Caspian morreram tragicamente de uma bomba, assim como Ophelia. Talvez ele entenda mais do que imagino. — Posso te fazer uma pergunta?

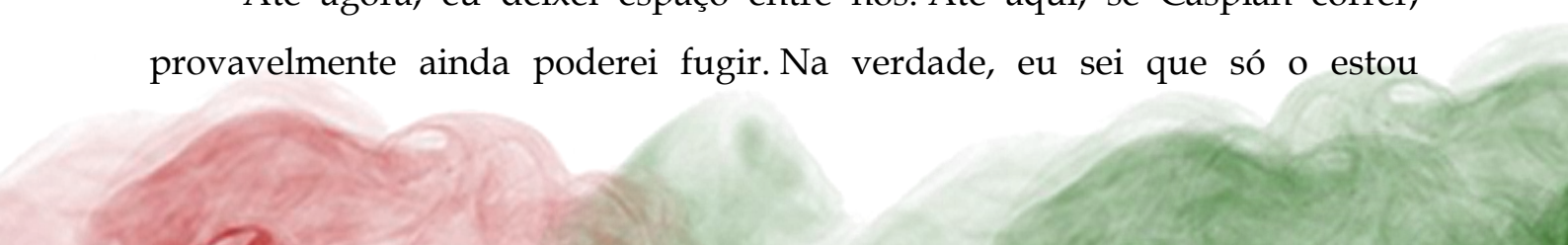
— Pergunte à vontade.

— Depois da morte da sua mãe, e da sua irmã, você sempre... Eu não sei. Ouve vozes?

Ele faz uma pausa por um momento. — Vozes? Não. Estou de luto, não louco.

Certo. Nós nos abaixamos sob as vigas caídas e eu esfrego os nós dos dedos da minha mão livre na minha têmpora, como se de alguma forma isso pudesse explicar as vozes que ouço.

Até agora, eu deixei espaço entre nós. Até aqui, se Caspian correr, provavelmente ainda poderei fugir. Na verdade, eu sei que só o estou



mantendo comigo agora porque não consigo suportar a ideia de ficar sozinha na escuridão.

Seu perfil aparece quando ele olha para trás. — O que aconteceu com você depois que seu pai morreu? Onde você foi?

— Para o inferno.

Ele para, seu olhar inclinado de volta para mim. — Eu sinto muito.

— Não. — Rebato, parecendo mais irritada do que eu pretendia. — Você não sente. Porque você não tem ideia do que isso significa. Você não consegue nem imaginar como era minha vida naquela época, então pedir desculpas são apenas palavras vazias, uma maneira de fazer você se sentir melhor.

Depois disso, caminhamos em silêncio, até que um leve fio de luz à frente me chama a atenção. Minha pulsação acelera quando o som do chilrear dos pássaros enche o ar. Apressando Caspian para frente, eu praticamente corro para o buraco um metro acima ao longo da parede do túnel, grande o suficiente para um corpo passar. Céu azul e folhas verdes me chamam. Uma rajada de ar fresco sopra em meu rosto.

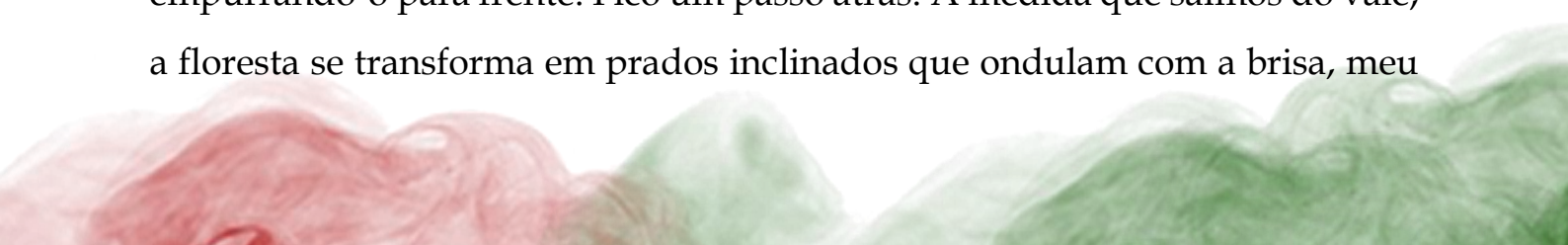
Depois de uma cutucada rápida, Caspian pula e eu o sigo.

A fenda se esconde atrás de uma grande pedra cinza, em um afloramento abaixo de montanhas íngremes. Uma colina coberta de pedras leva até as árvores; o som de um riacho corre ao longe.

Escorregando e escorregando colina abaixo, eu consigo pousar atrás de Caspian com a faca enquanto meu olhar vai para o céu. Drones podem estar por perto. Os realistas já podem estar procurando por mim.

Não posso deixar o príncipe ir livre, ainda não.

Caspian suspira enquanto pressiono a faca suavemente em suas costas, empurrando-o para frente. Fico um passo atrás. À medida que saímos do vale, a floresta se transforma em prados inclinados que ondulam com a brisa, meu



corpo ferido, espancado e faminto se livra da tensão e do medo que venho acumulando há dias. Especialmente quando vejo Bramble disparando pela grama alta a alguns metros de distância.

A cada poucos passos, ele cutuca uma folha de grama com suas antenas, seus chiados enchendo o ar.

Sorrio, a tensão em torno do meu coração aumentando.

Eu quero me deleitar com essa liberdade recém-descoberta. Mas sem a adrenalina que me faz continuar, sinto tudo. Os ossos que foram quebrados e remendados inúmeras vezes doem a cada passo, cada centímetro da minha carne se contrai de dor e uma dor de cabeça pressiona atrás dos meus olhos.

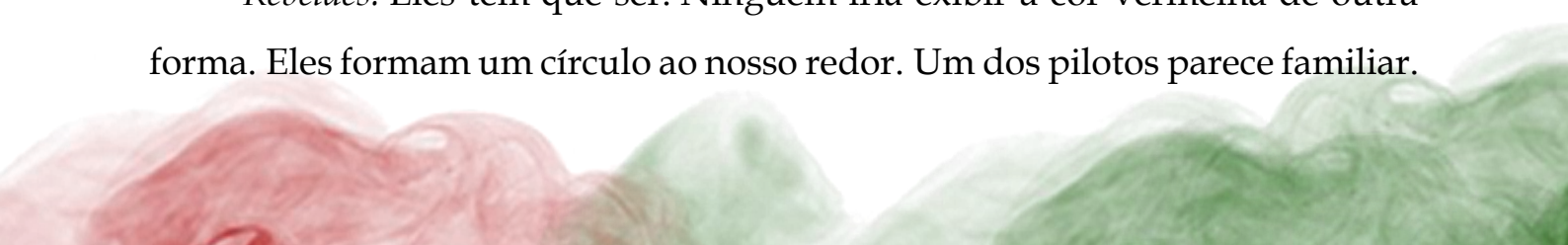
— E agora? — Caspian pergunta.

Sua pergunta destaca minha falta de um plano. Honestamente, não pensei que chegaria tão longe. Sem uma ideia de onde os rebeldes estão se escondendo, ou mesmo onde estamos, estou perdida. Não que eu vá admitir isso.

Estou prestes a responder quando um zumbido suave vindo do alto da colina nos faz congelar. Bramble gorjeia duas vezes em alarme e, em seguida, foge ao redor dos meus pés antes de subir na minha perna e no meu ombro. Puxo Caspian para perto, o suor escorrendo em minha mão em torno do cabo da adaga.

— Swifters. — Caspian respira enquanto veículos metálicos esguios cruzam a colina em nossa direção. Todos os cinco brilham ao sol, e seus cavaleiros são igualmente brilhantes em suas jaquetas e coletes vermelhos. Eles devem ser incrivelmente rápidos porque eu mal pisco e eles estão em cima de nós.

Rebeldes. Eles têm que ser. Ninguém iria exibir a cor vermelha de outra forma. Eles formam um círculo ao nosso redor. Um dos pilotos parece familiar.



— Rhydian! — Grita. Minha voz está rouca, quase um sussurro. — É realmente você?

O irmão de Merida inclina a cabeça e aperta os olhos para mim, seu olhar penetrante deslizando para Bramble no meu ombro.

— Everly?

Aceno, o alívio me dando uma explosão de energia. — Sim. Eu escapei. Oh, deuses, eu não posso acreditar que você me encontrou.

Eu vou dar um passo, mas a cavaleira aponta uma besta para mim. — O que é aquela coisa no ombro dela?

Cerro os dentes, olhando para a garota. — Rhydian, diga a ela quem eu sou.

— Esse é o príncipe. — Sussurra um dos rebeldes.

Rhydian coça o pescoço, uma linha vincando sua testa enquanto ele me estuda.

— Rhydian, sou eu. Diga a eles para abaixarem as armas.

Com um suspiro pesado, ele se vira para os outros. — Levem os dois.

A garota se lança contra mim. Por instinto, eu bato minha palma em seu rosto. Ouve-se um estalo e o sangue jorra de seu nariz enquanto ela grita.

Ao mesmo tempo, Caspian derruba o Rebelde mais próximo de seu assento e desliza para a parte de trás da máquina de prata. Ele agarra o guidão e dispara através do círculo, jogando Rhydian no Swifter ao lado dele.

Um dos rebeldes levanta algo brilhante, uma pistola, e mira nas costas de Caspian.

Sem pensar, tiro a arma no momento em que um tiro divide o ar. Bramble se encolhe em meu pescoço. Grama e terra explodem na encosta onde a bala atingiu. A pólvora enche meu nariz.



No momento em que o Rebelde mira novamente, Caspian escorrega pela colina.

— Devo ir atrás dele? — Um dos rebeldes pergunta a Rhydian.

O olhar de Rhydian está em mim enquanto ele balança a cabeça, lentamente.

— Não, pode haver outros realistas ao redor. Precisamos voltar.

— E ela? — A garota com o nariz quebrado pergunta.

— A traidora vem conosco.

Traidora? Abro a boca para responder quando há um estalo agudo e uma onda de dor incandescente divide meu crânio. Um suspiro escapa da minha garganta quando eu caio de joelhos e consigo chamar o nome de Rhydian novamente antes que meu mundo fique escuro.



CAPITULO 7



Merida está viva. Seus olhos estão arregalados e suplicantes enquanto espiam por baixo da montanha de cadáveres queimados e ensanguentados. Seus lábios formam as mesmas palavras repetidamente. Ajude-me. Outras vozes se juntam às dela, me implorando para salvá-las.

– Ajude-nos. – Elas sussurram. – Estamos presos. Por favor, nos ajude!

Gritando, eu me levanto na cama. Um lençol encharcado de suor emaranhado em volta das minhas pernas, meu estômago se contrai e tento vomitar minha última refeição. Minha pele estremece, embora o ar esteja abafado e quente, e minha cabeça parece ter sido esmagada por um martelo.

Onde estou? O que aconteceu?

Caspian. O túnel. Bramble.

Escapar.

Livre. Eu estou livre. Eu estou...

Mas eu estou? Puxando para trás o edredom vermelho cardeal desbotado forrado de ouro. *Quem ousaria exhibir a cor proibida?* Deslizo da cama e aprecio o quarto apertado com painéis vermelhos.

Onde quer que eu esteja, não estou sob o controle monárquico. Tudo vermelho foi queimado após a traição final de Ezra, a cor da casa do líder

fieniano é estritamente proibida. Eventualmente, a cor se tornou sinônimo de rebelião.

Rajadas de poeira se agitam enquanto sigo os raios de luz até a janela enorme atrás da minha cama. Uma grade profunda de madeira, esculpida e lustrada em uma espécie de treliça, cobre a maior parte do vidro. Fragmentos presos da janela aparecem por baixo da grade.

Pisco quando algo começa a tomar forma na madeira. Algum tipo de besta, com cauda curta e curva e um... um ferrão.

Escorpião. Eu vejo centenas de criaturas venenosas. Alguns pequenos, estranhos e finos, outros grandes e cruéis, suas pinças grossas e curvas grandes o suficiente para amputar os membros de uma pessoa. Os detalhes colocados nas feras devem ter levado anos para serem concluídos.

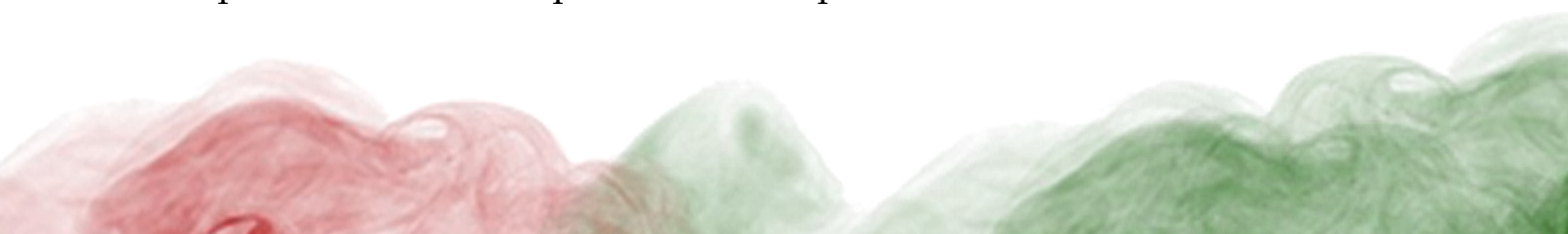
Nós torcem meu intestino. O quarto parece muito com uma cela, e ainda não tenho ideia de onde estou ou o que aconteceu com Bramble.

Gritos abafados e risadas agudas atraem meu olhar para a porta de sequoia espessa. Mais entalhes marcam sua superfície. Esfrego a palma da mão na minha testa, massageando o nó que sobrou onde fui atingida depois que Caspian escapou. Estremeço quando meus dedos traçam uma pequena incisão elevada na minha têmpora esquerda.

Microplanta. Eles devem ter tirado uma... e provavelmente colocado outra, conhecendo Nicolai. Especialmente se ele pensa que sou uma traidora.

Traidora. A palavra ressoa em meu crânio, não ajudando minha dor de cabeça.

Talvez Rhydian não tenha me reconhecido, suja e ensanguentada de dias de tortura. É a única coisa que faz sentido... e então, quando ajudei Caspian a escapar, isso confirmou que eu era outra pessoa.



Em primeiro lugar na minha agenda é encontrar Rhydian e deixá-lo saber que sou eu. Então... então eu tenho que enfrentar meus medos e perguntar sobre Riser. Meu estômago se revira só de pensar na possibilidade de ele não ter sobrevivido, e eu torço os fios emaranhados do meu cabelo dentro dos meus dedos.

Riser tem que estar vivo. Ele tem que estar.

Eu preciso sair deste quarto. Meu vestido está destruído, então vasculho um guarda-roupa repleto de vestidos velhos e fora de moda que imagino que minha mãe usava quando tinha a minha idade. Rolo meus olhos para os espaltilhos cheios e as saias compridas e amplas. Como o quarto, os vestidos são escuros, meu olhar se fixa nas flores vermelhas bordadas e nos padrões que se destacam contra a seda preta e carvão.

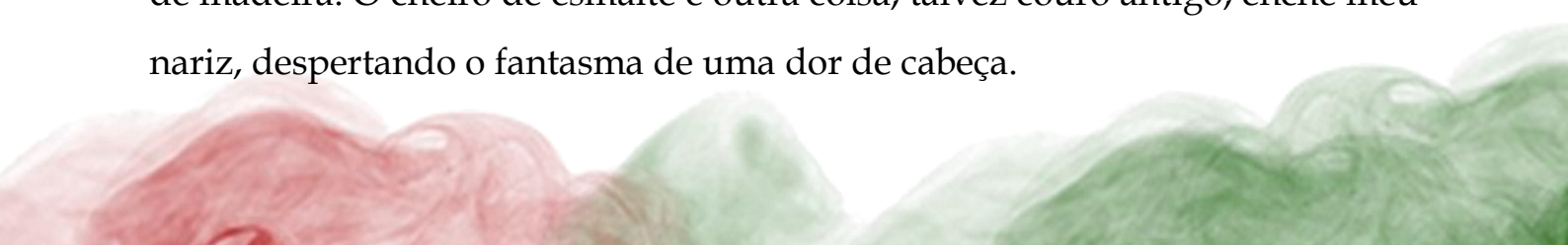
Escolho o menos pesado, um vestido cinza de algodão com painéis de seda preta e debrum vermelho. Botas pretas brilhantes assentam ordenadamente ao pé da cama. Elas são apertadas, mas não insuportáveis.

Depois de procurar por alguns minutos, descubro um abridor de cartas com cabo de pérola e o coloco em uma pequena fenda costurada no interior do meu corpete. *Isso deve deixar os Fienianos felizes.*

Mesmo com o metal pesado contra meu peito, me sinto vazia, exposta sem uma adaga ou pistola.

Encontrar uma arma eficaz vai para o topo da minha lista, logo depois de encontrar Bramble e Riser e descobrir onde estou.

A porta pesada se abre sob meus dedos. Uma longa faixa de carpete cor de vinho se estende pelo corredor. Lustres circulares de ferro pendem do teto arqueado, as velas transmitindo um brilho amanteigado sobre as ricas paredes de madeira. O cheiro de esmalte e outra coisa, talvez couro antigo, enche meu nariz, despertando o fantasma de uma dor de cabeça.



Assim como meu quarto, o corredor sem janelas tem uma sensação antiga e pesada, como se centenas de almas tivessem caminhado por esses corredores.

O corredor se curva para a esquerda. Cada vez que penso que vai se ramificar, volta a girar, um círculo interminável de bordô e painéis brilhantes. Portas muito parecidas com a do meu quarto aparecem, cada uma com esculturas semelhantes e cruéis que causam arrepios na minha espinha.

Voices ecoam pelo corredor, e eu paro para olhar enquanto dois meninos mais velhos caminham em minha direção. Meu olhar desliza para seus dedos entrelaçados. Ambos usam couro semelhante ao meu, com túnicas de seda escarlate de colarinho alto, seus cabelos negros como breu esvoaçando em ângulos estranhos e ferozes. O menino mais alto levanta as sobrancelhas para mim, os seis botões de prata em suas sobrancelhas brilhando. O outro garoto ri e se inclina, acariciando a bochecha do garoto mais alto, e eu rapidamente me concentro em minhas botas.

Posso ouvir seus sussurros mesmo depois de desaparecerem na curva. O sangue aquece minhas bochechas, mas me forço a continuar, desesperada por algo, qualquer coisa em que possa me ancorar.

Esta é outra forma de tortura. Não tão ruim quanto a Torre, mas pelo menos lá eu sabia onde estava e o que esperar.

Aqui, é como se eu tivesse entrado em outro mundo.

Outros grupos passam, todos vestidos com calças justas de couro e túnicas de cores vivas. *A cor não importa aqui?*

Uma quebra na curva revela uma grande câmara à minha direita. Estantes de livros altas marcham pelo chão em fileiras.

Pisco. Elas estão cheias de livros. Livros reais.



Com a boca ligeiramente aberta, me aproximo da prateleira mais próxima, uma parede de três metros de altura com manuscritos encadernados em couro desbotado.

Como tantos livros podem ter escapado do Grande Expurgo?

Meu coração bate forte enquanto deslizo meus dedos sobre suas espinhas, e deixo escapar um pequeno suspiro de alegria.

Por algum motivo, me lembro de Riser. Eu zombei dele quando ele tentou tocar a estante de livros com holograma no escritório da minha mãe.

Eles não são reais, eu provoquei.

Mas estes, estes são muito reais. O cheiro deles incha dentro do meu nariz, uma pitada de papel velho e cítrico, me enchendo de uma emoção indescritível. Estendo a mão para tocar em outro livro gasto quando minha visão periférica pega algo vermelho à direita.

Uma pintura ocupa quase toda a parede. Chego mais perto, atraída pelas cores ricas e escuras. Minha atenção se volta para a mulher deslumbrante lá dentro. Cachos pretos como a meia-noite caem da borda de um chapéu cinza e espiralam até a cintura fina. Ela usa um vestido decotado da cor de carvão, as rosas vermelho-sangue que revestem seu espartilho são a única cor brilhante na tela, além dos olhos azul marinho.

Franzo a testa para sua beleza cruel e irregular. Os planos afiados de seu rosto, seu olhar penetrante.

Algo familiar sobre ela me puxa.

Meu estômago se aperta com a gargantilha de escorpião aninhada na depressão de seu pescoço pálido. Com a picada familiar de seu olhar, como se mesmo através da velha tinta a óleo, ela estivesse lentamente se desgrudando de mim, procurando...



Passos arrastando contra a pedra me fazem girar. Minha mão já está no abridor de cartas dentro do meu espartilho, meus dedos frios contra minha pele.

Um menino mais velho com olhos escuros e calorosos e uma coroa selvagem de cabelo acobreado rico e encaracolado olha para mim.

— Você é March?

Minha boca se abre, leva um segundo para minhas sinapses dispararem, lembrando-me que March é meu novo sobrenome. — Me chame de Maia.

— Ok... amante de dândi.

O insulto corta fundo, mas tento ignorá-lo. Ele deve pensar que por causa da minha marca sou um monarquista.

— Você pode me dizer se Riser Thornbrook está... Bem, ele está vivo?

— O Rei de Sangue?

— Rei de Sangue? Eu não sei o que é.

O menino corta os olhos para mim, duas linhas vincando sua testa enquanto seu olhar desliza para a marca do imperador no meu pescoço.

— Ele está vivo.

Solto um suspiro profundo. — Graças aos deuses. E meus amigos? Brogue e Rhydian.

— Amigos?

— Sim. Você sabe. Pessoas de quem você gosta. Amigos.

Ele brinca com o botão superior de sua túnica. — Não poderia dizer.

— Que tal o... a máquina que estava comigo. Bramble?

— Máquina? — A diversão em sua voz está em conflito com sua boca apertada. — Chega de bate-papo, amor. Nicolai quer ver você.

Ele se vira antes que eu possa levantar minhas sobrancelhas, sem olhar para trás para ver se o estou seguindo. Uma de suas pernas puxa o chão,

apenas ligeiramente. A pedra gasta está escorregadia sob minhas botas enquanto me esforço para alcançá-lo.

Por mais que eu queira absorver meu novo ambiente, não consigo me concentrar em nada por tempo suficiente para me orientar.

Vivo, Riser está vivo. As palavras aceleram meus passos. Embora eu não me permita acreditar, não me permitirei realmente ter esperança até ver Riser. Eu o imagino, seu sorriso irreverente.

Garota Cavadora, ele dirá. Por que demorou tanto?

Apesar do que eu suponho ser um rosto agradável e até bonito, os lábios do garoto estão franzidos em uma carranca, seus ombros tensos, uma conversa desencorajadora. Obviamente, ele não se rebaixará para falar comigo.

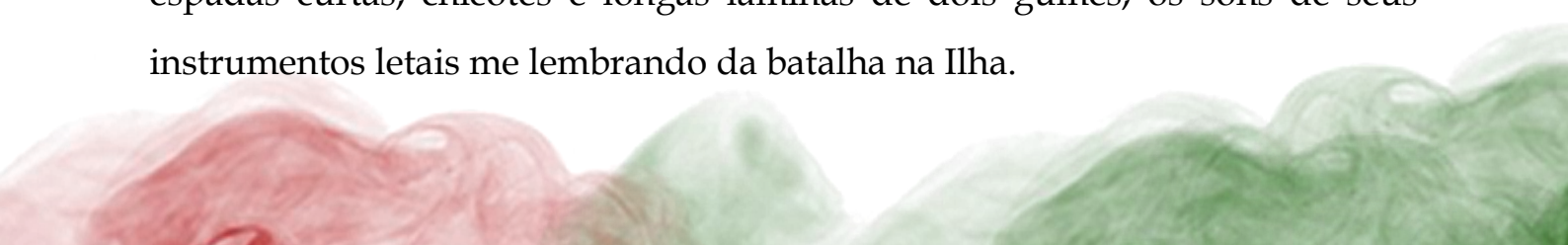
Não que isso importe. Estou praticamente flutuando agora. Ultrapassando-o. Se Riser estiver vivo... Não, claro que ele está vivo. O Garoto do Fosso tem mais vidas do que um gato.

Apesar da minha condição de fraqueza, eu salto para baixo os largos degraus curvos que levam ao nível inferior, parando apenas para ver a enorme câmara aberta, uma balaustrada formando um círculo gigante com vista para uma espécie de arena.

O menino segue, cerrando os dentes e favorecendo a perna.

A mordida afiada do aço retinindo me puxa para a grade. Mesmo daqui, posso sentir o cheiro do suor dos corpos e ouvir os grunhidos.

Espiando por cima, avisto um grupo de lutadores cercado por curiosos em três lados. Cinco passos levam a um estrado que desaparece de vista. A maior parte da multidão está vestida com túnicas vermelhas e couro. Mas os lutadores usam uma armadura protetora em seu torso. Eles brandem armas, espadas curtas, chicotes e longas lâminas de dois gumes, os sons de seus instrumentos letais me lembrando da batalha na Ilha.



Uma gota de suor escorre pelas minhas costas, minhas mãos estão cerradas em torno do corrimão.

Levantando uma sobrancelha impaciente, o garoto suspira.

Solto um suspiro. *Eles não estão lutando. Esta não é uma batalha.* Mas os ruídos formam um nó dentro do meu estômago, cada gemido de metal ou suspiro de dor apertando o nó, evocando imagens do bombardeio.

Uma garota balança um mangual sobre sua cabeça, uma, duas vezes, e então o lança sobre seu oponente. A bola prateada na ponta do bastão atinge a placa do peito blindado de seu parceiro com um estrondo, e ela cai no chão. Alguns espectadores aplaudem, mas sinto vontade de vomitar.

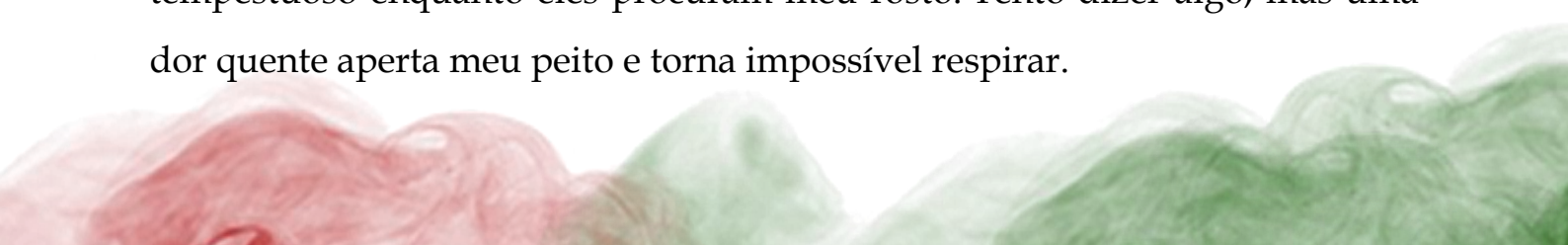
Treinamento. Apenas treinamento.

Antes que eu possa refletir sobre o motivo, uma figura entra na arena. Todo mundo congela, um silêncio caindo no chão. Tudo o que posso ver são as costas dele, mas não consigo desviar o olhar de seu cabelo selvagem, preto como tinta, do jeito que ele parece flutuar escada abaixo, seu corpo reivindicando o espaço ao seu redor com movimentos suaves e medidos.

A multidão responde a ele, dando-lhe espaço, como se um movimento do dedo mindinho pudesse prendê-los todos à sua vontade. Ele usa uma túnica de ônix simples forrada de vermelho, sem armadura ou escudo, mas, assim como os outros, sou atraída por ele e oprimida por uma sensação de medo.

E então algo, sua pele de marfim, a maneira como sua cabeça vira em um ângulo enquanto ele examina a multidão, atinge profundamente dentro de mim, e eu me inclino sobre a grade e grito: — Riser!

Sua cabeça levanta, seu único olho verde pálido contra o azul tempestuoso enquanto eles procuram meu rosto. Tento dizer algo, mas uma dor quente aperta meu peito e torna impossível respirar.



Atrás dele, uma garota se separa do grupo de lutadores, sua pele pálida contra um peitoral de ouro, seu cabelo escuro com mechas da cor do cinza.

Uma sensação de frio se agita sob minha pele, um nome gritando dentro da minha cabeça como um aviso: *Lucy Redgrave, a ex Escolhida dos Julgamentos que tentou incendiar um prédio de apartamentos com pessoas inocentes dentro. Uma monarquista obstinada e lacaia de Dama Delphine.*

A longa espada que ela segura cintila quando ela a levanta no ar.

A lâmina está apontada para Riser.



CAPITULO 8



Viro e pulo escada abaixo, aterrissando com uma graça que eu nunca soube que tinha, minhas botas rangendo no chão de mármore. Nunca me movi tão rápido na minha vida.

A parede de curiosos fica boquiaberta. Eu não consigo respirar. Não posso gritar. Não posso parar.

Em minha mente, Lucy já matou Riser. O fato de ele estar vivo era bom demais para ser verdade. Eu mereço isso por decepcionar meu pai. Deixar Merida morrer por nada. Matar os prisioneiros.

Eu mereço perder Riser.

Eu empurro e empurro meu caminho entre os corpos, o garoto do andar de cima bem atrás de mim.

Ele agarra meu braço. — Uau! O que você está fazendo, louca?

Arranco de suas mãos. Um menino magro com tatuagens descendo em espiral por suas bochechas e pescoço estende o braço para me impedir, e eu o solto com o punho no estômago. O resto se afasta para formar um túnel apertado, mas seus olhos estão cheios de suspeita enquanto me seguem, demorando-se no meu vestido antes de encontrar a marca no meu pescoço.

— Puta dândi. — Alguém cospe.

Mais provocações são lançadas nas minhas costas. *Amante de Dândi. Vadia monarquista.*

Traidora.

O abridor de cartas está fresco na palma da minha mão. Me liberto da multidão, correndo em direção ao estrado a tempo de ver a espada de Lucy arranhar o chão de pedra clara, faíscas voando, quase acertando a cabeça de Riser. Ele se levanta com graça felina, um sorriso calmo e letal puxando sua mandíbula.

— Pare. — O ar parece soprar da câmara até que o único som que ouço é minha respiração irregular batendo dentro do meu peito. — Pare ela!

Lucy me ignora, perseguindo Riser, mas ninguém levanta um dedo para ajudar.

Eles não sabem quem ela é? Que de alguma forma, de alguma forma, a arquiduquesa infiltrou assassinos aqui?

Lucy dá outro golpe bruto em Riser. Ele recua agilmente um fio de cabelo, apenas o suficiente para que a ponta de sua lâmina roça sua túnica. Ele ainda tem um sorriso meloso que parece enfurecer Lucy enquanto ela se recupera e o golpeia novamente.

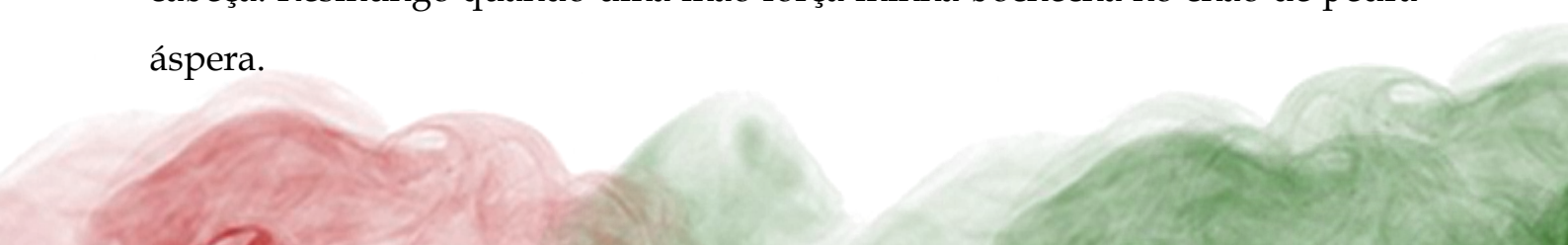
Eu franzo a testa. Ele não se lembra dela?

E então um menino grita: — Ela tem uma arma.

Por que diabos Fieniano demorou tanto? Engulo com alívio e dou um passo em direção a Lucy, caso os idiotas precisem de ajuda...

Um lampejo na minha periferia.

Giro, mas é tarde demais. Mãos se prendem em meus braços, duas de cada lado, e o chão me cumprimenta. Dedos puxam meu cabelo e giram minha cabeça. Resmungo quando uma mão força minha bochecha no chão de pedra áspera.



Alguém arranca o abridor de cartas da minha mão. Dois meninos me colocam de pé e me arrastam até o tablado.

Inclino minha cabeça de volta para Riser. Seus olhos passam rapidamente pelos meus, mas não há nada lá. Sem reconhecimento. Sem emoção. Ele aperta os olhos, como se tentasse lembrar quem eu sou.

Riser, eu murmuro.

Mas ele desvia o olhar sem nem piscar.

E então Lucy sorri para mim.

De repente, sou solta, os guardas me bloqueando de cada lado. Três tronos coroam o estrado, esculpido na mesma sequoia escura de que as paredes são feitas. Velas altas com colunas brancas alinham-se no palco, espalhando uma luz laranja avermelhada sobre elas. Uma figura envolta em uma túnica carmesim está sentada no trono à minha direita, Flame se senta à minha esquerda.

Passos ecoam atrás de mim, e então Riser sobe os degraus e desliza para o maior trono no meio. Ele mal começou a suar. Ambas as mãos repousam sobre os escorpiões esculpidos sentados em cada braço grosso de seu trono, seus dedos tamborilando na madeira, como se se sentar em um lugar, mesmo por um momento, o deixa inquieto.

Quando ele finalmente pouisa o olhar em mim, meu coração desce para o estômago.

Uma mecha de cabelo preto como tinta cai sobre sua testa enquanto ele inclina a cabeça para me estudar. Seus polegares esfregam em círculos minúsculos e entediados sobre as esculturas de escorpiões.

Eu procuro seu rosto, implorando, implorando com o meu. Mas não há reconhecimento naqueles olhos. Olhos que uma vez me imploraram para



confiar nele. Nenhum meio sorriso nos lábios que uma vez beijei. Nada do passado, o vínculo que compartilhamos.

Feito com sua avaliação, ele olha para Flame. — É esta a traidora que eles trouxeram de volta?

Ele não se lembra de mim. A realização me atinge como uma faca no coração.

O que eles fizeram com você, Garoto do Fosso?

O que quer que tenha acontecido depois que ele foi ferido, independentemente de como o curaram, eles fizeram mais do que tratar seus ferimentos. Eles me apagaram de sua memória.

Seu coração.

Dois rebeldes me agarram, e eu me empurro e chuto enquanto eles me arrastam pelo corredor.

Eles me apagaram.

Não, eu não quero acreditar. Eu não posso. Um dos rebeldes se inclina para frente e ordena que eu fique quieta, então bato minha testa em seu rosto. Ele cai no chão, gritando.

A ponta afiada do meu cotovelo se conecta com o olho do segundo Rebelde. Seu aperto afrouxa apenas por um segundo, mas eu pego, puxando de seu aperto e correndo.

De alguma forma, acabo entrando no que deve ser a cozinha, grandes panelas de aço fervendo no fogo. Eu bato em uma garota usando um avental cinza manchado, jogando uma pilha de pratos no chão com um estrondo. Mais corredores, mais cômodos. Tudo que ouço é o som da minha respiração pesada.

Fora, eu preciso sair deste lugar.



Escancarando outra porta, eu caio em um depósito e imediatamente me viro, e fico cara a cara com Flame e sua besta favorita apontada para o meu olho.

— Aonde você vai, princesa?

— Eu quero... fora daqui. — Ofego. — Eu quero...

— Sempre querendo alguma coisa, não é? — Flame ronrona quando ela se aproxima, sua capa de veludo branco raspando no chão e deixando um rastro espesso na poeira. Como Riser, seu cabelo é curto nas laterais e mais longo no topo, penteado em uma juba selvagem. Uma alga de escorpião ouro rosa desliza em sua orelha esquerda. — Porque você pensa que é melhor do que nós.

— Melhor? — Cerro e abro meus punhos ao meu lado. — Você... matou todas aquelas pessoas, Flame. Cidadãos inocentes. Você caiu nas mãos do imperador.

— Com a ajuda de você e de seu Príncipe de Ouro.

— Não.

— Você acha que somos selvagens. — Ela zomba.

— Não.

— Até Riser finalmente viu a verdade.

— Não. — Sob minha fúria, um sussurro de dor aperta meu peito. — Como você pode bagunçar a mente dele assim?

Ela me circula, aquela maldita capa sacudindo o chão. Um escorpião vermelho surge nas costas, brilhante como sangue na neve.

O couro escarlate macio de suas calças e colete farfalham suavemente.

— Você achou que o imperador iria recebê-la de braços abertos assim que você contasse a ele sobre as bombas, sobre nós?



— Eu não disse nada a ele, Fieniana. — Rebato, mas é a resposta errada, e ela para de girar para me encarar, sua ira evidente em sua quietude silenciosa, a artéria latejando em sua testa.

Seus olhos estão brilhantes e acusadores.

— Assim como você executou o Falso Príncipe?

— O...

— Príncipe Caspian. — Ela esclarece, seu nome saindo como veneno em sua língua. — O segundo filho do imperador. Você sabe, o menino que você continua protegendo.

Riser é o primeiro. Pisco, tentando obter um vislumbre do que está acontecendo dentro da cabeça de Flame, mas sua expressão é ilegível.

É por isso que Riser estava naquele trono. Por que eles o pegaram primeiro e me deixaram para trás.

— Todos nós vimos você apontar os rebeldes para a arquiduquesa.

— O que? Eu nunca...

— Eu os vi pendurados! Todos nós fizemos. Você apontou seu dedo mínimo traidor, e eles morreram.

A arquiduquesa. Ela deve ter lançado os vídeos para parecer que eu fiz parte do enforcamento.

— Flame, por favor. — Levanto minhas mãos em um movimento suave. — Você está certa. Eu não poderia matar Caspian. Mas não contei ao imperador sobre as bombas... Ele já sabia. E certamente não indiquei que Fienianos fossem enforcados.

— Então não foi você que vimos escolhendo quem pendurou?

Eu balancei minha cabeça. — Eu fiz, mas eu tinha...

— Os outros votaram pela sua execução.



Um arrepio percorre minha espinha. *Até Riser?* — E daí? Você queria me olhar nos olhos antes de me amarrar? — Estendo meus braços, palmas para cima, expondo meus pulsos machucados e com crostas. — Aqui estou. O que você está esperando?

Flame fica quieta, exceto seus dedos torcendo as mangas de couro apertadas rastejando de seus pulsos até os cotovelos.

— Você receberá a mesma oferta que os outros monarquistas que se juntaram a nós receberam: pegue a marca e declare publicamente sua fidelidade. A cerimônia é em quatro dias.

— Onde está Brogue?

Um sorriso tenso e triste. — Indisposto.

O que isso significa? — Eu quero roupas normais como o resto dos rebeldes.

— Mas você ainda não é uma rebelde. Você provou isso quando deixou Caspian viver duas vezes. Então, até que você prove o contrário, você pode usar trajes monárquicos.

Minha mandíbula aperta. O vestido é uma marca contra mim. Serei desfilada, cuspidada, forçada a provar meu valor a cada passo... Percebo que meus dentes estão cerrados com tanta força que doem, então relaxo minha mandíbula e aliso meu rosto, escondendo minha frustração.

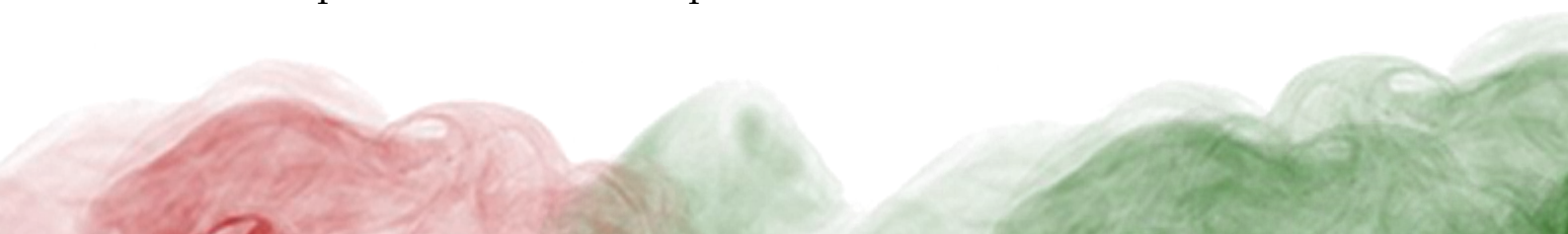
Ela se move para sair.

Rapidamente grito: — O que você fez com ele?

Uma pausa. — Nada que ele não pediu.

— Mentirosa.

Ela se vira. Apesar de seu pequeno comportamento, o olhar que ela me dá me faz procurar uma arma improvisada no cômodo.



— Você acha que isso é um jogo, princesa? Que você pode fazer o que quiser sem consequências? — Ela brinca com sua besta. — Riser viu você na varanda com o Falso Príncipe e o imperador. Ele sabia que você se voltaria contra nós, mas mesmo assim tentou salvá-la.

Minha boca se abre, mas os protestos girando dentro da minha cabeça morrem em meus lábios.

— Quando ele teve a chance de matar o Falso Príncipe, você o impediu. — Seus lábios se franzem em uma carranca. — Nós mal escapamos da Ilha. Riser estava meio morto quando o colocamos no Recontrutor. Mas ele conseguiu nos implorar para extirpar você dele, para tirar todos os vestígios de você de sua mente, mesmo que o esforço adicional do procedimento o matasse.

— Não! — Desesperada, agarro seu braço. — Eu nunca...

A besta está a centímetros do meu rosto, a flecha brilhando a um fio de cabelo da ponta do meu nariz.

— Nunca presuma que você pode me tocar, amante dândi. — Sua voz treme de raiva. — Você nunca foi boa o suficiente para ele. Nunca.



CAPITULO 9



Os dois rebeldes agora muito zangados de antes me arrastam para um quarto e me empurram para dentro, fechando a porta na minha cara e trancando a maçaneta com um clique. Bato na porta. Quando isso não funciona, eu passo a gritar cada coisa violenta que vou fazer para Lucy e Flame e todos eles.

Com os punhos latejando e a garganta em carne viva, solto um longo suspiro e deslizo porta abaixo. Visões de Riser ferido e com dor passam pela minha mente.

Ele acha que eu o enganei. Tentei matá-lo. Ele realmente acreditava que eu os havia traído? Que eu poderia fazer isso? Ele não deve ter notado os laços em minhas mãos quando me avistou na varanda.

Inferno Fieniano, ele pensou isso e ainda tentou me salvar?

Enxugando meus olhos, eu olho ao redor. Pelo menos minha nova cela é mais sofisticada do que a Torre, com uma grande sala de estar com mais poeira do que cadeiras. A raiva de estar presa novamente me impulsiona em minha nova cela. Verifico se há portas escondidas. Puxo e giro a grade de madeira que cobre as janelas. Procuro qualquer coisa que possa se tornar uma arma.

Mas não há saída e nada digno de uma arma.

Se eu não estivesse presa, arrancaria seus corações.

Ando no chão sujo, minhas mãos fechadas em punhos. Eu preciso ir para Riser. Tenho certeza de que, se puder falar com ele, sozinha, posso fazê-lo lembrar.

— Você não pode simplesmente apagar uma pessoa. — Grito com uma voz quase rouca de tanto gritar.

Mesmo a verdadeira Everly March, aquela garota brilhante e feroz cuja vida e identidade eu roubei permanece dentro de mim, um espectro de sombras e provocações farpadas.

Mas se ela está aqui, então certamente ainda estou dentro de Riser, em algum lugar.

Enfio as unhas nas palmas das mãos para não bater na parede. Mas não importa o que eu faça, a fúria cresce.

Depois de tudo que fiz por eles, tudo que sacrifiquei, o que me tornei, como eles podem fazer isso comigo? E Riser, sentado em seu trono, seus olhos entediados olhando para mim como se eu fosse alguma... alguma...

Eu grito de novo, minha garganta ferida queimando. Nada faz sentido. O Riser que eu conhecia nunca teria acreditado que eu pudesse ser uma traidora, e ele nunca teria me esquecido voluntariamente. Eu fazia parte de seu passado e, segundo ele, de seu futuro.

Mas ele fez, o que significa que ele não é a pessoa que eu pensei que era. Ele me apagou de sua mente, sem saber se eu estava viva ou morta, sendo torturada.

Pensei nele a cada minuto de cada hora em que estivemos separados. Eu chorei por ele, orei por ele. Fiz barganhas com deuses mortos há muito tempo para mantê-lo vivo. Eu teria alegremente dado minha vida para salvar a dele.

E ele me apagou e continuou com a sua.



Rosnando, circulo o quarto, procurando por algo para derrubar a porta. Quase quebrei a perna de uma das cadeiras de madeira, mais um chute bastará, quando a porta se abre e Dama Teagan, a finalista que ajudou com o bombardeio, entra.

Sua coroa de cabelo escuro está penteada para baixo até a ponta da testa, e uma túnica verde-esmeralda masculina balança sobre sua estrutura de palito de fósforo, uma trança grossa e nodosa de pérolas negras circundando seu pescoço fino e elegante.

O único tom de vermelho que ela usa é o batom vermelho rubi emaranhado em seus lábios carnudos, mas isso só parece mais brilhante e mais marcante do que qualquer um dos outros poderia fazer.

É difícil lembrar que ela é considerada uma Subversiva, o membro inferior de nossa sociedade. Uma garota que ama outras garotas, que escolhe viver fora das regras realistas.

Ela me presenteia com um sorriso radiante. — Olá querida.

Sentindo-me como uma criatura selvagem ao lado de um lindo cisne, inclino minha cabeça e olho fixamente para ela.

Ela vê as lascas de madeira espalhadas pelo chão.

Então ela sorri de novo com aqueles lábios lindos e ferozes, e estende a mão esguia gotejando ouro.

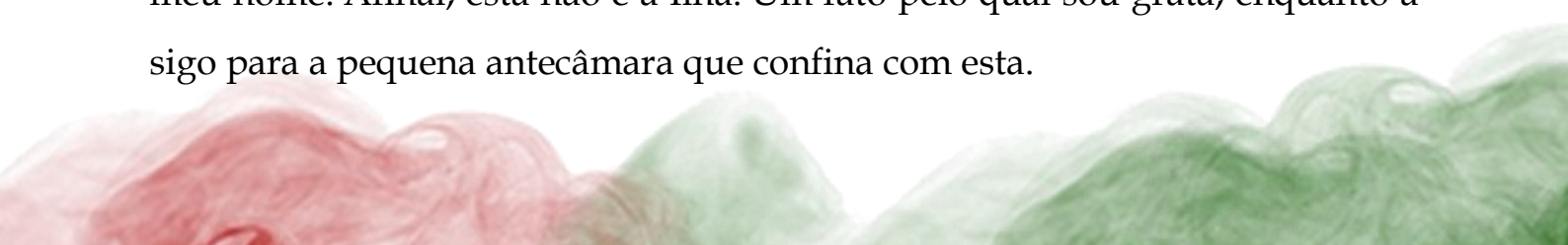
— Quer me acompanhar?

Não pergunto onde porque não importa. — Você está... me libertando?

Algo cintila dentro de seus olhos caramelo, e ela ri.

— Acho que sim, March. Você não vai correr de novo... você vai?

Balanço minha cabeça, maravilhada com a ausência da Dama antes do meu nome. Afinal, esta não é a Ilha. Um fato pelo qual sou grata, enquanto a sigo para a pequena antecâmara que confina com esta.



— Não me chame mais assim. — Digo, cortando meus olhos para o garoto de antes que ainda espera por mim. — Meu nome é Maia Graystone.

Teagan passa a mão sobre as pérolas, os lábios curvados nas laterais.

— Ok. Ouviu isso, Lash? — Ela olha para o menino. — Chame-a de Graystone.

O menino enfia as mãos nos bolsos. — Flame não...

— Diga a Flame... — Teagan ronrona. — Que eu estou levando-a como prisioneira para comer. E ela prometeu não fugir.

— Mas...

— Ela foi trancada e deixada de fome pelos porcos realistas o suficiente para durar a vida toda. — Os lábios de Teagan formam uma linha furiosa que o desafia a desafiá-la. — Se você precisa dizer algo a nossa pequena comandante, diga isso a ela.

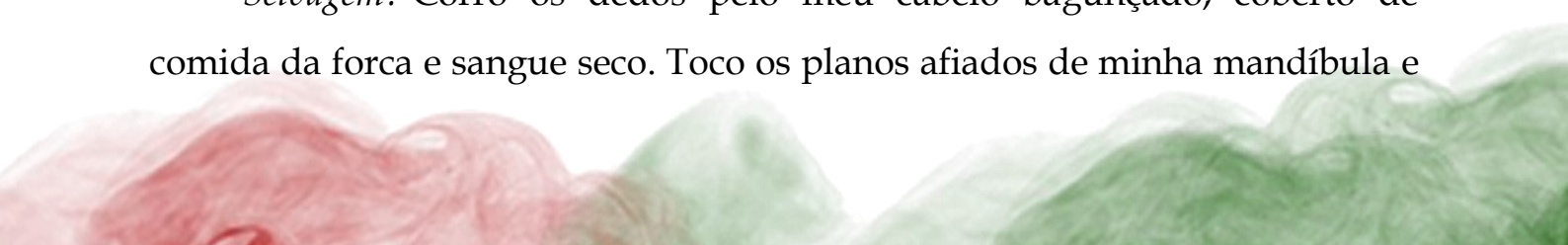
Pequena comandante? Mordo meu sorriso enquanto o garoto passa o olhar entre nós.

Passando a mão pelo cabelo grosso, ele suspira. — Você vai ser um pé no saco, não é, Graystone?

Ofereço a ele um sorriso maroto enquanto Teagan pega meu braço e me leva para o corredor. O menino luta para alcançá-la, suas botas rangendo contra o chão de pedra.

Teagan desliza o olhar sobre nossa sombra e ri. — Lash aqui leva seu trabalho muito a sério. — Ela dá um tapinha no meu braço. — Você tem um brilho desesperado em seus olhos. — Sua voz fica mais suave. — Mas eu reconheço a fome quando a vejo. Qualquer um se torna selvagem depois de alguns dias sem comer.

Selvagem? Corro os dedos pelo meu cabelo bagunçado, coberto de comida da força e sangue seco. Toco os planos afiados de minha mandíbula e



clavícula. Meu estômago ronca novamente, uma dor alojando-se abaixo das minhas costelas.

Não me lembro de ficar obcecada por comida na Torre, mesmo quando a comida era atirada em mim. Mas agora que ser filetada viva é menos possível, é como se meu corpo tivesse reanimado e cada célula dentro de mim implorasse por nutrição.

Viramos uma esquina, o corredor se abrindo para uma grande câmara convexa com as janelas também cobertas por entalhes de madeira, mas esses fios crescem ao longo das paredes, as criaturas retratadas nos entalhes são tão vivas que quase poderiam ser reais. Uma monstruosidade crua de ferro e vidro pende do teto arqueado, lançando escassos pedaços de luz âmbar ao redor.

Uma enorme bandeira vermelho-sangue com um escorpião preto pende frouxamente nas vigas.

Perto da parte de trás, o som de armas e corpos se chocando vem das grossas portas de madeira. Meus ombros afrouxam à medida que viramos para a esquerda, longe dos lutadores, e de Riser, os ruídos diminuindo a cada degrau na escada acarpetada.

— Eu não disse ao imperador. — eu digo, minha voz soando mais magoada do que eu planejei.

— Eu sei. — Teagan para, o menino, Lash, quase colidindo em nossas costas. Ela lança um olhar penetrante para ele. — Mas muita coisa aconteceu naquela noite. É difícil saber em quem confiar.

Um calafrio percorre minha espinha enquanto me lembro dos gritos horríveis, dilacerantes. E Ophelia... as rosas em miniatura que uma vez adornavam seus cabelos dourados... Exalo assim que subimos as escadas, estremecendo.



O almoço é servido no Grande Salão em duas longas mesas de carvalho. Não é muito, caldeirões pretos cheios de ensopado de vegetais espesso e fumegante e um biscoito duro, mas é quente e farto.

Teagan e Lash me observam comer. Normalmente, eu teria mais cuidado para parecer que possuo boas maneiras. Mas meu estômago vazio exige tudo *agora, agora, agora*, e depois que inalo duas porções, noto que outra porção chegou ao meu vestido.

O ensopado se instala inquietamente em meu intestino. Coloco minhas mãos espalmadas sobre a mesa e deslizo meu olhar para Teagan.

— Onde está Brogue?

As sobrancelhas escuras de Teagan se juntam, mas ela permanece quieta.

— Ok. Alguém sabe o que aconteceu com a máquina que estava comigo? Mais silêncio áspero.

Meus lábios se torceram para o lado. — Bem. Pelo menos me diga onde estamos?

— Mansão Bloodwyn

Meu estômago se contrai, ameaçando devolver o ensopado.

— Mas isso é... Esta é... — Faço uma pausa para examinar a câmara escura sem janelas com painéis de madeira da cor de sangue coagulado, mais iluminação de ferro que parece a momentos de nos lançar na escuridão total.

— A propriedade amaldiçoada do líder Fieniano morto.

— Ezra Croft. — Lash diz, sua voz revestida de reverência. — Eles dizem que ele e os homens executados da Casa Croft assombram este lugar, prontos para assassinar os realistas e seus simpatizantes.

Ignoro como seu olhar muda para mim na última palavra.

Teagan bufa. — Graças a crianças supersticiosas como Lash aqui, a Mansão Bloodwyn é o lugar perfeito para esconder nossas forças. — *Forças?* —

Os Centuriões não vão visitá-la. Inferno, eles nem chegarão perto por medo da maldição.

Coço um pouco do ensopado espalhado no meu vestido. — Mas as pessoas têm que ir e vir. Como os drones não os localizam? Ou veem a fumaça das chaminés?

Teagan encolhe os ombros largos e quadrados. — Existem centenas de lasers holográficos que cobrem toda a propriedade. Quem olhar verá uma velha ruína abandonada com maior probabilidade de ser amaldiçoada do que o centro da rebelião.

Lembro-me de como me esconder à plena vista funcionou para mim da última vez, mas não menciono isso, porque agora que minha barriga está cheia para estourar, mil perguntas invadem minha mente.

— Quantos de vocês tem lá?

Ela levanta uma sobrancelha, como se dissesse: *não está se referindo a nós?*

— Quase setecentos rebeldes fienianos vivem no castelo. Algumas centenas de pessoas habitam o terreno. Outras centenas estão escondidas nas cidades do sul para nos fornecer bens e informações.

Minha boca fica seca. — Isso é quase o suficiente para um... exército.

— Exatamente, querida. — Teagan tamborila seus dedos bem cuidados sobre a mesa. — Marchamos contra o império em quatro dias.



CAPÍTULO 10



Marchar contra o império? Mesmo com mil rebeldes dispostos a lutar, duvido que eles passassem pelos portões.

Olho para alguns Fienianos. — De onde eles vêm?

Lash inclina seu largo corpo sobre a mesa, coçando a barba cor de ferrugem que cobre sua mandíbula.

— Eu vim de Longview, uma cidade realista a alguns quilômetros ao norte daqui.

— Então você é um Prata?

— Fui. — Ele encolhe os ombros. — Agora sou um rebelde.

— Eles vêm de todas as partes. — Acrescenta Teagan. — Os aldeões que lutaram na Ilha e sobreviveram ao bombardeio também estão aqui. — Ela olha para Lash. — Alguns são mais experientes do que outros, por isso o treinamento que você testemunhou hoje.

Treinamento. Um gosto amargo cobre minha língua quando me lembro de como eles me jogaram no chão como se eu fosse machucar Riser. E Lucy Redgrave sorriu para mim.

— Por que Lucy Redgrave está aqui?

— Depois do bombardeio, ficamos presos entre as montanhas e a água, sem saída. Mas os gêmeos Redgrave conhecem as montanhas e nos

conduziram por uma passagem pequena e escondida para um lugar seguro. Lucy até fez um curativo no ferimento de Riser para que ele não sangrasse. — Rolo meus olhos e ela elabora. — Eu não confio em nenhum deles, Graystone, mas eles nos salvaram... e foi por causa deles que trouxemos Riser a um Recontrutor a tempo de curá-lo.

A ponta da espada de Caspian, espessa com o sangue de Riser, vem espontaneamente à minha mente. Aperto meus olhos fechados para tentar apagar a memória.

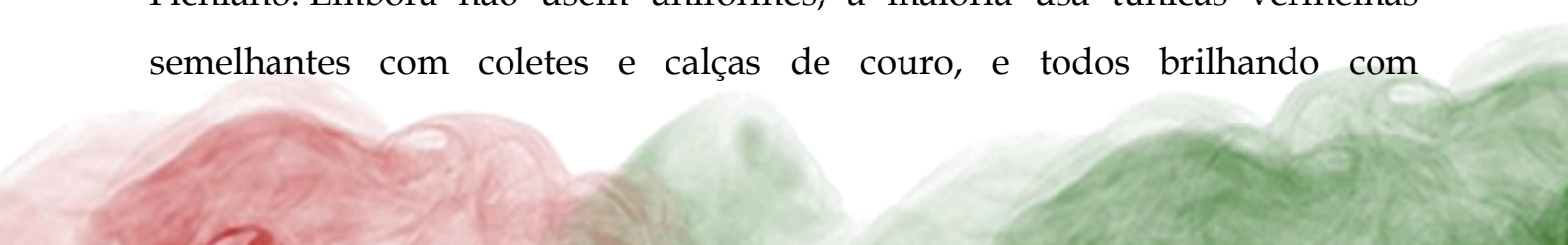
Tudo mudou desde a noite em que usei o vestido vermelho e saí para assassinar o imperador. Tudo, exceto a rocha monstruosa ainda avançando pesadamente em direção ao nosso pequeno planeta, e a arquiduquesa que provavelmente está certa neste segundo vasculhando as colinas por mim.

— Por que você não vai tomar banho e se recuperar um pouco? — Diz Teagan. Ela está me olhando como se eu fosse me separar a qualquer momento. — Depois eu vou te encontrar. Há outra coisa que devemos discutir.

Eu quero discutir, mas ela está certa. Estou cansada até os ossos, todos os músculos do meu corpo doem, e a ideia de um banho quente quase me tira da cadeira. Estou na metade do caminho quando a porta se abre com um estalo e os lutadores de hoje entram, liderados por Flame.

Há algo quase cômico em assistir Flame liderar os lutadores Fienianos, trinta centímetros mais baixa do que seus colegas soldados e arrastando sua capa muito grande, mas então eu me lembro mais cedo quando ela apontou a besta no meu nariz, o olhar de aço em seus olhos, e decida que ela não está fora do lugar, afinal.

Examino os suados aspirantes a soldados em busca do exército Fieniano. Embora não usem uniformes, a maioria usa túnicas vermelhas semelhantes com coletes e calças de couro, e todos brilhando com



lâminas. Alguns parecem fortes e desgastados, talvez jovens Mercs ou madeireiros do norte das Montanhas do Chifre Azul, mas a maioria dos lutadores dificilmente parece capaz de derrotar o Exército Realista.

A mesa ao nosso lado se enche, e o cheiro forte de corpos quentes e suados atravessa o cheiro de ensopado e pão fresco.

Meu foco está voltado para um menino perto do fim. Ele é jovem, embora não seja o mais jovem, não tem mais de quinze anos, seu cabelo loiro encaracolado escurecido nas têmporas com o suor. Ele casualmente passa a mão pelo esfregão e ri de algo que a garota do outro lado da mesa diz.

Observando-o, uma dor profunda preenche meu peito.

O garoto rouba um biscoito do prato da garota, esquivando-se de seu tapa brincalhão, os olhos brilhando.

Eu não consigo respirar. Não consigo encher meus pulmões com ar suficiente.

Deslizo da minha cadeira. — Max?

Teagan se levanta, sua cadeira raspando no chão. — Eu ia te contar... Eu apenas pensei...

Meus pés se movem. Me levando até ele. Eu chamo seu nome de novo, mas minha garganta se fecha em torno da palavra como se fosse farpada, e eu só consigo uma grossa.

Do canto do olho, vejo Flame franzindo a testa para mim, mas não me importo.

— Max?

Exceto que assim que eu digo seu nome novamente, ele vira seu olhar para o meu, seus olhos pegando minha marca monarquista, e eu quero desdizer isso.



A culpa bate em mim. Eu o deixei sozinho. Eu o abandonei. Fiz ele esperar por mim, os deuses sabem quanto tempo até eu não voltar.

Que horrores ele sofreu porque eu deixei que nos separássemos? Ele achou que eu acabei de sair porque era mais fácil sem um menino de sete anos chorando?

Max bufa uma risada nervosa, seu olhar percorrendo a mesa. Todo mundo está olhando para mim agora, suas expressões acusadoras.

Você o deixou, você o deixou, você o deixou...

Estendo minha mão, envergonhada pelas lágrimas queimando meus olhos.

— Max, eu sou...

— Apenas meus amigos me chamam de Max. — Seu tom é cortante, desdenhoso e, apesar de como suas palavras me cortaram, uma parte de mim sorri de orgulho. Não tem nem quinze anos e já está tão seguro de si.

Limpo meus olhos. — E a sua irmã? Do que eu te chamo?

Silêncio. Alguns soldados tosse.

— Traidora. — Alguém sussurra, e a palavra circula em pequenos sussurros cruéis, alta o suficiente para eu ouvir. A garota que Max roubou o pão da uma risadinha baixinho.

Então, todos o observam para ver como ele reagirá.

Cerrando a mandíbula, Max tira o olhar do meu rosto e estuda seu prato. Em seguida, ele pega outro biscoito da garota e o mergulha em seu ensopado.

Como se eu não estivesse aqui. Como se eu não fosse real.

Assim como Riser.

O resto faz o mesmo. Barulhos de colheres raspando tigelas, sorvendo e risos fazem uma canção cruel ao meu redor. Nem uma única pessoa olha para

cima enquanto estou aqui, os punhos cerrados, lutando contra as lágrimas quentes a cada respiração.

Olhe para mim, Max. Me perdoe.

O mundo ao meu redor escurece. Apenas meu irmão está em foco. A única pessoa que sobrou na terra que posso chamar de família, que posso chamar de lar.

Bato minha canela na mesa enquanto fujo, a dor na minha perna não é nada comparada com a agonia dentro do meu coração.



CAPITULO 11



A ardência da rejeição de Max permanece comigo depois que eu fujo do refeitório. Subo às cegas escadas largas e atravesso corredores estreitos. Passando por mais rebeldes, um borrão de couros vermelhos e provocações cruéis.

Onde fica meu quarto? Mas todas as portas parecem iguais. Enquanto tropeço pelos corredores, a raiva e a tristeza tomam conta de mim.

Quero afundar em algum lugar escuro, abrir meu peito e derramar a dor.

A luz das velas pisca em minhas lágrimas... a biblioteca. As mesas estão vazias, uma brisa suave soprando de uma janela distante. Serpenteio entre o labirinto de estantes, feliz com as sombras à espreita e o ar frio e úmido.

Quando estou bem no fundo das pilhas, tão fundo que ninguém consegue me ouvir, caio de joelhos.

Por um segundo, nada sai, como se meu coração literalmente tivesse se alojado na minha garganta. Eu não consigo respirar. Não posso fazer nenhum barulho.

Um soluço baixo cresce em meu peito, escorre da minha garganta. E eu me deixo chorar, silenciosamente, tão forte que minha visão escurece e eu quase desmaio. Eu quero chorar até que minha garganta doa e meus olhos queimem e não haja literalmente mais nada para dar.

Eu quero limpar cada gota da minha dor.

No Fosso, a única coisa que me ajudou foi Max.

Eu tinha que ser forte por Max.

Eu tinha que sair para pegar Max.

Quando eu pulei do penhasco para o oceano gelado, era por Max. Quando eu deixei que eles me mudassem, me tornasse uma estranha, uma assassina, era por Max.

Os julgamentos, matar Merida, tudo era por meu irmão.

Agora não tenho mais isso. Eu não tenho ele, o garotinho que precisava de mim. Ele se foi.

Eles o tiraram de mim.

Solto um suspiro estremecido. Talvez Max seja inteligente para fingir que eu não existo. Veja todas as coisas que já baguncei. Eu desobedeci à ordem de matar Caspian. Não consegui salvar Merida. Quase matei Riser. E eu não, absolutamente não consegui encontrar a única coisa pela qual meu pai morreu.

A única coisa que pode salvar a todos nós.

Há um zumbido fraco e difuso em minha cabeça. Pelo choro, provavelmente... exceto que fica mais pesado. Então as vozes começam, primeiro abafadas e distantes, como se eu estivesse debaixo d'água e alguém estivesse gritando comigo. As vozes ficam mais altas. Implorando por ajuda. Para eu salvá-las.

Os gritos intensos inundam meu cérebro, muito...

Simples assim, acabou. Pressiono meus polegares em meus olhos. As vozes estão ficando mais fortes.

Ou, talvez, eu esteja ficando mais louca.

Limpo o nariz na manga e fico de pé. Preciso voltar para o meu quarto e tomar um banho, talvez dormir, para poder me concentrar no meu plano, mas

mal tenho energia para refazer meus passos pelas estantes, muito menos encontrar meu quarto e procurar uma banheira adequada para tomar banho.

A luz de velas âmbar pisca perto da entrada da biblioteca, iluminando a pintura anterior. Quando me aproximo, noto um homem em uma túnica preta forrada de vermelho, seu cabelo preto tinta mais escuro do que a sombra mais profunda.

Paro de repente atrás de Riser. Ele tem um braço esticado atrás das costas. O outro segura uma vela até a pintura do que deve ser sua mãe, Amandine.

Eu vejo a semelhança agora. Pele de marfim. Cabelo da meia-noite. Implacável, beleza sombria e olhos penetrantes.

Riser muda ligeiramente de pé. Não houve uma indicação de que ele me ouviu. Mas, é claro, ele fez.

Ele não se vira. Ele apenas continua olhando para aquela pintura idiota. Fingindo que não existo. Que eu não apenas chorei com o coração.

— Sabe... — Ele diz sem se virar. — Geralmente quando alguém me observa por trás, eles planejam me fazer mal.

Se apenas...Minha mandíbula range. *Dane-se você, Garoto do Fosso, e o Recontrutor que me apagou e sua voz presunçosa e arrogante e sua...*

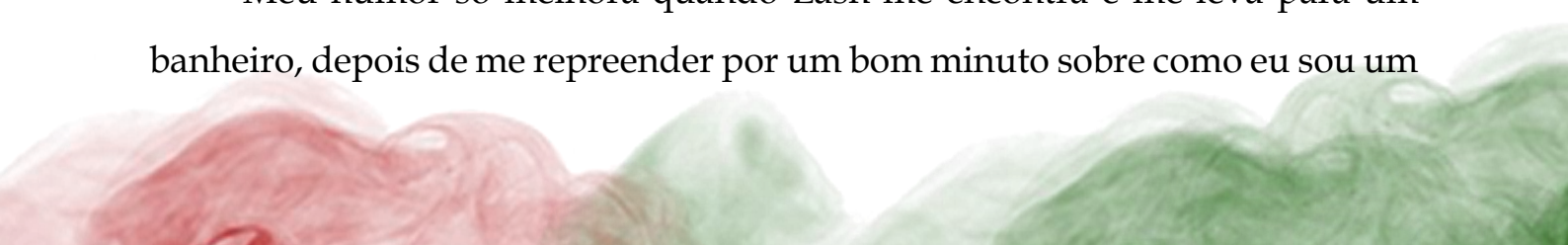
Pego o objeto mais próximo, um livro pesado com capa de couro, e atiro nele.

Enquanto me afasto, ouço-o grunhir de surpresa. Um sorriso contrai meus lábios.

— Tente apagar isso, Príncipe. — Murmuro baixinho.

Me sinto um pouco melhor agora.

Meu humor só melhora quando Lash me encontra e me leva para um banheiro, depois de me repreender por um bom minuto sobre como eu sou um



pé no saco. Juntos, carregamos baldes de água aquecida até que a banheira esteja pela metade.

Lash parece um pouco hesitante quando o forço a sair do quarto para me despir, mas garanto a ele que não há nada prejudicial que eu possa fazer no banho, a não ser me afogar, e eu prefiro queimar todo este castelo em ruínas do que entregá-los essa satisfação.

Depois de estar limpa, vestida com um vestido vermelho-papoula semelhante, meu cabelo molhado enrolado em um coque emaranhado, tento entender minha situação para poder fazer um plano. Mesmo que meu corpo anseie por encontrar uma cama e dormir para afastar minhas dores, há uma sensação de urgência agitando meu sangue, eletrificando meus ossos, tornando impossível descansar.

Estou na propriedade amaldiçoada de um líder Fieniano morto, cercada por rebeldes que não confiam em mim e estão treinando para uma batalha contra o imperador que vão perder.

Solto um longo suspiro.

Eu deveria estar de volta à Ilha Esmeralda, procurando pelo Mercurian. E Max, meu coração dispara ao ouvir seu nome, Max segura o mapa. Se eu puder de alguma forma fazer com que ele me veja como sua irmã novamente e não como inimiga, talvez eu consiga descobrir como acessá-lo.

Abro a porta do meu quarto. — Eu quero ver Flame e Nicolai.

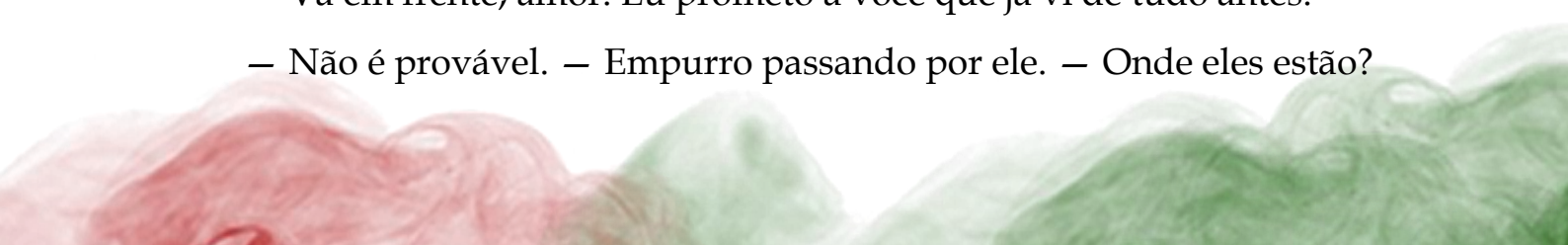
Lash pula de pé. — É, não. Fora de...

— Agora. — Cruzo meus braços. — Estou preparada para fazer uma cena.

Fixando-me com um olhar irritado, ele solta um suspiro agora familiar.

— Vá em frente, amor. Eu prometo a você que já vi de tudo antes.

— Não é provável. — Empurro passando por ele. — Onde eles estão?



— Espere!

— Alguém viu Flame por aí?

Ele agarra meu pulso. — Pare, isso não vai acabar bem para você.

Por instinto, eu torço meu braço de sua mão e agarro a parte de trás de seu bíceps, prendo minha perna atrás de seu joelho e o levo para o chão.

Com um joelho apoiado em seu peito, eu sorrio para ele.

— Então me leve até eles, ou isso não vai acabar bem para você.

— Leve-me até eles, ela diz. — Suas sobrancelhas se juntam acima de uma carranca, seu olhar rola para o teto. — E por eles, ela se refere ao Comandante e General Rebelde.

— Com quem você está falando?

— Ela pergunta com quem estou falando. — Ele arranca seu olhar do teto. — Os deuses dizem que estou sendo punido.

— Certo. — Cavo meu joelho em sua carne, ignorando a maneira como ele faz uma careta. — Eles também lhe disseram o que acontecerá se você não me levar para Flame?

Suspirando, Lash empurra meu joelho para longe e pula de pé, virando-se sem dizer uma palavra para me conduzir por corredores como labirintos, grossos com óleo de lamparina e poeira. Longas sombras se espalham pelos cantos.

Anseio por janelas. Luz. Ar fresco com cheiro de grama e terra. Este lugar, com sua madeira escura e antiga e passagens aparentemente intermináveis, parece um sarcófago. Puxo a bainha do meu corpete, lutando contra o desejo de abrir meu caminho para fora.

Vozes gotejam de uma porta pesada. Lash faz uma pausa, balança a cabeça e bate nela.



Assim que ela abre, parte de minha bravata diminui. Dez Fienianos estão ao redor de uma grande mesa. Eu reconheço alguns, Flame está perto da cabeceira da mesa, bem ao lado da forma encapuzada de Nicolai, sua máscara vermelha brilhando na luz sombria.

Riser fica na outra ponta, de frente para a porta, um hábito que sobrou do Fosso, e seu olhar se volta para mim, sua mão já na adaga em sua cintura.

Uma faísca de raiva cresce em meu peito quando vejo Lucy Redgrave ao lado dele, seu rosto pálido e acinzentado sorrindo para mim mais uma vez.

Deuses! O rosto dela está colado assim?

Procuro um rosto amigável. Brogue. Teagan. Mas a mesa está cheia de tudo, menos amigável. Eles estão todos carrancudos com a intrusão.

Antes que eu tenha tempo de mudar de ideia, eu empurro um dos lutadores mais jovens atuando como guarda. Meu olhar desliza para o castelo de holograma brilhando sobre a mesa. Eu reconheço as torres claras, as montanhas assomando atrás delas.

Castelo de Laevus. Por que eles estariam se encontrando sobre isso, a menos...

Nicolai acena e a monstruosidade desaparece. Dentro da máscara, seus olhos cinzas contrastam com o vermelho e me fixam onde estou.

— Dama March. — Ele ronrona com aquela voz eletrônica e trêmula. — Não me lembro de ter convocado você para esta reunião.

Vou até a mesa e bato com o punho, sem tirar os olhos de Nicolai.

— Não sou uma traidora, Nicolai, e meu nome é Maia Graystone, não March.

Seu rosto está ilegível sob a máscara. — Mas não é isso que a... traidora diria, Maia Graystone?



Bastardo presunçoso. — E a minha Microplanta? Certamente você pode ver o que aconteceu?

— Oh, não, querida. Sua microplanta foi convenientemente cortada antes do bombardeio.

Por trás da presunção de Nicolai permanece algo mais. Algo perigoso. Quando nossa única interação era por meio de Microplantas, era fácil não perceber a escuridão do véu de maneiras fingidas de Nicolai.

Mas agora... agora vejo a maneira como os outros olham para ele primeiro, a maneira como sua voz diz uma coisa, mas seus olhos frios e calculistas dizem outra.

— Estou livre para sair?

Alguns rebeldes riem.

— Deste escritório? Sim, imediatamente, por favor.

— Não. O castelo. Estou livre para deixar o castelo?

— Agora, por que eu deixaria você ir, se você pode muito bem contar ao imperador sobre este lugar? — Nicolai gesticula ao redor. — Todos nós observamos como você se curva facilmente sob pressão. Além disso, você tem a chave de uma arma muito poderosa, uma...

— Então por que você não está tendo uma reunião sobre isso? — Eu examino os rostos ao redor da mesa.

Exceto por Flame, cada rosto contém confusão. Então, eles nem sabem que pode haver uma maneira de impedir Pandora. Mas Nicolai chamou isso de arma, então talvez ele não queira impedi-la de forma alguma.

— Sim. — A voz de Nicolai está ofegante de impaciência. — A arma que ninguém consegue encontrar, que ninguém viu, supostamente montada por um homem morto. — Sua risada irrita minha espinha. — Eu deveria planejar uma guerra inteira em torno disso.



Os outros riem, talvez alto demais. Marionetes.

Pelo menos Riser não está rindo. Não, ele está me estudando com sua franqueza usual. Provavelmente ainda se perguntando por que joguei um livro nele.

Lanço um sorriso selvagem para Garoto do Fosso e aprecio a inclinação confusa de sua cabeça.

— Faça o juramento e a marca, princesa. — Flame diz, talvez um pouco rápido demais. — Prove a si mesma como os outros, então não importa o que você fez.

O que eu fiz.

Minha mandíbula range, e luto contra o desejo de atacar Flame, engolindo como vidro.

— Vou levar a marca, o juramento. Vou usar este vestido, trabalhar por vocês, lutar por vocês. Eu farei o que vocês quiserem. Mande Max embora para que ele não esteja aqui quando... quando...

Eles não podem ver como isso é tolo? O exército realista irá esmagá-los.

— Essa é a decisão de Max. — Nicolai diz em um tom desdenhoso, focando na pilha de mapas em seu cotovelo.

— Então me ajude a voltar para dentro do castelo.

— Não. Agora vá.

Me recuso a me mover. — Onde está Brogue? O que você fez com ele?

— O guarda? Perseguindo o preto, imagino.

Uma referência a ficar chapado. Porcaria. Eu não esperava isso.

— E Bramble? O pequeno sensor com o qual eu estava quando você me sequestrou?

Risadas encham o escritório. Eles acham que perdi a cabeça.



Flame levanta uma sobrancelha, sua diversão evidente na curva de seus lábios.

— Mais alguma coisa, princesa?

— Sim. — Corto meus olhos para Riser. — Você pode querer designar guardas para o príncipe, ou da próxima vez pode não ser um livro que eu jogue para ele.

Um sorriso amplia meu rosto enquanto eu me afasto, embora eu tecnicamente apenas ameacei o príncipe na frente de testemunhas e confirmei suas suspeitas sobre mim.

Eles querem que eu seja má? Tudo bem, eu serei má, a traidora em quem eles não podem confiar. A ponta solta. E farei o que for preciso para parar essa guerra estúpida e sem esperança e voltar para a Ilha.

Mesmo que isso signifique destruir os rebeldes Fienianos por dentro.



CAPITULO 12



Depois de invadir sem sucesso meu caminho para o meu quarto e me perder, Lash decide que parte de seu trabalho inclui me dar uma turnê real, que leva séculos e não faz nada mais do que me confundir. A casa é um labirinto de corredores sem saída sinuosos, câmaras abafadas e antecâmaras vazias. Além das deprimentes pinturas a óleo que revestem algumas das salas formais maiores e os pesados tapetes vermelhos que se acomodam sobre o chão gasto como carcaças ensanguentadas, não há nada para ver além de madeira, pedra e sombras.

Lash faz uma pausa sob uma parede alta de pinturas de paisagens, todas sombrias e escuras, assim como ele está agora.

— Sabe, da próxima vez que você irritar Nicolai e ameaçar o príncipe, não me torne parte disso.

— O que? — Murmuro.

Mas ainda estou apenas ouvindo pela metade. Preciso entrar na sala do conselho e ver como eles planejam invadir a Ilha. Agora que sei que Max estará envolvido, preciso saber os riscos. Se Nicolai e os Fienianos querem morrer em uma batalha impossível, ótimo.

O mundo pode ser um lugar melhor. Mas serei amaldiçoada se os deixasse arrastar meu irmão pelo caminho do mártir.

Me concentro novamente em Lash, as manchas verdes em suas íris marrom escuro que eu perdi antes, a cabeça cheia de cabelos da mesma cor rica e profunda da madeira nas paredes.

— Você não está me ouvindo, está? — Suas sobrancelhas se juntam. — Os deuses me avisaram que você seria um problema. Antes de ser designado para cuidar de você, eu estava no arsenal. Basicamente, você sabe, meu emprego dos sonhos.

— Você não pode realmente acreditar que fala com os deuses?

— Não mude de assunto, amor. — Ele sai mancando mais rápido do que caminhou durante todo o passeio.

Me apresso para alcançá-lo e estender a mão para ele.

— Me desculpe, ok?

Seu ombro enrijece sob meus dedos.

— Não é você. Eu estou apenas...cansada.

— Você quis dizer o que disse? Você não é uma traidora?

— Eu não sou uma traidora. — Minha voz sai um sussurro, embora eu queira gritar. — E todos eles podem simplesmente ir para o inferno Fieniano.

Lash ri. — Você realmente jogou um livro na cabeça do príncipe?

Solto um meio soluço, meio riso.

— Sim.

— Por quê?

— Porque ele me machucou.

Ele para ao pé da escada larga que leva ao meu quarto.

— Então você o conhece?

A admiração em sua voz me irrita. Conheci Riser quando ele era simplesmente o Garoto do Fosso. Não o príncipe. Não o Salvador do Mundo. Não pretendente a imperador.



— Eu pensei que sim.

— Huh. — Diz Lash, erguendo as sobrancelhas. — Quem teria adivinhado?

Andamos o resto do caminho em silêncio.



Passo todos os cinco minutos em meu quarto escuro e apertado antes de sair novamente em busca de Teagan e Brogue, sobre quem ninguém parece saber de nada. Não tenho ideia de que horas são ou quando chega a Queda da Sombra. Estar dentro deste mausoléu sem janelas parece ter congelado o tempo, como se dias não existissem.

O andar desajeitado de Lash faz um barulho suave de arrastamento pelo chão enquanto ele segue, bocejando e parecendo que ele prefere estar em qualquer lugar menos aqui.

Quando eu encontrar Teagan, vou pedir a ela um emprego. Algo que me dará acesso aos quartos e talvez tire Lash das minhas costas.

Em seguida, tenho que encontrar uma maneira de sair. Se eu não ver o sol, vou enlouquecer. Ou mais louca do que já estou, embora não consiga imaginar que haja muito mais louco do que ouvir vozes.

O arsenal é uma sala longa, sem janelas e retangular atrás da arena que se estende por toda a parede. Dois guardas monitoram a porta, mas acenam para Lash e nos deixam passar. O cheiro de óleo e pólvora permeia o arsenal, e o metal brilha nas paredes.

Os olhos de Lash se iluminam enquanto avaliam os suportes de armas. Ele se move ao longo de uma corrente invisível puxando-o profundamente nas prateleiras e fora de vista.

Teagan se inclina sobre uma garota de não mais de quatorze anos, ajustando o cinto comprido demais pendurado desajeitadamente sobre o ombro e o peito. Duas adagas e uma espada curta estão penduradas na pulseira de couro.

Teagan olha por cima do ombro.

— Olá querida. Vejo que você sobreviveu a turnê.

— Eu preciso de uma arma. — Digo a título de saudação, meu olhar passando rapidamente sobre a parede brilhante de lâminas em todos os tamanhos e estilos imagináveis.

Existem bordas cinzeladas, bordas vazadas, bordas planas. Acabamentos de metal com joias chamam minha atenção, enquanto outras brilham com padrões decorativos de lima, e alguns raros são o aço Damasco, dois metais forjados para fazer um padrão impressionante.

Teagan, com a sobrancelha franzida, afivelando o cinto, bufa.

— Algo mais?

Giro, olhando para o alargamento do meu vestido.

— Algo diferente deste vestido. E um trabalho também.

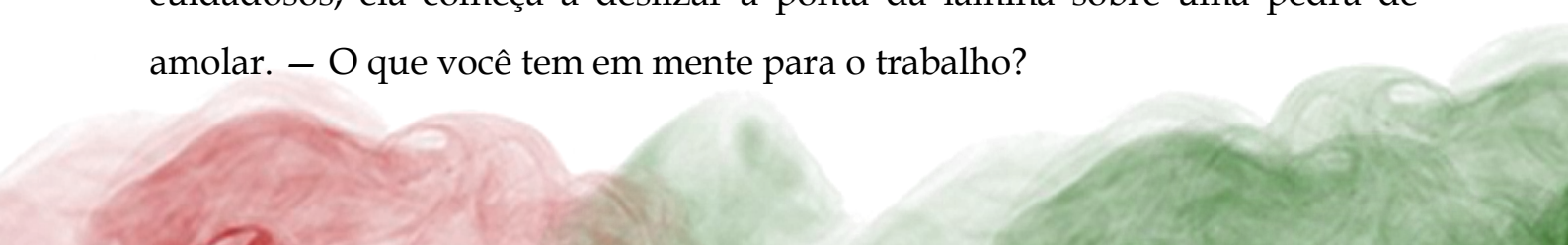
Teagan se levanta, mandando a garota embora.

— Isso tudo?

— Bem, eu gostaria de sentir o sol na minha pele.

Ela recupera uma espada de uma prateleira, aço retinindo.

— Eu posso fazer duas dessas coisas. — Com movimentos suaves e cuidadosos, ela começa a deslizar a ponta da lâmina sobre uma pedra de amolar. — O que você tem em mente para o trabalho?



Pense. Algo que requer que você tenha uma chave...

— Fazendo camas e limpando quartos?

Seus dedos param na ponta afiada e suas sobrancelhas se erguem.

— Esse é o trabalho que você quer?

— Certo.

— Ok. — Embora seu foco esteja de volta na arma, seus lábios se contraem para cima. — Você pode começar hoje. — A lâmina brilha na luz fraca. Uma vez que está de volta na parede, Teagan acena para mim. — Me siga.

— E a outra coisa?

— Esta é a outra coisa.

Me esforço para alcançá-la com seus passos largos, meu coração batendo forte quando nos aproximamos de duas portas altas em arco de mármore com veios de ouro. A luz do sol escorre de uma fenda fina entre eles e minha respiração fica presa na garganta. Um guarda destranca as portas com uma chave de ferro grossa e, lentamente, lentamente, elas rangem e rangem, inundando a sala com uma luz quente e dourada.

Assim que o sol aquece minhas bochechas, sinto um alívio, como se finalmente pudesse respirar fundo. O ar tem gosto de sal. Pisco e espero meus olhos se ajustarem. Um corrimão de pedra... céu azul... Volto um suspiro de desapontamento. Estamos no que parece ser uma enorme varanda de pedra com vista para o mar. Abaixo, o oceano ruga e bate contra os penhascos.

Não há saída.

A pedra foi esculpida em um anel de degraus que levam à arena abaixo. Três tronos semelhantes aos da arena interna ficam em um tapete de pele preta perto da frente, na sombra.



Conforme passamos, eu faço contato visual com Flame, as pontas se curvando sobre a área raspada de sua cabeça brilhando sob o brilho do sol. Seu olhar desliza de mim para Teagan, e algo ilegível faísca dentro dos olhos azul-acinzentados de Flame.

Teagan dá aquele sorriso lento, convidativo e vermelho para Flame... e Flame desvia o olhar muito rapidamente.

Sobre o que é isso?

Uma vez que estamos sentadas com o resto da multidão ao redor da arena, encontro coragem para olhar para cima. Pandora paira perto do sol, um câncer escuro rastejando em direção à luz.

A Queda da Sombra está chegando.

Mordo minha bochecha. Não estou nem perto de impedi-la. A promessa que fiz a meu pai ressoa em meus ouvidos, e perco o fôlego contra a frustração que enche meu peito.

Preciso encontrar um caminho de volta para a Ilha e o Mercurian, mas como posso fazer isso se não tenho nem uma arma?

— E a minha arma? — Eu pergunto a Teagan.

— Pelos deuses, você é persistente, querida. — Um sorriso irônico ilumina seu rosto. — Desculpe, mas sem armas e sem couros até que Flame diga o contrário.

Murmurando baixinho, afundo em minhas costelas, uma dor de cabeça começando a se formar atrás dos meus olhos. Esfrego minhas têmporas e estalo meu pescoço. Provavelmente a luz do sol.

Lash desliza ao meu lado, provocando mais do que algumas maldições enquanto ele se mexe para abrir espaço. Ele me encara com um olhar severo e bonito.



Sorrio. — O que? Não é minha culpa que você não estava me olhando de perto.

— Sabe, você pode ser bonita, amor, mas isso não significa que não vou colocá-la na coleira se for preciso.

— Aw. — Soco seu braço. — Você me acha bonita?

Seus lábios se abrem, revelando uma fileira de dentes retos e brancos que apenas um Prata e superior teriam.

— Sim, uma bela dor na minha bunda.

Me sinto mal por ele, quase, mas antes que eu possa responder, o amplo conjunto de portas de ferro abaixo se abre e os lutadores saem. Examino as cabeças, procurando pelos cachos loiros de Max. Em vez disso, vejo Rhydian, todos em ângulos agudos e olhares ferozes, uma pessoa totalmente diferente do menino triste e espancado de antes.

Aceno, tentando chamar sua atenção, mas seu olhar está fixo nos lutadores perseguindo a areia.

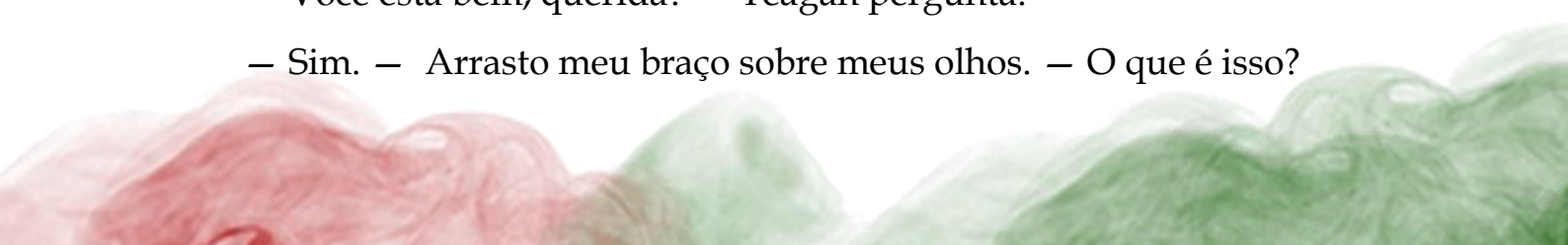
Max entra na arena, seguido por Riser. Lucy e Hugo Redgrave estão um passo atrás.

Fico rígida ao ver Max em torno de todos aqueles guerreiros. O Max de que me lembro estava muito preocupado com brinquedos e doces para levar qualquer coisa a sério, muito menos treinar para lutar. Mas ele está diferente agora. Mais alto que a maioria dos jovens de quatorze anos, com ombros largos e músculos fortes que podem facilmente levantar uma lâmina.

Aperto os olhos quando meu olhar começa a embaçar. A dor pulsa em meu crânio e cerro os dentes, tentando expulsar a dor. Pisco até que meus olhos voltem a focar, mas uma luz vermelha pálida prejudica minha visão.

— Você está bem, querida? — Teagan pergunta.

— Sim. — Arrasto meu braço sobre meus olhos. — O que é isso?



— A Corte de Sangue. Qualquer pessoa pode entrar. Eles lutam até que o último homem — Ela dá um sorriso malicioso. — ou mulher ficar de pé. O vencedor fica com o Trono do Escorpião e o lugar de Riser.

— E qual é o lugar de Riser, exatamente?

Teagan olha para os três tronos.

— Flame, Riser e Nicolai governam como um triunvirato. Flame é a comandante. Riser, o Rei de Sangue.

— E Nicolai?

— Nicolai é o que diabos ele quer ser.

— Por que Nicolai permitiria que alguém desafiasse a regra de Riser?

— Os Fienianos chamam o custo de controlar o preço do sangue. O sangue prova o seu valor. Além disso, é apenas por um dia. Um século atrás, a Casa Croft realizava uma Corte de Sangue no último domingo de cada mês. Esta é uma versão extrema disso. Isso mantém os rebeldes felizes.

Olho para Riser parado casualmente no meio, os ombros soltos, postura ampla. Ele usa um sorriso de expectativa, mas o sorriso não alcança seus olhos, e algo mais sombrio se esconde por trás de sua máscara arrogante.

O cheiro de massa fermentada me atinge. A multidão passa ao redor de cordas trançadas de pão. Elas brilham com sal e manteiga.

— Pão de sangue. — Diz Teagan, em resposta ao meu olhar curioso.

Arranco meia corda de pão de sangue dos dedos de Lash, colocando o pedaço seco em minha boca.

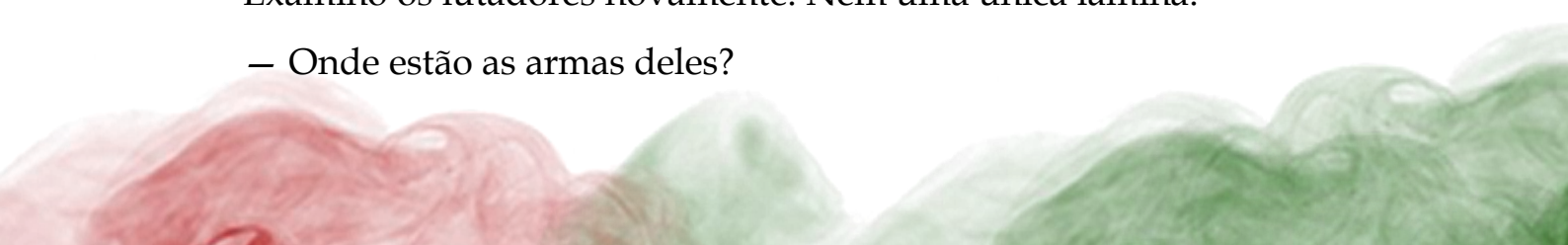
— Alguém já assumiu o Trono do Escorpião?

Teagan rouba a outra metade de Lash.

— Nem mesmo perto.

Examino os lutadores novamente. Nem uma única lâmina.

— Onde estão as armas deles?



Lash conseguiu encontrar outro pão de sangue, e ele se inclina para frente para ter uma visão melhor da arena.

— Assim que nos sentamos... — Diz ele. — Entramos em um campo Sim. Quando a Queda da Sombra atinge, cada lutador receberá uma arma simulada para destruir o outro.

Certo, não poderíamos deixá-los se matando todos os dias antes do início da batalha real, então eles usam armas simuladas.

Me levanto. Este é um Sim fragmentado, mas ainda é um Sim. A mensagem do meu pai pode chegar até mim aqui.

Eu fico olhando para a arena. Verdade seja dita, a última coisa que quero fazer é lutar. Depois do bombardeio, depois de testemunhar como é uma luta real, o sangue, os gritos e o terror, a ideia de entrar em uma batalha, mesmo que simulada, me apavora.

Mas que escolha eu tenho? Empurro o medo para algum recesso escuro da minha mente. Para baixo, para baixo, para baixo até que seja apenas um sussurro de pânico.

Enxugando minhas mãos engorduradas no vestido, dou um passo em direção à arena.

Lash se levanta em um piscar de olhos.

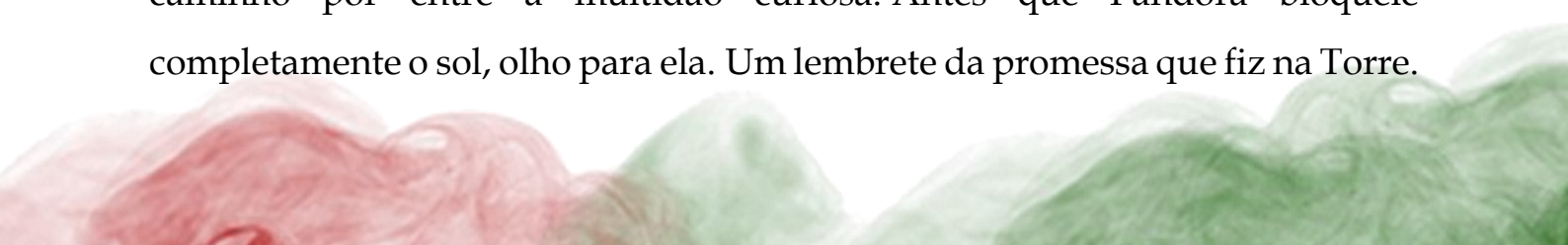
— Não faça isso, amor.

— Por quê? — Desafio. — O que os deuses estão dizendo?

— Oh, eles prometem que sua bochecha vai beijar a areia antes que a sombra apareça.

— Diga aos deuses que eu não respondo a eles.

Teagan chama meu nome, mas o ar já começou a escurecer e eu abro caminho por entre a multidão curiosa. Antes que Pandora bloqueie completamente o sol, olho para ela. Um lembrete da promessa que fiz na Torre.



O que for preciso, tudo o que eu tiver que fazer, vou destruir você.

Este é apenas um passo mais perto desse objetivo, eu prometo a mim mesma, saltando os degraus finais para a arena.

Enquanto minhas botas afundam na areia e todos ficam boquiabertos, não posso deixar de me perguntar se acabei de cometer um grande erro.



CAPÍTULO 13



Os outros olham para mim como se pudessem ouvir meu coração batendo contra minhas costelas. Levantando a bainha do meu vestido idiota, que insiste em serpentear sob minhas botas, sento ao lado de Rhydian.

— Traidores não pertencem à Corte do Sangue. — Ele sussurra com o canto da boca sem tirar os olhos dos outros.

— Eu também senti sua falta... — Suspiro quando um choque irradia por trás dos meus olhos, e fios de eletricidade percorrem meu crânio.

Agarro minhas têmporas. Há algo errado comigo... com minha cabeça. Cerro os dentes e forço minhas mãos de volta ao meu lado.

Não os deixe ver que você está sofrendo... e fraca.

Rhydian olha para trás. — O que? A verdade dói?

— Eu não sou uma traidora, Rhydian. E eu quero meu sensor de volta.

Ele levanta uma sobrancelha. — Agora?

Ele tem razão. Agora não é a hora.

— Não, mais tarde. Mas se você o machucou...

Rhydian me estuda com cuidado, como se eu fosse uma bomba que poderia explodir a qualquer momento, mas recuo alguns passos para alinhar o ombro de Max antes que ele possa responder.

O queixo do meu irmão se projeta para fora e ele fica com aquele olhar teimoso, como quando ele era pequeno e eu mandava ele fazer alguma coisa. Luto contra a vontade de correr um dedo sobre seus cachos pálidos enquanto ele olha para frente, me ignorando.

Bem. Estes são seus amigos. Não posso simplesmente voltar ao mundo dele e exigir que ele desista de tudo por mim, uma suposta traidora.

Lanço um olhar para meu irmão. *Vou ganhar esse amor de volta se tiver que lutar contra cada um desses idiotas Fienianos.*

Um momento está sombrio e pálido, como sussurros do crepúsculo. No próximo, estamos envoltos em trevas. As paredes explodem com tochas em um suave *whoosh*.

Através do ar granulado, eu identifico Max. A longa espada simulada cerrada em seu punho parece tão real que a luz laranja da tocha dança dentro do aço brilhante. Os outros também têm armas.

Mas minhas mãos continuam visivelmente vazias.

— Onde está minha arma? — Assobio para Flame, onde ela e Nicolai nos espiam de seus tronos sombrios.

— Eu disse que você precisava ganhar uma arma. — Ela encolhe os ombros e me lança um sorriso preguiçoso. — Regras são regras, princesa.

Porcaria.

Me viro a tempo de ver a espada muito real de Max arqueando em direção ao meu pescoço.



CAPITULO 14



Eu deito e rolo para evitar a espada de Max. O ar deslocado da lâmina acaricia minha bochecha enquanto a ponta fina passa sobre minha cabeça. A escuridão ao meu redor zumba e geme com o som de aço contra aço e o som de flechas disparando de bestas.

Assim que fico de pé, Max balança novamente, sua espada quase acertando meu lado.

Agora que tive um momento, meu coração encontrou um curso estável e meu corpo responde ao ataque com facilidade.

Ele é implacável, mas também é emocional e desleixado. Alguma parte instintiva de minha irmã mais velha até começa a criticá-lo. Mira alto demais. Agarra muito baixo. A espada precisa ser mais curta para se alinhar à sua altura. Menos peso nos calcanhares. Luta com muito sentimento.

Suas bochechas ficam vermelhas e ele tropeça para frente, bufando.

Por instinto, pego sua mão com a espada, pego o punho de sua espada com a outra e a dobro. A culpa me pica enquanto ele grita e libera seu aperto, seus olhos azul-claros deslizando sobre a arma agora em minha posse.

Pelos deuses, por que não o envergonha na frente dos amigos e vê se ele te ama por isso.

Franzo a testa para uma garota se aproximando de Max por trás. Eu deveria devolver a espada para ele, mas aperto meus dedos sobre o punho de couro úmido de suor. É bom segurá-la.

Muito bom.

Lanço o cabo da espada primeiro nele, mas ele apenas observa a lâmina perfurar o chão a seus pés.

— Pege, Max! — Grito, tentando e falhando para não soar como uma ordem.

Um olhar de aço brilha em seus olhos, o mesmo olhar que eu vi um milhão de vezes antes, quando dei ordens nele, e ele me encara com uma expressão meio traição, meio raiva.

A garota sorri para a cabeça de Max. É a mesma garota de quem ele roubou pão antes, seu cabelo acobreado preso em uma trança apertada.

— Desculpe, Graystone. — Ela murmura enquanto ela mergulha sua espada curta em suas costas.

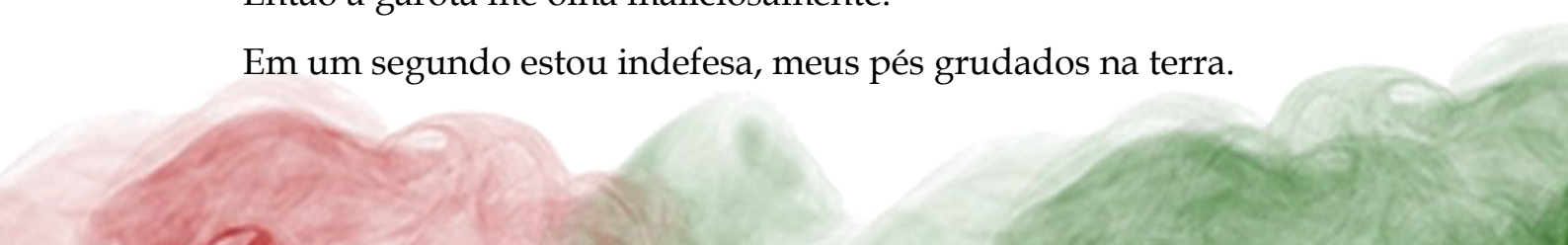
Seus olhos se arregalam de dor. Um grunhido escapa de seus lábios, e ele cambaleia por um momento antes de sair da arena.

Pisco. A espada abandonada de Max grita para ser tomada. Mas tudo que posso ver é Riser enquanto a memória da espada de Caspian revestida de sangue invade minha mente. Os sons daquela noite ecoam dentro do meu crânio, os gritos do bombardeio, o som de cavalos atacando, e minha dor de cabeça volta.

Talvez tenha estado aqui o tempo todo e a adrenalina a mascarou. Quase posso sentir o gosto do sangue no ar quando uma onda de náusea passa por mim.

Então a garota me olha maliciosamente.

Em um segundo estou indefesa, meus pés grudados na terra.



No próximo, a espada está na minha mão e estou balançando-a no pescoço. Seus olhos se arregalam em choque. Ela tenta se esquivar, mas é tarde demais.

A lâmina simulada encontra seu pescoço flexível.

Se fosse uma lâmina real, sua cabeça estaria rolando pela areia.

O pensamento envia um sentimento de euforia caindo sobre mim.

Antes que a garota tenha tempo de se recuperar, estou perseguindo o terreno. Rangendo os dentes contra o latejar dentro do meu crânio, encontro um pedaço vazio de parede para proteger minhas costas e começo a girar para a minha esquerda. Minhas botas agitam a terra solta, minha cabeça girando da esquerda para a direita.

Um estrondo alto estremece a pedra atrás de mim. Me viro e vejo Hugo banhado pela luz laranja do fogo, sua pistola erguida, uma fumaça pálida vazando do cano.

Desgraçado.

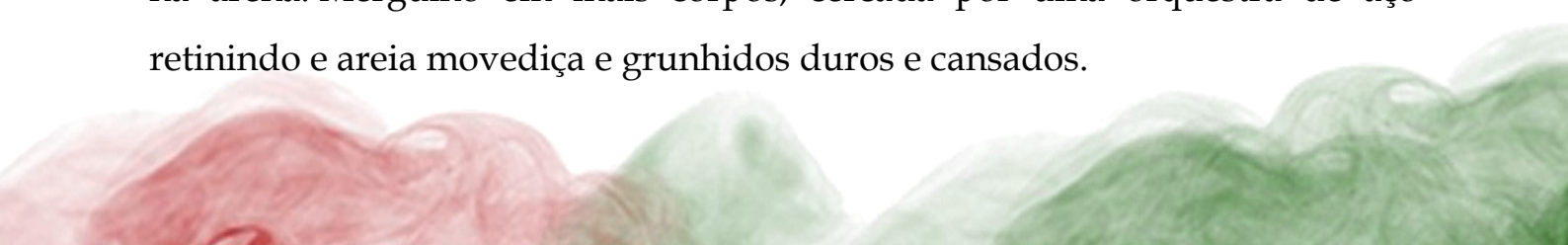
Corro para o corpo a corpo, deslizando por dois lutadores presos juntos em um abraço suado e primitivo. Outro tiro. Um deles grita e me viro para vê-lo agarrando sua perna.

Hugo aponta seu revólver para mim novamente, seus olhos escuros fixos acima dos lábios curvados...

Eu solto e rolo. A areia explode a centímetros do meu rosto, lançando pequenos grãos de estilhaços em minha bochecha e olho. Caio de joelhos, e o fogo corta meu antebraço enquanto outro tiro reverbera contra as paredes.

Quantos são? Quatro?

Ele tem que sair logo. Meu olhar cai sobre os lutadores, a única cobertura na arena. Mergulho em mais corpos, cercada por uma orquestra de aço retinindo e areia movediça e grunhidos duros e cansados.



Vagamente eu registro a pulsação atrás dos meus olhos, a pressão dentro do meu crânio.

Onde está o Hugo?

Um lampejo de prata. Mal pego minha espada antes que a lâmina de uma garota baixa de cabelos escuros morda a minha. O choque atinge meu ombro.

Dor simulada. Mas parece real, e estremeço quando agarro sua bota e a levanto, me levantando junto.

Agora ela está pulando em um pé, tentando arrancar sua bota, e eu corto sua outra perna e passo minha espada em seu coração.

É uma simulação. Mas quando sua boca se abre e seu corpo convulsiona, aperto o punho, a dor na minha cabeça lateja, tenho certeza de que a matei até que ela saia tropeçando da arena.

Onde está Hugo? Onde está Hugo? Onde está Hu...?

Cla-ack. O som envia um dedo de terror pela minha espinha.



CAPITULO 15



Meu coração bate na minha garganta quando me viro para encarar Hugo. Sua respiração passa por mim, sua pele pálida fica vermelha. Ele pressiona o bocal frio contra minha testa. Chamas cintilam em seus olhos pretos. Sob seu colete de couro vermelho, seu peito arfa, uma risada bizarra e excitada separando sua boca.

Apenas um Sim. Apenas um Sim...

Um barulho vibrante divide o ar, forçando meus olhos a fecharem.

Quando os abro, Hugo está de joelhos, seu rosto se contorce em um grunhido de raiva. Rhydian me lança um olhar rápido, a besta que ele segura ainda apontada para as costas de Hugo.

— Inferno Fieniano, isso foi bom. — Diz Rhydian, com um sorriso maior do que jamais me lembrava de vê-lo na Ilha. Ele acena para a pistola ainda apontada para mim. — Pegue. A arma dele é sua por direito.

— Eu pensei que era uma traidora?

Rhydian encolhe os ombros. — A única coisa que odeio mais do que traidores são os Redgraves.

Ignorando Rhydian, Hugo me encara com seu olhar reptiliano. Apontando a pistola para seus pés, ele descarrega a última bala restante na areia.

Então ele oferece para mim, aquela risada horrível e áspera derramando de seus lábios.

Alguns na multidão aplaudem sua decisão, seus aplausos de elogio transformando-se em insultos feios lançados contra mim. Tento reprimir a raiva e a vergonha que suas vozes evocam, mas as provocações só parecem ficar mais altas, a dor esmagadora dentro do meu crânio piorando a cada maldição.

E então localizo Riser perto da parte de trás, batendo espadas com um garoto alto e desengonçado. Cada parte de mim fica imóvel enquanto assisto Riser, cativada. O garoto maior corre para ele com intenção assassina, e um pequeno suspiro escapa dos meus lábios, mas Riser evita, com um sorriso entediado no rosto, e faz o garoto passar.

Dois outros substituem o oponente de Riser. Eles compartilham curvas desajeitadas cortando-o, quase ferindo o outro no processo.

Riser foge com facilidade. Ele é como fumaça, uma sombra escorregadia, movendo-se com uma graça não natural tão rápida que mal posso rastreá-lo. Isso o leva a contar até dez para administrar golpes mortais em seus agressores.

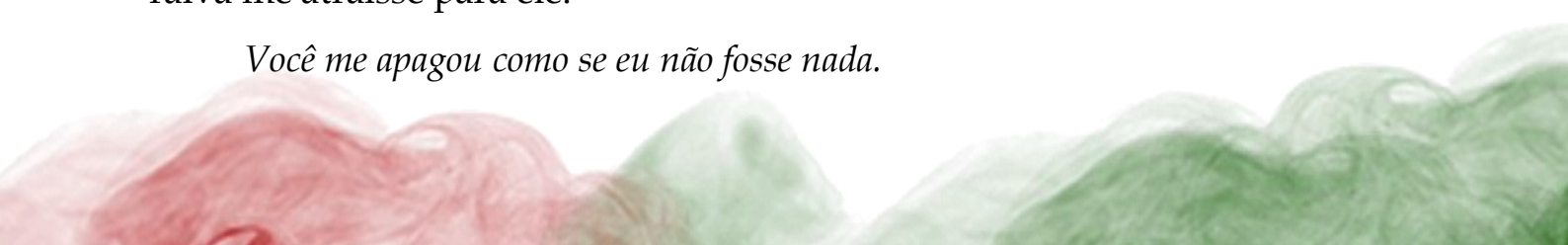
O que eles fizeram com você, Garoto do Fosso? A raiva corre através de mim, aguda e implacável. Você me prometeu que nunca me machucaria... mas você fez.

Como se estivesse me libertando de um transe, ando em direção a ele. Meus pés se movem cada vez mais rápido. Minha respiração estável, a dor na minha cabeça abafada pela minha fúria.

Você me apagou.

Há dez pés entre nós. É como se uma sequência invisível de traição e raiva me atraísse para ele.

Você me apagou como se eu não fosse nada.



Levanto minha espada, minha intenção clara. Riser gira a cabeça para me avaliar, uma leve peculiaridade em seus lábios, seu rosto se iluminando com diversão.

Sim, Garoto do Fosso. Eu sou a garota que jogou um livro em você, e agora eu vou...

O golpe me deixa sem sentido.

Por um segundo, eu fui embora. Desaparecem.

Então vozes arranham minha cabeça.

— *Me ajude!* — Eles imploram. — *Me acorde!*

Estou gemendo. Bochecha pressionada na areia. Cuspo sangue, sangue real e picante. Eu luto para ficar de joelhos. A dor na minha cabeça vira até quase não poder ver. Uma risada cruel vinda de trás penetra em meu crânio.

Lucy Redgrave está com um mangual preparado para me acertar. Arrasto meu antebraço pela boca, deixando uma mancha vermelha de areia pegajosa. Ela deve ter me dado um soco, porque o mangual teria me tirado do jogo, e doído como o inferno, mas não teria quebrado minha pele.

Reunindo minhas forças, eu olho para ela.

Contra a escuridão, o rosto sem sangue de Lucy está pálido e como um espectro.

Grandes olhos negros piscam para mim, seus lábios se curvando em escárnio.

— Ah, é essa a sua cara má?

— Acabe com ela! — Hugo grita de algum lugar acima.

Alguém repete seu apelo sanguinário. Começa a ecoar pela arena.

Acabe com ela! Acabe com ela! Acabe com ela!



Frustração e raiva passam por mim. Procuro na multidão por Max, por Teagan, por um amigo, mas não há nenhum. Apenas rostos odiosos e zombeteiros, vermelhos de tanto cantar pela minha morte simulada.

Lucy ergue o mangual, a bola sádica e pontiaguda presa à extremidade brilhando maliciosamente na luz âmbar das fogueiras. Gritos de excitação ecoam no ar. Uma gota de suor escorre pela minha espinha.

Olho para Riser. Ele está carrancudo, olhando para algo além de mim. Recusando meu olhar.

E então, por uma fração de segundo, seu foco muda para o meu rosto, e eu me lembro de suas palavras do que parece anos atrás: *Lute até seu último suspiro, Garota Cavadora.*

Mas estou cansada de lutar.

Estou cansada de falhar.

É muito. Eu não posso mais fazer isso.

Algo pisca em sua expressão, uma emoção ilegível. Me ancoro em seu olho verde, brilhante mesmo na escuridão.

Eu tenho que estar lá em algum lugar. Enquanto minha imagem corre ao longo de seu nervo óptico para os recessos escuros de seu cérebro, alguma parte dele precisa reconhecer que já estive lá antes. Que ele provou meus lábios e cheirou minha pele. Que seus dedos traçaram ao longo da minha carne.

Tente se lembrar de mim, Garoto do Fosso.

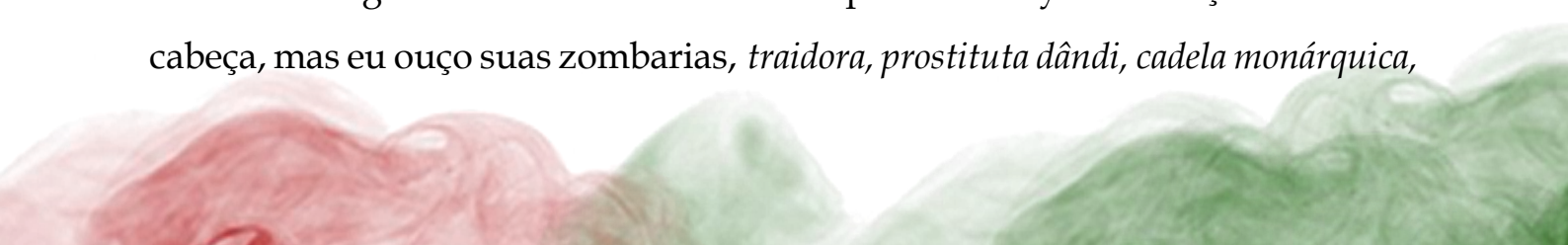
— Riser. — Sussurro.

Tente.

— Riser.

Ele endireita os ombros e desvia o olhar.

O mangual não faz nenhum som quando Lucy o balança na minha cabeça, mas eu ouço suas zombarias, *traidora, prostituta dândi, cadela monárquica,*



e a voz de outra pessoa, alguém bem no fundo da minha cabeça, gritando por
aju...

A dor divide meu crânio.



CAPITULO 16



Eu estou vagamente ciente de ser ajudada a sair do chão da arena. Lash manca para a minha esquerda, seu braço enganchado sob minha axila, e Teagan me estabiliza à minha direita. Saímos por uma porta de ferro que leva a um corredor escuro com uma tocha crepitante. Câmaras se alinham em ambas as paredes, e eu suspiro de alívio enquanto eles me ajudam a entrar em um dos quartos e em uma cama dura.

— Por que diabos Fieniano você gostaria de lutar na Corte de Sangue?

— Teagan rosna.

— Foi uma má ideia. — Admito, esfregando minha cabeça.

Ela arranca a única tocha da parede e a balança sobre meu rosto. A chama pica minhas bochechas machucadas e arranhadas.

— Uma ideia horrível, querida. Mesmo assim, Redgrave foi longe demais.

Lash se ajoelha na minha frente. — Tiros na cabeça devem ser contra as regras. Às vezes, o cérebro não se reinicializa como o resto do corpo após um golpe simulado.

É por isso que eles estão pairando sobre mim.

Afasto a tocha. — Eu já estou quebrada. Há algo errado com a minha... minha cabeça. Eu ouvi vozes durante os poucos segundos em que fiquei inconsciente. Isso é normal para golpes simulados?

Os olhos de Teagan estão tensos enquanto ela estuda meu rosto.

— Não. Poderia ser outra coisa? Talvez algo que a arquiduquesa tenha feito com você quando você estava no Castelo de Laevus?

— Não que eu me lembre... mas também ouvi as vozes, quando ela estava me torturando. Talvez isso tenha me feito, não sei, perder a cabeça?

Lash e Teagan desviam o olhar.

— Eu não dei a ela nada sobre os rebeldes, se é isso que você está se perguntando. — Teagan abre a boca para dizer algo, mas eu a impeço com um aceno de cabeça. — De qualquer forma, isso é passado. Mas essas vozes são tão reais. Será que os Adormecidos ainda carregaram para mim da Ilha?

— Não sou especialista, querida. — Diz Teagan com voz arrastada. — Mas nada sobre todo esse negócio miserável me surpreenderia mais.

— Eles ficam me pedindo para ajudá-los, para acordá-los. — Coço meu nariz. — Meu pai deixou uma carta para mim e disse a mesma coisa, mais ou menos.

Teagan franze os lábios. — Quando você os ouve?

Lash passa um pano na minha bochecha e estremeço.

— Quando estou com dor. Quando estou com medo. Você sabe, basicamente o tempo todo.

— Bem, me parece que se você é mais conectada durante momentos traumáticos, então é quando você provavelmente seria capaz de acordá-los.

— E é isso que eles querem?

— Querida, não tenho ideia sobre isso.

Mordo meu lábio enquanto Teagan e Lash trocam olhares preocupados.



Então ele levanta quatro dedos.

— Quantos dedos, amor?

Suspirando, eu mostro meu dedo médio.

— Não estou imaginando coisas... Bem, além de vozes.

— Fofa. — Ele pressiona minha mão. — Alguma dor?

— O que você é, um curandeiro?

Sua boca se torce em uma carranca. — Deuses, não. Meu pai era... Eu estava treinando antes... bem antes. Para fazê-lo feliz.

Eu não o pressiono. Eu sei quando alguém não quer falar.

— Estou bem. — Digo, passando por ele e me levantando. A areia cai das dobras do meu vestido e cai no chão. — Sabe, apesar de ter milhões de vozes dentro da minha cabeça.

Teagan estende a mão. — Pronta para voltar lá?

Olho para a porta, minhas unhas cavando meias-luas em minhas palmas.

— Eu tenho que enfrentá-los.

A blusa de seda de Teagan farfalha quando ela estende o cotovelo, seu sorriso vermelho como um farol no escuro.

— Vamos enfrentá-los juntas.

Depois de uma pausa relutante, Lash pega meu outro braço.

— Poderia muito bem escoltar uma mulher bonita.

Quando a porta se abre e subimos os degraus de pedra até o estrado, me pergunto por que eles estão declarando solidariedade a mim. Eu. Uma suposta traidora e simpatizante dândi.

Mas por que? Como isso poderia beneficiá-los?

Lanço um olhar para Teagan, sua cabeça erguida no longo pescoço dela, a boca definida em um sorriso firme quando ela encontra os olhos de cada

Fieniano que ousa olhar em nossa direção, de alguma forma conseguindo parecer ao mesmo tempo assassina e régia.

A voz de Merida acende em minha cabeça. *As pessoas vão te surpreender.*

Ficamos atrás de uma fila de rebeldes esperando para saudar o vencedor em seu trono. Teagan ainda segura meu braço. Alguns rebeldes passam e abrem a boca para lançar o que sem dúvida seriam insultos criativos, mas Teagan os silencia com um olhar altivo.

Os Fienianos murcham sob seu olhar âmbar. A maioria é rebelde há apenas algumas semanas, ela teve uma vida inteira para aprender como ser forte, forjada pela discriminação e intolerância. Como uma suspeita de Subversiva, até seus pais a teriam considerado uma abominação.

Talvez seja por isso que ela está me fazendo amizade. Porque ela sabe como é ser uma forasteira, odiada e sozinha.

Ela dá um tapinha no meu braço.

— Novatos. Metade vai mijar na calcinha ao primeiro sinal de uma batalha real.

— Eu não. — Lash diz, estufando o peito.

Teagan levanta uma sobrancelha. — Ah Lash, eles ainda não o liberaram para a batalha...

— Mas eles deveriam. Eu posso lutar, e não vou correr. — Lash se detém na frente de Teagan, tomando cuidado para esconder que manca. — Deixe-me tentar.

Os olhos de Teagan são calorosos, mas seus lábios são firmes.

— Pela centésima vez, Lash, não. Suas habilidades são necessárias em outro lugar...

— Eu sou coxo, você quer dizer. Partido. Sem utilidade.



Seu olhar segue sua forma furtiva enquanto ele caminha até a grade e olha para o mar.

— Se ao menos tivéssemos cem com seu espírito.

— Por que você não pode consertar a perna dele?

— Nem todo mundo consegue lidar com o influxo massivo de nanitos usados durante a reconstrução. Lash tem um tipo de sangue raro que o impede.

— Então ele trabalha no arsenal?

Ela ri, o som masculino e refinado. — Às vezes, quando a enfermaria está lenta, ele pode me ajudar no arsenal.

— E agora ele é minha babá.

Um sorriso irônico encontra seus lábios. — Seguir você é o seu castigo.

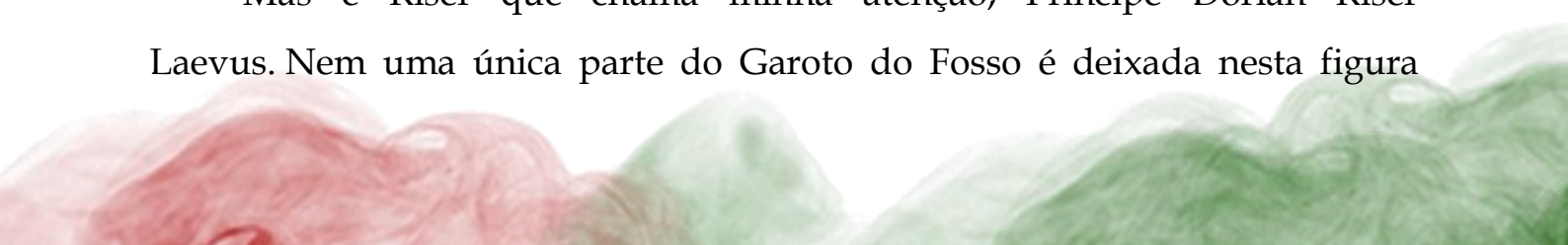
— Por?

— Entrar na Corte de Sangue, novamente, depois de ser ordenado a não fazê-lo, novamente.

Estou prestes a responder quando a fila se move e de repente estou diante de três tronos. Nicolai está sentado à direita, envolto em uma capa e véu de seda de ônix e chamas da cabeça aos pés, os raios do sol nadando ao longo das curvas suaves de sua máscara. Apenas seus olhos espreitam: orbes sem pálpebras, quase sem pigmento, que rastejam sobre minha pele com o escrutínio. Um ventilador prateado zumbe à sua esquerda, cuspidando o ar enevoadado sobre ele.

Flame está enrolada dentro de seu trono, seu manto agrupado ao redor dela como creme. Sob o sol, seus couros vermelhos brilham como madeira polida.

Mas é Riser que chama minha atenção, Príncipe Dorian Riser Laevus. Nem uma única parte do Garoto do Fosso é deixada nesta figura



distante e sombria empoleirada no Trono do Escorpião, as pernas se mexendo, os dedos longos mais uma vez batendo furiosamente nos braços de madeira sob suas palmas, como se ele agitasse com muita energia, uma bomba a segundos de acendendo. O suor escorre de seu cabelo preto como o corvo, metade ainda preso por um laço de couro, a outra livre e selvagem, em seus couros vermelhos.

Ele me observa com um olhar penetrante e ilegível que me faz querer estrangulá-lo com os farrapos do meu vestido.

— Sangue pela liberdade. — Diz Teagan em uma voz clara e forte.

Sigo, tropeçando no lema de Fieniano.

Riser deve responder de volta para que possamos acabar com essa charada tola, mas Nicolai se inclina para frente antes que Garoto do Fosso possa responder.

— Esse é o espírito, Maia. Seu entusiasmo nos oprime.

Ignorando a provocação de Nicolai, mudo meu olhar para Flame e levanto minhas sobrancelhas.

— Acha que posso pegar essa arma agora?

Flame se desenrola, esticando seus braços e pernas. Ao fazer isso, ela lança um olhar furtivo para Teagan, antes de olhar para mim.

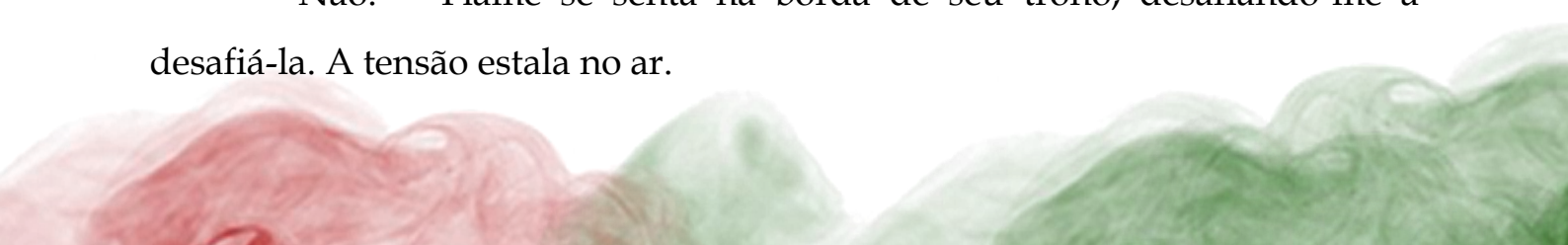
— Normalmente, você levaria qualquer exigência que tivesse ao Chefe dos Recrutas, que por sua vez retransmitiria seu pedido. Mas, como você não sabe nada sobre nossos costumes, darei sua resposta agora.

— Se você apenas...

— Não.

Pisco — Mas...

— Não. — Flame se senta na borda de seu trono, desafiando-me a desafiá-la. A tensão estala no ar.



Você... você... Cavo minhas unhas em minhas palmas e forço uma respiração trêmula em meu corpo trêmulo, segurando-a até que as palavras que quero dizer afundem de volta em meu cérebro.

Uma risadinha vem atrás de mim, quase perdendo minha raiva. Mas eu empurro para baixo, engolindo a emoção como vidro.

Antes de dizer algo do qual me arrependo, Teagan dá um passo à frente. Faço o mesmo, olhando para os meus pés do jeito que Teagan faz, e Riser rapidamente ordena nossa partida com a resposta: — Morte pela honra.

Dou dois passos antes de Riser dizer: — Espere.

Suspirando no meio do caminho, retomo meu lugar na frente dele.

— Por que você entrou na Corte de Sangue? — Seus olhos incompatíveis descascam em mim, afiados e perscrutadores, talhando com suas habilidades misteriosas.

Uma olhada nas sobrancelhas erguidas de Teagan diz que ela também está interessada em minha resposta. Chuto uma pedra invisível aos meus pés.

Se eu olhar para ele, temo que a raiva fermentando dentro de mim será demais para conter.

— Eu estava entediada, seu soberano, ou é meu príncipe? — Lanço um olhar assassino para Flame. — Eu sou nova nesse tipo de coisa.

A linha atrás de mim fica quieta, mas juro que um canto da boca de Riser se contrai no que poderia ser diversão.

— Riser está bem. Agora, de volta à minha pergunta. O que você ganharia entrando? — Ele fica imóvel pela primeira vez, cada parte de seu corpo se acomodando no espaço que ocupa. — Você planejava ganhar e tomar este trono para você?



Meus lábios se abrem. Claro que eles não saberiam o verdadeiro motivo: minha tentativa fracassada de me conectar com meu pai, como fiz na Ilha durante o Sim de Caspian. Sim, falhou.

Esfrego a ponta da minha bota no chão da varanda. Como se eu quisesse algum trono feniano estúpido e desconfortável para gritar ordens e... e...

Comandar. Eu comandaria. E se eu estivesse no comando, teria influência. Influência suficiente para reunir uma pequena tripulação e voltar para a Ilha para encontrar o Mercurian.

— Sim. — Assim que a palavra sai dos meus lábios, meu corpo se ilumina um pouco e a aparência de um plano toma conta.

— Tenha cuidado, garota. — Nicolai ronrona atrás de sua máscara, o timbre estranho de sua Electro-Larynx embotado pelos sons do mar abaixo. — Uma declaração como essa poderia sair bastante... Traidora.

Mas minha atenção está em Riser. Ele reclinou-se nas costas do trono e, embora seja impossível ler seus olhos, ele não está mais sorrindo.

— Boa sorte... Qual é o seu nome novamente?

— Maia Graystone. — Cada sílaba é uma declaração, uma ameaça. — Estou ansiosa para assumir o seu trono, Príncipe.

Lentamente, ele se inclina para frente, apoiando os cotovelos nos joelhos. Uma tira de cabelo quase seca bate em sua testa.

— E estou ansioso para ver você tentar.



CAPITULO 17



Aqui está uma cerimônia ridícula após a vitória de Riser, mas eu não fico para assistir o Garoto do Fosso ser coroado. Três palavras passam pela minha mente: o Trono do Escorpião. Agora que a ideia de assumir o trono passou pela minha cabeça, é tudo em que consigo pensar. Eu só teria que manter a energia por um dia, tempo suficiente para chegar à Ilha.

Depois disso, eu alegremente daria meu comando de volta, ou pelo menos alegremente daria a Riser a chance de retirá-lo. Um sorriso vertiginoso encontra meu rosto, e aceno junto com a diatribe de Lash sobre o café da manhã ser o mesmo lixo de sempre.

Talvez quando eu tiver o trono, eu mude isso também.

Apesar da brisa agradável lá fora, meu quarto está abafado e quente, e não demora muito para uma dor de cabeça afetar meu humor, embora felizmente não haja vozes. Coloquei outro vestido escuro e elaborado com bordado vermelho ao longo do corpete. A curva do decote destina-se a acentuar minhas qualidades, e eu me contorço, enfiando e levantando minha prisão de crinolina e renda que coça sem sucesso. O suor escorre imediatamente pelas minhas costas.

Junto com meu novo desejo de assumir o trono, vem a necessidade urgente de encontrar Brogue. Ele é o único que pode me treinar para vencer Riser e, atualmente, a única pessoa em quem posso confiar.

Mas apenas um punhado de pessoas pode saber onde ele está, e eu já questionei todas elas... exceto Rhydian Pope.

Além disso, preciso pegar Bramble de volta antes que um rebelde decida usá-lo como peças sobressalentes.

Demora quase meia hora para encontrar Rhydian. Ele está treinando do lado de fora, no que antes era provavelmente um belo pátio, mas agora há apenas um pedaço de cascalho cheio de ervas daninhas e musgosas, esculturas quebradas, seus traços quase comidos pelo ar agressivo do oceano.

Assim que Rhydian me vê, ele entrega sua espada para outro Rebelde e corre, ignorando os olhares de desaprovação de seus amigos. Lash, encostado na parede do castelo e apertando os olhos contra o sol da tarde, espera ao fundo.

Antes, poderíamos ter ficado genuinamente felizes em ver o outro. Mas isso foi antes de eu me recusar a executar o príncipe Caspian e Rhydian me levar como prisioneira.

Agora, damos um aperto de mão estranho e tenso que sugere nossa perda compartilhada de Merida e nada mais.

Nenhum de nós ficou melhor nas brincadeiras, então vou direto ao ponto.

— Onde está Brogue?

As sobrancelhas de Rhydian baixam.

— Graystone, eu não acho...

— Sim, eu quero. Eu quero vê-lo. Eu não sou uma criança, eu posso lidar com qualquer confusão em que ele está.



— Deixe ir.

Sugando meu lábio, olho para ele.

— Não. E vou te visitar todos os dias, às vezes três ou quatro vezes, até que você me diga onde ele está. — Olho para seus amigos ainda franzindo a testa para nós. — Mas tenho certeza de que seus novos amigos Fienianos vão ignorar suas associações com uma traidora.

Ele solta um suspiro. — Olha, a última vez que o vi, ele estava perto dos aposentos dos antigos criados.

Os aposentos dos criados? Minha mente corre para lembrar o que Lash disse sobre aquela parte do castelo durante o nosso passeio. Eu só ouvi pela metade, mas me lembro de algo sobre os rebeldes incapazes de trabalhar sendo escondidos lá.

Giro nos calcanhares, pronta para ir naquela direção. Bramble terá que esperar.

— Eu tentei ajudá-lo, Graystone. — Rhydian grita atrás de mim. — Mas ele está muito longe.

Ignoro suas palavras enquanto corro pelos corredores. Brogue é forte. Ele pode ter problemas, mas nenhum tão ruim que esteja além de qualquer ajuda. Estou quase correndo, impulsionada por uma sensação de esperança inchando meu peito e aliviando meus passos.

Brogue vai me ajudar a conseguir uma arma. Ajudar-me a provar minha inocência e vencer a Corte de Sangue.

Desacelero meus pés conforme os corredores se estreitam e escurecem. O cheiro forte de penicos transbordando e corpos sujos sufoca o ar.

A náusea sobe pelo fundo da minha garganta.



Coloco a mão sobre meu nariz e boca, meus olhos lacrimejando. Está escuro aqui, completamente sem janelas, algumas poucas tochas espalhando sombras pelas paredes.

— Deuses lá em cima, este lugar fede. — Murmura Lash, deslizando por trás de mim e quase me causando um ataque cardíaco. — Da próxima vez que você tentar fugir, escolha o refeitório ou algo assim.

Mas eu mal o ouço. Por um momento, estou de volta aos Julgamentos. As paredes apertadas se fechando, os gemidos dos finalistas enchendo o ar. Minha boca fica seca, meu estômago se aperta.

Os Julgamentos acabaram. Mas não importa o quanto eu diga essas palavras, parece que estou lá, prestes a ser esmagada entre aquelas paredes pesadas, e meu coração bate no meu esterno com uma força de sacudir os ossos.

Meu medo muda para raiva quando vejo corpos amontoados nas camas. Algumas pessoas levantam a cabeça para olhar para mim, seus olhos vidrados e sem foco, antes de voltarem para olhar para o nada. Ao virar da esquina, um menino está sentado contra a parede, um sorriso estampado em seu rosto abaixo de olhos cegos.

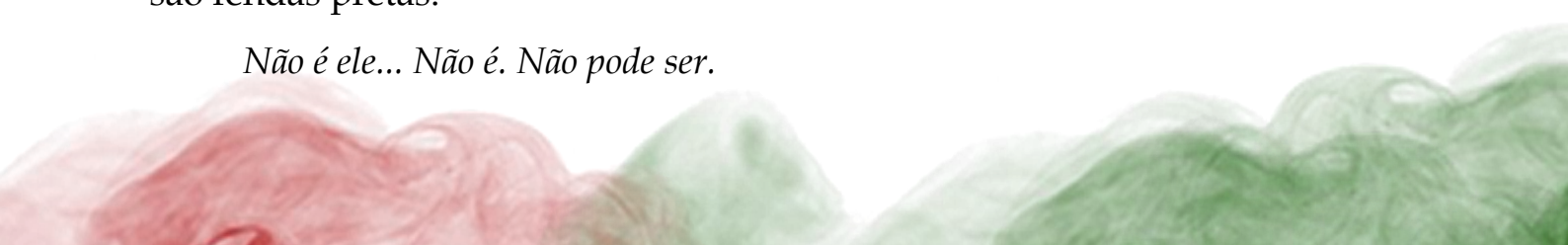
Por que ninguém está ajudando essas pessoas?

— Brogue? — Chamo, a voz falhando enquanto eu procuro pelos quartos.

De jeito nenhum Brogue está aqui. Ele é um Contracionista, com certeza, mas não como esses viciados. Não...

Meu peito aperta. Um homem está estendido no chão, a cabeça tombada para o lado, a barba desgrenhada com crosta de vômito velho e seco. Seus olhos são fendas pretas.

Não é ele... Não é. Não pode ser.



Ele nunca, nunca se deixaria cair tão longe. Meu coração pula uma batida. Há uma tatuagem aparecendo em sua camisa rasgada... um... um laço.

O laço de um carrasco.

— Oh, deuses, não. — Sussurro, caindo de joelhos. Assim que chego perto, engasgo com o odor. — Merc, o que você fez?

Brogue pisca lentamente, seus olhos negros revirando as órbitas.

— Mfth, uh...

— Como você pôde fazer isso? — Imploro, cada palavra um soluço sem lágrimas. — Como você pôde se deixar levar? Você me abandonou! Covarde.

Lash me puxa de volta e fica de pé.

— Amor, calma.

Inferno Fieniano, eu estava batendo nele. A realização me deixa doente. Arrasto meu antebraço em minhas bochechas molhadas, recolhendo minhas lágrimas.

— Você está chorando?

— Não. — Fungo.

— Ah, não faça isso.

— O que? Minhas lágrimas ofendem você, Fieniano?

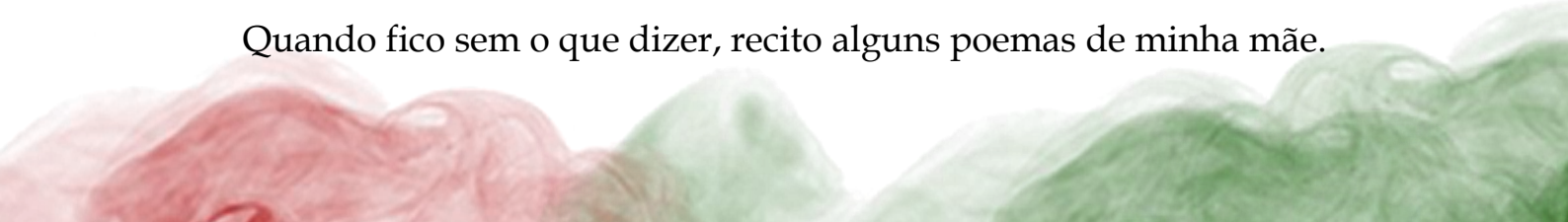
Em vez de responder, ele se inclina, seu rosto enrugado com o cheiro.

— Você vai me ajudar a carregá-lo ou o quê?

Apesar da perna machucada de Lash, ele é forte, e conseguimos mover Brogue dois andares acima para um quarto vazio com um colchão manchado de amarelo. Além de alguns gritos ininteligíveis, Brogue está quieto.

Muito quieto. Assim que seu corpo afunda no colchão, ele começa a ter convulsões. Rolando-o de lado, deito sobre seu peito para impedi-lo de cair no chão e se machucar, sussurro palavras suaves.

Quando fico sem o que dizer, recito alguns poemas de minha mãe.



De repente, ele relaxa com um suspiro. Sua carne está quente, manchada. Lembro-me de ouvir em algum lugar que, quando os Contracionistas começam a ficar febris, isso significa que os nanites já invadiram a parte do cérebro que regula a temperatura.

Isso significa que é tarde demais.

Lash pressiona a mão na testa de Brogue.

— Ele está quente. Precisamos despi-lo para baixar a temperatura.

Lash vasculha uma bacia com água e tiras de pano, e começamos o trabalho. Eu me dou comandos simples. Tire a camisa dele. As calças dele. Enxágue seu braço esquerdo. Agora o direito.

Qualquer coisa que eu puder fazer para não pensar no homem orgulhoso e forte que essa casca de pessoa já foi. No curto espaço de tempo desde a última vez que o vi, ele se tornou impossivelmente magro. Sombras profundas se acumulam em suas clavículas, suas costelas afiadas contra sua pele branca.

A febre cede e Lash me ajuda a encontrar alguns cobertores empoeirados e comidos por traças para cobrir Brogue.

Demora um pouco para Lash me convencer de que não há mais nada a fazer a não ser esperar. Eu não quero deixar Brogue. Eu sinto que o estou abandonando.

Beijo sua testa, está úmida, fria.

— Fique melhor, Merc. — Sussurro. — Isso é uma ordem.



CAPITULO 18



Lash tenta me animar com uma conversa fiada enquanto caminhamos pelo corredor para encontrar Teagan e começar meu trabalho. Embora eu não consiga me livrar da imagem de Brogue deitado meio morto no chão, estou ansiosa para trabalhar, pelo menos para esquecer todo o resto.

— Escutando, amor? — Lash diz enquanto viramos uma esquina.

— Como não posso? — Provoco, agradecida pela distração. — Você não vai parar de falar.

Sorrindo, ele mergulha de volta na conversa. Segundo ele, todos ajudam. Até mesmo os lutadores têm tarefas quando não estão treinando ou saindo do complexo em missões.

— Não há empregados aqui. — Explica ele. — Não há cores. Todos nós exercemos nosso peso.

No entanto, não me sinto assim quando encontro meu primeiro balde de lixo. Amaldiçoo o fedor pútrido que me atinge do outro lado do cômodo, olhando para o monte de túnicas e couros enrolados no chão. Mas a pior parte é que nem consigo a chave. Lash, sim.

Ele ri da porta. — Esse balde não vai se esvaziar, amor.

Gesticulo obscenamente para ele enquanto pego as roupas.

— Quer ajudar?

— Nenhuma chance Fieniana no inferno. — Ele dá uma piscadela preguiçosa na minha direção. — Mesmo se você for bonita.

Ficando o mais longe possível do lixo, pego a alça. O balde bate em minha mão. Engulo o vômito, fazendo uma careta.

— Oh, nojento.

Ainda não decidi se vou roubar a chave de Lash ou apenas pedir a ele. Se eu roubar e ele descobrir, nunca vai confiar em mim. Mas se eu pedir a ele e ele disser não, há uma chance de que ele me denuncie.

Ambos os cenários não são ideais, mas preciso dessa chave. Supondo que destrancasse todas as portas, teria acesso direto à sala de guerra onde avistei o mapa do holograma pela última vez. Tenho que descobrir o que eles estão planejando e o quão perigoso é.

Eu tenho que proteger Max. Eu sei que ele tem idade suficiente para cuidar de si mesmo, mas não posso evitar a sensação de que ele será tirado de mim novamente.

Mais quartos, mais baldes. Às vezes, posso falar com Lash para ajudar, mas principalmente ele apenas observa e faz comentários sarcásticos, a chave confortável no bolso do colete.

O último quarto do corredor está arrumado, pelo menos, e não há lixo para esvaziar. Lash espera no corredor desta vez. Ele não diz por que, mas noto que quanto mais ele fica de pé, mais pronunciado fica seu mancar.

Depois de espalhar a espessa legião de fuligem com um espanador e varrer o chão de pedra gasto, afundo na cama, saboreando o raro momento sozinha.

Mas não é o suficiente. Eu preciso de luz solar. A julgar pelo tom esverdeado da luz que penetra pela janela velada, o jantar deve chegar logo.



Talvez eu tenha tempo de me esgueirar para fora, só por um minuto. Eu preciso sentir a brisa no meu rosto novamente. Sentir o cheiro do oceano.

Minha respiração fica presa, os cabelos do meu pescoço se levantando um por um.

Me viro e vejo Riser sentado na cadeira no canto, mergulhado nas sombras. Minhas botas atingem o chão e eu levanto o espanador, enviando partículas de neve pelo ar.

— Vai jogar isso em mim também? — Riser fala arrastado.

Deslizo meu olhar para cima e para baixo nele, afastando as emoções que vêm rugindo.

— O que você faria se eu fizesse, Príncipe?

Um sorriso perigoso esculpe sua mandíbula.

Levanto uma sobrancelha, tentada. Seu sorriso me provoca, desafiando-me. Mas o espanador é muito leve, não teria muito impacto.

Jogando as penas na cama, pego o item mais próximo em sua mesa de cabeceira e...

De alguma forma, sem parecer se mover, Riser cruzou o chão e tem meu pulso em sua mão. Seu rosto está ilegível enquanto ele arranca o porta-retratos dos meus dedos e o coloca de volta na mesa de cabeceira.

É então que noto a mulher dentro dele, a mesma mulher retratada na pintura da biblioteca.

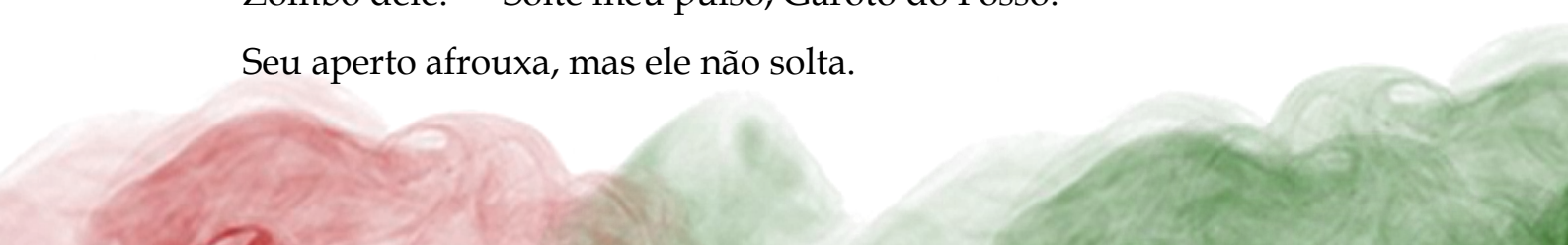
A mãe dele.

Seus olhos estão brilhantes quando me perfuram, seus dedos fortes e quentes ao redor do meu pulso.

— Eu não faria isso se fosse você.

Zombo dele. — Solte meu pulso, Garoto do Fosso.

Seu aperto afrouxa, mas ele não solta.



— Do que você me chamou?

— Tenho certeza de que você foi chamado de coisa pior. — Posso sentir o cheiro dele, seu cheiro de couro e sabão infundido com suor, e eu cerro os dentes com seu prazer familiar.

— Como você sabe sobre o Fosso?

Encolho os ombros, piscando para conter a represa de lágrimas enquanto me lembro de nossa história compartilhada.

— Conhecimento comum.

Seu foco desliza em meus lábios, indo embora antes de descansar lá mais uma vez.

— Não. A prisão, talvez, mas apenas meus amigos sabem sobre o fosso.

Eu costumava ser um desses, antes de você me apagar. Meu coração bate tão forte que balança meu peito.

— Riser, você se lembra de mim?

Sua mandíbula se contrai, a artéria logo abaixo lateja.

— Eu deveria?

Tão perto, posso ver a pele lisa e musculosa sob seu colete, já dourada do sol. Mas sua cicatriz ainda está lá, aquela de que ele me disse que se orgulhava, atingindo o topo da clavícula e caindo abaixo da vista.

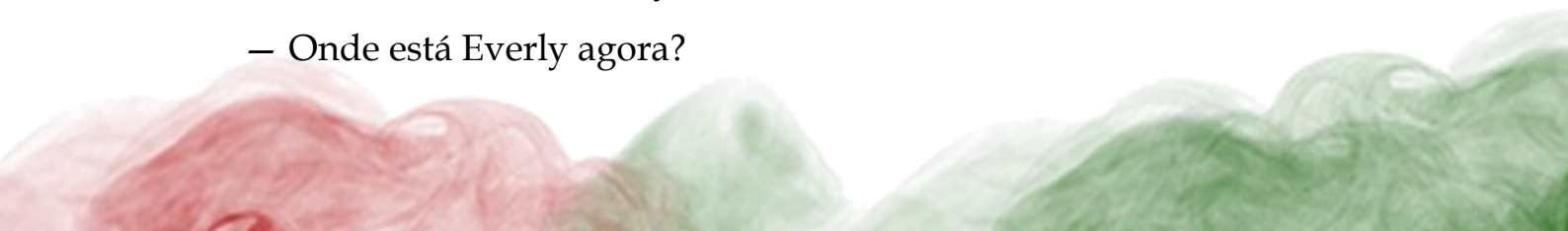
Sem pensar, pego-a com minha mão solta. Um pequeno suspiro escapa dele, e ele vira a cabeça para o lado e observa enquanto eu roço levemente sua clavícula com meu dedo, sua carne estremecendo sob o meu toque.

— Mas não havia uma garota na Ilha? Alguém com quem você se preocupava?

Seu peito arfa sob meus dedos.

— O nome dela era Everly.

— Onde está Everly agora?



Algo dentro dele parece se fechar, a luz dentro de seus olhos escurecendo.

— Morta.

Suas palavras são como uma flecha no coração. Paro meu dedo sobre o monte liso e firme de seu músculo peitoral.

Eu poderia tentar dizer a ele quem eu sou, o que aconteceu, o que ele os deixou fazer com ele. Mas não importaria. Tudo o que ele sabe sobre mim agora é que sou uma suspeita traidora, com o hábito de atirar coisas nele.

Não seria como antes, o que quer que tivéssemos, essa conexão, esse vínculo, acabou.

E foi sua escolha apaga-lo. *Sua escolha*. Eu tenho que me lembrar disso.

É assim que ele quer.

Impulsionada pela fúria e tristeza, eu saio na ponta dos pés e encontro sua boca, capturando seu lábio entre meus dentes, minha língua passando rapidamente sobre a dele.

Há um sibilo suave quando ele inala, e então eu mordo, com força, torcendo meu pulso de seu aperto enquanto o cheiro de sangue enche minha boca.

Me afasto dele e vou para o corredor, deixando todas as minhas coisas. Lash quase colide comigo na porta, seu olhar indo de mim para o príncipe.

Olho por cima do ombro. — Não se acostume muito com o trono, Garoto do Fosso.

Para minha alegria, seus olhos estão arregalados e ele passa as costas da mão pelo lábio ensanguentado.

Em seguida, seu lábio ferido se curva em um sorriso maroto.



— Se você planeja vencer dessa forma, Graystone, estou muito ansioso para amanhã.

Franzo a testa, a porta fechando antes que eu possa gritar qualquer insulto de volta para ele.

O olhar de Lash desliza do sangue em meu lábio para a porta fechada.

— Devo ir resolvê-lo?

Suspiro. — Não estou escolhendo ninguém hoje, Lash. Além disso, é o sangue do príncipe, não meu.

O foco de Lash volta para a minha boca, agora aberta em um sorriso bobo.

— Você está chateada ou feliz? Não sei dizer.

Encolho os ombros. — Ambos.



CAPITULO 19



A oportunidade de roubar a chave surge alguns quartos depois, quando Lash a tira de seu pescoço, mexe na corrente e, em seguida, joga a chave no bolso, tornando muito mais fácil roubá-la sem ser detectada. Pisco, desviando o olhar antes que ele perceba minha atenção.

O tempo é curto. Eu preciso fazer isso agora. Ainda assim, eu hesito. Lash cresceu em mim. Sua crença boba nos deuses, sua disposição de ser legal comigo, apesar de sua quase certeza de que sou uma traidora.

Eu não quero machucá-lo.

Você tem que descobrir o que eles estão planejando. Este é o único caminho. Faça isso por Max.

Minha língua parece papelão mole quando coloco minhas coisas no chão e me aproximo de Lash. Suas sobrancelhas levantam em surpresa e eu hesito.

Meu plano improvisado, flertar como uma distração, de repente parece cruel, então mudo de tática e tropeço nele, deslizando minha mão em seu bolso e agarrando a chave.

— Uau, amor. — Ele me firma com as mãos. — Se você quiser sentir meu peito viril, é só dizer.

Apesar da piada, há algo em seu rosto que não consigo definir, seus lábios puxaram para baixo em uma carranca estranha, como se ele soubesse que peguei a chave.

Pare de ser paranoica.

Forço uma risada vazia.

— Desculpe. Fiquei um pouco tonta. Acho que ainda não estou certa depois do Corte de Sangue.

— Vá. — Ele sussurra em uma voz conspiratória. — Deite-se um pouco. Não vou contar a ninguém.

Sua bondade me mata, mas não o suficiente para me fazer devolver a chave. Posso devolver para ele sem que ele perceba?

De alguma forma, isso parece tão desonesto quanto roubá-la em primeiro lugar.

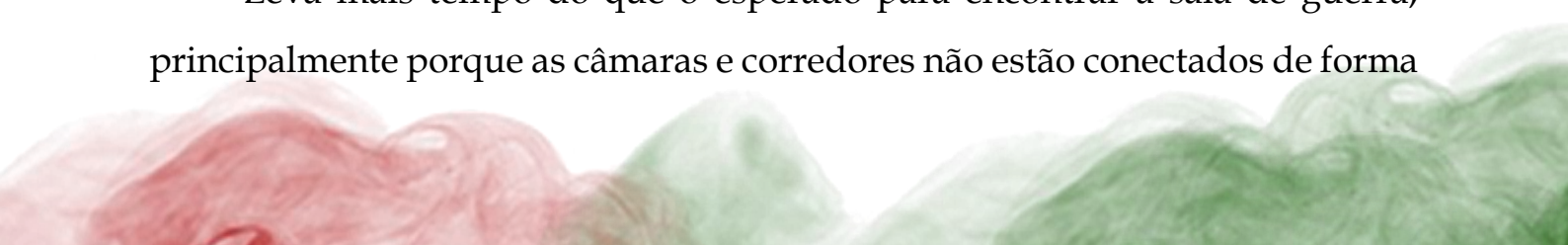
Meus nervos me fizeram correr pelos corredores, e ignorando a forma como o olhar de Lash me seguiu pelo corredor. De jeito nenhum ele sabe. Minha mão era lisa como vidro.

Um pouco irônico, na verdade, considerando que eu costumava ser horrível em furtar carteiras.

O som da minha respiração pesada enche o ar. *Desacelere.* É difícil o suficiente ficar imperceptível com o vestido estúpido emaranhado em volta dos meus tornozelos. Mas mesmo depois de me forçar a andar, sinto como se todos os rebeldes pelos quais passasse soubessem que estou prestes a entrar na sala do conselho.

Abaixo minha cabeça, estudando as rosas escarlates desbotadas no tapete fino e preto.

Leva mais tempo do que o esperado para encontrar a sala de guerra, principalmente porque as câmaras e corredores não estão conectados de forma



racional, mas sim remendados, como se vários planos arquitetônicos diferentes estivessem emendados em um labirinto complexo e sem sentido. Mas os painéis da parede e cortinas escuras parecem familiares e, finalmente, a pesada porta de carvalho aparece.

Assim que pego a chave, as palmas das mãos suadas e trêmulas, um som me faz virar.

Teagan está em um canto, os braços cruzados. Ela tem uma expressão desapontada.

- Lash acabou de perder dez denaris.
- Eu não sei...
- Pare. Você está presa. Não torne isso estranho.
- Este foi um... uma armadilha?
- Mais como um teste.

E eu simplesmente fui reprovada.

Soltando uma respiração profunda, retiro a chave, sentindo-me como uma criança pega roubando um doce.

- Aqui.

Teagan cruza o chão, tira a chave da minha mão e enfia o resto do meu plano em seu bolso.

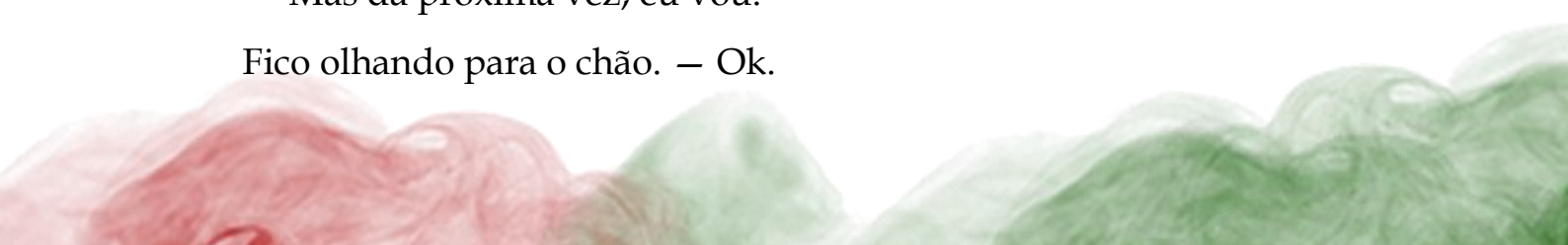
- Obrigada.
- E agora?

Teagan pisca para mim. — O que? Se vou entregar você?

Concordo.

- Não.
- Obrigada.
- Mas da próxima vez, eu vou.

Fico olhando para o chão. — Ok.



— Olha, querida, eu sei que você não é uma traidora, mas os outros não. Eles estão procurando por qualquer motivo para condená-la, e você continua tentando o seu melhor para dar a eles.

Mudando de posição, eu olho para a porta.

— Você sabe o que eles estão planejando?

— Por que você está tão interessada nos planos rebeldes?

— Eu-eu não estou. — Balanço minha cabeça para dar ênfase.

— Hm. Ok. — Ela lança um olhar duvidoso para a sala de guerra que eu tentei entrar e depois de volta para mim. — Você não tem um pouco de limpeza para terminar?

Fim de discussão. *Ótimo.*

Girando nos calcanhares, marcho pelo corredor, enrolando o labirinto de volta para o último quarto que limpei. Lash espera por mim com um olhar magoado e um balde muito cheio.

Sem dizer uma palavra, ele empurra a coisa nojenta para mim e depois sai tempestuosamente para esperar, de braços cruzados, perto da porta.

Jogo minha frustração em terminar o último conjunto de quartos. Quando eles estão impecavelmente limpos, Lash permite-me para visitar o banheiro para remover a sujeira do dia. Ele até sorri para mim, um sorriso de mártir, mas vou aceitar.

É um lembrete, no entanto. Eu tenho que ser mais cuidadosa. Com tanto em jogo, não posso me dar ao luxo de bagunçar assim de novo.

E não posso alienar as poucas pessoas que não me odeiam.



CAPITULO 20



Teagan parece espetacular em uma túnica verde-esmeralda e calças de couro preto amarradas nas pernas com uma fita verde. Como a maioria das outras, pulseiras de couro preto adornam seus braços, decoradas com a mesma fita verde. Ela se reclina na cama, revelando seu longo corpo. Estivemos discutindo a próxima cerimônia e fingindo que não apenas tentei invadir a sala de guerra.

— Mas estou cansada de marcas e juramentos e pessoas bagunçando minha cabeça, Aster. — Percebo que acabei de chamar Teagan pelo sobrenome, como os outros fienianos fazem com aqueles que não adotaram um nome fieniano.

Eu me pergunto se eventualmente terei que fazer isso também.

Seus longos dedos tremulam sobre a nova marca de Fieniana em seu pescoço, traçando ao longo do escorpião vermelho-rubi entrelaçado com sua velha fênix de bronze.

— Estamos todos cansados de alguma coisa, querida. Eu, pelo menos, estou cansada da desculpa esfarrapada da cozinha para comer e mijar em um balde. — Ela lança seu olhar âmbar para mim. — Mas eu ainda como e ainda preciso fazer xixi.

— Então você está dizendo que eu não tenho escolha?

Lábios vermelhos formam um sorriso feroz sobre os dentes brancos como a neve.

— A questão não é se você pode escolher. É o que acontece quando você faz?

Eu tremo. Não há dúvida do que acontecerá se eu recusar o juramento dos Fienianos. Se eu não me tornar uma rebelde publicamente, eles não confiarão em mim. Sem confiança, sou inútil.

E sem utilidade, eles vão se livrar de mim em vez de me deixar livre para falar.

Mas já sacrifiquei quase tudo por eles e não estou pronta para dar o pouco que me resta.

— Então, como você, Teagan Aster III, se tornou uma rebelde Fieniana? Algo sombrio pisca em seu rosto.

— Não vou te aborrecer com essa história. Vamos, estou morrendo de fome. Vamos engolir um pouco de sujeira de Fieniano.

Lash nos encontra na escada, seu cabelo penteado pela primeira vez, puxado para trás em um nó. Um brinco dourado de escorpião desce em sua orelha direita.

Sua túnica branca se abre no topo, revelando um peito forte e musculoso. Botas pretas altas brilham com adagas.

Teagan assobia. — Bem, você não é um dândi, Lash. Esqueceu sua bolsa? Sorrindo, ele puxa a fita vermelha que amarra seu colete.

— Sim, amor. Deixei com sua namorada na minha cama.

Fico tensa, esperando que Teagan morda de volta, mas ela ri.

— Ela ficará desapontada quando descobrir que você está com as peças erradas.

Lash passa um dedo sobre os lábios.



— Ainda mais bonita do que você, Aster.

Bufo. — Desde quando os fienianos se preocupam com moda?

Lash cruza os braços sobre o peito, recusando meu olhar. Ele ainda não me perdoou.

— Querida. — Diz Teagan enquanto passa o braço esguio sobre meus ombros. — Você tem muito a aprender.

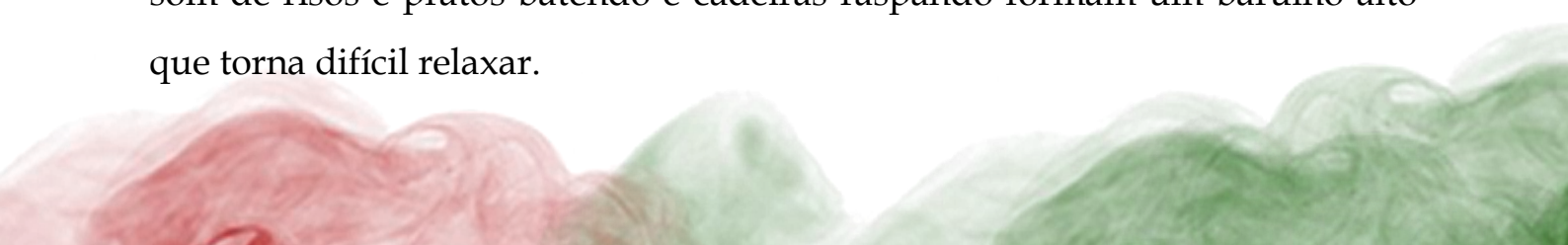
Ela está certa. Ao longo do caminho para o Grande Salão, passamos por rebeldes vestidos com todos os tipos de couro, seus corpos brilhando da cabeça aos pés com armas de todo tipo. Pulseiras de ferro ornamentadas adornam seus pulsos, correntes de braço deslumbrantes tilintam e brilham em seus braços nus e tatuagens festivas e vermelho-metálico ziguezagueiam sobre sua carne exposta.

Depois de viver a maior parte da minha vida em torno de tecidos opacos e, em seguida, estar imersa em um mundo estritamente colorido de anáguas e espartilhos, a exibição é como uma explosão brilhante, raivosa e caótica de metais e todos os tons de vermelho imagináveis.

Então, há eu, com minha saia larga e pesada e minha blusa com espartilho que coça. Eu não poderia me destacar mais se tentasse.

Para ter alguma chance de ganhar o Trono do Escorpião e ganhar a confiança de outros, vou precisar de roupas que eu possa usar e que não me façam parecer uma Monarquista.

Uma lareira ferve dentro do Salão Principal, lançando uma parede invisível de calor quando entramos. Sinto o olhar de Riser de seu lugar na mesa principal perto dos fundos, mas finjo não o notar enquanto examino o salão. As duas mesas do almoço tornaram-se vinte mesas em quatro filas de cinco. O som de risos e pratos batendo e cadeiras raspando formam um barulho alto que torna difícil relaxar.



Os poucos rebeldes com os quais faço contato visual ou fazem cara feia ou imediatamente desviam o olhar. Enquanto o sussurro *traidora* me segue, eu me pergunto quantas vezes terei que provar meu valor antes que os outros me aceitem.

Entrar na Corte de Sangue obviamente não foi suficiente, com sorte, ganhá-la e assumir o trono será.

O olhar ardente de Riser atrai meu foco para ele, e eu ignoro a faísca entre nós quando nossos olhos se encontram.

Em vez de desviar o olhar, ele continua a me olhar, olhando-me com interesse profundo e descarado, como um animal que ele ainda não classificou como predador ou presa.

Lanço uma piscadela preguiçosa para ele.

Um sorriso lento pisca em seu rosto.

Espere até amanhã, príncipe, penso, ocupando um lugar na mesa dos fundos.

Assim que nos acomodamos, procuro por Max. As mesas mais próximas da lareira estão cheias de lutadores. Eles se aglomeram ao redor da comida, cantando e batendo nas costas uns dos outros.

Cabelo dourado claro chama minha atenção, e vejo Max empoleirado em uma mesa em uma perna, uma caneca de vidro equilibrada em sua cabeça, derramando um líquido âmbar em seus amigos ao seu redor. Assim como quando éramos pequenos, Max é o centro das atenções.

A garota ruiva da arena grita apostas, enquanto alguns dos meninos ao redor dela jogam biscoitos em Max, gritando enquanto mais cerveja derrama sobre a mesa. A parte irmã mais velha de mim quer marchar até lá, puxar Max para baixo e repreendê-lo por seus maus modos à mesa.



Mas a parte covarde de mim quer cuidar dele. Mergulha-lo em tudo. Vivo. Vibrante. Corado com a juventude. Ele está estendendo os braços agora. Cantando uma música que não consigo ouvir.

Meu coração incha. Ele se parece tanto com meu pai, a forma como seu queixo faz covinha quando ele ri e seus olhos enrugam nos cantos.

Observando-o, um buraco agri-doce de arrependimento se abre dentro de mim. Eu posso ter sido sua irmã uma vez, mas agora essas pessoas me substituíram, e não tenho ideia de onde me encaixo na equação.

A caneca de vidro tomba da cabeça de Max e se espatifa no chão, encharcando todos ao seu redor em álcool e provocando uma ovação coletiva de seus amigos.

Afasto meu olhar, focando em minhas unhas, o grão da mesa de madeira, qualquer coisa, menos o estranho que já foi meu irmão mais novo.

O clamor ao meu redor fica mais alto, e eu franzo a testa para os gritos e risos grosseiros dos rebeldes, desejando paz e silêncio. Os outros devem estar acostumados ao barulho, porque conversam e brincam entre mordidas fumegantes, enquanto atrás deles voam maldições em um jogo de dados.

Boas maneiras e decoro não pertencem a este salão dos rebeldes. Assim como eu não pertenço. Não aqui... talvez não em qualquer lugar.

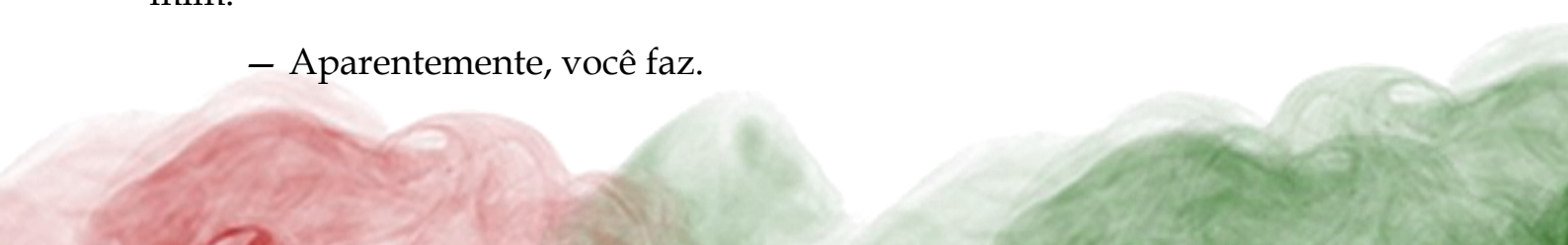
Para me animar, eu assisto Lash e Teagan discutindo por causa de uma garota de cabelos sedosos de milho perto do meio que fica olhando para nós.

— Ela não está olhando para você, Aster. — Diz Lash, lançando um sorriso malicioso que poderia derreter um iceberg na pobre garota.

— Deuses te disseram isso? — Teagan ronrona.

— Oh, eu não preciso que os deuses digam quando uma garota gosta de mim.

— Aparentemente, você faz.



— Resolva isso, Graystone. — Diz Teagan, virando-se para mim enquanto pisca. — Para quem ela está olhando?

Estou a segundos de contar uma piada quando... oh. Ela está me dando uma chance de fazer as pazes com Lash. Chupando meu lábio, eu olho para a garota.

— Hmm. Ela é linda.

— Ela é, querida. — Ronrona Teagan.

Lash olha furioso para sua tigela de água suja.

— Eu teria que dizer...

Lash olha para mim.

Me inclino e beijo sua bochecha, implorando por perdão com um olhar.

— Ela tem que estar olhando para Lash. Quero dizer... — Corro meus dedos por seus cabelos. — Olhe para esta bela juba da cor de, erm, ferrugem.

Teagan gargalha. — Flertando muito, querida?

— Não. — Lash balança a cabeça. — Não pode me reconquistar com alguns elogios, Graystone, mesmo que sejam verdadeiros.

— Não?

— Não.

Mas ele está sorrindo agora, e eu sei que pelo menos abri o degelo em torno de seu coração.

Estou prestes a me levantar e sair quando um ruído crepitante me faz parar. Uma tela rachada ganha vida no teto alto acima de nós. A imagem pisca e sibila, lentamente se solidificando em um rosto que conheço muito bem.

O Imperador.



CAPITULO 21



O imperador está sentado em um trono de ouro ornamentado, seus lábios finos torcidos em um sorriso de escárnio cruel, seus olhos quase sem pigmentação perfurando a tela e perfurando diretamente minha alma. Tento acalmar meu coração acelerado enquanto vejo a parede de profundo azul-escuro atrás dele, repleta de estrelas cortadas em vidro.

Hyperion. Ele está em Hyperion.

— Vários dias atrás, a horda de Fienianos atacou o palácio. — Sua voz explode no refeitório, forçando cada rebelde a assistir. — Terroristas decididos a destruir, mesmo em uma época como esta.

A tela corta para um caixão dourado, sua superfície lisa de metal brilhando como se estivesse em chamas. Rosas branco-claras adornam o topo, roçando os ombros dos carregadores do caixão. Minha garganta aperta com a visão de Caspian na frente, parecendo elegante em todas as roupas pretas com detalhes dourados, seu rosto sombrio e tenso. O vento açoita seu cabelo e roupas.

Princesa Ophelia descansa dentro do caixão. Estou surpresa que o imperador não esteja com a tampa aberta para que o mundo possa ser lembrado de sua inocência, sua beleza etérea.

Então, novamente, talvez ele esteja com medo agora que o hematoma de suas mãos em seu pescoço apareça, sussurros sombrios do segredo assassino do imperador.

Algo me faz olhar para Teagan. Seu rosto está congelado em uma máscara dura, mas seu queixo treme, sua mão pressionando contra o estômago.

Talvez ela e O fossem mais amigas do que eu imaginava?

Todo o corredor está preso à tela. Eles sabiam que a princesa O era um deles? Eles também choraram por ela?

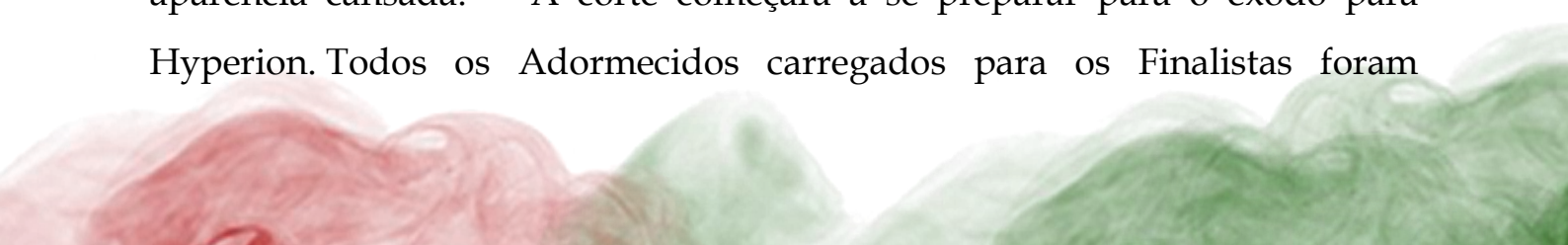
Alguém grita na tela e o barulho corta o ar como uma lâmina.

A rocha cinza-aço tem como pano de fundo os enlutados enquanto seguem o caixão até a entrada de uma caverna. A neve reflete os raios do sol em seus pés. Ao longe, o palácio aparece, do tamanho de uma cereja. Eles devem estar em algum lugar no alto das cordilheiras da Montanha de Marfim que sombreia o vale onde o primeiro Julgamento das Sombras foi realizado.

— Dei a cada cidadão uma chance na vida. — Continua o imperador. — Eu permiti que vocês entrassem em minha casa, dei paz a seus filhos e é assim que vocês me retribuem. Com o assassinato selvagem e brutal de minha filha.

Um arrepio passa por mim quando outra figura entra na tela. Minha mãe. Pisco para afastar as lágrimas que surgem espontaneamente e borram sua figura manhosa. Suas feições se tornaram nítidas, seu cabelo castanho monótono e quebradiço, as cavidades ao redor dos olhos profundas e cheias de sombras.

— Com muito pesar, devo informar que os Julgamentos das Sombras foram cancelados. — Minha mãe diz em uma voz forte que contradiz sua aparência cansada. — A corte começará a se preparar para o êxodo para Hyperion. Todos os Adormecidos carregados para os Finalistas foram



transferidos para os Escolhidos. — Ela hesita por um momento, seu olhar caindo em seu colo. Um músculo salta abaixo da pele rígida de sua mandíbula antes de ela se dirigir à tela novamente. — Por causa de alguns covardes escória de Fienianos, todos os Finalistas dos Julgamentos serão enforcados pelo pescoço até a morte, junto com seus assistentes e quaisquer outros Bronzes na Ilha não originalmente escalados para Hyperion. Considerem isso uma misericórdia. — Ela coloca a mão sobre o coração, os dedos juntos e, em seguida, estala a mão. — Todos saúdem o imperador.

O salão irrompe em um rugido de raiva. As cadeiras se arrastam enquanto todos se levantam, alguns pulando nas mesas e jogando o que quer que esteja à mão na tela. Taças e pratos de metal navegam pelo ar, derramando líquido e respingos ao perfurar a tela, interrompendo momentaneamente as imagens e o inevitável.

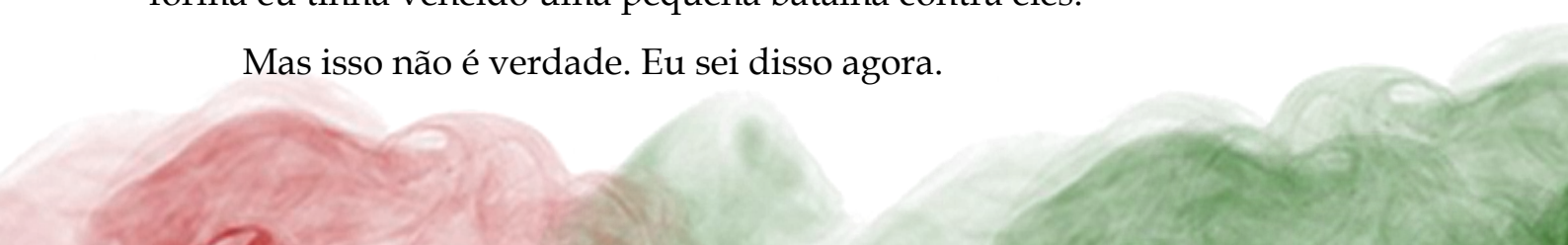
O barulho se acalma depois de um minuto. Alguns dos rebeldes soluçam enquanto os finalistas marcham para o andaime de madeira perto das cerejeiras. Apenas dez podem travar de cada vez.

Eu luto contra as lágrimas. Os que estão na fila serão forçados a assistir enquanto seus amigos morrem, forçados a testemunhar o horror que estão prestes a experimentar.

Os rebeldes saem do refeitório, ombros caídos e bochechas molhadas de lágrimas. Teagan bate no meu ombro em um apelo silencioso para que eu saia também, mas eu balanço a cabeça.

Uma vez pensei que poderia desviar o olhar dos horrores do império. Que de alguma forma, se eu não visse as atrocidades que eles cometeram, se eu não experimentasse o horror e a náusea de assistir, de alguma forma eu tinha vencido uma pequena batalha contra eles.

Mas isso não é verdade. Eu sei disso agora.



Flame dá a volta na mesa, seguida por Riser. Ambos usam expressões vazias que refletem a minha.

Ela olha para a tela antes de lançar seu olhar zangado para mim.

— Eles transmitem isso a cada poucas horas. Eles estavam executando traidores, mas acho que depois que você saiu, eles ficaram sem eles.

Seus passos ecoam pela pedra. A vejo chegar à porta antes que uma voz familiar goteje da tela e envolva meus dedos frios em volta do meu coração.

Flame estremece quando ela para, apenas por um momento, longo o suficiente para me dizer que ela reconheceu a voz também.

Mas ela desliza para fora da porta em arco e eu arrasto minha atenção de volta para a tela, encolhendo-me com o que sei que verei.

O melhor amigo de Flame, Cage, está pálido e magro, com uma crosta de sangue em sua túnica. Um monte preto e inchado forma seu olho esquerdo, hematomas azul-arroxeados se espalhando por ambas as bochechas. Seus lábios estão ensanguentados até a polpa.

— Por favor. — Ele sussurra. — Não mais.

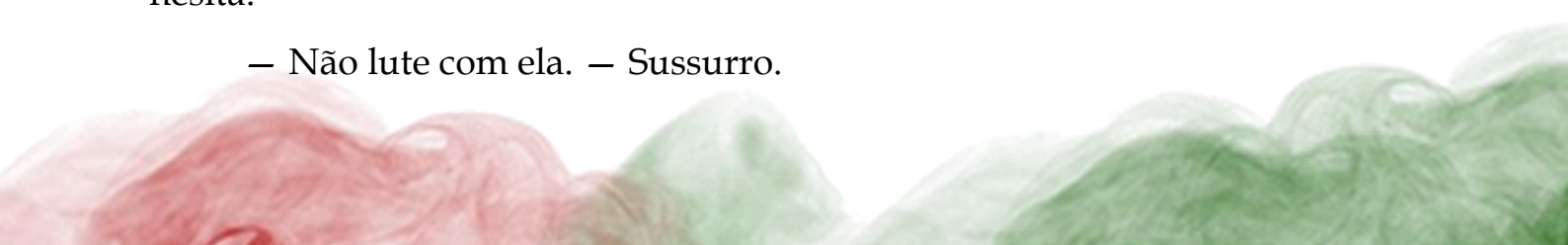
Suspiro quando a arquiduquesa para atrás dele no andaime. Mesmo sem vê-la, ele deve saber que ela está lá porque ele começa a tremer, seus dedos quebrados e inchados se contraindo ao lado do corpo. Ele encara os próprios pés, e mesmo quando a arquiduquesa o cutuca com o alfinete de chapéu e ele é forçado a caminhar até a alavanca que derrubará os alçapões aos pés dos finalistas, ele se recusa a olhar para cima.

Era para ser eu.

— Faça isso, verme! — Ordena a Arquiduquesa.

Ainda assim, Cage hesita. Todo o seu corpo se agita de medo, mas ele hesita.

— Não lute com ela. — Sussurro.



Um gemido selvagem escapa de seus lábios enquanto a arquiduquesa pressiona a ponta do alfinete em sua carne, com os olhos febris e brilhantes.

— Faça! — Ela diz.

Sua mão treme na alavanca. Os finalistas olham em frente. Eles já aceitaram seu destino.

Ela sussurra algo em seu ouvido. Eu sei que ela está ameaçando machucá-lo.

Cage pisca, olha para cima e pressiona a alavanca. Os alçapões se abrem com um alto, horrível *clack*, e os finalistas caem.

Eu os vejo se mexer e cair antes que o horror de tudo isso me faça virar as costas.

Algo dentro de mim se abre. Quantas vezes Cage teve que fazer isso? Quantas vezes ele foi forçado a puxar a alavanca e executar pessoas inocentes?

Isso poderia ter sido eu.

— Eu fico e assisto também. — Riser diz em uma voz dura e sem emoção.

Mas por baixo da frieza, há um fio de tristeza. Um fio que, se eu decidir puxar, pode desfazer completamente sua fachada.

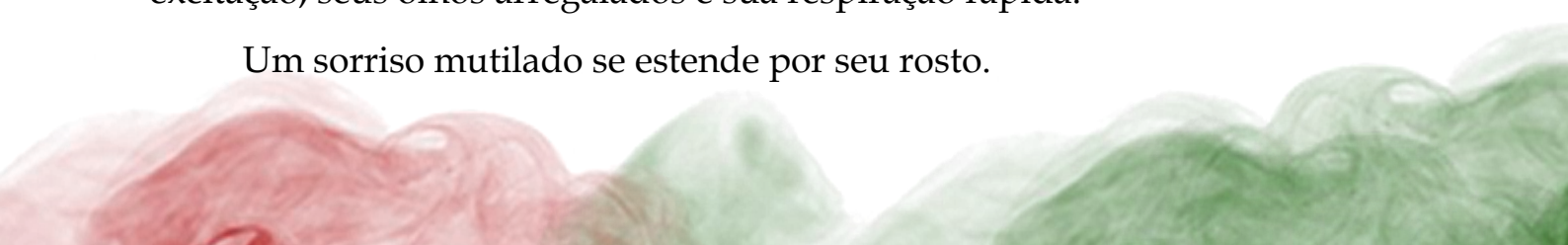
— Por quê?

— Para me lembrar que nossas ações têm consequências. E porque é uma prática para quando os pesadelos vierem. — Ele se vira para sair, olhando para mim. — Eu também não olho para longe deles.

Algo atrai minha atenção de volta para a tela.

A arquiduquesa preenche a maior parte, tão perto que quase posso ver os poros estragando sua pele branca. Suas bochechas estão vermelhas de excitação, seus olhos arregalados e sua respiração rápida.

Um sorriso mutilado se estende por seu rosto.



— Eu vou encontrar você, verme. Não há nenhum lugar onde você possa se esconder, nenhuma cabana para onde possa desaparecer. Eu vou te encontrar.

Paro de respirar quando ela de repente inclina a cabeça, suas pupilas aumentando, seu foco intenso direcionado para mim.

— Maia das estrelas...

Mesmo sabendo que ela não pode me ver, mesmo sabendo que é um estratagema para instilar medo, eu fujo, meu coração batendo tão forte que meu corpo inteiro pulsa a cada batida.

Ela não pode me ver. Ela não pode me encontrar. E ainda, eu sei no fundo que ela vai conseguir, e quando eu finalmente me acalmo o suficiente para respirar fundo, estou enrolada em cima da minha cama.

Caio em um sono de pesadelo cheio de vozes implorando para salvá-las. No entanto, mesmo em meu pesadelo, sei o quão absurda é a ideia de que eu posso me salvar, quanto mais milhões de pessoas, e imploro para que encontrem outra pessoa, alguém mais forte para ajudá-los até que eu acordo enrolada em minhas cobertas e encharcada em suor.



CAPITULO 22



Mal saí da cama antes de Lash bater na minha porta.

Abro a porta e olho turvamente para ele.

— O que você quer?

Ele gira sobre os calcanhares.

— Me siga.

— Onde estamos indo? — Chamo enquanto saio do meu quarto, correndo meus dedos pelo meu cabelo encharcado de suor.

— Nicolai exige uma palavra. — A voz de Lash treme com uma mistura de medo e respeito.

Uma dor de cabeça latejante divide meu crânio, e percebo que estou rangendo os dentes com tanta força que os músculos da mandíbula começam a ter espasmos. Nicolai tem esse efeito em mim.

Ainda assim, preciso falar com ele sobre como recuperar o Mercurian. Se houver uma pequena chance de que seja real, como ele pode não querer encontrá-lo?

Embora suponha que a verdadeira questão seja se eu confiarei a Nicolai o dispositivo de meu pai se o encontrarmos.

Não, absolutamente não. Mas neste ponto não tenho escolha.

Lash puxa conversa enquanto me leva para o lado oeste do castelo. De acordo com meu guia tagarela, o Castelo Bloodwyn tem sete seções separadas, isoladas por portas de madeira grossas e arqueadas reforçadas com barras de ferro enferrujadas e rebeldes armados.

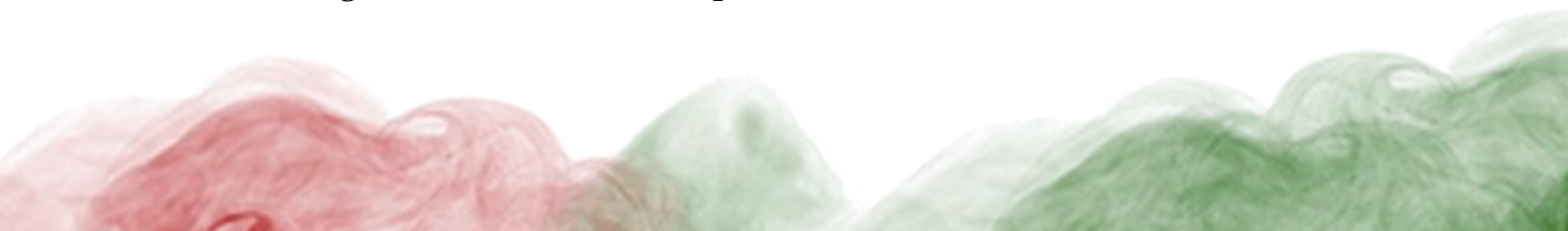
Esta parte do castelo é espaçosa em comparação com as outras duas alas, com tetos altos e sombreados e câmaras enormes separadas por ricas tapeçarias. Assim como as outras, as janelas externas foram cobertas com painéis esculpidos em escorpiões. Mas de alguma forma, mesmo com uma parede cheia de velas acesas, parece mais escuro aqui, as sombras mais frias e mais longas, e fico perto de Lash.

A agitação dos rebeldes não existe. Na verdade, enquanto sigo Lash por uma escada ampla incrustada em ouro e velada em teias de aranha, percebo que não vimos uma única pessoa desde que entramos nesta parte de Bloodwyn.

Estamos bem no coração do castelo quando encontramos Nicolai. Envolto em suas vestes usuais, seu rosto parcialmente escondido atrás de uma máscara vermelha metálica, ele está com uma mão atrás das costas no meio de uma enorme câmara. Sua outra mão está enluvada em seda escarlate escura e repousa sobre uma bengala com cabo de escorpião.

Apesar do fogo aceso na lareira, a sala está fria. Um lustre de ferro está pendurado acima dele, mas as velas há muito derreteram, o chão coberto com respingos de cera vermelha opaca. Velas tremulantes amontoam-se nos cantos, lançando sombras selvagens e oscilantes no piso de parquet rachado.

Quando me aproximo de Nicolai, meus passos quebrando o silêncio assustador, a porta se fecha atrás de mim. Me viro e procuro por Lash, mas ele se foi. Dois guardas estão contra a parede.



Me movo nervosamente em meus pés, não acostumada a ver Nicolai pessoalmente. Como um holograma, com certeza. Como uma voz desencarnada dentro da minha cabeça, sim.

Mas o homem de carne e osso queimado olhando para mim agora como se eu fosse nada mais do que um peão, um corpo para usar e descartar, esse Nicolai me apavora.

A capa do Mestre de Marionetes desliza atrás dele enquanto ele pega meu braço por dentro de seus dedos sedosos e enluvados e me guia para a parede de trás, sua bengala batendo ruidosamente contra o chão. Ele caminha devagar, com cuidado, como se cada passo doesse.

Exceto por um piano de madeira envelhecido no canto e algumas poltronas cobertas com capas brancas sujas, a enorme câmara está vazia.

— Olá, Maia. — A voz eletrônica de Nicolai agita meus nervos e ecoa pelo espaço vazio e gelado. Ele faz uma reverência simulada. — Ou é Everly agora?

— Maia. — Digo. — Eu não quero ter nada a ver com sua outra criação. O que, você achou que poderia pegar pedaços de mim e criar seu próprio monstinho?

— Agora, Everly, não seja dramática. — Com um gemido abafado, ele se curva e pega uma vela, espalhando sua rica luz âmbar sobre a parede. — Por curiosidade, que bobagem seu tutor ensinou sobre nosso mundo antes da Guerra Eterna?

Examino a parede, envolta em uma camada de teias de aranha e poeira, e dou de ombros.

— Era governado igualmente pelos barões das casas mais ricas.

— Uma noção interessante. E a guerra?



— Os operários da classe baixa se revoltaram, usando a tecnologia atual para lutar contra os barões e destruir seus armazéns.

— E se eu te contasse que tudo o que eles disseram sobre a guerra era mentira?

Balanço sobre meus calcanhares. — Mas como eles poderiam simplesmente apagar a história assim?

No entanto, mesmo quando as palavras saem da minha boca, sei como teria sido fácil para os monarquistas pegar nosso passado coletivo e manipulá-lo. Eles queimaram todos os livros. Destruíram milhares de gravações e vídeos no Grande Expurgo.

O imperador poderia nos dizer qualquer coisa, não temos nada para refutá-lo.

— Sim, como eles poderiam ter destruído as tecnologias que levaram centenas de anos para criar, todas as invenções maravilhosas que nos definiam como um povo? Como eles poderiam ter escravizado uma classe inteira de cidadãos? Como eles poderiam ter assassinado, saqueado e suprimido uma nação? Eu vou te dizer como. Eles nos ensinaram a temer.

Nicolai afunda a mão enluvada em seu bolso e tira um pequeno dispositivo triangular aninhado em sua palma. Ele pressiona a parte superior do dispositivo com o dedo; ele emite um silvo silencioso e então começa a brilhar.

— Este é um Lumin. — Diz ele. — Cada família costumava ter um.

No início, a luz é suave, como uma cabeça de fósforo explodindo. Mas então ele zumba, levantando-se de sua palma, e o brilho aumenta até que é como se um pedaço do sol queimando dentro do triângulo.



Suspiro quando a luz do dispositivo ilumina a sala e traz murais à vida nas paredes. Cenas brilhantes e gigantescas, cheias de cor e beleza, gritam pelo público por trás de sua teia prateada.

Seu mapa antigo com sete massas de terra em formas variadas salpicadas sobre um vasto oceano azul. Cada continente tem um símbolo.

Reconheço os símbolos das quatro casas mais proeminentes imediatamente: a esfinge da casa Laevus, duas pombas para a casa Lockhart de minha mãe, o terrível Cerberus preto da casa de Bloodwood e o escorpião vermelho da casa Croft.

Os três continentes menores incluem o raio da Casa Aster, a raposa cinza sorridente da Casa Pope e a harpia da Casa Riverjoy.

Uma grande massa de todos os continentes existe no próximo painel, as formas das antigas massas de terra ainda visíveis e delineadas com linhas vermelho-escuras de onde se juntaram. No centro deste novo continente fica o território em forma de bota para os Crofts, marcado pelo escorpião vermelho brilhante.

Caminho pela parede, maravilhada com as ilustrações. Grandes cenas de guerra e mudança, representadas pelos símbolos da Casa. A esfinge perseguindo duas pombas. Cerberus agarrando e mordendo a raposa, o relâmpago pairando acima. A cauda afiada do escorpião afundou profundamente na pobre raposa da Casa Pope.

Alguns murais são mais gráficos e detalhados, mostrando homens lutando, suas armaduras cobertas de sangue.

Assim que chego ao outro lado da sala, a guerra desaparece, substituída por grandes cidades de aço e vidro subindo até o teto.

Nicolai me acompanha. Quando chegamos às cidades, ele faz uma pausa.



— A Era Tecnológica, quando as Casas pararam de lutar pelo território e começaram uma corrida para construir as tecnologias mais avançadas imagináveis. Oh, estar vivo então.

Agora, máquinas de todos os tipos imagináveis enchem as paredes. O tipo que eu só poderia imaginar em um sonho. Elas voam, correm e viajam. Elas alcançam o topo das montanhas e nadam entre as estrelas. Versões mais antigas de naves aparecem acima das cidades, centenas delas no que parecem estradas invisíveis no ar.

Eu me espremo passando por um sofá coberto, espanando teias de aranha pegajosas da minha perna, e pego a próxima pintura. As fábricas que compunham cada Cidade Diamante brilham de seus lugares na parede, uma horda de pessoas vomitando de suas portas. Uma esfinge do tamanho dos edifícios da fábrica espera por eles, com a boca aberta e dentes afiados brilhando. Os símbolos de cada casa circundam as fábricas e as pessoas.

— Quando os trabalhadores abaixo das Casas se revoltaram, o Barão da Casa Laevus sugeriu que eles compartilhassem sua tecnologia para criar armas que poderiam sufocar a rebelião.

A próxima pintura provoca um arrepio na minha espinha. Grandes espirais de fogo e fumaça enchem a parede, interrompidos por silhuetas escuras de pessoas apanhadas nas chamas. — Os operários nunca tiveram chance. Quando as outras Casas perceberam o que Laevus havia planejado, era tarde demais. A destruição foi total.

O último mural é o maior. Os símbolos formam um círculo ao redor da fênix monárquica. Uma coroa fica no topo da cabeça da fênix, seus olhos escuros na luz fraca.



— De uma só vez, Marcus Laevus não apenas parou uma rebelião, ele ganhou o controle das armas que levaram a Casa Laevus para a Casa dos Imperadores.

Recuo. — Mas... mas eles disseram que os trabalhadores usaram as bombas. É por isso que fomos rotulados como bronzes e forçados a trabalhar. Por que a tecnologia foi proibida.

A luz do fogo dança dentro da máscara de Nicolai, seus lábios queimados puxados para o que poderia ser um sorriso.

— Sim. Uma mentira que lhes permitiu reter a própria tecnologia que os mantinha no poder e as outras Casas obedientes. Todos os livros foram queimados e qualquer pessoa que questionasse a mentira ou falasse sobre ela era morta.

Luto para respirar. Tudo o que conheci foi abalado até o âmago. Sempre acreditei no fundo que o Grande Expurgo que destruiu nossa tecnologia era um mal necessário. Que não poderíamos ser confiáveis com isso.

Até certo ponto, eu até acreditava que os Bronzes mereciam sua baixa Cor pelos bombardeios e horrores pelos quais éramos responsáveis.

Mas era tudo mentira.

O Lumin cai lentamente na palma da mão aberta de Nicolai. Ele olha para a coisa.

— Esta é apenas uma fração das maravilhas que nosso mundo já conteve. Mas foi roubada, manipulada em armas e usada contra nós.

Fortalecendo minha decisão com uma respiração profunda, planto minhas mãos em meus quadris.

— Falando em dispositivos transformados em armas, podemos falar sobre o Mercurian?



Ele fecha os dedos sobre o Lumin, jogando a sala de volta na quase escuridão.

— Claro.

— Dê-me dez rebeldes, e eu posso entrar no Castelo Laevus e encontrar o Mercurian. Eu posso parar o asteroide. Quer dizer, não é nisso que devemos nos concentrar? Não alguns... alguma guerra impossível?

— Oh, Everly. Como você é ingênua. Tenho planos para você e o Mercurian, mas esses planos não envolvem o asteroide. Ainda não, de qualquer maneira.

— Eu não sei o que diabos isso significa, mas eu nunca vou deixar um bastardo como você colocar as mãos no Mercurian.

Mas Nicolai acena que eu me afaste, e quando faço um movimento em direção a ele, os dois rebeldes saem das sombras e me forçam a voltar.

— Tudo bem. — Rosno, engolindo minha raiva. — Entre na história como um idiota belicista, se quiser.

Os ombros de Nicolai enrijecem e lentamente, lentamente, ele se vira para mim.

— Maia, a história vai se lembrar de mim como o homem que fez o imperador finalmente pagar pelos pecados da Casa Laevus. Todo o resto será esquecido. Ou apagado.



CAPITULO 23



Depois do encontro frustrante com Nicolai, verifico Brogue em seu aposento improvisado. Ele ainda está dormindo, sua forma afundada no colchão, o peito latejando com roncos pesados. Limpo seu rosto, cubro-o e sigo Lash até o meu quarto. Eu não questiono a ordem de Lash para eu entrar até que ele tire uma chave.

— Por favor. — Imploro, prendendo minha bota no batente da porta. — Eu não irei a lugar nenhum. Apenas, apenas não me tranque.

Os outros vão para o baile noturno, enquanto eu recebo ordens para ir ao meu quarto. Lash e eu ouvimos a música batendo nas escadas no caminho para cima. Sons e instrumentos que nunca ouvi antes ricocheteavam nos tetos altos e pioram minha dor de cabeça, agora sempre constante.

Ele passa a mão pelo cabelo, olhos me implorando para não causar problemas.

— Como antes?

— Vou direto para a cama. A honra do rebelde.

— Não seja um pé no saco, amor. Não essa noite.

— Esta noite é especial?

Ele sorri perversamente, uma promessa que alguma garota terá seu coração partido esta noite, e eu me pergunto como ele ficou assim.

— Por favor, você não entende. — Deslizo meus dedos sobre seu pulso, prendendo a mão que segura a chave. — Eu estive trancada, uma prisioneira de uma forma ou de outra, por quase tanto tempo quanto posso me lembrar. Eu não posso fazer outra noite.

Desprezo minha súplica. Como isso me faz sentir impotente. Mas não quero ficar sozinha agora. Especialmente neste quarto, trancada com meus pensamentos, medos e memórias.

— Por favor, Lash.

Piedade brota em seus olhos enquanto ele balança a cabeça.

— Eu também odeio isso.

— Então não faça isso.

Seus dedos tremulam sobre sua marca Fieniana.

— Por favor...

Grito quando a porta se fecha e a chave range dentro da fechadura.

— Eu sinto muito. — Sua voz abafada soa a mil quilômetros de distância.

Tento a maçaneta, mas ela não se move sob meus dedos. Mesmo assim, eu continuo sacudindo-a, minhas mãos escorregadias de suor.

Não, não, não.

Cambaleio para trás. Meu batimento cardíaco irregular reverbera em meu crânio enquanto tropeço pelo quarto escuro. As sombras estão frias.

Velas. Onde estão as velas? Raspo todo o conteúdo da mesa perto da cama. Sem combinações. Lascas de luar escorrem da janela velada, me provocando.

E dentro das sombras... dentro das sombras, vejo Merida, esmagada e quebrada. Eu vejo as criaturas do Fosso. Eu vejo a espada de Caspian mergulhando nas costas de Riser.



Mais luz. Desisto dos fósforos e me intrometo na treliça de madeira que me prende, o vidro frio sob meus dedos. O céu noturno de cobalto espreita dos pequenos buracos, a lua cheia, linda e provocadora.

Eu preciso de ar.

Eu preciso sair.

Eu não tenho mais pensamentos, exceto estar fora. É como o Fosso, como o labirinto, como a Torre. Eu quase não escapei todas as vezes. Quase não consegui raspar e cavar a escuridão e confins. Quase não sobrevivi...

Arranco a madeira das janelas, mas não consigo segurar. Eu preciso de algo afiado. Abro as gavetas e atiro todas as roupas, vestidos e anáguas flutuando sobre minha cabeça enquanto procuro por uma arma escondida. Com todas as lâminas ao redor, deve haver uma escondida.

Tem que ter.

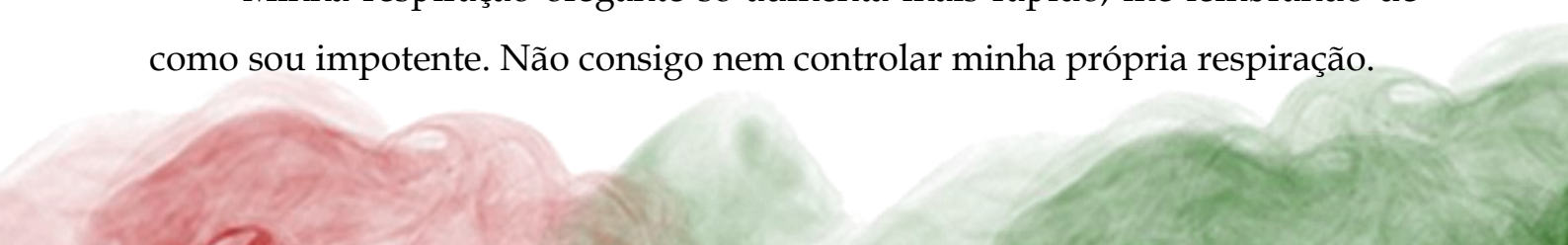
Salto para a cama, arrancando o edredom pesado, os lençóis, usando toda a minha força para virar o colchão. *Dê-me algo.* Vasculho os travesseiros, derramando suas vísceras de penas cinzentas e macias para o ar. Puxo a pesada mesa de cabeceira de madeira para o lado, derramando cartas velhas e um frasco de tinta seca.

Desesperada. Uma onda de escuridão e medo passa por mim. Caio na bagunça que criei, o peito arfando com respirações que parecem não ter efeito. Como se as paredes, o ar, estivessem se fechando sobre mim, apertando meu peito, me sufocando.

Meu corpo estremece e minha garganta aperta enquanto eu arrasto outro lamentável fio de ar em meu peito.

Apenas respire, respire...

Minha respiração ofegante só aumenta mais rápido, me lembrando de como sou impotente. Não consigo nem controlar minha própria respiração.



O que aconteceu com a garota que iria lutar? A garota que prometeu ao pai que faria o que fosse preciso? Mesmo no Fosso, mantive um pequeno grão de esperança. E presa na Torre, com minhas correntes e meus ferimentos e sabendo que o imperador me faria sofrer de formas horríveis, eu ainda tinha uma centelha de luta dentro de mim.

Mas isso foi quando eu ainda tinha amigos pelos quais lutar, ainda tinha um irmão para proteger. Antes que as pessoas de quem eu gostava me chamassem de traidora e testemunhasse Cage suportando a tortura destinada a mim.

Antes de Riser me arrancar de seu coração como um câncer.

Eu teria dito a ele tantas coisas. Como lamentei por não ter confiado nele antes. Eu fui uma idiota, uma idiota. Provavelmente uma idiota. Como dentro da Torre, eu rezava todos os dias para quaisquer deuses que ainda existissem para que ele sobrevivesse. Que ele não estivesse sofrendo. Que ele não me odiasse.

E talvez eu contasse a ele a culpa que senti por implorar a ele para não matar Caspian. Mesmo que eu estivesse feliz por Riser não o ter. Mesmo que eu não tenha certeza se poderia tê-lo perdoado se ele tivesse.

Possivelmente... talvez Riser tenha nos feito um favor ao me apagar... e nós. Assim as coisas ficarão mais fáceis.

Mais simples.

Não que ele esteja perdoado. Ainda estou chateada por ele ter escolhido o caminho mais fácil. Mas eu me lembro como era ser confortada em seus braços, como foi assustador quando ele me pediu para confiar nele, como ele me fez sentir vulnerável.

Três vezes pensei que Garoto do Fosso tinha morrido. E três vezes essa dor me destruiu.



Cuidar de alguém tem um preço. E em meu mundo, presa sob a sombra de Pandora e ao alcance assassino da arquiduquesa, sem futuro previsível e um imperador decidido a deixar metade do mundo morrer, esse é um preço que não posso pagar.

Não agora, talvez nunca.

Na verdade, talvez Riser tenha nos libertado.

Eu atraio minha raiva e a uso para ficar de pé. A sensação sufocante se dissipou, deixando um vazio frio. Vou encontrar uma maneira de sair daqui, voltar para o túnel que leva ao Castelo de Laevus e procurar o Mercurian por conta própria.

De alguma forma, eu não tinha notado a pequena pintura a óleo encostada na parede no canto. A moldura está desgastada, a tinta amarelada e rachada. A mulher solitária lá dentro olha para o mar, seu cabelo escuro bagunçado e caído sobre o ombro como uma massa de serpentes elegantes. Um escorpião vermelho surge na nuca de seu pescoço exposto.

Amandine.

Um corte se abre na parte de trás da moldura emaranhada, e deslizo meus dedos no buraco, recuperando um pequeno diário.

Na próxima tentativa, descubro uma adaga. A lâmina tem 12 centímetros de serrilhas dentadas e cruéis que se curvam em uma ponta fina, um oval de âmbar rico inserido em seu cabo. Torço a adaga, um raio de luar atingindo o escorpião vermelho brilhante dentro do âmbar, seu corpo parecendo brilhar por dentro.

A adaga é afiada e morde facilmente na grade que me prende. Os dentes da lâmina fazem sons silenciosos e gloriosos enquanto pedaços de madeira pulverizada chovem sobre mim.



Quando termino, o suor cobre meu peito e estou coberta por uma fina camada de poeira. Enrolo a adaga em retalhos do meu lençol de marfim e coloco o pacote dentro do meu espartilho.

Enquanto afasto a laje da janela e vejo o mar escuro lá embaixo, a grande extensão de amplo nada que se desdobra no horizonte, meu coração libera algo escuro e amargo que eu não sabia que estava lá.

Não tenho certeza se já tive uma visão tão bonita. A lua é enorme, sua luz radiante presa ao longo de seu ninho de nuvens de carvão.

Pandora está perdida na noite, velada em nuvens e sombras. É como se ela não estivesse aqui. Como se ela fosse apenas um pesadelo horrível que eu tive.

Apalpo a borda da janela exposta, viro a fechadura e a levanto. A velha moldura geme, e o ar frio passa por mim enquanto eu empurro para a noite, o doce e salgado perfume do oceano trazendo lágrimas aos meus olhos.

Espio abaixo, meu olhar viajando para baixo, para baixo e para mais baixo ainda. Uma sensação de vazio gira em torno da minha barriga. Desta altura, mal posso ouvir as ondas batendo contra os penhascos.

Desta altura, se eu cair, terei muito tempo para gritar antes de morrer.

Com um último olhar para a minha cela, eu me iço pela janela.



CAPITULO 24



Prendo meus dedos sobre o parapeito liso da janela, em busca de uma melhor aderência enquanto o ar frio passa pelas camadas da minha saia e ao redor das minhas coxas. Pedras grandes e irregulares me dão algo em que me segurar, mas são úmidas e escorregadias. Tiras do meu cabelo cortam minha visão.

A curiosidade atrai meu olhar para os penhascos abaixo, e o pouco que comi hoje ameaça subir. Uma rajada de vento me joga contra a parede. Grito, automaticamente alcançando o parapeito da janela.

Mas já me comprometi. O solo, e a liberdade, ficam 25 metros à esquerda. *Não olhe para baixo.*

Minhas mãos arranham a rocha, cãibras nos dedos dos pés, cavando os dedos procurando fendas. Lentamente, lentamente, eu desço, cortando em direção ao lado leste do castelo, a adrenalina me incitando. Qualquer pausa aumentará a probabilidade de congelamento.

Meu peito queima, uma dor percorrendo os músculos dos meus braços e pernas e enrolando em volta da minha espinha. Eu posso ouvir o oceano abaixo. A reconfortante canção de morte das ondas quebrando contra os penhascos, as gaivotas cantando de seus ninhos rochosos. Eu grito quando a pedra áspera arranca a carne tenra dos meus dedos.

Continue, continue, continue...

Assim que minhas mãos ficam dormentes e eu sei que estou prestes a cair, eu salto para a esquerda, grunhindo enquanto caio três metros abaixo em um pedaço de terra. A grama alta faz cócegas em minhas pernas e me lembra o quanto eu odeio meu vestido.

Massageando a vida de volta em minhas mãos rígidas, eu olho para as minhas cortinas vermelhas vibrando com a brisa como línguas de fogo.

Um arrepio percorre minha espinha. *Insensata. Você poderia ter morrido.* Mas eu faria isso de novo para ser livre.

Olho para minha janela.

— Ninguém nunca vai me trancar novamente. Ouviu isso, Flame? Você vai ter que me matar primeiro.

Deslizando ao longo da borda do penhasco, aprecio a vista. O buraco dentro de mim se enche um pouco mais com cada onda desafiadora que quebra abaixo.

Agora que tenho uma visão clara da Propriedade Bloodwyn, vejo como suas defesas são boas. A mansão fica no topo de uma colina, com vistas de 360 graus. Uma parede escura e espessa de pinheiros forma uma barreira sombria ao norte e ao leste, enquanto o oceano e as falésias defendem a propriedade dos outros lados.

Do meu ponto de vista, posso distinguir a mancha tênue de uma parede à distância.

O castelo perfeito e fortificado para um exército.

Como os Fienianos se esconderam aqui por tanto tempo? Eles não poderiam ter evitado que todos os rebeldes capturados falassem. Não com monstros como a arquiduquesa vagando por essas colinas.



O som de vozes distantes me faz parar e caio de joelhos na grama alta enquanto a garota com a trança de cobre dá a volta na lateral do castelo, seguida por outros. Max. Rhydian. Alguns rebeldes que não conheço.

Quando Riser aparece lado a lado com Lucy, eu me abaixo um pouco. Os outros podem não me notar, mas ele certamente notará.

Estou sem fôlego quando eles passam a seis metros de mim, Max contando uma piada idiota antes de eles se esgueirarem pela beira do penhasco e então desaparecerem.

O que eles poderiam estar fazendo?

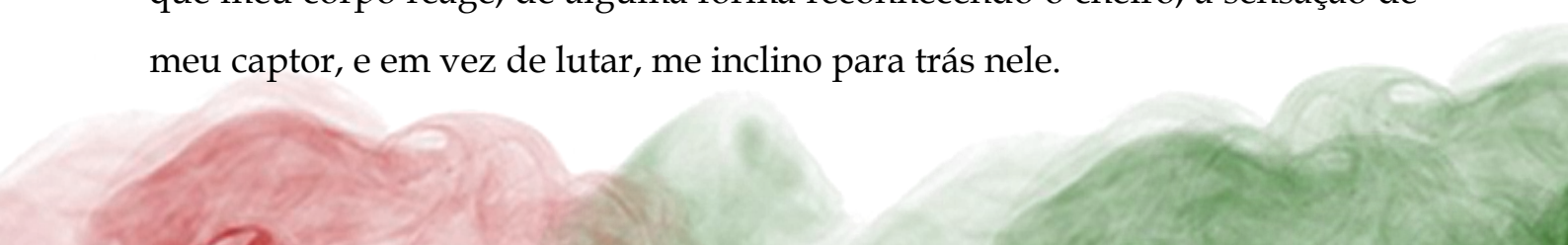
O que quer que estejam fazendo, aposto por um dente de Fieniano é perigoso. Adiando meu plano de entrar furtivamente no Castelo de Laevus, sigo sua trilha descendo as escadas íngremes esculpidas na lateral do penhasco, determinada a garantir que Max não morra fazendo algo estúpido antes de eu partir. Minhas botas rangem suavemente contra a pedra arenosa. Uma faixa de areia clara e úmida espera abaixo, as ondas batendo em meu pobre vestido.

Não há ninguém aqui. Examino a faixa de praia, que logo desaparecerá com a maré, procurando pegadas, mas elas devem ter percorrido a costa, a areia limpa com cada onda quebrando.

Talvez eles estejam nadando?

Boba. Esse é o tipo de onda em que alguém se afogaria, em vez de nadar. E a água estaria congelando...

Passos esmagam a areia atrás de mim. Tento me virar para enfrentar o barulho, mas é tarde demais. Braços fortes e quentes me envolvem, um no meu peito, o outro deslizando sobre meu estômago. Há um segundo estranho em que meu corpo reage, de alguma forma reconhecendo o cheiro, a sensação de meu captor, e em vez de lutar, me inclino para trás nele.



E então meus instintos de sobrevivência quebram e eu me esforço,
tentando me libertar da minha prisão quente.

Uma risada suave faz cócegas em minha orelha.

Garoto do Fosso.



CAPITULO 25



Os braços de Riser me abraçam, apertando um pouco mais a cada vez que luto, até que estejamos emaranhados em um pedaço de carne.

— Saiu para dar uma caminhada? — Sua voz suave e ofegante sugere um sorriso... E me dá vontade de estrangulá-lo.

— Noite perfeita para isso. Estrelas. Ondas. Garotos beligerantes.

— Garoto?

Me contorço quando outra risada suave acaricia minha orelha, os músculos rígidos pressionando em meu corpo me chamando de mentirosa. *Garoto, minha bunda.*

— Solte-me, Garoto do Fosso.

E talvez seja o jeito que eu digo, mas seu corpo fica absolutamente imóvel, e ele faz uma pausa, seu batimento cardíaco acelerado batendo contra meu ombro.

— Por que você continua me chamando assim?

Sim porque, Maia? Para entrar em sua pele? Fazê-lo lembrar? Mas apesar de saber que ele me fez um favor quando me esqueceu, apesar de tudo, parte de mim ainda exige que ele reconheça que eu era real.

— Ela te chamava assim?

Qualquer calor que eu poderia ter imaginado desaparece quando seus braços se contraem, mais uma vez se transformando em correntes.

— Por que você estava nos seguindo?

— Eu estava entediada.

— Ser uma traidora está ficando velho, Graystone?

Empurrão! Tento respirar, mas seu abraço é muito forte.

— Deixe-me... ir.

O desespero me faz cair. Meu peso deveria afrouxar seu aperto, mas isso não acontece.

Estou presa. O pânico se instala e luto para que o ar entre em meus pulmões.

Antes, Riser teria cortado o próprio braço em vez de me machucar. Mas isso é o que teria acontecido quando sua Reconstrução terminasse de qualquer maneira. Flame apenas acelerou o inevitável.

Uma faísca de raiva acende dentro do meu coração, pegando fogo, incinerando o pânico até que apenas a fúria reste.

— Deixe-me. Ir.

— Não.

— Você tem dois segundos, Garoto do Fosso.

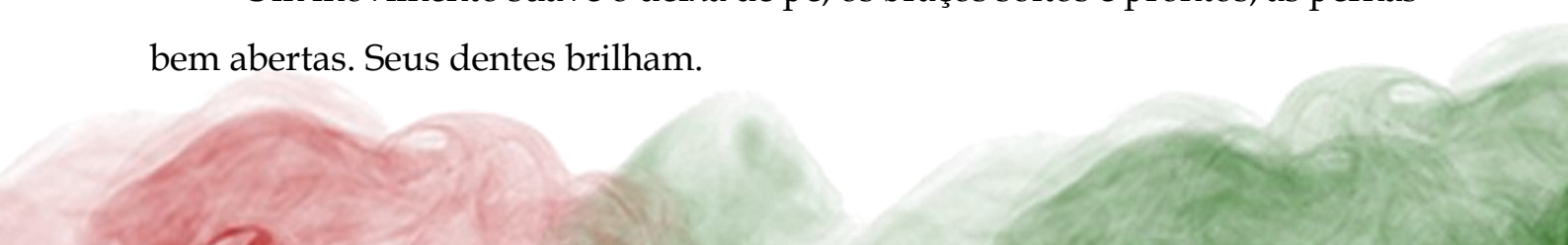
Um.

Outra risada arrogante. — Ou você...

Dois.

Coloco uma mão sobre o braço constringindo meu pescoço, deslizo quinze centímetros para a minha direita, caio sobre o meu joelho e jogo o Garoto do Fosso por cima do meu ombro e nas ondas.

Um movimento suave o deixa de pé, os braços soltos e prontos, as pernas bem abertas. Seus dentes brilham.



— Belo truque.

— Não é tão legal quanto isso. — Chuto areia em seu rosto e jogo uma combinação de gancho. A areia o atordoa por tempo suficiente para os dois golpes acertarem, mas eles são desleixados e rastejam em seu queixo molhado. O próximo golpe encontra seus punhos, mantidos defensivamente na frente de seu rosto. — Ou isto. — Ele grunhe quando eu tiro um soco logo abaixo das costelas. — Ou...

Uma varredura na perna quase me pega, e eu tropeço para trás.

— Estamos lutando ou batendo papo? — Ele estala o pescoço, um sorriso maroto dividindo seu rosto bonito. — Ou é assim que você flerta? Depois de ontem, não tenho certeza.

Lanço um combo para distrair da perna que eu balanço em sua cabeça. A lateral da minha bota atinge seu ombro. Ele usa o meio segundo que levo para recuperar minha postura para desferir uma saraivada de golpes suaves e preguiçosos na minha cabeça.

Ele está avaliando minhas defesas.

Tudo bem, Príncipe. Vamos ver as suas.

Intensifico meu jogo, contragolpe por golpe. Nós trocamos mais algumas rodadas, testando um ao outro, nossas respirações se fundindo em uma cadência suave...

Riser se ajoelha e avança, envolvendo os braços em volta das minhas pernas e apoiando o ombro no meu quadril.

Não. Estou impotente para fazer qualquer coisa, mas deixo-o me colocar suavemente na areia.

Uma onda congelante bate em meu rosto. Respiro fundo, fecho meus olhos e rolo para trás no meu ombro esquerdo, lutando contra o peso

encharcado do meu vestido e a sensação de sufocamento. Minhas pernas estão molhadas e escorregadias e escorregam de suas mãos.

Levanto-me bruscamente, tropeçando quando uma onda bate na parte de trás dos meus joelhos, pedaços de minha saia agora esfarrapada ondulando na água entre Riser e eu como enguias escorregadias.

A água salgada fere meus olhos e meus pulmões queimam. Riser me observa com um meio sorriso preguiçoso, o cabelo preto colado ao crânio.

Ele nem está preocupado.

Ele estala a língua, como se não pudesse decidir se fica com raiva ou se diverte. Um metro nos separa, mas parece um abismo tão profundo e amplo quanto o céu.

Estou molhada, congelando e chateada.

Isso só vai acabar com violência. Talvez essa seja a única maneira de ambos encontrarmos o encerramento de um relacionamento fundado no vínculo de um passado compartilhado, emaranhado com mentiras e meias-verdades e sentimentos reconstruídos incrustados tão profundamente que apenas o derramamento de sangue pode removê-los.

Riser dá um passo à frente. Ele também pode sentir. Essa necessidade de terminar a coisa inexplicável entre nós, o vínculo que Flame com todas as suas máquinas não poderia romper totalmente. Seu peito está pesado, seus olhos fixos nos meus.

Olhos que uma vez olhei e acreditei quando ele prometeu que nunca me machucaria.

Bastardo mentiroso.

Rosno, avançando para ele...



Dou dois passos antes que minhas botas se enredem em meu vestido encharcado e me mandem para o chão. Tento rolar, mas ele é rápido demais e me joga na areia molhada.

Em um último esforço, envolvo minhas pernas em volta de sua cintura, mas seu abdômen está duro e firme sob a carne nua de minhas coxas, e não posso movê-lo.

Seus olhos dançam com diversão enquanto ele se inclina até que haja apenas alguns centímetros entre nossos lábios. Mãos que antes acariciavam minhas costas prendem meus braços no chão. Ondas geladas batem em minha cabeça e ombros, areia e água pingando de seu cabelo escuro em minhas bochechas.

Seus olhos azuis escurecem para a cor do mar.

— Se é assim que você pretende vencer amanhã, devo dizer que estou desapontado.

Arqueio minhas costas, resistindo contra seu peso e músculos rígidos e implacáveis.

— Dê-me roupas adequadas e você se divertirá mais. Eu prometo.

— Eu... — Seus olhos derivam para baixo. — Altamente... — Mais baixo.
— Duvido.

— Porco. — Ugh, como eu gostei dele? — Saia de cima de mim.

Ele levanta uma sobrancelha negra como a noite.

— Palavra mágica?

Desgraçado!

Me contorço, suas mãos são a única coisa que me impedem de tirar o sorriso beligerante de seu rosto.

— Por favor.



Ele se levanta, e mais cascatas de areia caem sobre mim enquanto ele estende a mão. Ignoro sua oferta de ajuda enquanto fico de pé. Meu vestido fica de lado, e eu o viro, franzindo a testa para a saia suja e encharcada me pesando.

Vestido estúpido e idiota. Eu deveria queimar você em cinzas.

Palmas encham o ar. Me viro para ver os outros nos observando. Eles estão rindo.

Minha mandíbula trava. É isso que sou agora? Diversão para os rebeldes? Uma traidora para ser presa e ridicularizada?

Qualquer raiva queimada pela luta volta rugindo, crescendo dentro do meu peito, tão real quanto as ondas, a areia, forçando seu caminho para cima, para cima...

Lanço um ataque à praia, levantando nuvens de areia até ficar sem fôlego para continuar.

Teagan caminha em minha direção e pouisa a mão comprida em seu quadril pontudo.

— Sente-se melhor agora, querida?

Olho para Riser, minha garganta em carne viva.

— Imensamente.

— Bom. Agora, o que diabos Fieniano você está fazendo aqui?

— Você sabia que eles me trancaram?

Teagan bate o pé. — Eu ia falar com Flame sobre aquele tomo...

— Você sabia.

Ela estremece. — Graystone, simplesmente admita que não matou Caspian quando você recebeu ordem de garantir sua morte, pelo menos. Depois, há o vídeo dos enforcamentos.

— Achei que você não acreditasse nos boatos e na propaganda.

— Eu não acredito.

Rolo meus ombros. — Bem, eles vão ter que me matar da próxima vez que quiserem me trancar.

Todos eles olham para mim. Pego o olhar de Max, e ele olha para seus pés. Lucy e Hugo Redgrave estão ao lado dele onde eu deveria estar, seus olhos negros idênticos cheios de malícia acima do mesmo sorriso venenoso. Até Rhydian fica parado, boquiaberto.

Minha mandíbula trava, e eu engulo minha vontade de socar os risos de escárnio dos gêmeos Redgrave.

— Estamos perdendo tempo, Aster. — Lucy ronrona, Hugo balançando a cabeça junto com suas palavras.

Teagan solta um suspiro. — Vou pedir a Lash que te acompanhe até...

— Não! — Lash e eu gritamos ao mesmo tempo.

— Leve-me com você. — Imploro. — Onde quer que você vá.

Teagan cruza os braços, piscando para mim. Então ela lança um olhar questionador para Riser, que dá de ombros preguiçosamente.

— Consegue acompanhar?

— Sim.

Ela suspira. — Você está dentro.

— Onde estamos indo?

— As cavernas primeiro, então...

Lucy vem até nós, as sete tranças vermelho-sangue em seu couro cabeludo combinando com o escorpião em seu pescoço.

— Mas ela não aceitou a Microplanta.

— Se ela for pega... — Diz Teagan, mal reconhecendo Lucy. — Eu vou cuidar disso.

O que diabos Fieniaon isso significa?



— Flame sabe sobre isso? — Lucy persiste.

Enquanto Teagan lança um olhar silencioso e assustador para Lucy, quase sinto pena dela.

Teagan lança um olhar incisivo sobre a paisagem. — Eu não a vejo. Onde ela está? — Ela acena com a cabeça para as ondas. — Lá? — Os penhascos. — Lá? A menos que você queira contestar minha decisão? Você pode, você sabe. Não é como a Ilha do Imperador, onde os títulos e a Cor reinam. Sangue é a única lei em Bloodwyn.

Atrás de Lucy, Hugo ri nervosamente, sua mão serpenteando em sua cintura, onde seu punhal sem dúvida se esconde. A atenção de Riser muda para a mão de Hugo.

Claro, o Garoto do Fosso percebeu. *Algumas coisas não mudaram.*

Os olhos de Lucy se arregalam, suas narinas dilatam-se, raiva e algo mais, algo feio, agitando-se logo abaixo da superfície branca como osso de seu rosto. Lentamente, ela balança a cabeça.

— Está resolvido então.

As palavras de Teagan gotejam com finalidade letal. Franzindo a testa, Lucy chuta a areia e vai embora.

Com um sorriso diabólico, Teagan se vira para mim e pisca. Então ela se inclina em meu ouvido.

— Você quase o teve, querida.



CAPITULO 26



Ali estavam vários agrupamentos de cavernas ao longo da costa. De acordo com Lash, que foi designado para me alcançar, elas estão escondidas pelas marés durante o dia e acessíveis apenas por quatro ou cinco horas à noite. Agora dedos escuros do mar batem em sua entrada sombria.

— Há também um labirinto secreto de túneis que levam às masmorras de Bloodwyn. — Diz Lash. — Mas você tem que ser especial para acessá-los.

A semelhança com os túneis do Castelo Laevus é impressionante, e minha mente gira enquanto tento combinar as novas informações com o que sei sobre os túneis da Ilha. Talvez todos eles se conectem de alguma forma?

Uma explosão de luz púrpura pálida irrompe ao redor do grupo enquanto eles vestem orbes brilhantes ao redor de seus pescoços. Lash entrega um para mim. A faísca começa a cuspir, enviando gavinhas roxas para sondar sua prisão de vidro. Rapidamente o penduro em uma tira de couro que passo pela minha cabeça.

O nome da tecnologia proibida me escapa, mas de alguma forma eu sei que não é apenas para iluminação, são armas quentes supostamente erradicadas da terra.

À medida que entramos na escuridão, as paredes da caverna amplificam o som do mar e me desorientam, as paredes se aproximando, forçando-nos em

uma única fila. Finalmente, nossa luz lilás se difunde dentro de uma enorme câmara, refletindo na água que escorre pelas paredes altas.

No topo de um estrado natural de rocha estão incontáveis Swifters, seus corpos metálicos lisos e elegantes. Sua engenharia grita velocidade. Max é o primeiro a chegar às máquinas, gritando enquanto monta em um monstro de ouro champanhe com um nariz afilado.

A garota de cabelos cor de cobre que ele segue como uma sombra o empurra, deslizando sua perna.

— Este bebê é meu, Graystone.

Max balança a cabeça e pega o prata ao lado dela.

— Esse Swifter é muito poderoso para você, Rivet.

Seus lábios se torcem para o lado. — Quer apostar?

Meu irmão mais novo sorri como um idiota e levanta as esferas ao redor do pescoço. — Dois enders dizem que ela joga você em seus couros.

— Quatro. — Seus dentes brilham acima da longa fileira de pontas em volta do pescoço. Estou disposta a apostar meu único final que alguns desses são do meu irmão.

Encontro um pequeno Swifter da cor de opala preta ao lado de Max. Ele me olha com o canto do olho, franzindo a testa. Sua amiga, Rivet, revira os olhos enquanto ri.

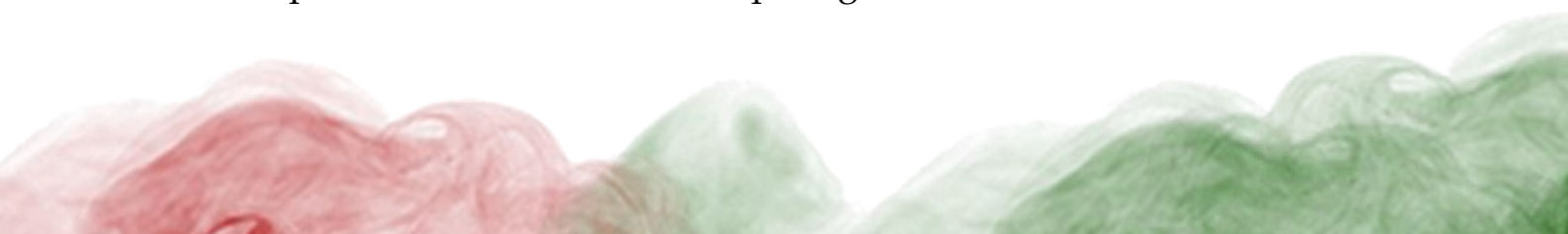
— Precisa de um guarda-costas, Maxi?

Max encara suas mãos, suas bochechas ficando com um tom escuro de vermelho.

— Você tem que se sentar comigo?

— Sim, Max. — Digo, reprimindo qualquer culpa por envergonhá-lo. —

Isso é o que os irmãos fazem. Eles se protegem.



— Hã. Então, onde você estava quando eu estava catando latas de lixo por comida? Quando eu estava lutando com outras crianças na rua por pedaços de pão mofado?

— Você sabe onde eu estava. — Me encolho com o quão defensiva pareço.

— Não. Eu só pensei que você finalmente tinha me abandonado. Que você... deixa pra lá. Não importa.

— Sim. — Insisto, desejando que ele olhasse para mim. — E estou tentando fazer as pazes com você agora, mas você não me deixa.

Ele suspira, finalmente fazendo contato visual.

— É tarde demais. Por que você não consegue ver isso?

Desta vez, sou eu quem desvia o olhar. Max é meu irmão mais novo... e mesmo que ele não seja mais tão pequeno, ainda vou protegê-lo como deveria. Ele pode simplesmente lidar com isso.

Lash está montado em um Veloz prata logo atrás do meu.

— Sabe, Graystone, você realmente tem que trabalhar para fazer funcionar.

Corro minhas mãos sobre a casca fria e brilhante diante de mim.

— Mas como eu...?

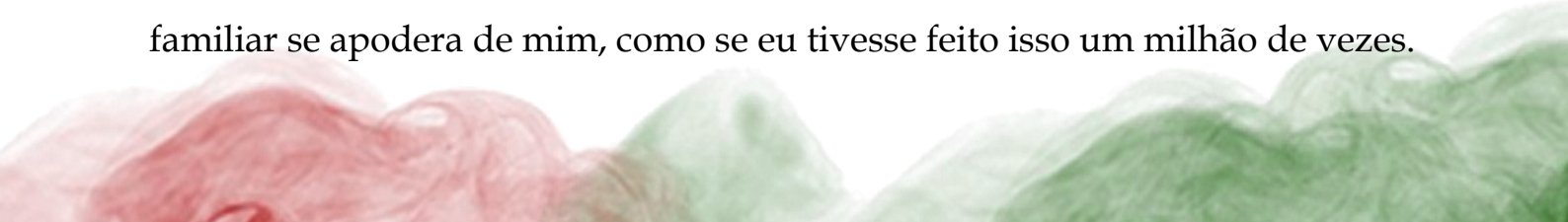
Lash enfia óculos de prata no meu colo e uma varinha retangular no meu rosto. Um uploader portátil.

— Fique quieta. — Ele ordena.

Há um lampejo azul, uma picada de eletricidade atrás dos meus olhos.

— Pronto. — Diz Lash. — Agora tente.

Coloco minha perna sobre meu Swifter, o assento é firme, mas confortável, e envolvo meus dedos ao redor do guidão. Um sentimento familiar se apodera de mim, como se eu tivesse feito isso um milhão de vezes.



Pressiono o botão branco brilhante no centro, e meu Swifter ronrona embaixo de mim. Embora eu quase não tenha sentido ele se mover, estou pairando trinta centímetros no ar. Uma luz azul fraca ilumina o solo.

Os óculos estão apertados quando os coloco na cabeça. Através de suas lentes verdes esfumadas, meu mundo se torna claro. A energia do Swifter atinge meus músculos, meus ossos. A adrenalina queima minhas veias, meu peito fica mais leve.

Eu sinto que posso voar.

— Cuidado com seu vestido. — Diz Teagan do ágil Swifter de bronze ao meu lado, acenando para os propulsores silenciosos abaixo.

Meu vestido. Nunca odiei tanto uma roupa. Especialmente agora, suas pesadas dobras de claustro carregadas de água do mar e cheias de areia, fios de algas marinhas secas agarradas à bainha rendada. Outra maneira deles me trancarem, me enfraquecerem.

Pego a adaga de escorpião de meu corpete e corto minha saia, observando pesados pedaços tecido escuro deslizarem sob o Swifter e incinerar em um lampejo de azul. Quando termino, sinto arrepios em minhas coxas cobertas de neve, o ar é frio e adorável enquanto gira em torno da minha pele nua.

— Viu. — Sorrio para Teagan, ignorando o calor do olhar de Riser de sua besta vermelha metálica na frente. — Problema resolvido.

O olhar de Lash desliza sobre minhas pernas.

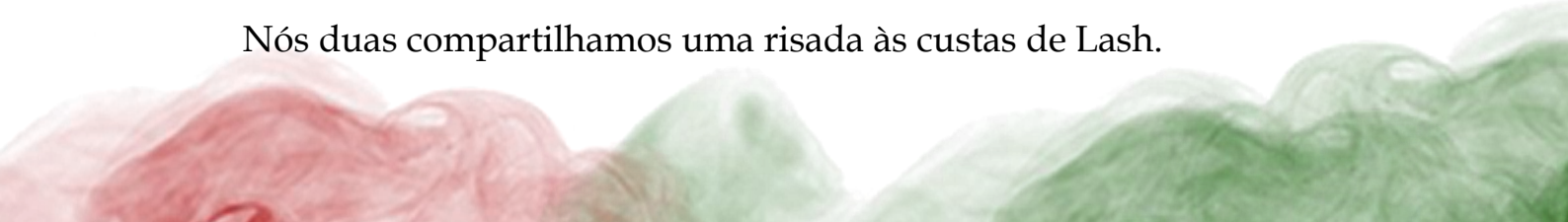
— Nunca, jamais esconda isso de novo, Graystone. Isso é uma ordem.

Bufo. — Há alguma garota que você não compraria?

— Depende. Você considera Aster uma garota?

Teagan rosna para ele. — Em seus sonhos molhados, idiota.

Nós duas compartilhamos uma risada às custas de Lash.



Como se fosse um comando, todas as vozes silenciam. Riser se virou e está montado em seu Swifter, com as mãos nos bolsos, uma expressão casual no rosto.

Por meio segundo, minha respiração fica presa na garganta. As bochechas esculpidas prendem as sombras abaixo dos olhos que parecem brilhar por dentro enquanto reivindicam o comando sobre os lutadores, sobre mim, tão facilmente quanto eu seguro uma faca.

— Estamos todos ansiosos para sair e causar alguns estragos, então serei rápido. — Uma dispersão de Rebeldes grita concordando. — Os drones estão pesados esta noite, então pegamos os túneis até os limites da cidade, formando dois grupos assim que chegamos às ruas. Dizem que nosso alvo é um colecionador de Purga especializado em Armas Quentes. Nós entramos, saímos. Armas quentes para dândis e drones, sem tocar nos Adormecidos. Se separados, reencontrem-se em Bloodwyn. — Seus dedos encontram a fileira de Nano-retalhadores brilhando em seu cinto. — Que os deuses favoreçam o caos ao invés da tirania, os rebeldes aos monarquistas e uma morte rápida para os bravos.

— Sangue pela liberdade! — Os rebeldes cantam.

— Morte por honra! — Riser responde, sua voz profunda ecoando contra as paredes.

Depois de testemunhar o quão turbulentos os rebeldes podem ser, estou chocada enquanto eles aguardam silenciosamente seu comando. Dois dias foi o suficiente para Riser ganhar sua lealdade e confiança. Dois dias para conquistar todo o exército rebelde.

Se Caspian nasceu para governar os bem disciplinados exércitos realistas, então certamente Riser deveria liderar esse grupo selvagem e rebelde de fienianos.



Também estou surpresa ao descobrir que as palavras de Riser mexeram com algo dentro de mim também. Estou fazendo isso para garantir a segurança de Max e porque preciso ganhar a confiança dos rebeldes.

Mas alguma parte de mim precisa disso. Para fazer os monarquistas pagarem.

Agarro o guidão do meu Swifter, minhas coxas nuas apertadas em torno de seu corpo elegante ronronando com energia. A excitação eletrifica o ar.

Nossas máquinas estão em silêncio enquanto avançam pelo túnel, seus corpos piscando como um cardume de peixinhos. Max surge à frente, tão rápido que mal consigo acompanhar. Embora eu nunca tenha usado um Swifter, minha mente sabe o que fazer. Habilmente manipulo o acelerador, inclinando-me para frente com movimentos suaves que direcionam exatamente para onde eu quero ir.

Vejo o cabelo loiro de Max à frente e puxo suavemente o acelerador...

Uma pancada forte me manda voando para a parede da caverna. Por instinto, acertei os dois propulsores, agarrando-me ao Swifter enquanto ele dispara direto para cima e roçava a parede. Enquanto eu deslizo sobre o teto, de cabeça para baixo, vejo Lucy rindo.

No momento em que completei meu círculo e guiei o Swifter de volta para o chão, ela se foi.

Todos eles se foram.

Fico olhando para o buraco aberto. Eu não conheço esses túneis.

Eu poderia me perder.

Eu nunca conseguiria encontrar minha saída.

Mas tenho que garantir que meu irmão não faça nada estúpido. Isso significa que eu o sigo, mesmo que isso me leva ao inferno, vou segui-lo.

Vou mantê-lo seguro.



CAPITULO 27



Suor frio alisa minhas palmas. Mesmo com meus óculos noturnos, os túneis parecem todos iguais, um borrão de paredes negras com listras verdes de musgo e líquen. O pânico me faz ir rápido, rápido demais, errando as pedras... Isso importa?

Não tenho ideia de qual caminho eles tomaram. Fico no túnel principal, tentando manter minhas direções cardeais corretas. Dominus fica a sudoeste de Bloodwyn, o que significa que só preciso seguir em frente, mas um milhão de curvas e curvas tornam isso impossível.

Rápido, mais rápido. Empurro meu medo de volta, engolindo-o enquanto deslizo ao longo das paredes, sintonizando meus sentidos com os túneis até que minhas reações se tornem rápidas. Esquerda, curva, direto para cima, direto para a direita.

Quase não pisco, quase não respiro.

Um lampejo à frente. Grito em triunfo quando Lash lança um olhar para mim.

— Continue assim, Graystone.

Corto na frente dele, alinhando com Teagan enquanto examino os outros por Max. Relaxo um pouco ao vê-lo dobrado sobre seu Swifter, sorrindo de orelha a orelha. Ele tinha a mesma aparência quando tinha oito anos e nós

visitamos o Salão das Sombras, onde eles mantêm os artefatos da Lei da Reforma não destruídos no Expurgo.

Comparado a uma vida escravizada nas entranhas das minas, isso é melhor. Max não teria durado um dia naquela vida rígida e estruturada de trabalho duro. Mas aqui, ele brilha.

Ainda assim, ele é muito jovem para ser um rebelde. Muito inocente para lutar e matar pessoas.

E bom demais para sobreviver por muito tempo.

Sem aviso, o túnel se eleva e nos afunilamos noite adentro. A lua cheia brilha sobre um vale próximo a Dominus, centenas de edifícios altos e abobadados de um azul prateado ao fundo. Dezenas de torres negras perfuram as nuvens baixas.

Os rebeldes se dividiram em dois grupos. Eu me colo ao lado de Max, ignorando seu olhar carrancudo e o sorriso zombeteiro que Rivet dá a ele.

Depois que isso acabar, Rivet, você e eu vamos ter uma conversa.

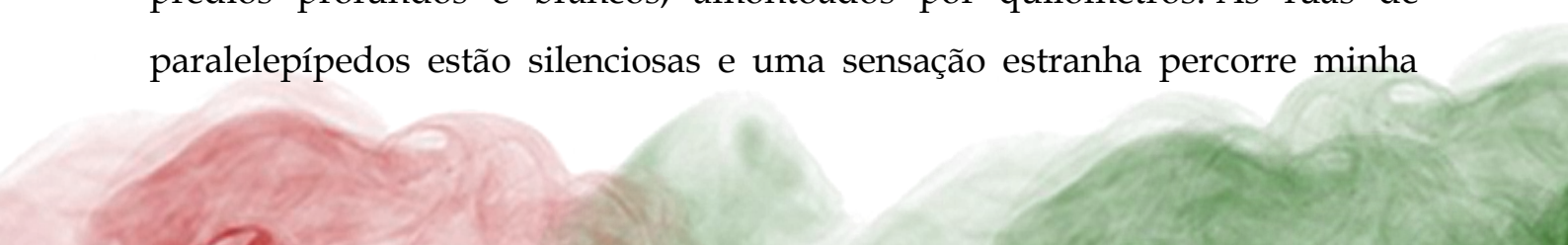
Riser nos conduz até uma colina, e olho para suas costas enquanto deslizamos sobre a grama azul-esverdeada balançando e entramos na cidade.

Ele é realmente tão diferente de antes, ou eu só vi o que queria ver porque ele foi reconstruído para cuidar de mim? Porque ele teria feito qualquer coisa para me proteger?

Foi bom, tão bom ser cuidada de novo, ter alguém pensando que eu valia a pena proteger.

Mas também me cegou para seu verdadeiro caráter. Relacionamentos nos cegam. E eu não estava vendo as coisas como elas realmente eram.

Dominus é um labirinto de becos. Casas branqueadas empilham dez prédios profundos e brancos, amontoados por quilômetros. As ruas de paralelepípedos estão silenciosas e uma sensação estranha percorre minha



espinha enquanto passamos pelas lojas vazias com mercadorias ainda disponíveis para serem compradas.

O fato de que nada tenha sido levado diz tudo o que precisa de saber sobre a presença zangão aqui. Deslizamos para uma fila única, zumbindo ao longo das paredes das lojas e aproveitando os toldos.

Teagan leva um dedo aos lábios e acena com a cabeça, e vejo dois drones prateados voando baixo na linha do telhado, seus lasers vermelhos pulsando sobre as ruas.

O medo enche meu peito. A arquiduquesa está procurando por mim. Bastaria um desses lasers mergulhar para baixo e para a direita, sobre meu rosto. Uma ação pequena e simples que me colocará de volta na Torre, em suas garras... e ainda assim o medo diminui assim que atinge.

O ar frio em meu rosto, o cheiro do mar em meu cabelo, a máquina perversa ronronando entre minhas coxas, tudo isso mexe com algo dentro de mim.

Depois de anos sendo governada pelo meu medo, por outros, depois de ser forçada a lutar e rastejar, isso parece liberdade.

Eu tenho uma escolha. Vou lutar para proteger Max e encontrar o Mercurian sozinha, se for preciso. E provavelmente morrerei por isso. Mas essa é minha decisão.

Perdemos de vista os drones perto dos templos. *Mausoléus de deuses mortos e esquecidos*, meu pai os chamava.

Altos pilares de pedra lunar alcançam o céu, uma divindade para cada um gravado na rocha gasta. Embora não sejam tão grandes quanto alguns dos edifícios, os dois templos estão por conta própria, cercados por parques e jardins crescidos. Os famosos aquedutos Dominus cruzam o céu escuro atrás deles, levando para o fundo da cidade.



Meu coração aperta e palpita enquanto corremos entre as estátuas e sebes indisciplinadas em direção às têmporas, silenciosos e rápidos, o único ruído é um *whoosh* como um vento forte. Os cheiros de jasmim e madressilva enchem o ar.

O grafite estraga as paredes esburacadas e em ruínas do primeiro templo. Os ídolos mortos olham para nós com carranca de desaprovação enquanto Riser desliza uma das pontas de seu pescoço, a luz elétrica mudando de um roxo profundo para um vermelho brilhante.

Pela maneira cuidadosa como ele segura a arma, sei que deve estar carregada. Ele o joga contra a pedra. Assim que o vidro se estilhaça, há um enorme pulso vermelho e a parede se enruga quando um buraco do tamanho de um homem aparece.

Além de uma leve nuvem de poeira, não há vestígios da pedra.

Lash sorri para mim enquanto os outros entram na igreja.

— Legal certo?

Não é a palavra que eu usaria. Eficaz, talvez, mas assustador como o inferno.

Longas filas de bancos de pedra se estendem pelo santuário, de frente para o que antes deve ter sido uma enorme estátua de Hera, a esposa de Zeus. A maior parte superior do tronco e da cabeça sumiu, um ídolo sem cabeça se erguendo.

Assim que meu foco pisca no teto alto e curvo, respiro fundo.

Um manto rico e profundo de cerúleo brilhante não natural se estende sobre o templo, tão perfeito que quase poderia ser o céu da meia-noite. Estrelas cintilam em suas profundezas, dispostas em uma representação perfeita das constelações ocidentais.



Olhando para as estrelas, percebo que minha mãe deve ter vindo aqui quando era criança. A maioria das casas antigas ainda visitava os templos nas maiores cidades. Naquela época, era mais para tradição do que adoração real.

É difícil acreditar em deuses invisíveis e ausentes quando os homens realizavam feitos milagrosos por conta própria.

Minha mãe uma vez me disse que este era seu lugar favorito quando criança, um refúgio para o qual ela poderia escapar. Uma dor se espalha dentro do meu coração quando penso nela olhando para cima com a mesma admiração que estou agora.

Da minha periferia, pego Riser me observando.

Rapidamente olho para longe das constelações.

— O que?

— Elas são lindos, não são? — Encostado em seu Swifter, a cabeça inclinada para as estrelas falsas, sua voz é suave. — Não como a coisa real. Mas ainda. Minha mãe olhou para o mesmo céu. Ela sentiu o espanto que eu sinto? Ela sorriu?

O fato de compartilharmos o mesmo pensamento me deixa inquieta. Mas sua mãe o amava. Morreu protegendo-o, até.

A minha me deixou para morrer. Não é a mesma coisa.

— Há algo que deveríamos fazer além de observar as estrelas?

Desviando o olhar do teto, ele vasculha uma bolsa preta e me joga um pesado bastão de prata. Em seguida, ele enfrenta os outros rebeldes à espera de instruções.

— Isso... — Ele aponta para o bastão em minha mão. — Detectará Armas Quentes. Verifique em todos os lugares. As paredes, pisos, bancos. Cinco minutos e nos encontramos de volta aqui.

Me movo para seguir Max, mas Riser grita.

— Você está comigo, Graystone.

Max lança um olhar para mim antes de desaparecer com Rivet por um dos corredores perto dos fundos.

— Vou com meu irmão. — Insisto, cruzando os braços.

— Não, você não vai.

— Mas...

Riser balança a cabeça. — Max ficará bem.

— Bem, como? — Alivio a raiva da minha voz, tentando soar suplicante em vez disso. — Ele mal tem quinze anos.

Um suspiro escapa de seus lábios.

— Você sabe por que tantos se juntaram aos rebeldes contra o imperador? Liberdade. Liberdade para lutar... ou não lutar. Liberdade para casar com quem eles quiserem, vestir o que quiserem, amar quem eles quiserem. Max é livre para escolher lutar e morrer, porque acredita que vale a pena morrer pela liberdade.

Mas tudo que ouço é a palavra morrer. Minha garganta se fecha ao pensar em Max contra os Centuriões, ou pior, nas garras da arquiduquesa. Eu não vou deixar isso acontecer. Devo a Max protegê-lo.

Dou um passo à frente, preparada para discutir, quando Lucy se insere entre nós, uma linha de preocupação gravada em sua testa.

— Tem certeza de que isso é sábio, Príncipe?

Endureço quando seus dedos brincam sobre seu colarinho. Hugo veio à esquerda de Riser.

— Sim. — Acrescenta Hugo, sua voz suave escorregadia. — Ela é uma traidora.

Lucy se inclina para ele, seus olhos escuros passando rapidamente por mim.



— Perigosa.

— Não confiável.

Os dois circundam Riser, se revezando em sussurros e sorrisos oleosos. Eles se movem como se fossem uma entidade, terminando a frase da outra, revezando-se para presentear Riser com sorrisos e acenos de cabeça.

— Oh, ela vai se comportar. — Riser evita os gêmeos, um sorriso irônico em seu rosto enquanto ele fixa os olhos em mim. — E se ela não fizer isso, acho que posso controla-la.

Os gêmeos fogem, o ar ficando mais claro com a ausência deles. Riser me conduz através do templo, passando por um conjunto de pesadas portas de ouro marteladas e em uma catacumba de câmaras.

— Me controlar? — Aceno meu bastão para Riser. — Se você não percebeu, meu vestido não é mais um obstáculo.

Riser empurra o bastão para longe.

— Calma. Isso fica na parede, não eu. — Ele se inclina sobre uma prateleira de pergaminhos, passando seu bastão sobre os textos amarelados. — E eu percebi. — Ele murmura. — Assim como todo homem com pulso.

Forço o rubor de minhas bochechas e me concentro na prateleira de pergaminhos do outro lado da sala.

— Como sabemos que as armas estão aqui?

— Nós não sabemos. Mas um dos acólitos deste templo era uma notória colecionadora do Expurgo. Já vasculhamos a casa dela, então este é nosso próximo palpite.

— Por que você simplesmente não pergunta a ela onde eles estão?

— Não posso. Eles a enforcaram após a última revolta.

Claro que sim. Me curvo e passo meu bastão sobre os ladrilhos dourados do piso.



— Então... você vai apenas entregar a Nicolai um monte de armas proibidas? Isso implica confiança.

Sinto o olhar de Riser passar rapidamente por mim.

— Eu não confio em ninguém. — Uma pausa. — Nicolai é um meio para um fim.

Fim? Mais pergaminhos se alinham na próxima sala.

— Você é um Fieniano, então?

Ele me ignora e eu decido deixar isso de lado. Mas, depois de alguns minutos de nossa busca, ele se endireita, o bastão solto ao lado do corpo.

— Os realistas mataram minha mãe. Mas primeiro eles a fizeram sofrer de maneiras horríveis e inimagináveis. — Embora suave, sua voz tem um tom duro e cruel que causa arrepios na minha espinha. — Então, sou tudo o que preciso ser para fazê-los sofrer do jeito que ela sofreu.

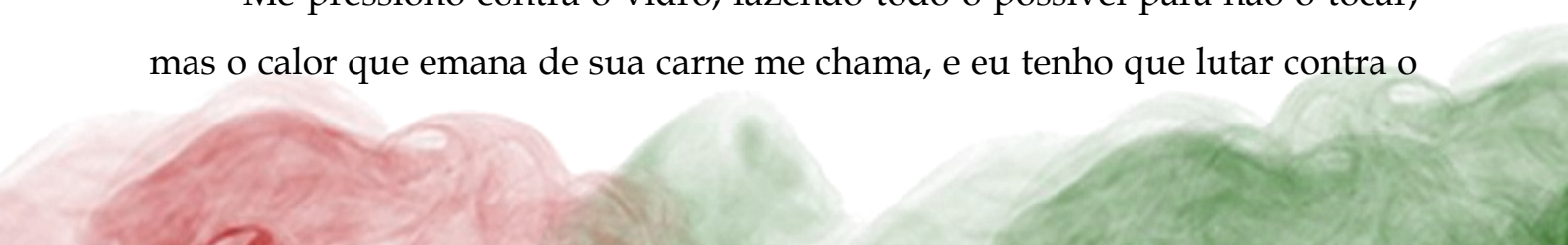
Ele olha através de mim para qualquer memória que está revivendo. Lembro-me de como Riser uma vez me disse que eu era a única coisa que o fazia querer ser melhor. É assim que ele é sem alguém a quem ancorar sua moralidade?

Talvez seja por isso que Flame concordou em me apagar, agora ele é uma lâmina que eles podem empunhar contra os realistas.

Uma arma sem consciência.

Quando nos movemos para a próxima câmara, ela é tão pequena que mal consigo me mover sem tocar em Riser. Ele cheira a couro, fumaça e especiarias. Ofereço-me para fazer o próximo, mas ele apenas ri baixinho e continua balançando seu bastão estúpido sobre a pedra. Pelo menos há uma janela.

Me pressiono contra o vidro, fazendo todo o possível para não o tocar, mas o calor que emana de sua carne me chama, e eu tenho que lutar contra o



desejo de pressioná-lo, o ar ficando mais espesso entre nós até que se torna difícil puxar o ar.

Ele se mexe, sua respiração acariciando minha bochecha.

Me concentro na luz verde na minha frente. Afinal, para que serve o desejo? A que função serve, exceto para torná-lo fraco?

Alcanço a parede oposta e meu braço encosta na lateral dele. O tecido de sua camisa é fino e posso sentir o músculo duro por baixo. Ele se enrijece, o ar sibilando por entre os dentes.

Então ele também sente.

Use-o. A voz é um resquício de Everly March. A garota que está tão confortável com sua sexualidade e o poder que ela possui quanto qualquer homem. Mudo, pressionando a parte interna da minha coxa na perna de Riser. O calor se espalha sobre o local em que nossa carne toca.

Seus nós dos dedos ficam brancos ao redor do bastão. Quando ele olha para cima, eu passo minha língua sobre meus lábios.

— O que você está fazendo? — Sua voz está ofegante, seus olhos pousando em meus lábios.

Estendo a mão, toco o osso da sobrancelha logo acima de seu olho verde. Meu coração bate descontroladamente dentro do meu peito. Deixo minha mão cair em sua bochecha.

Surpresa e algo mais, algo perverso, cintila em seu rosto, mesmo quando ele se move para a minha mão.

Eu o beijei ou ele me beijou? Não importa. Sua língua desliza em minha boca, separando meus lábios, e uma sensação de vazio faz cócegas em minha barriga. Nossos dentes raspam juntos quando ele abre mais minha boca. O calor preenche o vazio, espalhando-se, queimando.



Isso não fazia parte do plano. *Eu tenho que parar.* Me afasto para encará-lo, minha respiração irregular.

— Você está... você vai voltar para a Ilha?

Assim que pergunto, sei que mostrei minha mão. A maioria dos caras pode não notar, mas Riser, sim. Então, por que ele está sorrindo?

Suspiro quando ele pressiona seu joelho entre minhas pernas, me prendendo, seus lábios a centímetros dos meus. Suas palmas circundam minha cintura, garantindo que eu não possa me mover.

— Eu estava me perguntando o quão longe você iria, mas devo dizer que não sabia o quanto iria gostar.

— Você sabia. — Assobio. — E você me deixou...

Ele ri, seus olhos dançando com diversão. — Me beijar? — Seu olhar permanece em meus lábios. — Eu estava curioso para ver se você poderia fazer isso sem usar os dentes.

— Desgraçado.

— Você não quer dizer, bastardo irresistível? — De repente, seus olhos vibram e ele se afasta de mim, sua boca forma uma linha tensa. — Eles encontraram as armas. Vamos.

Vamos? É isso aí?

Abro a boca para responder, mas uma luz vermelha pulsa em sua testa. Antes que eu possa gritar, ele cai, me puxando para baixo em cima dele. A explosão reverbera em meu peito, meus ossos. Cacos de vidro chovem sobre nós.

Em um movimento, Riser me vira e me protege com seu corpo.

Suor e adrenalina jorram de todos os poros enquanto meus ouvidos captam o zumbido que vem pela janela quebrada, uma palavra retinindo dentro da minha cabeça.



Drone.



CAPITULO 28



Uma lágrima lisa e prateada zumba no ar acima. Pisco contra seu sensor enquanto seu laser examina meu rosto... divulgando minhas características.

Riser balança seu bastão para o drone, enviando-o com um baque surdo contra a parede. Me arrasto para trás, fico de pé e arranco o ender do pescoço. Um arrepio passa por mim quando o orbe muda para vermelho.

Riser chega à porta antes que o drone esteja de volta ao ar. Seu laser cresce de um fio fino para um feixe espesso como uma arma enquanto se curva em direção a ele.

Rezando para acertar, solto um suspiro e jogo a bola vermelha raivosa no drone. Ouve-se um delicado ruído de tilintar quando o vidro se estilhaça, seguido por um leve ruído amassado. Um buraco escuro aparece onde o drone estava, o ar ao redor dele se deforma e espirala como dobras retorcidas de tecido antes de endireitar lentamente de volta ao normal.

— Bom tiro. — Diz Riser, sorrindo absurdamente enquanto corremos para encontrar os outros. — Achei que você estivesse mirando na minha cabeça.

Corto meus olhos para ele. — Quem disse que eu não estava?

Os outros já estão nos esperando sob o falso céu estrelado, correndo para carregar três grandes mochilas com obeliscos dourados e prismas

triangulares. *Nanoarmas*. Um anel de rebeldes puxa suas armas e circunda as mochilas. De alguma forma, eles sabem sobre o drone.

Abro a boca para perguntar como, mas Riser, é claro, já leu a expressão em meu rosto.

— Microplanta. — Ele bate na lateral da cabeça. — Nicolai informou os outros.

— Então ele viu você me beijar? — Minhas bochechas ficam vermelhas com o pensamento.

Riser joga uma perna sobre seu Swifter, seu olhar focado no painel de instrumentos na parte superior, mas o canto de seu lábio se contorce.

— Pelo que me lembro, Graystone, você me beijou.

Engulo meu retorno espirituoso e procuro Max na sala. Ele e Rivet já estão em seus Swifters, uma mochila volumosa amarrada nas costas e pesando sobre eles. Eles serão mais lentos do que o resto de nós.

— Dê-me a mochila de Max.

Riser olha para eles. — Não há tempo suficiente.

— Eles vão ser muito lentos.

Ele balança a cabeça. — Eles conheciam os riscos.

— Talvez mais drones não venham. — Mas eu sei que é uma mentira assim que digo.

Riser engole. — Talvez. — Em um salto gracioso, ele pula em cima de seu Swifter. — Tudo bem, precisamos nos mover rápido e com cuidado. Aqueles carregando as mochilas no meio, todo mundo do lado de fora. Drones fora, armas fora. Vamos fazer isso.

Um zumbido suave enche a câmara enquanto nós deslizamos para a saída, a luz pálida da lua cheia se infiltrando no chão de pedra



empoeirado. Batendo através da linha de rebeldes, tomo um lugar à direita de Max, ignorando a saliência de sua mandíbula enquanto ele me encara.

A saída levará apenas um de cada vez, mas pretendo estar o mais perto possível para poder flanquear seu lado assim que passarmos.

— Desculpe, garoto. — Sussurro. — Você está preso a mim.

Riser é o primeiro a chegar ao buraco, Lucy e Hugo o flanqueando. Com a cabeça esquadrinhando o céu, ele guia seu Swifter para frente, e então para. Sem pensar, eu deslizo mais perto, até que o lado de fora fique à vista.

Um suspiro silencioso escapa dos meus lábios.

Duas grandes naves pousam no chão. Suas portas se abrem, vomitando Centuriões. Demais para contar.

O que significa muitos para lutar.

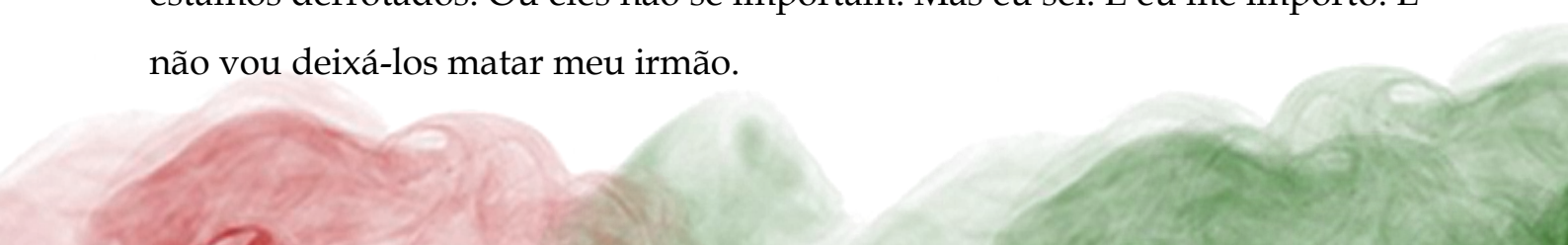
Mesmo com nosso novo cache de armas e nossa tecnologia, estaremos presos dentro do templo. Podemos segurá-los por minutos, até horas, mas eventualmente eles encontrarão uma maneira de entrar.

Olho atrás de mim para Max. Seus olhos estão arregalados, brilhando de excitação. Ou ele é muito jovem para entender a gravidade de nossa situação ou muito ansioso para provar que se importa.

Quando me viro, minha respiração engata ao ver a arquiduquesa descendo as escadas de metal da nave, sua capa cinza arrastando-se ao vento como fumaça. Cinco enormes Swifters dourados a seguem. Caspian está sentado no meio, Delphine e Roman o flanqueando.

— Aqui está nossa chance de matar o Falso Príncipe. — Alguém sussurra. Alguns rebeldes batem no peito com os punhos em bravata.

Solto um longo suspiro. *Estamos condenados*. Eles não têm ideia de como estamos derrotados. Ou eles não se importam. Mas eu sei. E eu me importo. E não vou deixá-los matar meu irmão.



Eu me recuso.

Meu corpo estremece a cada batida acelerada do meu coração, me enchendo de picos de adrenalina. O drone me examinou.

A arquiduesa está aqui para mim.

Eles não sabem sobre os outros... ainda.

Bato no lado do Swifter de Lucy, forçando um lugar entre ela e Riser, e ignorando suas ameaças murmuradas.

O olhar curioso de Riser desliza pelo meu rosto, suas sobrancelhas levantando enquanto ele me lê como ninguém mais pode.

— Planejando algo que eu deveria saber?

— Eu preciso de uma arma. — Digo, evitando sua pergunta, com medo que ele tente me convencer do contrário.

Franzindo a testa, ele alcança um dos Nano-retalhadores amarrados em seu cinto, mas eu balanço minha cabeça e gesticulo para a sequência letal de enders lançando uma luz púrpura sobre seu rosto. Uma pausa. Bem quando eu acho que ele vai me recusar, ele levanta o fio da morte sobre sua cabeça e sobre a minha.

— Sua espada também.

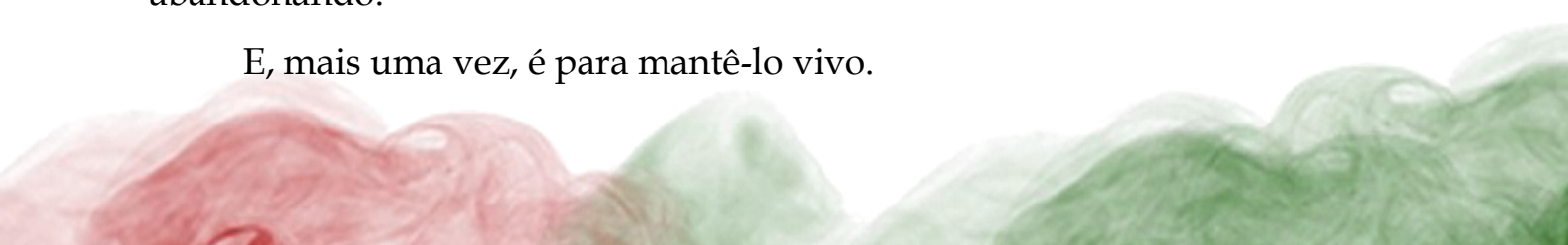
— Exigente, não é?

— Agora.

Ele obedece com um olhar desconfiado. A lâmina estremece sob meus dedos trêmulos. Olho para trás para Max mais uma vez, avidamente o absorvendo. O cabelo louro que eu costumava enrolar entre meus dedos, o meio sorriso teimoso que eu costumava odiar.

Uma dor enche meu peito quando eu percebo que mais uma vez o estou abandonando.

E, mais uma vez, é para mantê-lo vivo.



— Em um minuto, alguém faça outra entrada perto dos fundos. — Meus dedos apertam o acelerador. — E diga ao Max... diga a ele que ainda o amo e que ele pare de fazer coisas estúpidas.

Um sorriso encontra o rosto de Riser.

— O que?

— Nada. Eu só pensei, você sabe, eu estava no comando.

Revirando os olhos, empurro meu Swifter pelo buraco antes que ele possa me impedir. *Aqui vamos nós.* O ar externo está frio contra minha carne suada. De alguma forma, quase chego às sebes antes que qualquer um dos monarquistas perceba.

Os drones vêm primeiro. O zumbido estranho que eles fazem quando convergem para mim se instala profundamente em meus ossos. Engulo a náusea, me sentindo leve e pesada enquanto continuo.

A arquiduquesa me olha nos olhos, um sorriso torto contornando seu rosto pálido.

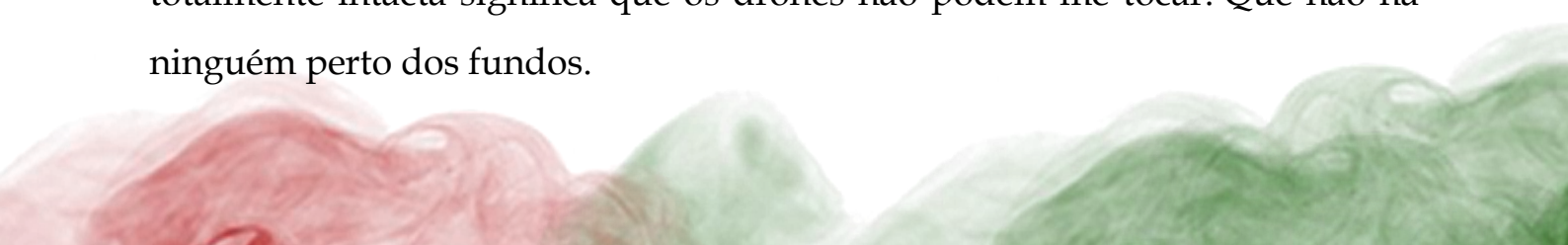
— Peguem ela! — Ela ordena em um grito sem fôlego. — Agora! Agora! Agora!

Os drones zumbem, seus lasers deslizando sobre a grama em minha direção. Atrás deles, os Swifters de Ouro formam um V, Caspian na liderança.

Eu continuo. Três metros de distância. Dois e meio.

A arquiduquesa não está mais sorrindo. Seus olhos arregalados estão fixos no que está em volta do meu pescoço. Contorno as sebes e fico cara a cara com Caspian, minha respiração superficial e irregular enquanto paro.

Uma parte de mim já está me repreendendo por ser tão impulsiva. Tudo depende de suposições. Que a necessidade da arquiduquesa por mim totalmente intacta significa que os drones não podem me tocar. Que não há ninguém perto dos fundos.



Essa surpresa e distração vão compensar a falta de um plano real.

Caspian está com a mão direita erguida, palma para frente, parando os outros cavaleiros Escolhidos. Assim como a arquiduquesa, seu foco está nas armas em meu pescoço.

Ele desvia o olhar do enders para o meu rosto, suas sobrancelhas douradas erguidas acima de uma expressão de você-não-ousaria.

Oh, príncipe, mas eu ousaria. Deslizo as quatro esferas do meu pescoço, encaixando duas em cada mão. Seu brilho vermelho brilhante aquece minhas bochechas. A energia dentro de mim pulsa contra minhas palmas. Me implorando para liberá-la.

— Parem ela, seus idiotas! — A arquiduquesa grita, cambaleando para trás. — Parem...

Eu jogo as duas primeiras Armas Quentes. O tempo fica lento enquanto elas passam por cima dos Escolhidos em seus Swifters, os Centuriões, suas cabeças inclinadas para observar os orbes. Quando elas atingem a nave, um batimento cardíaco frenético passa antes de eu ouvir o barulho horrível de amassamento. A nave geme enquanto se dobra sobre si mesma, os Centuriões gritando e mergulhando para longe dela.

O segundo lance atinge a outra nave.

Mais gritos. Mais corridas. Os drones se aproximam, zumbindo mais alto, seus lasers piscando ao meu redor. Talvez haja uma anulação se eu for considerada perigosa demais para ser capturada.

Eu não quero descobrir, então giro o acelerador e fujo, Caspian e o outro Escolhido nos meus calcanhares.



CAPITULO 29



Minhas palmas das mãos estão suadas enquanto agarro as alças e ziguezagueio pelo labirinto de sebes, tentando escapar de meus perseguidores. Além do barulho da minha respiração pesada, o vento e o ronronar suave da minha nave, meu mundo está quieto. Muito quieto.

Eles provavelmente se separaram, o que significa que minhas chances de os perder são baixas. Preciso encontrar um trecho longo e oculto onde possa descobrir quão rápido essa coisa vai. Talvez se...

Um borrão dourado. Por instinto, eu puxo para cima e para a direita pouco antes de um Swifter bater em meu lado. Galhos arranham minha bochecha enquanto eu vou para as sebes. Me viro com a espada na mão, mal repelindo a lâmina de Delphine destinada ao meu pescoço.

Ela ataca novamente, sua curta cortina de cabelo loiro grudada em um lado de sua cabeça com suor, grunhindo com cada golpe para separar uma parte de mim do meu corpo.

— Roman! — Ela grita.

Uma excitação febril pisca dentro de seus olhos azuis cruéis enquanto ela golpeia sua espada contra a minha repetidamente, quase me derrubando do banco.

Olho para trás assim que Roman desliza atrás de mim com um mangual pontiagudo. Merda. Aparentemente, eles não entenderam o papo de não me matar.

— Olá, verme. — Ele diz, batendo seu Swifter na parte de trás do meu. Seus lábios grossos tremem quando ele olha além de mim para Delphine. — Já se perguntou como são as entranhas de um verme, Del?

Os olhos de Delphine se iluminam.

— Cinco denaris de ouro que eu a pego primeiro.

Eu olho de um para o outro. *Quem é a maior ameaça?* Meu coração dispara enquanto examino as sebes, procurando uma saída, um ponto fraco, mas não há nenhum. Vou ter que passar por um deles. *Qual?*

Um pensamento me ocorre, e antes que eu possa pensar melhor, abaixo minha lâmina na parede verde frondosa. Eu golpeio descontroladamente, grunhindo a cada golpe, as folhas voando por toda parte.

Na minha visão periférica, vejo Delphine erguer sua espada.

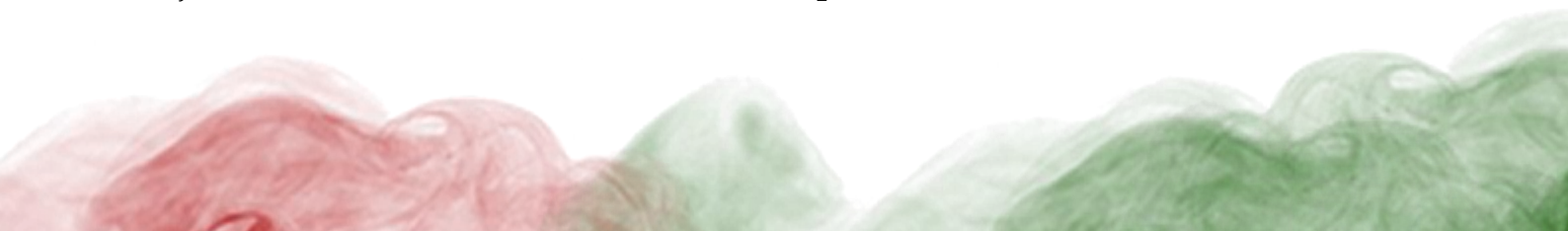
Um grande pedaço de céu e jardim aparece. Grande o suficiente para passar, talvez. *Esperançosamente.*

Quando viro meu Swifter para tentar, a nave de Delphine bate de lado e o choque sacode minha espinha. Me abaixo enquanto sua lâmina sussurra sobre meu cabelo.

Roman ataca, balançando seu mangual, e eu puxo o acelerador...

A força da aceleração puxa minha cabeça para trás e eu grito, apertando as alças com força para não voar. Meu pescoço dói, mas forço meu corpo para baixo até sentir o ronronar da máquina bem no fundo do meu peito.

Tudo ao meu redor se transforma em manchas. A fonte. As fachadas das lojas abandonadas. Os edifícios entre os quais deslizo.



Apesar da minha velocidade perigosa, eu puxo o acelerador mais forte, varrendo e deslizando sobre colinas de paralelepípedos, manobrando curvas fechadas com facilidade. Euforia misturada com terror surge através de mim enquanto empurro a máquina mais rápido e devoro estrada acima.

Isso é bom. Tão, tão bom.

Mas quanto tempo até meu uploader passar e eu perder minha capacidade de operar meu Swifter? Eu preciso me livrar de meus perseguidores. E onde estão Caspian e os outros?

Me inclino para a esquerda, forçando o Swifter em outra curva fechada. Ao contornar o prédio, concentro-me em uma ponte de concreto aparecendo na base da colina. Abaixo disso, há um rio que passa direto por Dominus.

Em linha reta. Sem curvas, o que significa rápido. E eu estaria escondida abaixo.

Sigo para o rio, verificando minha cauda antes de mergulhar para o lado. Meu nariz arde com o cheiro pungente de carniça e resíduos fluindo através da água alta entupida com lixo. Ganho velocidade, minha barriga balançando enquanto repito as palavras:

Max está seguro, Max está seguro, Max está seguro.

Deslizo por quilômetros, minha respiração sai do normal, meu coração encontra seu ritmo natural. Meu irmão está seguro. Posso não estar mais perto da Ilha ou do Mercurian, mas fiz uma coisa certa.

A cidade iluminada pela lua ergue-se em ambos os lados do rio. Deslizo entre as pernas grossas e repletas de grafites das pontes, impaciente para encontrar o meu caminho de volta para a propriedade.



Algo chama minha atenção, e eu olho para a minha direita quando dois Swifters de Ouro caem silenciosamente no rio e se dirigem para mim. Mais dois se quebram à minha esquerda.

Inferno. Como eles me encontraram?

Eles se movem com velocidade impossível. Mesmo enquanto eu acelero todo o caminho para trás, mesmo quando me fundo ao corpo da minha nave em uma tentativa desesperada por mais velocidade, eles ficam mais próximos como caçadores pegando suas presas.

Súplicas sacodem dentro da minha cabeça. Para os deuses mortos. O fantasma do meu pai. Minha mãe. *Ajudem-me a sair disso e eu encontrarei o Mercurian. Eu vou fazer isso. O que for preciso.*

Algo me faz olhar para trás. Caspian está curvado sobre sua máquina a poucos metros de distância, seu cabelo dourado chicoteado para trás com o vento. Nossos olhos se encontram. Além de uma leve dilatação das narinas, seu rosto está sem emoção conforme ele ganha terreno.

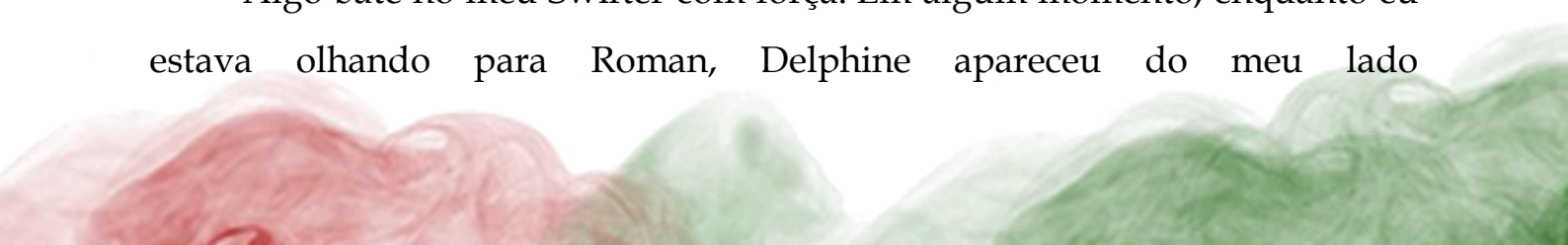
Eles estão formando um laço ao meu redor. Quero afundar no lixo lá embaixo e desaparecer no rio. Afogar-me na sujeira seria melhor do que meu destino se eles me pegassem.

Saída. Saída. Roman assoma à minha direita. Ele está sorrindo, agitando-se no ar, pronto para me derrubar da máquina, provavelmente me matar. Eu posso sentir seu olhar permanecer em minhas pernas nuas por trás de seus óculos de proteção grossos.

— Depois que a arquiduquesa acabar com você, verme... — Ele grita. — Talvez eu te faça uma visita.

— Eu prefiro morrer!

Algo bate no meu Swifter com força. Em algum momento, enquanto eu estava olhando para Roman, Delphine apareceu do meu lado



esquerdo... Roman foi uma distração! Os outros dois Escolhidos ocupam seus lugares na frente.

Isso deixa Caspian para trás. Procuro uma saída, meu olhar passando desesperadamente sobre os barrancos íngremes. Mas mesmo que de alguma forma eu escapulisse, ficaria presa na rede da cidade à direita. À esquerda, uma queda acentuada que leva a mais casas. Não há como fugir deles. Nenhuma outra direção a seguir, a não ser para baixo... dentro da água. Mas talvez se... talvez se eu realmente não me afogasse...

Os aquedutos sobem à esquerda e serpenteiam ao longo do rio. Eu poderia perder meus perseguidores por tempo suficiente? Tento reunir os pensamentos ricocheteando em minha mente. Água. Afogar.

Ocultar.

Um olhar por cima do meu ombro confirma que o Swifter de Ouro de Caspian me bloqueou. Eu preciso que ele se mova.

Olhe para mim, Príncipe.

Ele se concentra em mim, seus olhos fixos. Indiferente. Eu matei Ophelia, claro que ele não vai me ajudar. Delphine bate no meu Swifter, mas eu mantenho seu olhar. *Olhe para mim. Veja-me.*

Algo pisca em seus olhos, uma centelha de emoção.

De repente, um espaço se abre entre nós. Pequeno o suficiente para que pudesse ser um acidente, mas o suficiente para escapar.

Freio meu Swifter e faço um corte íngreme para a esquerda. Na nossa velocidade, um segundo equivale a centenas de metros. Os outros ficam pequenos à medida que passam zunindo.

Subo o aterro e lanço-me no ar, passando pelo lado escorregadio de escória e para o canal marrom de um metro e meio de largura do aqueduto.



Minha pulsação troveja dentro do meu crânio. Mal consigo pensar. Quase não consigo respirar.

A cidade se desdobra trinta metros abaixo, as casas parecem uma pequena cidade em miniatura que uma vez vi em uma loja realista quando tinha cinco anos, só que sem pessoas.

É hora de morrer, Maia.

Todos os meus sentidos disparam ao mesmo tempo quando pulo em cima do meu veloz Swifter, braços girando em busca de equilíbrio, pulmões puxando ar rapidamente para sobrecarregar meu sangue com oxigênio e olho a curva à frente. Cinco. Quatro. Três. Dois.

Um.

Pulo bem quando a nave vira de lado e afunda na água fria, olhos fechados em alguma crença juvenil de que se eu não posso ver meus perseguidores, eles não podem me ver. A água está turva, mas também é rasa, e eu forço o último suspiro para não flutuar até o topo, esperando que eles não percebam as bolhas.

Embora não consiga ver nada, posso ouvir os Swifters passarem por cima de mim, sentir seu calor.

Ocupo meu cérebro com cada pensamento sob o sol, exceto o ar. Estrelas brilhantes e perfeitas. A risada rica e maluca de Max. Riser. Nosso beijo. Meus pulmões queimam e queimam. Agarro a memória do meu pai. A maneira como ele olhava para mim como a única coisa no mundo que importava. Cerro os dentes, rangendo contra a necessidade, o desejo primordial de encontrar ar.

Ainda não.

A escuridão gira por trás das minhas pálpebras.

Ainda não.

Meu cérebro grita.



Ainda não...

Meu suspiro é baixo e com fome quando eu divido a água e encontro o ar. Descanso minha cabeça na lateral do canal, ofegante para recuperar o fôlego. Um arrepio percorre meu corpo.

Funcionou. Graças aos deuses, funcionou.

Me arrasto até a beira do aqueduto e olho para baixo, gotas de água sangrando do meu cabelo e caindo em espiral para a rua abaixo. Um fogo arde sobre os destroços negros da minha nave. Eu conto os Swifterns escolhidos em torno dela.

Quatro.

Quando me viro, a espada de Caspian está na minha garganta. O calor de sua máquina aquece a água onde ela toca, chiando e sibilando o vapor enquanto sobe ao seu redor. Um segundo muito longo se passa.

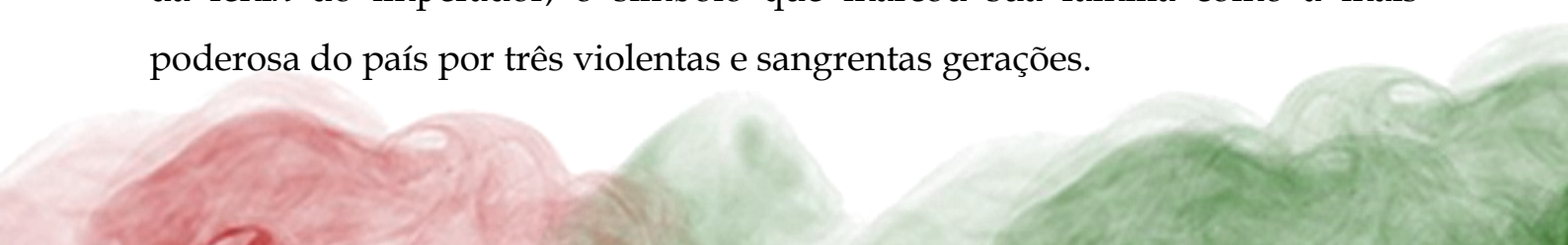
Mesmo agora, eu olho para o rosto dele, incapaz de ignorar o sentimento de pertencimento, de casa em seus olhos dourados como o mel. Sua beleza reconfortante, uma obra-prima da genética e da bioengenharia. Seu DNA, maneirismos, peculiaridades e basicamente tudo o que torna Caspian ele mesmo, uma combinação perfeita para mim.

Meu coração bate contra minhas costelas. Acabou. Mas me recuso a voltar. Soltando um suspiro, eu me inclino para frente até que a ponta de sua espada pressionar a carne sensível do meu pescoço, a dor me firmando.

— Eu não vou deixar a arquiduquesa me ter. — Digo em uma voz suave, minha intenção clara.

Me mate ou me solte.

Os dedos do príncipe se contraem sobre o punho da espada, logo abaixo da fênix do imperador, o símbolo que marcou sua família como a mais poderosa do país por três violentas e sangrentas gerações.



Um músculo treme em sua mandíbula. — Estamos quites agora. — Seus olhos estão duros enquanto se afastam do meu rosto, focando em algo além. — Da próxima vez que te ver, vou tratá-la como a terrorista que você é.

Eu suspiro quando ele remove a espada do meu pescoço e enterra a lâmina na bainha de couro em sua cintura. Ele sai sem olhar para trás, mas meu olhar perdura muito depois que seu Swifter o leva ao redor do aqueduto curvo e desaparece de vista.

O príncipe Ouro da minha infância se foi. Em seu lugar está um menino solitário, confuso e zangado. Um menino que criei quando matei sua irmã gêmea e o trai não uma, mas duas vezes.

Quando prometi salvação, mas entreguei derramamento de sangue e morte.

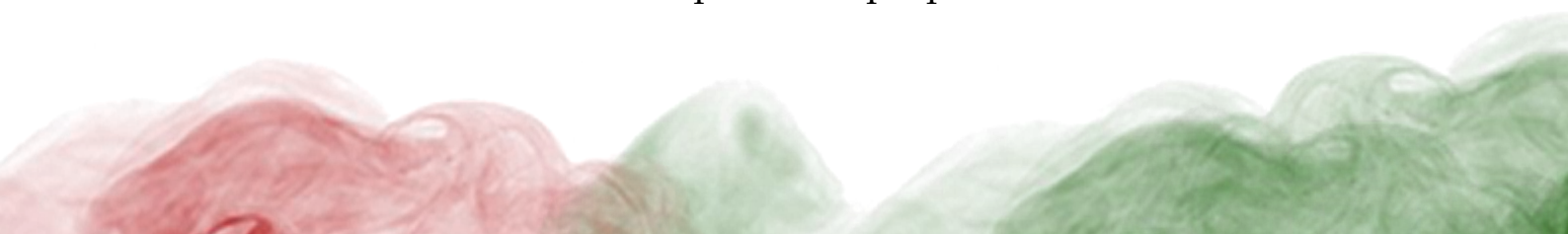
Cada grama de luta é drenada do meu corpo. Afundo de volta na água turva, submergindo tudo, exceto meu nariz, boca e olhos. Agarro fracamente as laterais do canal enquanto a corrente tenta me arrastar para baixo.

Eu não sei por quanto tempo eu fico olhando para cima, focando dentro e fora das estrelas espreitando das nuvens se dissipando. Estou despedaçada e quebrada tão certo quanto a pilha mutilada de destroços que fumeja abaixo.

Quase morri esta noite. E se eu não tivesse cruzado com Max na praia, eu já estaria no Castelo Laevus agora... presa ou morta por uma tentativa fracassada de encontrar o Mercurian.

Que loucura me fez pensar que eu poderia me infiltrar no castelo do imperador sozinha?

Meus olhos caem sobre a Estrela do Norte. Uma vez, me enrolei no colo do meu pai e olhei para a mesma estrela brilhante. Ele me disse que, na verdade, eram várias estrelas tão próximas que parecem ser uma só.



— Por si só... — Disse ele. — Cada estrela é mediana, fácil de ignorar, mas juntas elas comandam a noite.

Quero ficar no meu mundinho seguro, onde a única pessoa em quem confio sou eu mesma. Mas não posso fazer isso sozinha. Eu simplesmente não consigo. Não mais, não com tanto em jogo. Para ter alguma chance de me infiltrar na Ilha e encontrar o Mercurian, preciso de amigos em quem possa confiar.

Mas como posso fazer isso quando quase todo mundo pensa que sou uma traidora?



CAPITULO 30



O silêncio da cidade Ouro, há muito abandonada, pesa sobre mim enquanto eu navego pelas ruas estreitas e labirínticas. Molhada, pálida e tremendo, me sinto como um fantasma, uma memória das pessoas que uma vez povoaram as lojas, com suas capas forradas de pele e fascinadores exagerados usados durante a sexta-feira sagrada nos templos e todas as outras ocasiões sob o sol.

Como a maior e mais rica cidade Ouro, a maioria dos ocupantes está agora com a corte em Hyperion, na Ilha ou sob as montanhas em seus caixões.

Mais no fundo da cidade velha, residências descoradas salpicam os penhascos que sombreiam Dominus até o início da tarde. A cidade mais antiga do império, Dominus é o último resquício de uma era morta em que os deuses governavam e a tecnologia ainda não havia sido descoberta. Famílias antigas como a Casa Lockhart e a Casa Laevus governaram aqui como barões sobre todas as terras vizinhas.

Dominus foi a única cidade protegida de mudanças quando a tecnologia transformou todas as outras em frias e imponentes estruturas de aço e vidro, como se soubesse que um dia essas cidades iriam perecer na Guerra Eterna, as poucas que permaneceram chamadas de Cidades Diamante.

Novas cidades e vilas foram construídas, mas nenhuma jamais foi tão bela ou tão majestosa quanto Dominus.

O amanhecer sussurra sua chegada em dedos laranja de luz. Quando chego à entrada da caverna, um rubor pálido afugenta qualquer indício de noite, e os pássaros cantam na floresta próxima.

Em algum ponto durante minha caminhada, as vozes começaram, e agora elas formam um zumbido silencioso no fundo da minha mente. Estou começando a me acostumar com elas e não consigo decidir se isso é bom ou ruim.

Colocando meus óculos de proteção, levanto as agulhas de pinheiro e a escova usadas para camuflar a entrada da caverna e deslizo pela pedra áspera, xingando. Caminho três metros para dentro da caverna antes de notar a figura esperando por mim.

Apesar de seu corpo alto e desengonçado, Teagan tem a graça de uma dançarina e se inclina de forma sublime contra a parede, me observando.

— Então você sobreviveu, querida.

— Parece que sim.

— Bem, estou contente. Quando me contaram a coisa estúpida que você fez, eu procurei por você.

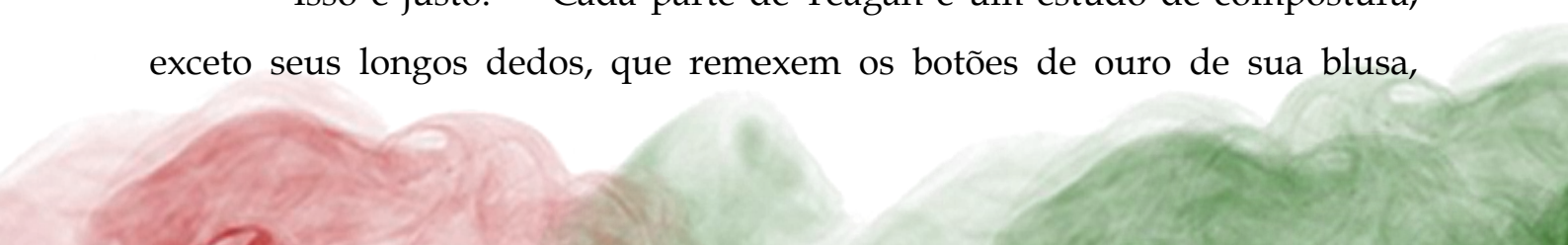
Rolo meus ombros e sufoco um bocejo, o início de uma dor de cabeça beliscando meu cérebro.

— Por quê? Quero dizer, por que fazer tudo isso? Ajudar-me?

Ela empurra a parede. — Essa é uma conversa para outra hora.

— Por favor. Eu... eu preciso saber por quê... porque preciso confiar em alguém, e acho que essa pessoa pode ser você.

— Isso é justo. — Cada parte de Teagan é um estudo de compostura, exceto seus longos dedos, que remexem os botões de ouro de sua blusa,



torcendo e puxando. — Você se lembra quando aquele bruto Roman invadiu nossa mesa durante a seleção e feriu O?

— Sim. Ele era um idiota.

— Certo. — Seus olhos estão tensos sobre um sorriso raivoso. — Ele era um idiota, mas ele também era um Escolhido, um muito poderoso nisso. E você se levantou para defendê-la apesar disso.

A imagem das marcas vermelhas raivosas dos dedos brutos de Roman deixados na boca de O empolam meu cérebro e minhas mãos se fecham em punhos.

— Eu gostaria de tê-lo matado.

— Eu também. — Sua voz vacila e, de alguma forma, de alguma forma eu entendo.

— Você e a princesa Ophelia eram amigas?

— Amigas... e mais. — Parte de sua boca torce, seu olhar hesitante enquanto ela observa minha reação. — Isso te incomoda?

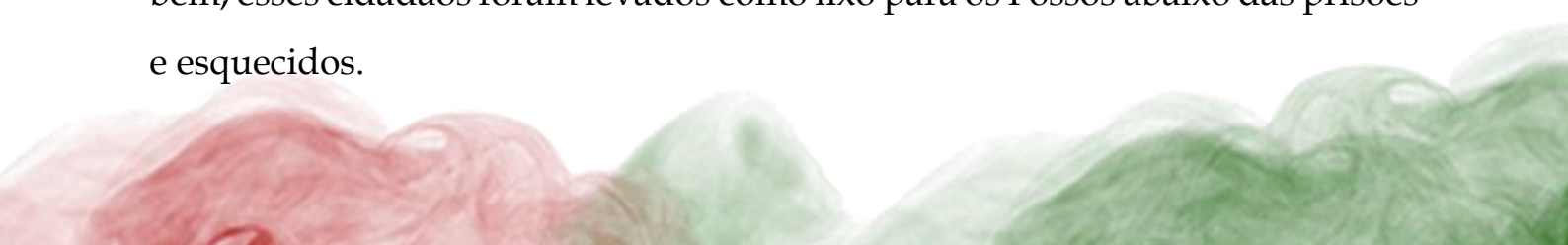
Leva um segundo para entender. Mais que amigas. Amantes. Duas garotas... em um relacionamento igual ao de homens e mulheres.

Subversiva. A palavra sussurra na minha cabeça, a palavra que ouvi pela primeira vez sussurrada sobre Teagan no dia em que entramos na Ilha.

Uma palavra desagradável e odiosa.

No meu mundo, ser um Subversivo é pior do que um Bronze. Pior do que um verme. Subversivo é o mais baixo dos mais baixos.

A maioria dos subversivos com dinheiro foi despojada de cor e título e enviada para campos, mas a grande maioria daqueles sem recursos, aqueles que não podiam pagar a cara terapia de reconstrução aplicada nos campos, bem, esses cidadãos foram levados como lixo para os Fossos abaixo das prisões e esquecidos.



Percebo que o olhar de Teagan não deixou meu rosto enquanto aguardava meu veredicto. Uma vulnerabilidade infantil se esconde sob sua máscara fria, uma que eu reconheço, e me deixa com raiva por ela se sentir menos que humana. Eu não me importo com quem ela ama, ou quem ela beija.

Para mim, ela ainda é exatamente a mesma pessoa.

— Teagan... — Digo, me encolhendo com a forma como ela estremece. — Há um milhão de coisas que me incomodam agora, mas quem você escolhe amar não é uma delas.

— Bom. — Mas sua voz continua cortada. — Nem todo mundo é assim... mente aberta. — Ela se vira. — Vamos, vamos deixar este buraco úmido para trás.

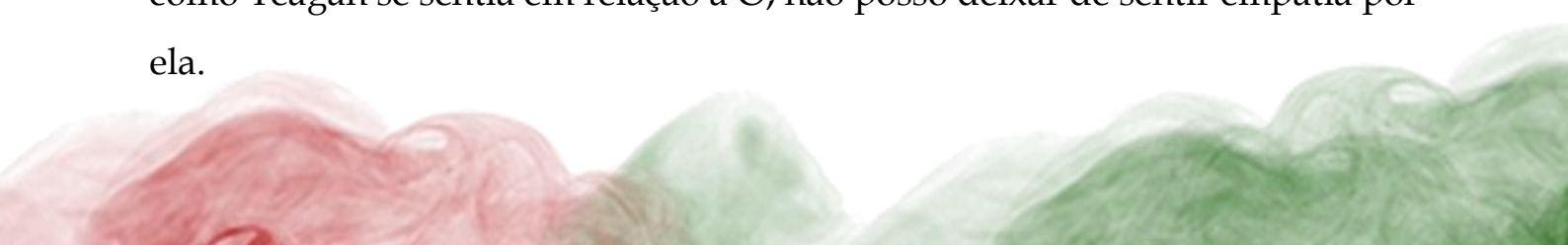
De repente, me pergunto se ela também tem pesadelos com o labirinto. Se há câibras, espaços escuros enchem suas palmas de suor e a fazem sentir como se estivesse morrendo com um suspiro estrangulado de cada vez.

— Você ainda pensa sobre o primeiro julgamento? — Pergunto baixinho.

Ela faz uma pausa. — Quando eu tinha sete anos, meus pais me mandaram para uma clínica especial para subversivos. — Ela se vira para me encarar. — Depois de cinco anos lá, passando por procedimentos dos quais nem consigo falar, pensei que nunca mais conheceria aquele tipo de medo. Mas o labirinto provou que eu estava errada.

Caminhamos em silêncio até seu Swifter. Mesmo depois do que ela me disse, não hesito em rastejar atrás dela e lançar meus braços cansados em volta de sua cintura fina, grata por seu calor.

Eu não me importo como a chamam, ou quem ela ama. Eu não. Na verdade, a ideia parece tão inútil e boba que quase rio... só que agora que sei como Teagan se sentia em relação à O, não posso deixar de sentir empatia por ela.



— Sinto muito, Teagan. — Digo. — Sobre Ophelia.

Teagan se enrijece. — Eu também, querida.

— Você está bem?

— Ótima.

Ela está mentindo, mas não vou pressioná-la. Ninguém está imune à tragédia e à dor no mundo do imperador. Todos nós perdemos alguém. E nenhum de nós quer falar sobre isso.

— O que eu disse antes sobre você e O. — Digo. — Quero dizer. E estou feliz por ela ter alguém que se importava com ela. Alguém que deu esperança a ela.

Uma pausa longa e pesada.

— O que? Eu disse algo errado?

Seu corpo estremece e percebo que ela está rindo. — Eu sabia, querida. Desde o momento em que te vi no quartel-general realista com aquele vestido de marfim horrível, soube que seríamos amigas. E eu não tenho muitos deles.

— Eu também não.

Teagan se enrijece, mexendo-se na cadeira. — Veja. Há uma razão pela qual você não me viu na missão... e por que eu procurei por você antes.

Me inclino um pouco para trás.

— No Dia do Juramento, você é forçado a pegar a Microplanta de Nicolai. Uma razão para isso é que Nicolai e alguns dos comandantes superiores podem se comunicar com os rebeldes rapidamente. O outro é para alguns dos Sims mais complexos usados no treinamento.

— E a terceira razão?

— Durante cada missão, há um Vigia, alguém que se esconde nas sombras e observa. Eu fui a Observadora na noite passada. Se os realistas

tivessem pegado qualquer um de nós, eu teria encerrado sua microplanta antes que eles pudessem divulgar qualquer informação sobre a propriedade Bloodwyn ou Nicolai.

Tremo. É assim que eles mantiveram isso em segredo por tanto tempo.

— Mas eu não peguei a Microplanta.

— E se você tivesse sido pega, eu teria sido forçado a tirar você de outra maneira.

Não pergunto como ela teria feito isso. Acredito que alguém como ela, alguém com acesso ao tipo de armas que estou começando a descobrir que existem, poderia ter feito isso acontecer.

— E Cage? — Pergunto. — Por que ele não foi, você sabe, encerrado?

— Flame se recusa a fazer isso. Eles eram órfãos quando tinham cinco anos. Ele é a única pessoa que ela confia em não quebrar, embora nós duas saibamos que, eventualmente, o imperador pode quebrar qualquer um.

Uma sensação de mal estar toma conta de mim. — E se eu me recusar a fazer o Juramento de Sangue e a Microplanta?

— Só não faça isso, querida. Ok?

— Ok. — Murmuro. Mas eu sei que é mentira, ela também, imagino.

Sem esperar pela minha resposta, o Swifter ronrona para a vida e desliza pela escuridão, levando-nos de volta à fortaleza Fieniana. Uma Subversiva e uma mentirosa fingindo que está tudo bem.



CAPITULO 31



No momento em que Teagan e eu voltamos para o castelo, o sol nasceu e aqueceu meu rosto, e as vozes se transformaram em uma dor de cabeça cortante. Inclino minha cabeça para absorver a luz do sol e meu olhar se fixa em Pandora. Antes, esse simples ato teria feito meu coração disparar, mas agora estou acostumada a vê-la.

No fundo, sei que uma parte de mim chegou a um acordo com Ela. Ela não vai sentir nossa falta. Ela não se desviará de seu caminho de destruição. Ela está vindo, vai matar milhões de pessoas e não há quase nada que eu possa fazer a respeito.

Até mesmo esperar o contrário é tolice.

E ainda... Eu tenho que tentar. Que outra escolha eu tenho?

Os rebeldes vêm e vão da propriedade. Um pequeno grupo debruça-se sobre as fileiras de tomates e batatas-doces atrás de um estábulo em ruínas. Outros estão voltando do pomar ao longe com baldes cheios de maçãs. Fico olhando, incapaz de conciliar a imagem dos fienianos trabalhando ao ar livre em um jardim com as histórias que sempre ouvi.

Fienianos são necrófagos. Os fienianos são preguiçosos. Os fienianos causam destruição e morte. Eles não colhem tomates do jardim. Eles não dão bailes e usam roupas de couro chiques e seguem a classificação.

E eles certamente não *formam* exércitos regulamentados e fazem guerra contra o império.

Poucas pessoas percebem quando entramos na Propriedade Bloodwyn e traçamos as longas passagens sinuosas até nossos quartos. Teagan me deixa na escada com um aceno turvo. Quando chego à minha porta, a abro, preparada para me jogar na cama e dormir para aliviar o cansaço.

Em vez disso, fico cara a cara com Lash.

— Como você pode ser tão estúpida? — Ele exige. Seus braços estão cruzados sobre o peito e seu cabelo despenteado, como se ele tivesse corrido a manhã toda.

— O que? Nenhum “estou feliz por você estar viva”, Graystone? — Digo, passando por ele. — Obrigado por salvar minha vida?

Ele me segue até minha cama. A areia cai no chão quando eu tiro minhas botas e afundo cansada no meu colchão, levantando uma nuvem de poeira que brilha dentro da luz da minha janela quebrada.

Lash franze a testa para mim. — Existem regras para a amizade.

Levanto uma sobrancelha. — Como não trancar as pessoas em quartos quase sem janelas?

— Como... Tipo, eu não sei! Não se matar.

— Um, eu estou viva. Então você pode parar de dizer isso. Dois, você me trancou em um quarto.

— Depois que você roubou minha chave! — Lash acena com as mãos. — E por que diabos você não me pediu para ajudá-la? Eu teria, você sabe.

Ele não vai embora, então me sento. — Lash, simplesmente não havia tempo.

Ele solta um longo suspiro, se jogando ao meu lado na cama. — Eu sei que todo mundo pensa que minha perna ruim significa que eu não posso fazer

as coisas. Mas isso é um erro. Isso... — Ele levanta a perna machucada. — Significa que tenho que fazer as coisas melhor, de maneira mais inteligente.

Meu coração aperta com a visão. — O que aconteceu?

Sua mandíbula aperta, seu olhar passando rapidamente para a cabeceira da cama.

— Eu amei acima da minha posição.

— E os monarquistas machucaram você?

— Vinte chicotadas. — Ele se vira para me olhar nos olhos. — A pena para um Prata que se apaixona por um Ouro. Exceto que o pai da garota que eu amava pagou um extra ao supervisor para fazer cinquenta. Ele forçou sua filha a assistir. Mesmo depois que eu caí, semiconsciente, o supervisor continuou a açoitar onde podia, rasgando pedaços de carne e músculos enquanto eu agarrava, pelo menos, é o que eles me dizem. — Lágrimas brilham em seus olhos. — Quando eu acordei, eu era um aleijado Bronze manchado de urina. Eu tinha perdido minha Cor, o trabalho que me esperava com meu pai, a menina, tudo. A vergonha para minha família foi tão grande que meu pai... bem, ele perseguiu o alcatrão até que um dia o encontramos morto.

Seu pai usou alcatrão? Talvez seja por isso que Lash foi tão útil com Brogue.

Mordo minha bochecha contra todas as coisas que quero dizer. Como lamento que ele tenha se machucado por amar alguém. Como sinto muito pelo pai dele. Mas a última coisa que Lash precisa é minha pena.

— Existem outras maneiras de lutar contra eles. — Digo. — Você pode curar pessoas, isso é...

— Não. — Ele balança a cabeça, um brilho distante em seus olhos. — Não é o suficiente.



A porta se fecha e nós dois nos viramos a tempo de ver Riser casualmente encostado na parede, as mãos nos bolsos da calça.

Quando Lash se levanta para sair, ele dá uma olhada em Riser.

— O Príncipe está rondando sua porta há horas, amor. — Ele sussurra. — Quer que eu o mande embora?

Lanço um olhar para Riser. Seu cabelo, puxado para trás em um meio nó fracassado, está mais bagunçado do que estou acostumada, sua túnica amarrotada e aberta no pescoço. Parece que ele também não dormiu muito.

Coloco a mão no ombro de Lash, atraindo o olhar de Riser.

— Nos dá um minuto?

Assim que Lash sai, Riser passa a mão pelo cabelo, libertando o resto em um emaranhado selvagem em torno de seu queixo.

— Eu ouvi sua porta abrir.

Balanço sobre meus calcanhares. — Sua câmara está perto?

— Não... Na verdade não. — Um meio sorriso cansado. Ele dá um passo mais perto, olhando a janela quebrada. — O que você fez provavelmente salvou nossas vidas. Então, como seu rei, obrigado.

Sem pensar, faço uma reverência simulada. — Qualquer coisa por você, Rei.

Ele cruza os braços e quase me sinto mal quando ele franze a testa. Se eu tivesse que adivinhar o que está passando por sua cabeça agora, diria que ele está se perguntando por que joguei um livro nele outro dia. Por que eu o insulto a cada chance que tenho, mas acabei beijando-o duas vezes.

Ele ri secamente. — Qualquer coisa?

— Oh, saia! — Digo, jogando a única coisa que posso encontrar, um travesseiro, em seu rosto. E errando.



Ele ri de novo, desta vez uma risada real que vem de seu peito, seu olhar vagando para a beira da minha cama. Jogando as mãos para o alto como se para afastar mais travesseiros, ele atravessa o chão e arranca o que parece ser uma calça de couro escuro e uma túnica vermelho pêssego das cobertas, segurando-as no ar.

Ele corta seu olhar para mim, uma sobrancelha preta perfeitamente limpa arqueada acentuadamente sobre seu olho verde.

— Acho que você foi perdoada, Graystone.

A visão das roupas me faz quase esquecer Riser parado a apenas alguns metros de distância, ou minhas pernas nuas, pálidas contra o edredom vermelho brilhante. Estendo uma mão expectante.

O olhar de Riser desliza sobre minhas pernas.

— Uh-uh.

Pulo na cama e tiro as roupas, quase perdendo quando ele dá um passo para trás. — Dê-as para mim.

— Não. Vou queimá-las.

Descanso a mão no meu quadril e franzo a testa severamente para ele.

— Agora.

— Não.

Estou prestes a pular e agarrá-lo quando a porta se abre e Lucy entra. A mecha branca em seu cabelo foi tingida de vermelho, todo o seu cabelo preto ondulado e espesso preso em uma trança que forma uma coroa em torno de sua cabeça.

Quando ela me vê, seus olhos se arregalam. Ela nem se incomoda em esconder sua decepção por eu estar viva, seus lábios se curvando, até que ela percebe Riser.



Então seu rosto se ilumina, um sorriso forçado revelando um lampejo de dentes.

— Oh, bom. — Ela muda seu foco para mim. — Eu só estava verificando se ela conseguiu voltar.

Mentirosa. Mais como vendo o que ela poderia roubar. — Bem. — Eu digo, pulando da cama e endireitando meu pobre vestido destruído. — Aqui estou. Sã e salva.

Lucy me ignora e volta sua atenção para Riser. Quero cravar minhas unhas em seu rosto enquanto ela lhe dá um sorriso oleoso, seu olhar demorando em seu rosto por um segundo muito antes de cair nas roupas ainda penduradas em sua mão.

— Pronto, Riser? — Ela aponta para a porta. — Vamos perder o café da manhã se não nos apressarmos.

O som juvenil de sua voz, o bater de seus cílios, tudo sobe sob minha pele. No começo eu pensei que fosse ciúme, mas agora... agora estou começando a suspeitar que há outra razão totalmente.

Fico olhando para Lucy até que ela seja forçada a olhar na minha direção. *Machuque ele e eu mato você, vadia.*

Seus olhos ficam vazios acima de um sorriso malicioso, e ela desliza a mão sobre o cotovelo de Riser, levando-o até a porta. Riser joga as roupas em um velho baú de cerejeira ao sair.

Pouco antes de desaparecer, ele olha para trás e nossos olhos se encontram. Sinto um puxão no estômago e quero gritar para ele ficar. Quero dizer a ele para ficar longe de Lucy. Ser cuidadoso.

Mas minha boca não consegue formar nenhuma palavra, e ele sai de fininho.



Assim que a porta pesada se fecha, jogo um travesseiro nela, desejando que fosse a cabeça de Lucy.

Vestindo as calças, eu suspiro enquanto o couro macio e liso desliza pelas minhas coxas e se acomoda confortavelmente na minha bunda.

Queima-las, de fato.

Bem, a partir deste momento, minhas pernas estão fora dos limites para você, Garoto do Fosso.



CAPITULO 32



Não consigo parar de brincar com a lâmina pesada da adaga de escorpião escondida dentro do cós da minha calça enquanto caminho para o quarto de Brogue. Uma arma. Roupas normais. Eu realizei duas das coisas que me propus, mas não estou mais perto de encontrar o Mercurian do que antes, nem estou mais perto de moderar a sensação de urgência que faz meu coração bater descontroladamente até nos momentos mais calmos, ou descobrir o que fazer com as vozes e minhas dores de cabeça.

Corro meus dedos ao longo das paredes enquanto caminho. Quantos dias faltam para o Dia D, o dia em que Pandora chega? Dez? Doze?

Insuficiente. Simplesmente não há dias suficientes para impedi-la.

Solicitei uma reunião com Flame e Nicolai duas vezes esta manhã, entre esvaziar os baldes de lixo e arrumar os quartos e carregar a roupa para baixo para os tonéis. Duas vezes fui rejeitada.

Não que eu ache que eles ouviriam minha proposta de uma equipe para entrar na Ilha. Neste ponto, eles estão hiper focados na guerra. Uma guerra que não temos esperança de vencer. Talvez seja isso que eles querem de qualquer maneira. Quem diabos sabe?

A porta da câmara de Brogue está ligeiramente entreaberta, o som de um zumbido saindo do quarto. *Talvez Lash esteja lá dentro*, penso ao entrar... e

encontra Brogue inclinado sobre uma banheira verde cheia de água, raspando uma navalha no queixo. Roupas limpas caem sobre seu corpo magro e seu olhar é aguçado e claro.

O envolvo em um abraço. — Você está bem. — Murmuro. — Eu sabia que você voltaria.

— Dama March...

— Maia. — Corrijo, me afastando um pouco para que eu possa realmente olhar para ele. — Me chame de Maia... ou menina. Só não Everly.

— Bem. Maia. Eu gosto do som disso. — Ele dá um passo para trás e suspira por entre os dentes. — Eles disseram que você pegou o príncipe como refém e escapou? — Uma risada áspera sai de seu peito. — Eu te ensinei bem.

Afundamos no colchão mole, e eu o encho com o que ele perdeu. Quando chego à parte sobre Riser me apagando, três linhas marcam sua testa e ele puxa a ponta de sua trança grossa e cinza.

— Então... — Ele diz depois que eu terminei. — Você foi e entrou na Corte de Sangue, não é?

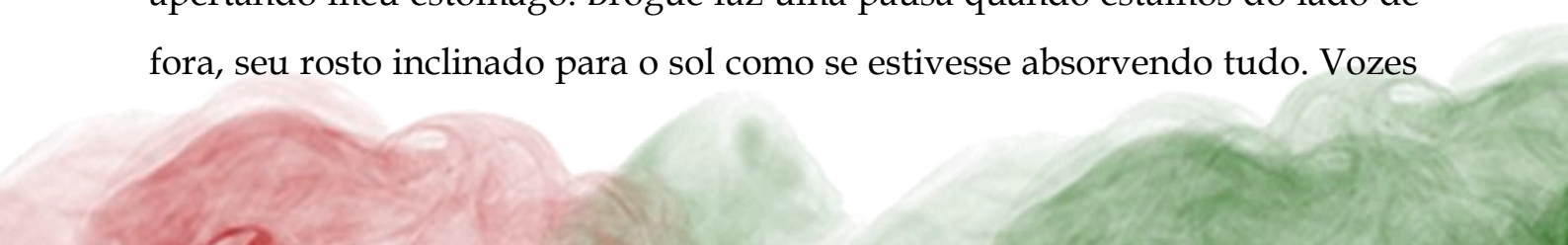
— Eu fiz. E agora preciso que você me ajude a treinar para vencer... isto é, se você se sentir bem.

Ele sorri, mostrando seu dente de ouro. — Para você, acho que conseguiria.

— E preciso que você encontre uma maneira de derrotar Riser.

— Agora isso pode ser um pouco mais difícil. — Ele esfrega a mão no queixo recém-raspado e se levanta, gemendo com o esforço. — Siga-me lá fora, Maia. Eu preciso te mostrar uma coisa.

Nós deslizamos pelos corredores silenciosos, o cheiro do café da manhã apertando meu estômago. Brogue faz uma pausa quando estamos do lado de fora, seu rosto inclinado para o sol como se estivesse absorvendo tudo. Vozes



e o clangor de aço gotejam logo além do jardim, e seguimos os gritos de um grande grupo de rebeldes reunidos sob a sombra de um carvalho antigo e observe os lutadores dançarem no gramado mal cuidado.

Apesar de ter acabado de retornar da morte, Brogue empurra e abre caminho até a frente da multidão, atraindo olhares suspeitos de todos no quintal.

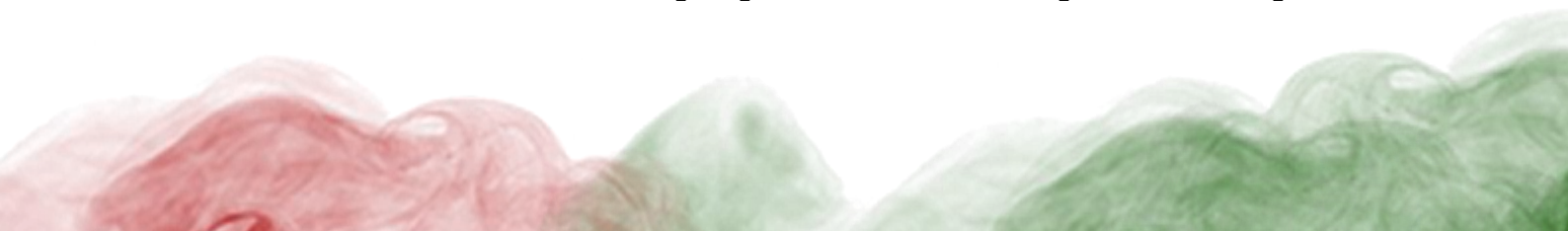
Eu me certifico de zombar dos rostos por onde passamos. Se eu pensei que depois de ontem à noite seria tratada de maneira diferente, estava errada. Embora eu esteja vestida como os outros, embora eu tenha salvado a missão com uma mão, os rebeldes ainda me cercam, sua dúvida evidente enquanto eles me seguem com seus olhares pesados e sussurros afiados.

Meu bom humor com a recuperação de Brogue se dissolve. Max ainda não confia em mim. Lash ainda não me deu a chave. E, mesmo que todas essas coisas mudem, ainda não tenho ideia de como ativar o mapa de Max para o Mercurian. Minha única esperança é assumir o trono de Riser hoje durante a Queda das Sombras. Então, por sua própria lei, eles terão que me ouvir.

Não é uma tarefa tão fácil, eu percebo, enquanto vejo Riser deslizar pela grama sem parecer mover seus pés, chicoteando sua espada contra as lâminas de três outros lutadores. Mesmo com três contra ele, Riser mantém sua graça predatória, desviando os golpes com calma e evitando seus agressores. Ele nem está sem fôlego.

Eles aprimoraram suas habilidades quando o reconstruíram pela última vez? Ou talvez sem mim em sua vida, a única pessoa que o lembrava de ser humano, ele é ainda mais mortal.

— Eu assistia de uma janela quando podia. — Brogue diz, apertando os olhos contra o sol. — Ele vem aqui quatro vezes ao dia para treinar quando o



tempo permite. Quando ele não está lutando ou treinando, ele está indo em missões. É como se houvesse algo dentro dele que não o deixa descansar.

Empurro meu queixo. — E daí? Você está dizendo que não posso vencê-lo?

— Estou dizendo que ele mudou. É como se ele nem me conhecesse mais, como se tivessem tirado a minha memória junto com a sua, e... e o mudou de alguma forma. Portanto, não conte com ele pegando leve com você.

— Oh, eu conheci este novo Riser, e definitivamente não estou contando com isso. Mas conto com você encontrar sua fraqueza. Tem que haver algo que eu possa usar para vencê-lo.

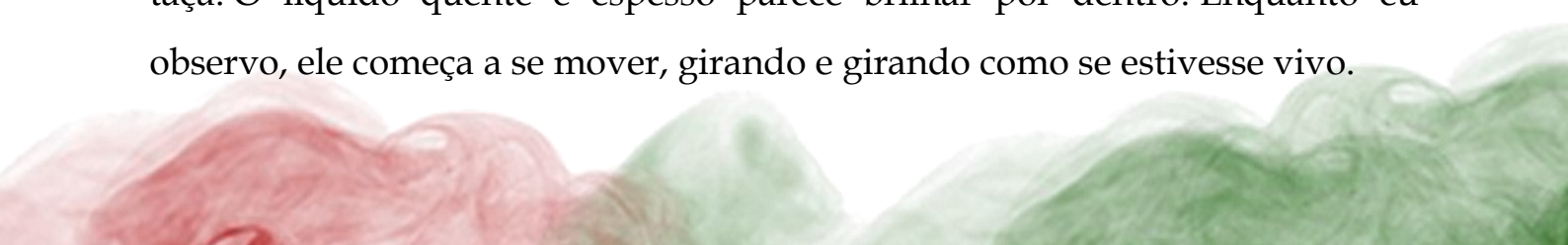
Brogue tosse uma risada sarcástica que não dá muita esperança. — Olhe para ele, Maia. Esse menino é uma máquina.

Os rebeldes ao meu redor assobiam e gritam, batendo as botas no chão para os lutadores. Quando Riser dá um golpe, uma ovação coletiva reverbera pela multidão.

Olho em volta. A maioria dos Fienianos parece ter a minha idade e goteja adagas e armas quentes. Eles exibem toques de cores brilhantes em seus acessórios e cabelos e brilham com adornos de metal que perfuram sua carne. Muitos estão marcados de uma forma ou de outra, símbolos do império, presumo. Alguns bebem em taças de bronze manchadas, o rico líquido âmbar escorrendo pelo queixo.

— Âmbar de Sangue. — Explica Brogue, franzindo o nariz para a garota de cabelo lilás ao lado dele com uma taça meio vazia. — Os rebeldes bebem nas semanas antes da batalha.

Um menino com cara de bebê em torno da idade de Max me entrega uma taça. O líquido quente e espesso parece brilhar por dentro. Enquanto eu observo, ele começa a se mover, girando e girando como se estivesse vivo.



Eu coloco de volta nas mãos do menino.

Ele ri e dá um grande gole, seus olhos estranhamente brilhantes. — Só faz cócegas nos primeiros goles.

Meu estômago embrulha como se eu realmente tivesse engolido um pouco. — Nanites?

Brogue concorda. — Entorpece seu medo.

Max tomou algum? Meu peito aperta e eu imediatamente quero encontrá-lo e gritar até ficar rouca. Idiota! Por que ele iria querer levar algo que pode danificar permanentemente sua mente? Estúpido! E ele é apenas uma criança...

Um menino, não uma criança, e que está prestes a ir para a batalha, uma voz sussurra dentro de mim. Um menino que experimentou mais dor em sua vida do que qualquer um deveria.

Uma ovação sobe da multidão, tirando-me dos meus pensamentos. Riser tem seu último oponente de joelhos, uma lâmina em sua garganta.

Os aplausos se fundem em um canto que fica mais alto, enchendo o ar, uma centena de vozes derramadas em duas palavras: *Azkar Rex*.

Franzo a testa, tentando lembrar onde eu já ouvi essas palavras antes, mas nada vem para mim. *Terei que perguntar a Lash mais tarde.*

A amena luz do sol destaca os tons de azul escuro do cabelo escuro de Riser e desliza para baixo no comprimento de sua espada. Endireitando os ombros, Riser ergue sua espada para o céu, talvez para Pandora, e o canto se torna um rugido pulsante. Em algum lugar à distância, troveja.

Uma tempestade se aproxima.

As nuvens negras acumulam-se no horizonte, espalhando-se como sangue na água. Ninguém mais parece notar ou se importar. O grupo de



rebeldes surge em torno de Riser enquanto novos lutadores o cercam. O ar está denso com sussurros da tempestade e algo mais, algo sombrio e violento.

Respiro fundo. Em algumas horas, terei que lutar contra Riser. Não Riser, meu amigo. Não Riser, o garoto que me beijou e prometeu me proteger. Este Garoto do Fosso... esta máquina de matar letal e aparentemente desumana.

— Eu... Eu tenho que ir. — Murmuro para Brogue. Quando ele se move para seguir, eu balanço minha cabeça. — Fique. Veja se você consegue encontrar seu calcanhar de Aquiles.

Me afasto dos lutadores, correndo pelo gramado em direção ao castelo, minhas botas afundando no solo macio.

Nos degraus em ruínas que levam até as portas de ferro maciço, eu olho para trás. Cinco lutadores disparam em torno de Riser, suas lâminas são um brilho de prata. Ele desliza por eles como fumaça negra, a multidão vibrando em meu peito com seus gritos.

Tiro meu olhar para longe. Em meus sonhos mais loucos, nunca imaginei que teria que lutar contra Riser. Agora que é uma realidade, parece mais um pesadelo.



CAPITULO 33



A escuridão do castelo me envolve. Nunca pensei que ficaria feliz de estar de volta neste mausoléu de poeira e fantasmas, mas a visão de Riser lutando contra os rebeldes me incomodou. Todas aquelas lâminas que poderiam facilmente perfurar sua carne.

Fecho meus olhos contra a memória dele caindo no chão na Ilha, a espada de Caspian coberta de sangue. Em algumas horas, terei que lutar contra Riser na Corte de Sangue e vencer.

Mas por mais que meu cérebro me diga que tenho que machucá-lo, tenho que vencê-lo, minha respiração ainda fica presa com a ideia de ele se machucar.

Por que não posso deixar o Garoto do Fosso ir?

Talvez seja o estresse da minha próxima batalha, mas as vozes de repente inundam minha mente. Ouço uma garotinha chorando.

— *Eu quero acordar.* — *Ela implora.* — *Por favor me ajude.*

— Eu não posso. — Digo, esfregando minha cabeça enquanto corro para as escadas. — Eu não sei o que você quer.

Os passos familiares de Lash arrastando-se atrás de mim.

— Falando com fantasmas, Graystone?

Virando-me para encará-lo, dou um sorriso cansado. — Você já se sentiu como se estivesse se afogando em memórias ruins?

— O tempo todo, amor. Você está bem?

— Sim, apenas... não consigo livrar-me dessa dor de cabeça idiota ou das vozes. — Franço a testa para meus pés em vez de ver sua expressão preocupada. — O que eles estavam dizendo lá fora?

— Rei de Sangue. É a antiga língua da dinastia Croft, Mythian, falada antes que o primeiro imperador unisse as Casas sob sua bandeira. Dizem que os Crofts eram originários das terras do outro lado do mar, antes de o oceano os engolir.

Pisco, tentando lembrar o que meu tutor me ensinou. O mundo costumava ser dividido por oceanos, com diferentes culturas e raças fervilhando em grandes massas de terra. Mas, eventualmente, os oceanos aumentaram e as massas de terra mudaram para fundir um enorme continente e uma raça.

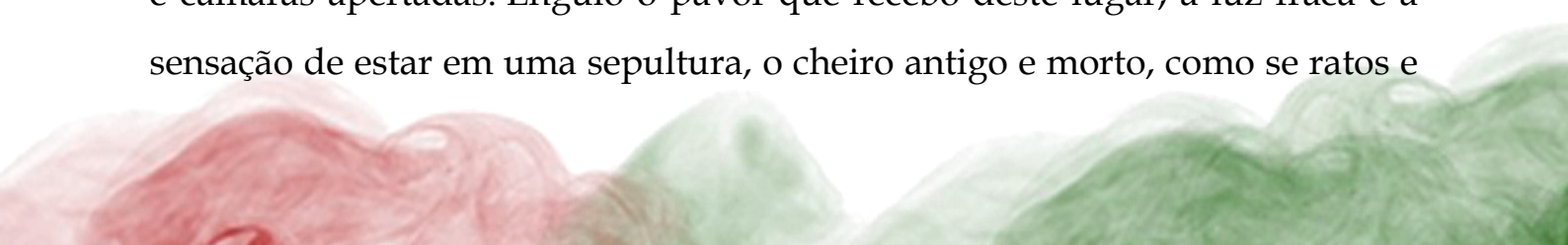
Eles dizem que todas as grandes Casas podiam traçar sua ascendência de uma daquelas massas de terra há muito esquecidas. Até Lockhart, a casa de minha mãe, alegou vir do continente mais ao norte, uma terra de neve, gelo e escuridão.

Antes que eu possa responder, um rebelde com olhos entediados se aproxima.

— A Comandante pede sua presença, Graystone.

Apesar de querer ver Flame, minha garganta aperta enquanto o sigo. Lash tenta me seguir, mas meu guia acena para ele se afastar, e ele ainda está exatamente no mesmo lugar quando eu olho para trás do topo da ampla escada do saguão.

Então estamos serpenteando através da catacumba de corredores escuros e câmaras apertadas. Engulo o pavor que recebo deste lugar, a luz fraca e a sensação de estar em uma sepultura, o cheiro antigo e morto, como se ratos e



outras coisas tivessem morrido nas paredes. Até mesmo os ricos painéis de madeira polida trazem à mente memórias sombrias do Fosso.

Eu odeio este lugar. Talvez não tanto quanto a Torre, e certamente não tanto quanto o Fosso. Mas não consigo afastar a sensação esmagadora de que Bloodwyn deve ser queimada até sua fundação.

Se Pandora conseguir o que quer, isso acontecerá em breve.

As escadas sinuosas e curvas em cada nível não se preocupam com logística ou bom senso. Cada uma é diferente. Algumas acarpetadas, algumas ornamentadas com grades de ferro forjado e elegantes escadas de mármore. Mas quanto mais subimos, mais íngremes se tornam.

No momento em que escalamos a última escada para chegar à varanda do telhado onde Flame nos espera, os degraus são tábuas de madeira rachadas mantidas juntas por algumas barras de ferro.

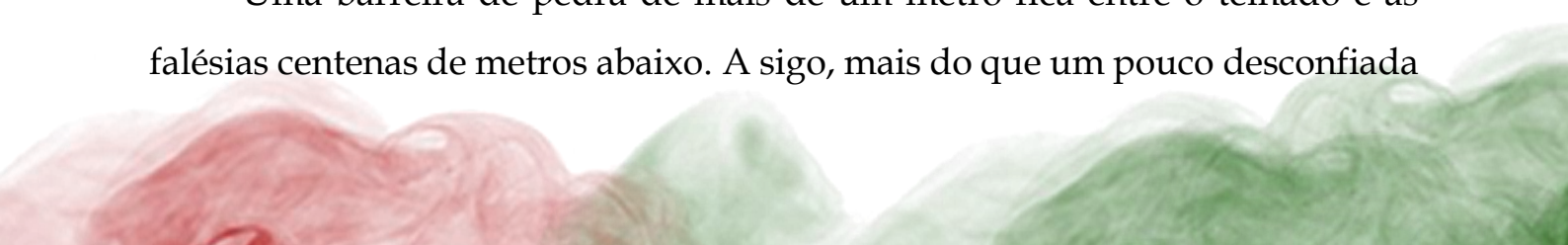
A tempestade se enfurece atrás de Flame, dedos do vento ondulando sua capa branca leitosa e puxando seus tufo selvagens de cabelo escuro, com pontas de um vermelho sangue para combinar com o brasão de escorpião em suas costas e pescoço.

Ela mostra os dentes em um sorriso que sugere loucura. Guerra e morte e o fim de tudo seguro e bom. Quatro rebeldes a cercam como as quatro pontas de uma arma, seus olhos passando rapidamente da tempestade para ela, como se não tivessem certeza de onde está a maior ameaça.

Eu não tenho esse problema quando endireito os ombros para enfrentar Flame.

— Princesa. — Ela tem que gritar contra o vento forte. — Você foi bem esta manhã.

Uma barreira de pedra de mais de um metro fica entre o telhado e as falésias centenas de metros abaixo. A sigo, mais do que um pouco desconfiada



de que ela planeja me jogar para a morte. Em vez disso, ela olha para fora e suga uma respiração pesada e raivosa, seu olhar selvagem devorando lentamente as nuvens negras raivosas cuspidas azul, às ondas brancas quebrando contra as rochas, e além, para a mancha espessa de floresta.

— Eu preciso falar com você! — Grito.

— A guerra está vindo! O império está fraco, metade da corte se esconde nas estrelas e as alianças estão mudando.

— Você sabia que as crianças estão bebendo nanites?

— É a nossa hora de fazer os realistas sangrarem.

— Flame...

O trovão explode, sacudindo meus ossos. Os rebeldes olham ao redor, mudando de posição, obviamente questionando a segurança de estar em um telhado durante uma tempestade com raios. Mas Flame parece ficar mais alta, olhos azul-claros brilhando como se estivesse se alimentando da energia.

— Perverso, certo? — Flame chama, sacudindo seu olhar para as nuvens de aço acima de nós. — As tempestades são um presente de Pandora. Elas impedem os drones do céu e os rebeldes de procurar.

— Flame, olhe. Preciso saber se você fez algo na minha cabeça quando recebi minha microplanta.

Seus lábios se torceram para o lado. — Princesa, você recebeu a Microplanta padrão que permite a interação do Sim.

— Com esse, eu ouviria... vozes?

— Vozes? Não antes de receber sua Microplanta Rebelde, que você recebe ao fazer o juramento. Você estará pegando, certo? — Sua pequena mão vira meu pulso. — A corte do imperador é fraca. E vai cair quando o mundo cair. Em poucos dias, iremos para a batalha, e qualquer um que não esteja



conosco estará contra nós. Prove que você não é uma traidora, princesa, e fique conosco.

A chuva atinge nossos rostos. O céu se agita, uma massa turbulenta de escuridão. Flashes azuis de relâmpagos perfuram a paisagem, seguidos por um staccato de estrondos que sacodem a terra.

— Me leve de volta para a Ilha. — Digo. — Dê-me alguns rebeldes. Ajude-me a encontrar o Mercurian para parar Pandora antes que seja tarde demais.

Flame pisca. A chuva espalhou sua selvagem massa de cabelo ao redor de sua testa e metade de seu rosto. Suas pupilas se concentram em mim como se agora estivessem me vendo.

— Por que eu iria querer parar?

— Você não pode realmente querer que metade da população morra.

Não posso dizer pelo rosto frouxo de Flame se ela me ouviu ou não.

Um lampejo azul me cega por uma fração de segundo, seguido por um rugido. Tirando a chuva dos meus olhos, eu me concentro de volta nela.

— Dê-me os homens, Flame, e eu trarei Cage para casa.

— Cage se foi. Perdido.

— Como você pode, entre todas as pessoas, dizer isso?

— Esse é o preço deste mundo. Você não percebeu isso agora? Se você se preocupa com alguém, eles serão tirados de você. É só uma questão de tempo.

— Então você perdeu totalmente a esperança?

Suas pupilas estreitam quando ela finalmente olha para mim, realmente olha para mim.

— Você está conosco ou contra nós. Escolha um. E não mencione a Ilha ou Cage novamente.



CAPITULO 34



A tempestade banha o interior do castelo numa escuridão tingida de verde. Trovões soam como bombas distantes balançando a terra. Se eu acreditasse nos deuses, pensaria que Zeus estava com raiva e a extravasando. Talvez ele esteja. Talvez ele esteja cansado de nós.

Talvez ele esteja alertando sobre o fim. É para onde Flame está nos arrastando. Não há como vencermos uma guerra, mesmo com nossa tecnologia. Além disso, as guerras duram dias, meses, anos até.

Temos menos de duas semanas.

O pensamento é como uma sombra congelante sobre mim. Não importa aonde eu vá ou o que faça, não posso escapar de seu aviso sombrio de destruição.

Estou tão envolvida em meus pensamentos que mal vejo Riser até quase esbarrar nele na parte inferior da escada. Estendo meu braço bem a tempo, empurrando seu peito para não o derrubar.

O fantasma de um sorriso oscila em seus lábios enquanto ele olha de soslaio para mim.

— Desculpe. — Digo, olhando ao redor. — Estou procurando por...

— Max?

Me arrepio com a facilidade com que ele me lê, escondendo meu aborrecimento com um sorriso tenso.

— Sabe onde ele está?

— Talvez. — Ele arqueia uma sobrancelha. — O que você está disposta a fazer por isso?

Bastardo Fieniano.

Pretendo passar por ele, mas há algo sobre a diversão infantil em seus olhos que me implora para jogar junto. E talvez estar perto dele me lembre que ele escolheu me esquecer, então eu posso finalmente escolher esquecê-lo.

— O que você tem em mente?

Ele muda ligeiramente de pé, ainda me observando, uma expressão surpresa, mas satisfeita em seu rosto moreno e esculpido. Sem uma palavra, ele se vira e eu o sigo.

Parece estúpido no começo, deixá-lo me levar por uma passagem quase oculta atrás da escada, depois vários lances de escada, cada um mais úmido e escuro que o anterior. Me concentro em seus ombros, largos dentro de uma jaqueta de couro preta, seus movimentos suaves e felinos enquanto ele desce as escadas.

Estou molhada, com frio, mas um fio de calor queima dentro de mim quando observo a pele pálida de seu pescoço aparecendo acima de seu colarinho vermelho alto, seu cabelo preto como um corvo, puxado para trás e brilhando. O cheiro de couro e algodão e chuva que vagueiam em seu rastro.

A cada passo na escuridão, eu derramo uma camada de preocupação. A cada respiração, esqueço que estamos morrendo. A cada expiração, purifico um pouco da escuridão que está me arrastando para o desespero.

Eu sigo e ele lidera. Nada mais importa.



O ar está frio, o cheiro doce e salgado do oceano enchendo minha cabeça. Minhas botas arranham a rocha lisa e escorregadia. As cavernas. Estou mergulhada na escuridão.

Escorrego e instintivamente estendo minha mão...

Dedos quentes e fortes se entrelaçam nos meus, me firmando, a ponta de seu polegar traçando a linha tenra que desce pela minha palma. Enviando fitas de calor desdobrando meu pulso e braço e em meu peito. E isso é bom. Certo.

Ele não solta, eu não tento me afastar.

Ele está jogando? Ou são os seus sentimentos residuais pré-reconstruídos?

Eu enterro minhas dúvidas. Eu preciso desse momento. Eu preciso confiar em alguém. Eu preciso não me sentir sozinha pela primeira vez desde o Fosso. Preciso sentir algo bom e normal.

O som abafado de um trovão ecoa pelas cavernas. Os Swifters aparecem primeiro, uma gama de metais brilhantes, como brinquedos feitos pelos deuses, vermelhos ousados e azuis vibrantes e dourados tão ricos e amanteigados que parece decadente só de olhar para eles, muito menos deslizar minha perna sobre o vidro liso de sua superfície.

Riser pega o vermelho-fogo.

As ondas batem perto de nossos pés, a água da cor de aço escuro.

Não há palavras. Riser liga seu Swifter e eu o sigo. Minha memória carregada se foi há muito tempo, mas eu me lembro mesmo assim, e meu corpo anseia e dói pelo poder da minha máquina.

O som do meu coração batendo forte, o oceano se espatifando contra a rocha e o ronronar suave do meu Swifter se fundem em uma cadência embaladora.



Riser me entrega óculos de proteção prateados e um minúsculo plugue metálico. Depois que coloco os óculos de proteção na cabeça, vejo-o inserir o plug dentro da orelha.

Ele se vira e me observa enquanto eu faço o mesmo.

Um choque elétrico instantâneo de prazer me atinge enquanto minha cabeça se enche de sons. É música, eu percebo. Não apenas um instrumento, mas vários, como se cada corda, cada nota, representasse uma emoção. As notas aumentam, ficando raivosas, caóticas, um crescendo de raiva.

Música proibida. Canções rebeldes.

Minha garganta dói enquanto uma voz dança através do caos, alcançando diretamente o meu coração, me enchendo com uma gama ofuscante de sentimentos que eu consegui até agora manter trancados.

Embora Riser não possa ver meus olhos, algo em meu rosto deve dizer a ele o que estou pensando, porque ele me dá um pequeno aceno de cabeça compreensivo.

Entramos na tempestade a toda velocidade. Uma parede de vento e chuva bate em nós, mas escapamos como se a água e rajadas tivessem escapado de nossos corpos. As espinhas furadas estremecem sob nós. O mundo está escuro, enfurecido, punhais elétricos de relâmpagos empalando a água e dividindo o ar turvo.

Eu fundo meu corpo com meu Swifter, passando ao lado de Riser, paralelamente aos penhascos escuros e altos. Dentro de mim, uma chama branca acende e cresce, alimentando-se da melodia trágica e furiosa, aquecendo cada célula, cada molécula da minha carne, estremecendo e queimando e gritando e me forçando *mais rápido, mais rápido, mais rápido*.

Nós avançamos em direção à tempestade, flechas dos deuses. Lampejos brancos dançam ao nosso redor, eletricidade passando pela minha pele,

fazendo cócegas na minha medula, me lembrando quem eu sou, o que eu sou. As ondas sobem e descem, altas como edifícios. O vento uiva em nossos rostos.

A cortina de chuva se abre, envolvendo-nos em uma folha de prata escura. Estamos parados no meio do oceano, os penhascos e o castelo são uma pequena pontada no vendaval.

O olho da tempestade.

O Garoto do Fosso sorri para mim por baixo de seus óculos de proteção esfumados, sua jaqueta escura colada sobre os músculos volumosos de seu peito e abdômen, cabelos esculpidos em todas as direções. A água gruda em sua pele.

Raios roçam o horizonte, iluminando o vermelho do escorpião em seu pescoço enrolado em volta da fênix moribunda.

Nunca o vi tão radiante ou tão vivo.

A chuva e a água do mar encharcam cada parte de mim, caindo em meus seios e nas costas. Meu cabelo está em todos os sentidos, minha respiração irregular, meu batimento cardíaco tão rápido que parece um longo pulso. Mas me sinto leve, como se todas as moléculas que compõem meu corpo tivessem se expandido.

Pela primeira vez desde que saí do buraco, não olhei para o céu procurando por Ela. Cada pedaço de mim está focado no presente.

Não no Dia D. Não no dia de juramento para os rebeldes. Não no dia em que iremos para a guerra. Até minha dor de cabeça constante se transformou em um sussurro.

Estou no agora. Saboreando a dor que se espalha por mim enquanto Riser deixava seu olhar vagar lentamente pelo meu corpo, cada centímetro de



mim revelado através da minha roupa molhada. A forma como meu estômago fica vazio com cada onda, e cada olhar faminto do Garoto do Fosso.

É diferente de antes, quando ocupava alguma parte de sua mente que se igualava à redenção. Quando eu era um ideal intangível, ele tinha que proteger para libertar sua alma atormentada.

Agora sou apenas uma garota e ele apenas um garoto. E o mundo está acabando.

Giro em direção a ele. Ele estende a mão, mas meus dedos escorregam de suas mãos. Eu sei que se não fosse pelo oceano agitado e as violentas rajadas de vento, eu alinharia meu Swifter com o de Riser, pressionaria meu corpo contra o dele e o beijaria. E não por causa do que éramos antes, ou pela chance de um relacionamento.

Mas porque quero viver.

Quero lutar, experimentar e sentir. Quero desligar minha mente, todos os *e se*, e ouvir meu corpo. Eu quero queimar e queimar por algo que não tem nada a ver com sobrevivência e tudo a ver comigo.

De repente, uma onda de obsidiana suave como vidro nos separa. Enquanto eu cavalgo na onda, é como se uma mão gelada se fechasse sobre meu coração, matando qualquer felicidade que eu pudesse ter sentido ou imaginado.

A realidade me atinge com força. Eu tenho que esquecê-lo do jeito que ele me fez. Seja o que for, vai vazar como a água do mar drena de nossas roupas, e quando entrarmos novamente no castelo e nos prepararmos para a Corte de Sangue, talvez eu me lembre dos restos desse momento, até que eles desapareçam em uma vaga sombra de uma memória que evanesce na brisa de sua destruição.



Não tenho permissão para felicidade, não enquanto Pandora ainda estiver lá em cima. Eu tenho que lutar com ela. E eu tenho que vencer.

Começo a voltar para Bloodwyn sem ele. Posso sentir seu olhar questionador enquanto ele segue para trás, seu olhar perfurando minhas costas.

Por mais doloroso que seja, eu preciso deixar o Garoto do Fosso ir e o vínculo que compartilhamos. Em algumas horas, vou lutar com ele pelo comando e tomar decisões com as quais ele não vai concordar.

Em algumas horas, o único pensamento quando eu olhar para Riser precisa ser violência.



CAPITULO 35



Sair na tempestade era estúpido. Vou levar horas nesta umidade para que minhas roupas sequem, o que significa que terei que esperar em meu quarto até que minhas calças e camisa sequem, ou usar outro vestido. Arranco minhas roupas e as penduro em uma cadeira perto da janela aberta e, em seguida, caio na desculpa esfarrapada de dormir.

Não demora muito para cair em um sono agitado.

Trevas. Paredes por toda parte. Não consigo encontrar minha saída. Merida está me chamando, mas então sua voz muda, torna-se centenas de vozes, implorando para que eu as ajude. Gritando e arranhando minha mente.

– Ajude-nos. – Gritam eles. – Liberte-nos!

Eles são reais, tão reais...

Rasgo meu pesadelo em realidade. O suor encharca meu peito e encharca meus lençóis, minha respiração está irregular. Pisco com a luz do sol entrando pela janela quebrada e me lembro de onde estou.

Foi apenas um sonho.

Ficando de pé, me pergunto se algum dia serei capaz de dormir sem os pesadelos e as vozes. Talvez Teagan esteja certa. Tenho que fazer algo traumático para trazê-las à superfície e libertá-las.

Minhas roupas ainda estão úmidas, especialmente minhas calças, mas qualquer coisa é melhor do que outro vestido monárquico. Quando estou totalmente coberta por calças justas e minha camisa mole, saio e encontro Brogue.

Durante a próxima hora, treinamos no jardim do lado de fora, aprimorando as habilidades reconstruídas que aprendi ao que parece anos atrás. É bom lutar, e não me contento, embora a saúde de Brogue não seja excelente.

Não que ele precise que eu me segure. Apesar de ter estado perto da morte há apenas um dia, ele nem sequer suou contra meus ataques. Abordamos esgrima, golpes, trabalho de base e, quando terminamos, meu corpo machucado e cansado se sente bem, como se eu realmente tivesse realizado algo.

— Por que você está sorrindo, garota? — Brogue exige, brincando com o punho de uma longa espada ao seu lado.

Estico meu pescoço. — Eu não sei... Apenas me senti bem.

— Bem? Eu estava facilitando com você, mas se você lutar assim na Corte de Sangue, Riser irá destruí-la.

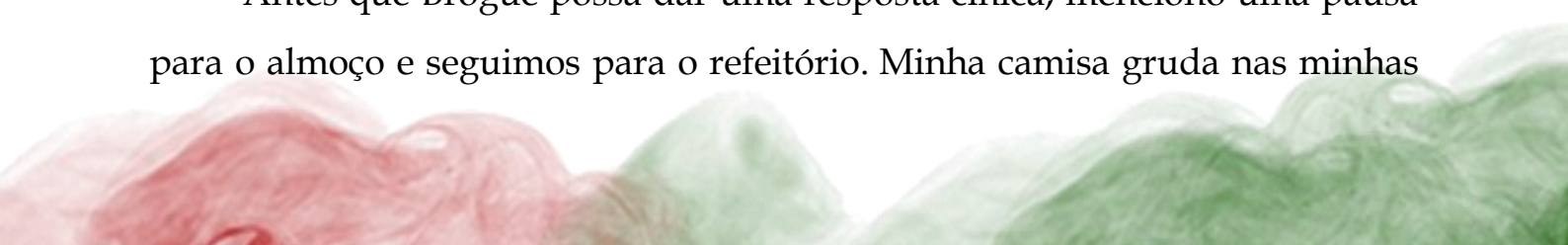
— Então me mostre sua fraqueza! — Chuto o cascalho. — Certamente ele tem uma.

— Não que eu tenha visto.

Suas palavras fazem meu coração desabar. Embora aprecie a honestidade de Brogue, esperava que ele fosse mais otimista.

Coloco a mão no ombro denso de Brogue. — Bem, você apenas terá que encontrar uma, não é?

Antes que Brogue possa dar uma resposta cínica, menciono uma pausa para o almoço e seguimos para o refeitório. Minha camisa gruda nas minhas



costas de suor, mas não tenho tempo para tomar banho. Eu não percebi como estava com fome até que eu entrasse no corredor quente e barulhento e o rico cheiro de carne me atingisse. Teagan e Lash estão sentados em sua mesa habitual perto do fundo. Meu estômago ronca quando Brogue e eu deslizamos entre eles.

Como de costume, Riser se senta na mesa principal ao lado de Flame, de costas para a parede, de onde pode ver tudo. Ele não se preocupou em arrumar o cabelo desde a nossa saída, mas de alguma forma contribui para o seu visual selvagem e indomável. Uma bandeira vermelha e lisa pende das vigas acima deles.

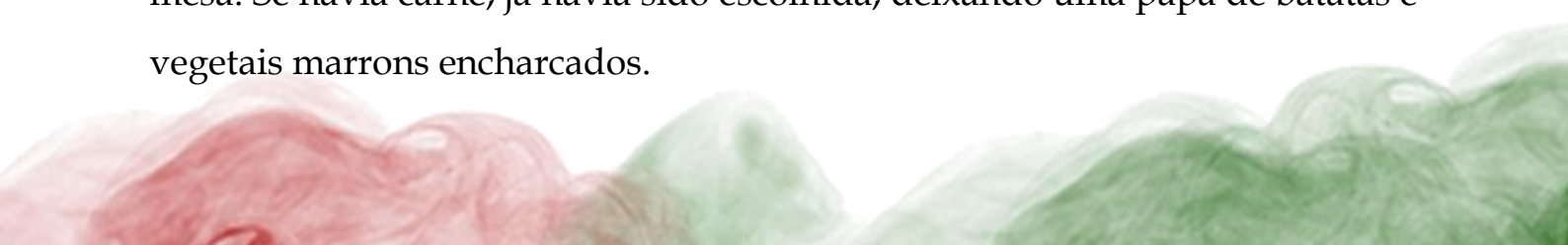
Quase perco o apetite quando vejo Lucy sentada à sua direita, sua cadeira puxada para mais perto do que um conhecido normal deveria sentar. A umidade soltou seu cabelo preto crespo em longas espirais que serpenteiam por suas costas.

Seu irmão assustador, Hugo, os observa, com os braços cruzados sobre o peito. Seu olhar escuro desliza para mim, e ele se inclina para frente, sussurrando algo para Lucy. Suas sobrancelhas se juntam enquanto ela olha na minha direção.

Não querendo olhar para eles enquanto como, eu mudo de lugar para que minhas costas fiquem para Riser. *Problema resolvido.* O almoço está quase acabando e o salão não está tão lotado quanto da última vez, o que torna mais fácil falar sem gritar.

Teagan levanta uma sobrancelha para mim. — Uma tempestade terrível, certo?

Paro de raspar a concha contra o fundo do caldeirão de argila no meio da mesa. Se havia carne, já havia sido escolhida, deixando uma papa de batatas e vegetais marrons encharcados.



— Um-hmm.

— Perigosa também. — Lash sorri como um idiota. — Ouvi dizer que alguns rebeldes decidiram montar a tempestade.

Teagan me lança um olhar provocador. — Vamos torcer para que eles montem só isso.

— Deuses, Teagan! — Coloco minha colher na minha sopa. — Era apenas uma maneira de relaxar.

Lash cutuca minhas costelas com o cotovelo. — Eu sou bom para relaxar, Graystone. Mais dândi do que o príncipe também.

— Pelos deuses, garoto. — Brogue diz, cortando os olhos para Lash. — Não há muito espaço aqui com esse ego.

Teagan uiva de tanto rir, e reprimo uma risada. — Você não tem ideia, Merc.

Os rebeldes das outras mesas se viram para olhar, e Lash pisca uma carranca ofendida.

— Por que você não alerta todo o exército rebelde? Lash não vale a pena para relaxar.

— Não é por isso que eles estão olhando. — Diz Teagan com uma fala arrastada divertida. — Eles estão assistindo Graystone.

Olho ao redor. — Por quê?

— Eles ouviram sobre o que você fez esta manhã.

— Sim. — Diz Lash, tamborilando os dedos na mesa de madeira. — Ouvi dizer que você explodiu e fez os outros parecerem uns idiotas dândis de verdade.

— Isso e seu plano de destronar o príncipe circulou. — Os lábios vermelhos de Teagan se curvam e eu olho para baixo a piada obscena que ela está prestes a fazer.



— Já fez isso, não é? — Lash brinca.

Eu também o encaro.

E Brogue também. — Chega de piadas inapropriadas sobre Maia, garoto.

Um rubor sobe pelo pescoço de Lash, e ele desvia o olhar do Merc enquanto eu sorrio.

— Eles subestimaram você, querida. — Explica Teagan. — Agora eles estão tentando avaliar você.

Levo um minuto para realmente olhar para os outros rebeldes, para avaliá-los da mesma forma que estão me fazendo. À primeira vista, os rebeldes não pareciam nada de especial.

Mas agora, eu noto que os rebeldes agrupados no centro nas mesas dos lutadores são surpreendentemente atléticos e musculosos. Não apenas isso, mas pelo jeito que eles monitoram a porta a cada poucos minutos, semelhante aos Mercs, e gotejam armas, eles são mais do que capazes de violência.

— Esses... — Diz Lash, seguindo meu olhar para um grupo barulhento de meninos. — São seus competidores pelo Trono do Escorpião, Graystone. Ex-mineiros, estivadores e Hawks.

Me encolho. — O que são Hawks?

— Um bando de malucos geneticamente modificados é o que eles são. — Diz Brogue, franzindo a testa para os homens.

— Meu pai usava Hawks. — Diz Teagan. — Foi uma forma bárbara e cruel de escravidão. Homens jovens Bronze, recrutados e treinados para serem centuriões e depois vendidos ao melhor lance, geralmente proprietários de fábricas Ouro que precisavam de guardas para manter seus armazéns protegidos das massas famintas.

— Todos eles lutam na Corte de Sangue?



— A maioria não... ainda. Mas há rumores de que os lutadores planejam se juntar à última Corte de Sangue no dia do juramento. Acho que todos querem a honra de comandar durante a batalha.

Meus ombros caem. Eu não tinha considerado tantos candidatos ao trono. Dois dias até o Dia do Juramento e a última Corte de Sangue. Dois dias para vencer e reunir uma tripulação.

Tenho que vencer hoje, em algumas horas. Também haverá a Corte de Sangue amanhã, mas ainda preciso de tempo para usar meu único dia de influência para reunir outros rebeldes, formar um plano viável e encontrar um caminho para o castelo.

— Não fique tão taciturna, querida. — Diz Teagan. — Meu dinheiro está com você, embora eu não consiga descobrir por que você quer o trono.

Lash bufa. — Continue assim, Aster. A cabeça da garota será tão grande quanto uma bomba azul.

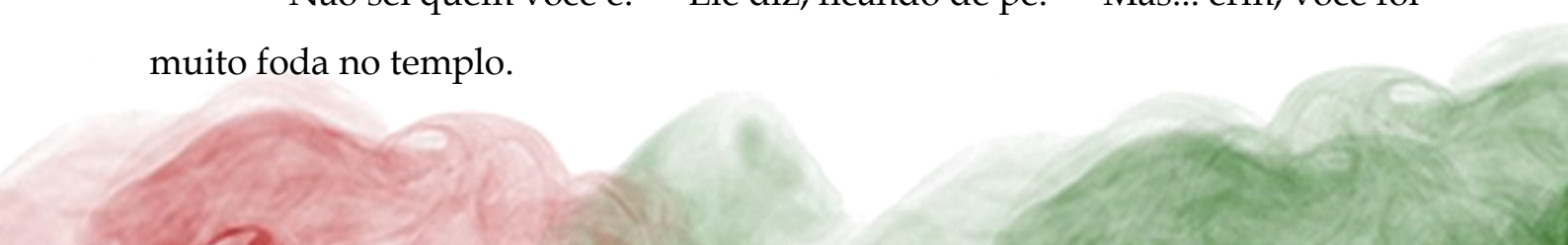
— Garoto. — Brogue diz em um tom mordaz. — Essa garota saiu do inferno que muitos homens e mulheres mais inteligentes e astutos do que aqueles dândis musculosos nunca foram embora.

— Os Julgamentos... — O olhar de Lash cai para a mesa. Sua boca se abre como se fosse dizer algo mais, mas então seus olhos castanhos se voltam para alguém atrás de mim.

Por instinto, eu giro ao redor, sem saber quem é ou que ameaça eles podem representar. Max para a alguns metros de distância, as mãos enfiadas no fundo dos bolsos, as sobrancelhas loiras franzidas.

Por um momento, enquanto ele trabalha para controlar suas emoções, quero pular e envolvê-lo em meus braços. Mas não me atrevo.

— Não sei quem você é. — Ele diz, ficando de pé. — Mas... erm, você foi muito foda no templo.



Pare de ficar inquieta, quero repreendê-lo. Olhe nos meus olhos. Preciso de tudo para afastar esses velhos instintos.

— Obrigada.

— É verdade sobre o Trono do Escorpião?

— Sim.

Ele franze a testa. — Por quê?

— Sim, querida. — Teagan fala lentamente, erguendo as sobrancelhas para mim. — Todos nós gostaríamos de saber a resposta a essa pergunta.

Um milhão de palavras vêm à mente enquanto eu olho para Max. Porque eu preciso entrar na Ilha Esmeralda e me infiltrar no castelo, de alguma forma encontrar o Mercurian e terminar a missão impossível que nosso pai nos colocou. Porque se eu não o fizer, você vai morrer horivelmente em uma guerra.

Porque eu amo você.

Mas se eu contar tudo isso agora, ele ficará na defensiva, então forço um sorriso e encolho os ombros.

— Eu sempre gostei de mandar em você. Por que não um exército inteiro?

Um músculo salta em sua mandíbula. — Você não é nada parecida com a irmã de que me lembro.

— Isso é bom ou ruim?

— Não sei ainda.

O vejo cruzar as mesas com Rivet a reboque, sem saber se também sei a resposta para minha pergunta.





Depois do almoço, Teagan e eu treinamos do lado de fora durante a última hora antes da Corte de Sangue enquanto Lash e Brogue assistem, ajudando com mudanças de armas e apontando coisas que não posso ver com minha postura e movimentos. Devíamos ir leves, mas eu treino forte. Apesar da visão terrível de Brogue, me sinto bem, e até mesmo Teagan, que é quase tão boa na esgrima quanto minha mãe, me dá uma olhada impressionada algumas vezes durante nossa sessão.

Quando estamos quase terminando e o suor umedece minhas têmporas e escorre pelas minhas costas, Teagan embainha sua espada.

— Por que você está fazendo isso, Graystone?

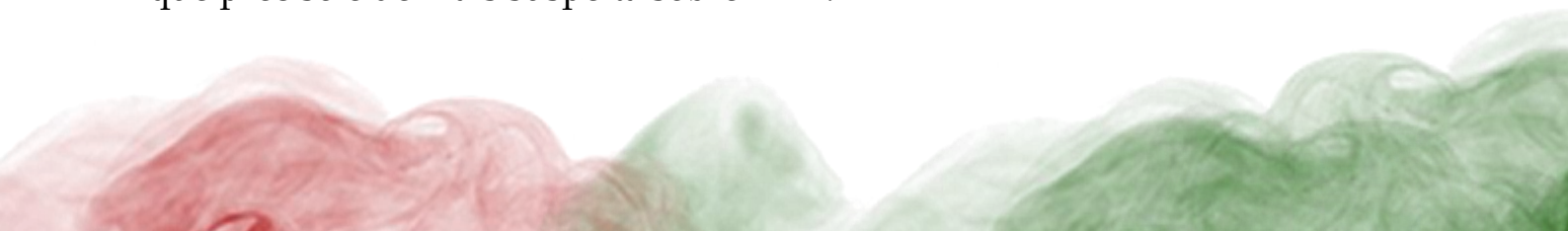
Encolho os ombros. — Por que não?

Mas minha desculpa cai por terra, e ela torce os lábios enquanto me estuda.

— É só que você não é do tipo que quer poder e certamente não gosta de derramamento de sangue. Então, por que entrar na Corte de Sangue novamente?

Examino o punho gasto da minha espada, desejando poder contar tudo a ela. Mas por onde eu começaria? Tenho que ganhar o trono para que possa reunir Rebeldes para invadir o castelo de Laevus e encontrar um dispositivo que nunca vi e não sei onde está.

Mais importante, se eu dissesse isso a ela, o que ela faria? Porque algo assim poderia ser considerado traidor por Nicolai ou Flame, e a última coisa que preciso é de mais suspeita sobre mim.



Antes que eu possa dizer qualquer coisa, porém, Flame aparece, encostada no grande carvalho que nos protege, seus olhos semicerrados seguindo cada movimento meu.

— Quer uma volta? — Grito, feliz pela distração.

— Não, obrigada, princesa. Não gostaria de te envergonhar.

Minha boca se abre, pronta para lançar um insulto de volta para ela, mas então penso melhor. Por que se importar? Quando eu derrotar Riser e ganhar a Corte de Sangue, ela terá que engolir suas palavras de qualquer maneira.

Teagan passa o antebraço sobre a testa suada. — Eu acho que isso é o suficiente por agora, querida. Você está bem até a Corte de Sangue?

— Sim. — Entrego minha espada para Lash e limpo as palmas das mãos suadas nas calças. — Eu estou bem.

Teagan envolve seu braço ao redor de Flame, e elas imediatamente começam a sussurrar e rir enquanto caminham em direção ao castelo.

Aponto para as duas meninas. — Então... há quanto tempo isso está acontecendo?

Lash balança a cabeça. — É um novo desenvolvimento.

— Hã.

— Então. — Lash diz, seu sorriso brincalhão desaparecendo. — O que acontece se você ganhar o trono, Graystone?

Estava prestes a encolher os ombros, mas seu olhar intenso me diz que não vai funcionar.

— Uma garota não pode ter alguns segredos? — Tiro o cabelo da minha testa. — E você quer dizer é: “o que acontece quando eu ganhar o trono”. Não se.

Brogue pisca para mim ao lado de Lash. — Boa garota.



Saio do treinamento e passo o resto do meu tempo caminhando pelos jardins do castelo, tentando clarear minha cabeça. O peso da minha responsabilidade fica mais pesado a cada passo. Tanta coisa depende de mim para ganhar a Corte de Sangue e assumir o Trono do Escorpião.

Roubando o fôlego para me acalmar, sigo o fluxo constante de lutadores para a arena, colocando minhas mãos em punhos no ritmo do meu coração batendo.

Eu posso fazer isso. Eu sei que posso. Toda a minha reconstrução e treinamento foi para momentos como este. Eu tenho que vencer.

Falhar não é uma opção.



CAPITULO 36



A fila para a Corte de Sangue é longa, longa demais. Os rebeldes invadem a passagem apertada que vai direto para a arena, suas provocações excitadas enchendo o ar. O cheiro de corpos suados e com cãibras aperta meu estômago.

Sinto Riser antes de vê-lo, e seu sorriso exultante me diz que ele está atrás de mim há um tempo.

— Graystone. — Diz ele. — Sua consciência situacional precisa de algum trabalho.

Sorrio, fingindo que sua provocação não me incomoda. — Como você tem tanta certeza de que eu não sabia que você estava lá?

— Porque... — Ele estende a mão e tira meu cabelo do meu ombro. — Quando estou por perto, você age... diferente.

— Diferente como?

Seus olhos encontram meus lábios. — Sua respiração acelera. — Sua voz está irregular, áspera. — Você me observa com o canto dos olhos. — Ele se inclina, tão perto que posso sentir seu cheiro familiar. — Seu corpo atrai para mim quando estou perto... como agora.

Uma sirene soa, as portas se abrem e a fila começa a se mover.

Os olhos verdes de Riser brilham com diversão. — Tem certeza de que pode brandir uma espada para mim quando chegar a hora?

Ele está brincando comigo!

— Bastardo rebelde. — Assobio, dando um passo para trás.

— Oh, mas você gosta deste bastardo.

Ele se vira e corre para a arena. Eu corro para alcançá-lo, xingando e tentando muito não me desqualificar, puxando minha adaga verdadeira e colocando-a em suas costas. Ele estava tentando me desequilibrar e bagunçar minha concentração. E quase funcionou.

Exceto que seu olho azul tempestuoso não dançou com diversão. Isso me perfurou. Ele me implorou...

Cale a boca, Maia, e concentre-se em assumir o trono do bastardo.

Mas não estou sentindo isso. Além da distração tímida de Garoto do Fosso, tudo o que posso ver é ele lutando fora do castelo. Escorregando entre os rebeldes, uma figura letal que mal reconheço.

Foco. Tem que ser agora.

Estalo meu pescoço e entro na arena, a areia ainda úmida da tempestade enquanto os rebeldes se espalham, de costas para a parede, olhos examinando os outros. Encontro Max com Rivet e me alinho com eles. Quem sabe se eles vão se aliar a mim ou tentar me matar, mas preciso de números para vencer.

Alguém pressiona o ombro contra o meu, Rhydian. Ele dá um movimento rápido com a cabeça e eu aceno de volta, escondendo meu alívio por ter um lutador habilidoso do meu outro lado.

A Queda da Sombra está chegando. Posso sentir a luz do sol diminuindo como a maré, sugando todo o calor da arena e acalmando as vozes dos rebeldes até que o silêncio reine. Respiro fundo, meus sentidos intensificados, sentindo



o cheiro forte dos rebeldes, a respiração rápida de Max e Rivet, a forma como alguns cavam suas botas na areia para se preparar.

A escuridão cai, as tochas ganham vida e meu cérebro lateja enquanto meus dedos se enchem de... Fico olhando para o pequeno botão prateado na palma da minha mão, os dois lados do dispositivo achatados, como um denari.

O que diabos devo fazer com isso?

Max e Rivet ficam de frente para os lados. Max segura o que à primeira vista parece ser uma arma comprida, uma pequena vasilha de prata no fundo. Pelo menos a arma de Rivet, um Nano-destruidor, é familiar.

— O que é isso? — Grito para Rhydian.

Mas ele está muito ocupado esquivando a espada do Rebelde ao lado dele para me ouvir. Me encolho para trás, o coração martelando em meus ouvidos, tentando não entrar em pânico enquanto meu cérebro zumbe para entender. Alguns rebeldes têm armas normais aprovadas pelos monarquistas. Outros têm armas quentes.

A minha tem que ser quente. Rolo a arma pequena e pouco convincente na palma da minha mão. Mas o que eu faço com isso? Jogá-la? E como faço para armar?

A adrenalina encolhe minha visão enquanto encaro o botão, prendendo a respiração irregular. Um borrão à minha direita. Antes que a garota Rebelde correndo em minha direção possa me atravessar com sua espada, Rhydian me joga para trás e ela passa cambaleando por mim. Ele bate o punho em seu rosto e ela tropeça, dando-lhe tempo para nivelar a grande luva de metal sobre sua mão direita em seu torso. Algo dispara da luva, zumbindo no ar.

A garota grita quando o projétil a atinge e volta para a luva de Rhydian. Quando o objeto para de girar, vejo um círculo de lâminas.



Uma onda repentina de calor queima minhas costas, e eu me viro para ver o fogo esverdeado rugindo da arma de Max. Um rebelde cai no chão, se contorcendo na areia e golpeando as chamas simuladas.

Enquanto os rebeldes caem para a esquerda e para a direita, meus aliados se espalham. Rosnando de frustração, eu faço o mesmo, minhas botas afundando na areia. Os outros estão muito ocupados lutando para explicar minha arma, então eu examino os outros lutadores, usando minha proteção momentânea para procurar uma arma que entendo e roubar.

Não tenho que procurar muito. Um menino magro com um moicano branco e olhos azul-gelo atrás de mim segura uma besta elegante bem baixa em sua morte, três flechas vermelhas alinhadas em uma bela fileira, seu braço esquerdo preso nos dentes de um longo chicote preto.

Sem uma arma utilizável, os dez passos que dou para ele parecem cem. Ele sacode a cabeça enquanto eu pego a besta, seus olhos enormes. O metal está frio dentro da palma da minha mão, chamando por mim.

Seu rosto se contorce de raiva... mas então, seus olhos piscam para cima e atrás de mim, e uma mão de pavor aperta meu coração.

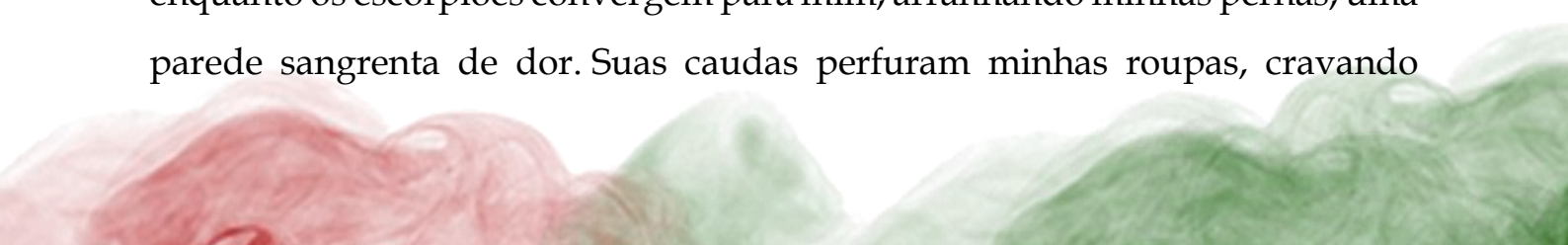
Giro ao redor, mas tarde demais.

A pirâmide de ouro dentro da palma da mão de Hugo se abre, expelindo centenas de escorpiões de metal vermelho. Eles se agitam e clicam, fazendo sons sinistros de queda enquanto caem na areia em um enxame furioso.

Uma risada de hiena jorra dos lábios de Hugo, seus olhos negros arregalados de excitação.

— Isso vai doer um pouco.

Nos recessos escuros do meu cérebro, algo primitivo grita de medo enquanto os escorpiões convergem para mim, arranhando minhas pernas, uma parede sangrenta de dor. Suas caudas perfuram minhas roupas, cravando



lascas de fogo que se enterram em meus ossos, injetando lava em minha medula.

Lágrimas de dor e frustração turvam minha visão. *Já estou morta, pare,* quero implorar, mas os escorpiões continuam chegando. Continuam esfaqueando. Eu me encolho com a dor, encolho em mim mesma, uma concha derrotada, incapaz de me mover ou escapar.

Uma forma aparece sobre mim enquanto eu gemo. Lucy, seu cabelo escuro trançado brilhando em vermelho e laranja sob a luz das tochas, se inclina para perto.

Ataco Lucy, mas meus braços estão muito fracos pelas picadas. Por que o Sim não termina? Tento gritar enquanto o fogo dentro de mim se enfurece, mas não sai nada.

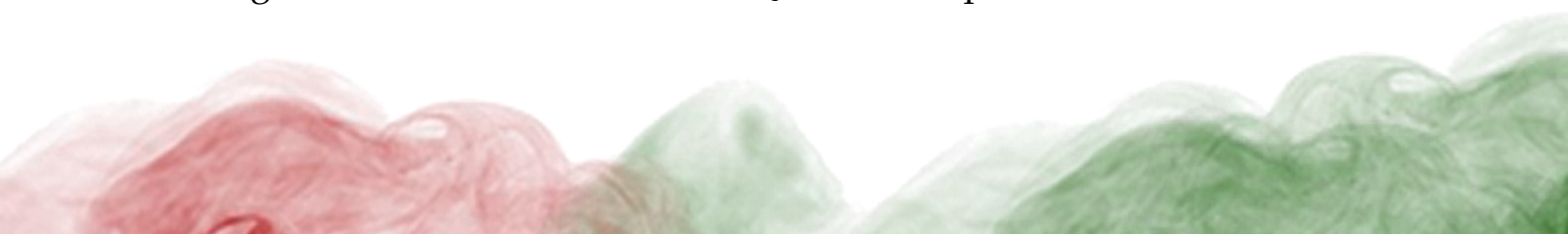
E então Lucy aperta seus dedos sobre meu queixo, minha pele queima onde quer que ela toque enquanto ela torce minha cabeça para a direita.

Um grito morre na minha garganta quando sou forçada a assistir Hugo jogar Max no chão ao meu lado e acertar uma bota em sua garganta. A boca de Max está aberta, seus olhos arregalados em pânico enquanto ele agarra a perna de Hugo.

Seu foco rola sobre mim, seus olhos piscam, me implorando para ajudá-lo. Suplicando. Como quando estávamos fugindo em Cypher. Como quando eu o deixei, e bem no fundo ele sabia que eu não voltaria.

— Você está matando-o. — Me empurro, me debato e chuto tentando chegar até Max, para proteger a única família que me resta.

Lucy me chuta no estômago, me dobrando, mas eu mal sinto enquanto cavo e agarro meu caminho mais perto, gritando seu nome. A risada estridente de Hugo toca meus ouvidos. Ele balança sua besta para baixo, a flecha de metal



afiada e brilhante aponta a um fio de cabelo de um dos olhos de Max que piscam loucamente.

Não, não, não! Um tiro na cabeça...

A voz de Lucy passa por mim. — Que tipo de verme não consegue proteger nem mesmo seu próprio irmão?

Meu estômago embrulha. As vozes dentro da minha cabeça estão gritando, ricocheteando dentro do meu crânio. Formando um barulho enlouquecedor de caos. A respiração apavorada de Max enche o ar.

A flecha não é real. Só vai doer por um momento, e ele vai ficar bem.

Ele vai ficar bem. Ele vai ficar bem. Ele vai ficar bem...

Hugo atira a flecha no meu irmão, e todos os pesadelos que já tive sobre a morte de Max se tornam realidade.



CAPITULO 37



Eu não consigo parar de me contorcer e me debater contra as mãos que prendem meu corpo, me carregando. Arqueio minhas costas e olho para cima, meu olhar rolando para fora do teto com vigas de madeira e paredes de escorpião.

Escorpiões. Deuses, eu nunca odiei nada mais.

As vozes dentro da minha cabeça se acalmaram para um sussurro latejante. Luto com quem quer que me carregue, tentando ficar de pé, embora uma parte de mim saiba que não estou em condições de ficar de pé.

Cada vez que penso que estou melhorando, vejo Hugo lançar uma flecha na cabeça do meu irmão e ouço seu grito como se eu ainda estivesse ali ao lado dele.

Através da minha visão turva, vejo Teagan e Brogue aos meus pés, cada um carregando uma perna. Me viro para olhar para a pessoa perto da minha cabeça... Lash. O suor brilha na barba de cobre em sua mandíbula.

— Pare de lutar, amor. — Ele ordena. Sua voz é firme, cortando as da minha cabeça, seus olhos gentis. As sobrancelhas russas se erguem em um apelo silencioso por obediência. — Você está segura agora, e Max também. Mas precisamos levar você para o seu quarto.

Mas não consigo parar de ver Max levar um tiro. Não consigo parar o pânico apertando meu coração.

Controle-se, Graystone.

Meus amigos começam a falar como se eu não estivesse pendurada em seus braços, suas vozes agitadas quebrando meu pânico. Hugo e Lucy foram longe demais. Certamente Flame os punirá desta vez. Certamente eles serão banidos das Cortes de Sangue...

Meus amigos me jogam na cama.

Tremendo, rolo para o meu lado, uma dor horrível se espalhando por mim.

— Max? — Disseram que ele estava bem, mas podem estar errados. Ou eu poderia ter ouvido mal. — Brogue, dê uma olhada nele. Por favor?

Brogue hesita antes de balançar a cabeça e sair pela porta.

— Ele está bem, querida. — Teagan rasteja para a cama, dobrando seus longos membros ao meu lado.

— Mas era... Foi um tiro na cabeça.

Lash enche o outro lado da cama, seu ombro quente contra minhas costas.

— Ele é duro, amor. Como você.

— Ele significa tudo para mim. Eu não posso... Eu não posso perdê-lo.

— Mordo o interior da minha bochecha para evitar que minha voz falhe. — Ninguém disse que haveria Armas Quentes na corte.

— Isso era novo.

— Eles estão tentando me fazer falhar.

Teagan deita a bochecha no edredom, a centímetros do meu rosto.

— É por isso que você tem que ser forte. — Seus olhos brilham, mas sua voz é dura. — Eles estão tentando quebrar você, não os deixe. Se eles

derrubarem você cinco vezes, levante-se seis. Lamente a queda depois de você se levantar e transformá-los em cinzas.

— Você não entende. Eu precisava vencer hoje.

Lágrimas ameaçam cair e eu enfio os nós dos dedos nos olhos.

Eu não posso fazer isso. Como meu pai poderia ter considerado que eu era forte o suficiente para encontrar uma arma que o imperador mataria para destruir?

Mais uma vez, estou falhando. Eu não consigo fazer isso. É muito.

Teagan estende a mão e aperta meu braço.

— Querida, nada vale suas lágrimas, muito menos o Trono do Escorpião. Então, por que você chora por isso?

Solto uma respiração irregular, estudando Teagan do jeito que eu fiz Riser. Ele me implorou para confiar nele, e eu não confiei. Veja como isso acabou.

Eu tenho que confiar em alguém.

Solto um expiro. — Quando eu era mais jovem, antes de ser mandada para a prisão, meu pai me implantou... bem, uma espécie de chave. É suposto desbloquear o Mercurian, uma arma supostamente escondida na Ilha Esmeralda... uma arma que também pode parar o asteroide.

Silêncio. Lash se senta atrás de mim, mas Teagan apenas me encara como se eu afirmasse que a terra era quadrada.

Me apoio nos cotovelos. — Max mostra o mapa para o Mercurian, mas até agora Nicolai não conseguiu descobrir como fazê-lo funcionar, e ele se recusa a sequer considerar o envio de Rebeldes de volta à Ilha para encontrá-lo. — Limpo meu nariz no antebraço, baixando minha voz para um sussurro. — Mas isso é porque ele não sabe que há um caminho para dentro do Castelo Laevus.



Um olhar conhecedor toma conta de Teagan.

— E se você ganhar o trono, pode reunir rebeldes para ajudá-la a entrar sorrateiramente e encontrar o dispositivo.

Concordo.

— Por que não se juntar aos soldados e lutar na batalha? Se eles conseguirem chegar ao castelo, você pode procurar.

Suspiro. — Eles não vão chegar tão longe. E não confio em Nicolai. Ele nunca pode obter o controle do Mercurian. Nunca.

Lash pisca para mim. — Espere, ainda estou preso na parte em que o imperador sabia sobre o dispositivo o tempo todo.

Devo estar me sentindo um pouquinho melhor porque bufo.

— Sim, e ele fez tudo ao seu alcance para destruí-lo. Mas está escondido... por enquanto.

Seu olhar rola para o teto com painéis pesados.

— Verificando com os deuses?

— Amor, eles concordam. O imperador é um idiota.

Batidas estrondosas no corredor enquanto os rebeldes celebram o vencedor da Corte de Sangue, gritando e brigando, me lembrando de como eu falhei. Deslizo para o chão e vou até a janela quebrada, onde os restos da Queda da Sombra banham o mundo em uma névoa prata esverdeada. Uma brisa fresca e salgada sopra meu cabelo para trás.

— Você poderia talvez falar com Flame. — Digo por cima do ombro. — Persuadi-la a me emprestar alguns homens?

As botas de Teagan batem levemente no chão quando ela se junta a mim. Ela cheira a flores caras, rosas e gardênias.

— Vou abordá-la hoje à noite no baile. Vou fazê-la ouvir.

Lash ri. — Aposto que você vai, Aster.



— Se acontecer de ela dizer não até para você... — Digo, dando a Teagan um olhar duvidoso. — Então vou precisar de alguém para me ajudar a treinar para a próxima Corte de Sangue.

Enquanto os dois concordam, uma brasa de esperança acende dentro do meu peito, afugentando um pouco da escuridão que me pesa. Nós olhamos para o mar, a sombra de Pandora perdendo seu domínio sobre o mundo, a luz do sol riscando o céu e atingindo a crista das ondas irregulares.

Me inclino pela abertura, a brisa fresca e o cheiro salgado do oceano me chamando.

Agora que tenho uma espécie de plano e uma espécie de equipe, preciso sair, fazer algo. Preciso esquecer a umidade fria do castelo. Preciso esquecer o som dos meus gritos agudos na arena.

Mas primeiro preciso ver meu irmão.



CAPITULO 38



Depois de tranquilizar Lash e Teagan de que as picadas de escorpião simuladas não tiveram efeitos duradouros, procuro Max no castelo. O refeitório está fechado e ele não está em seu quarto. Eventualmente, alguém me diz que há uma câmara perto da arena interna onde os lutadores relaxam após a Corte de Sangue.

Na verdade, é um salão antigo sem janelas, com um balcão alto de madeira e banquetas de metal elegantes. Uma névoa de fumaça turquesa flutua através das sombras, um pot-pourri de ervas, produtos químicos e especiarias. Música selvagem sai dos alto-falantes nos cantos, luzes roxas e amarelas pulsando sobre a multidão.

Embora esteja procurando por Max, parte de mim implora para ver Lucy ou Hugo. Qualquer um dos dois apagaria a raiva que sinto da Corte de Sangue. Ambos seriam melhores, embora mais complicados e com mais riscos. Mas uma rápida pesquisa me diz que eles não estão aqui.

Esperançosamente, isso significa que Flame os colocou de joelhos pelo que fizeram.

Max é fácil de encontrar, seu cabelo dourado é como um farol em meio a uma centena de cabeças mais escuras. Foi-se o menino apavorado que me

implorou para salvá-lo. Ele está no meio de um grupo de rebeldes, entretendo-os com suas piadas infantis habituais.

Rivet está sentada no banquinho ao lado dele, sua gloriosa juba de mogno emaranhada em uma trança espessa que cai na parte inferior das costas.

Uma bota preta empoeirada na altura do joelho está apoiada no balcão. Deuses, se eu tivesse sido tão legal na idade dela.

Brogue aparece na multidão, carrancudo. — Eu já dei a seu irmão minha paz. Vou deixar você lidar com isso.

Ele foge antes que eu possa perguntar sobre o que ele está falando, e meu olhar voa para a taça de bronze manchada na frente de Max. Assim que ele me vê, ele tenta esconder a bebida, empurrando-a para outro Rebelde, mas eu já vi o líquido âmbar borbulhante lá dentro.

Empurro os ombros grossos e musculosos e planto meus pés na frente dele.

— Diga-me que não é seu, Max.

Os outros ficam quietos. Rivet levanta uma sobrancelha vermelha com piercing.

Max tenta me afastar com uma risada.

— O quê, você não gosta?

— Não. Sem piadas. Eu não sou nossos pais. Você não pode simplesmente dizer algo engraçado e fazer o que quiser.

— Está certo. — Seu sorriso se foi. — Você não é nossos pais, porque meu pai está morto e minha mãe é uma vadia puta dândi monarquista que nos deixou para morrer pelo imperador. E aquele Contracionista que você enviou para me verificar, seja ele quem for, também não é nossos pais.

— O nome dele é Brogue. — Digo, franzindo a testa para a conversa crassa de Rebelde de Max.



Tenho que me lembrar que ele é rebelde há anos. Isso é tudo que ele sabe. *Não o envergonhe. Não na frente de seus amigos.*

Mas então Rivet murmura algo baixinho, seus olhos verdes afiados passando por mim em um desafio silencioso, e Max pega a taça cheia de Âmbar de Sangue...

Eu tiro a taça de sua mão. A taça bate contra a banquetta do bar e depois gira no chão. Eu sei que não deveria. Eu estou envergonhando-o.

Mas não consigo me livrar do horror de antes, quando pensei que ele poderia morrer, e eu serei amaldiçoada se o deixasse morrer por causa daquele veneno lento.

O líquido âmbar escorregadio e oleoso escorre por seu queixo e se espalha sobre seu gibão vermelho, os nanites correndo em todas as direções com um silvo quase inaudível. Ele olha para baixo por um momento, sua mandíbula apertada. Como ele pode não ver que é perigoso?

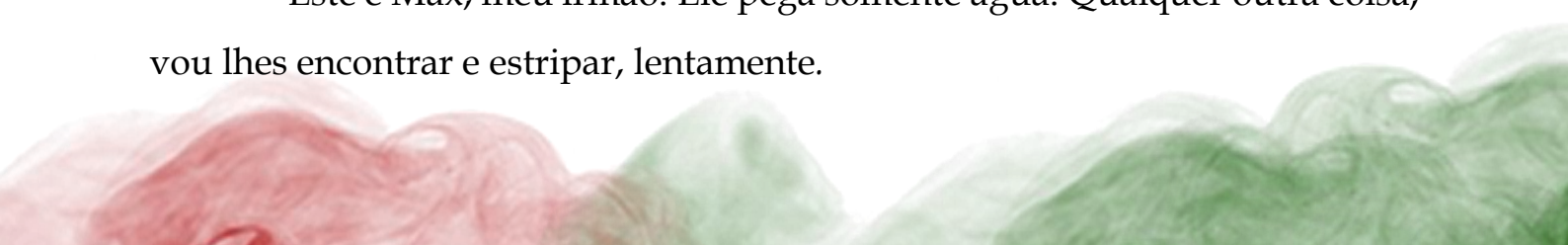
Com uma carranca de aço, Rivet se vira para a garota atrás do balcão com pupilas em forma de escorpião.

— Outro, por favor.

A garota olha para mim. Lanço para ela um sorriso-que-não-é-um-sorriso. *Faça isso e morra.* Aparentemente decidindo que eu sou a maior ameaça, ela ignora Rivet e volta a limpar o balcão sujo.

Prendo Rivet com meu brilho. Debaixo de sua fachada de ferro, algo hesita, um sussurro de rubor colorindo o punhado de sardas sobre suas bochechas pálidas. Satisfeita por ela entender minha mensagem silenciosa, eu faço um círculo completo, fazendo contato visual com cada Rebelde mesmo perto.

— Este é Max, meu irmão. Ele pega somente água. Qualquer outra coisa, vou lhes encontrar e estripar, lentamente.



O rosto de Max ficou de um tom escuro de vermelho, até mesmo suas orelhas, e lágrimas de raiva molharam seus cílios.

— Você é uma idiota.

Me inclino e beijo sua bochecha quente. — Eu também te amo.

Na saída, Rivet agarra meu braço. Me viro, preparada para uma discussão.

Ela levanta as mãos. — Uau, Graystone. Não estou aqui para lutar. Eu só... Quero que saiba que também não quero que Max beba esse veneno.

— Então por que não defendeu minha decisão?

— Porque não é sua para fazer. É dele.

Franzo a testa. — Mas ele é muito jovem para saber...

— Olha, ele é um monte de coisas, um idiota na maioria das vezes, na verdade, mas quando importa, quando realmente importa, ele toma a decisão certa. Você não pode viver anos de sua vida nas ruas de Cypher, esquivando-se de Centuriões e não desenvolver um instinto de sobrevivência.

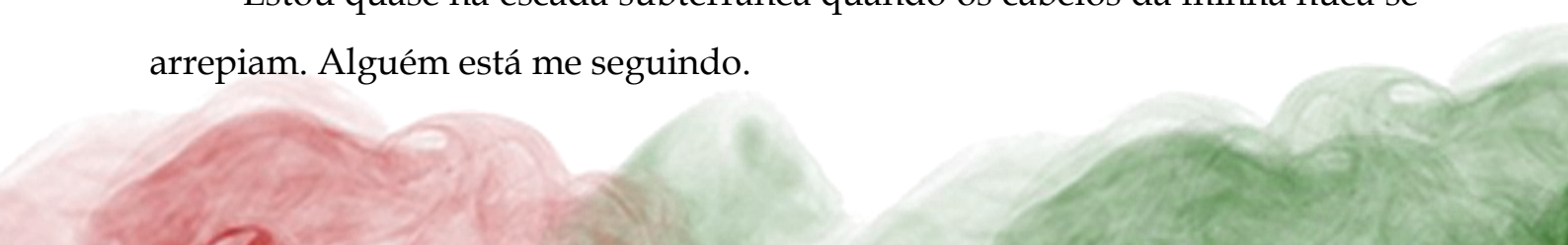
Suas palavras são como um chute no estômago, me lembrando do que aconteceu depois que eu saí.

— Ok. Vou tentar. Bom o suficiente para você?

— Sim, e mais uma coisa. Max tem quinze anos, não é o garotinho do seu passado. Pare de tratá-lo como uma criança. E dê a ele algum espaço. Ele quer ter um relacionamento com você, apenas em seus próprios termos.

Ela desliza no meio da multidão sem se despedir, empurrando alguns rebeldes interessados para trás com uma cotovelada afiada. *Bem, ela é uma pessoa obstinada.* Apesar de nossa história até agora, sinto um novo respeito por Rivet. Se alguém pode manter Max longe de problemas, é ela.

Estou quase na escada subterrânea quando os cabelos da minha nuca se arrepiam. Alguém está me seguindo.



A respiração congela em meus pulmões quando pego minha adaga e me viro, pronta para o confronto.



CAPITULO 39



River sai das sombras do corredor escuro.

— Calma, aí. A Corte de Sangue acabou.

— Certeza sobre isso? — Sem uma palavra, me viro e começo a andar.

— Onde você vai?

— Fora.

— Nicolai, sabe?

Zombei — Não. Você vai me delatar?

— Não, vou acompanhá-la.

Me arrepio com a diversão em sua voz. — Não, obrigada.

— Espere, isso são... boas maneiras que ouço vindo de seus lábios? — Os planos nítidos de seu rosto suavizam quando ele sorri.

Ignoro o tom sedutor de sua voz, as borboletas invisíveis que incham minha barriga a cada segundo que ele sorri para mim, determinada a não cair nessa de novo.

— Eu não preciso de proteção.

— Proteção? Não, não. Vou simplesmente garantir que você não seja pega e entregue de todo o exército Fieniano.

— Nobre da sua parte.

— Eu tento, Graystone.

Deslizamos para uma rotina confortável de sarcasmo, cutucando levemente um ao outro com palavras enquanto serpenteamos pela bagunça dos corredores, rastreando nossos passos do outro dia, passando por rebeldes com baldes e esfregões, alguns carregando armas, alguns carregados de lenha para as cozinhas. Os ruídos diminuem à medida que entramos na última escada que nos levará às cavernas.

No momento em que coloco minha perna sobre o meu Swifter, nossa brincadeira desaparece no silêncio.

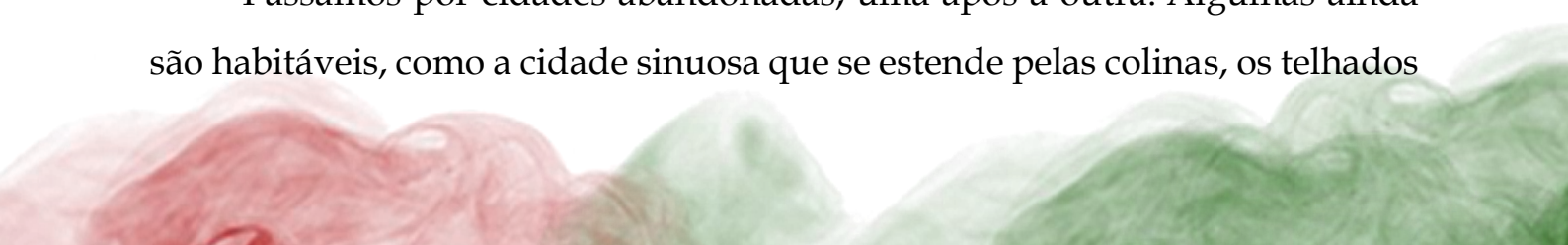
É difícil fingir que a Corte de Sangue simplesmente não aconteceu. Que eu não estava prestes a batalhar com ele pela coroa.

Não colocamos a música desta vez, mas não me importo. O mar ronrona uma bela melodia, serenata de gaivotas gritando e ondas quebrando. Os respingos do mar molha minhas bochechas e cria arco-íris fugazes. Meu cabelo bate para frente e para trás com o vento.

Exceto pelo influxo de tempestades, Pandora não afetou o norte tanto quanto o sul, e eu fico maravilhada com a beleza imaculada dos penhascos cinza-aço e areias brancas como osso contornadas com grossos aglomerados de maresia. Ficamos na sombra do penhasco, deslizando sobre a linha branca e espumosa das ondas.

Uma vez que estamos livres dos penhascos rochosos e nas colinas gramadas ao sul de Bloodwyn, eu me inclino para frente e abro meu Swifter, o peito formigando de prazer enquanto a máquina elegante se aquece e rosna abaixo de mim. As colinas arenosas são salpicadas com flores de alfazema de malva, amores-perfeitos de areia amarela e branca aparecendo nos tufo de grama.

Passamos por cidades abandonadas, uma após a outra. Algumas ainda são habitáveis, como a cidade sinuosa que se estende pelas colinas, os telhados



laranja desbotados brilhando contra as encostas gramadas, verdes de toda a chuva. Mas a maioria foi danificada além do reparo, telhados arrancados, presumivelmente por tempestades, algumas até transformadas em cinzas.

À medida que diminuímos a velocidade para contornar a borda de uma cratera gigante, Riser explica que um pequeno meteoro do tamanho de um Swifter atingiu esta área há algumas semanas, destruindo a cidade e as casas vizinhas. Mais rochas quebradas atingiram o oceano, enviando uma onda que dizimou algumas das cidades de altitude mais baixa mais a leste.

Mas eu não quero pensar nela agora, então desvio meu olhar da destruição e olho para Garoto do Fosso. Seus olhos estão escondidos atrás de óculos de proteção de couro escuro, o sobretudo vermelho que ele usa chicoteando atrás dele.

Um sorriso sombrio se espalha por seu rosto enquanto ele olha para mim.

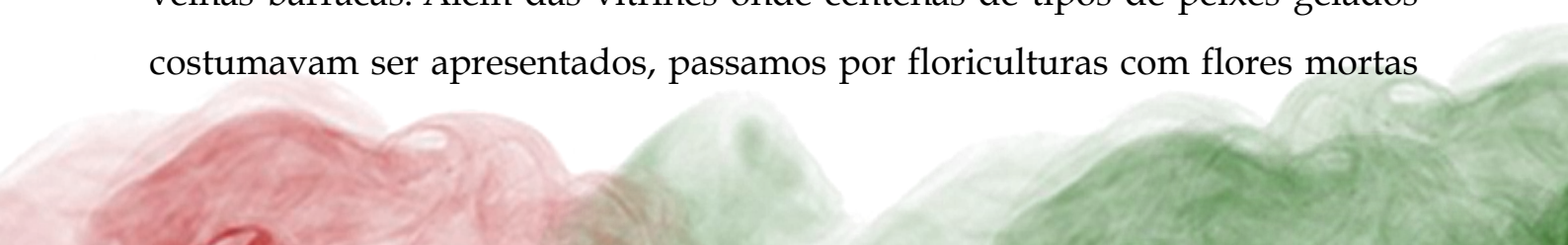
— Isso é tudo que você tem?

Me arremesso na frente dele, descendo uma colina rochosa e deslizando em um lago coberto de algas. No lado esquerdo da colina, uma cidade de casas pitorescas com telhados de telha se espalha, cercada por uma barricada de tijolos em ruínas.

Esta era uma vila de pescadores e os antigos mercados permanecem. Há uma praça da cidade com uma fonte seca de baleia, parte de sua cauda quebrada. Prédios caídos de branco com janelas abertas constituem a maior parte das residências.

Além de alguns cães esqueléticos sarnentos, a cidade está vazia.

Riser me alcança perto do mercado, e nós calmamente deslizamos pelas velhas barracas. Além das vitrines onde centenas de tipos de peixes gelados costumavam ser apresentados, passamos por floriculturas com flores mortas



ainda em exibição, e até por uma loja de brinquedos aprovada pela Reforma com bonecos de madeira esculpidos na imagem de Centuriões e Damas Ouro da corte.

Riser diminui a velocidade ao meu lado, seus olhos passando rapidamente sobre tudo.

— Eu não posso acreditar que lugares como este já existiram. São tantas... coisas.

Suas palavras me lembram o que sua nova imagem real quase me fez esquecer: a única civilização que Riser já conheceu foi o Fosso. Quase todas as experiências neste mundo são novas para ele. Lembro-me de como ele olhou para as estrelas no dia em que escapamos.

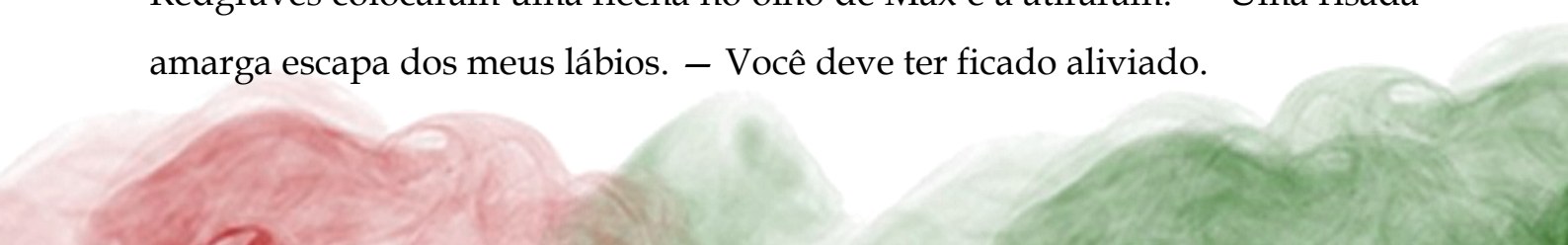
Ele está longe do garoto confuso e ignorante do Fosso, e ainda assim parte dessa selvageria permanece. Ele ainda se recusa a sentar-se de costas para a porta. Ainda se assusta com pequenos ruídos e observa tudo.

Assim como ele está me observando agora. Coro sob seu olhar. Seus óculos estão fora, seu Swifter a centímetros do meu. Uma brisa bagunça seu cabelo. Na luz minguante da tarde, ambos os olhos são estranhamente brilhantes, gemas esmeralda e topázio incrustadas na pele de pedra da lua.

— Você manteve seu trono, suponho? — Pergunto, tomando cuidado para esconder a decepção da minha voz.

Seu joelho roça o meu enquanto ele se aproxima. — De fato. — Um músculo em seu pescoço. — Eu pensei que teria que lutar com você por isso, mas então ouvi você gritando e vi Aster e Lash carregando você para fora da quadra.

— Eu pensei... — Minhas mãos apertam o guidão de prata frio. — Os Redgraves colocaram uma flecha no olho de Max e a atiraram. — Uma risada amarga escapa dos meus lábios. — Você deve ter ficado aliviado.



— Eu fiquei. Achei que teria que machucar você e, por alguma razão, isso me incomodou. — Uma longa pausa se estende. — Graystone, por que você está tão decidida a tomar meu trono? — Ele examina meu rosto, uma carranca tremendo em seus lábios. — Você realmente acha que eu não mereço isso?

Minha garganta aperta com a sugestão de dor em sua voz. — Riser, eu... — Engulo a verdade. Por mais que eu queira confiar nele, não tenho ideia do que Nicolai fez com Riser quando foi reconstruído pela segunda vez. — É complicado.

— Por favor, não tente novamente.

Paro meu Swifter. Estamos no final do mercado, os dois últimos estandes são um café e uma loja de ervas que ainda mantém um forte aroma de sálvia. Louro seco e capim-limão pendurados logo acima da minha cabeça. Nuvens de chuva trouxeram o crepúsculo mais cedo, cuspidando chuva lateralmente nas ruas e fazendo um tamborilar suave no telhado de metal do pavilhão.

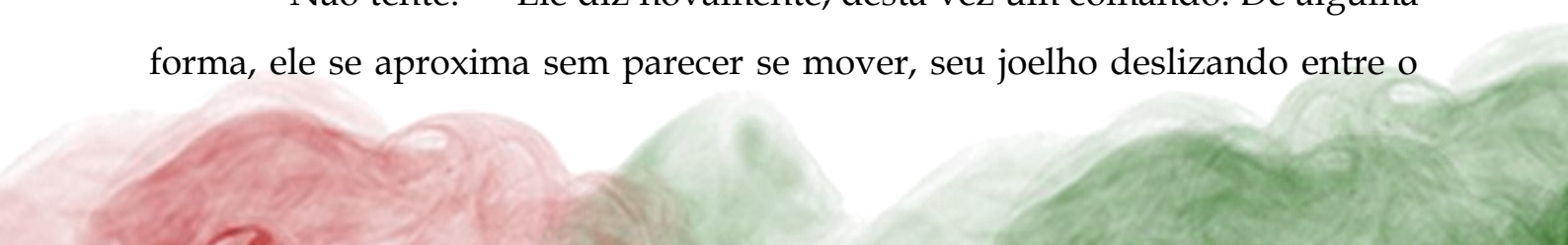
— Você está com medo, Príncipe?

À minha frente, ele se vira, guiando sua máquina para frente até que estejamos cara a cara, nossos joelhos se tocando.

— Quando eu ouvi seus gritos, todo o resto caiu. Não tinha som além de você. E cada grito me percorreu, a dor tão crua e real como se eu tivesse sido perfurado por uma espada no estômago.

Meu foco se reduz ao som da chuva, a sensação do meu Swifter estrondando sob minhas pernas, e seu olhar penetrante debruçado sobre mim, exigindo respostas. Abro a boca, mas minha garganta fecha com qualquer palavra que eu possa ter falado.

— Não tente. — Ele diz novamente, desta vez um comando. De alguma forma, ele se aproxima sem parecer se mover, seu joelho deslizando entre o



Swifter e minha coxa, pressionando a área sensível ali. — Confie que eu posso nos liderar. Que sou digno do trono. Que eu posso vencer contra o imperador.

A chuva se tornou um aguaceiro, seu joelho um raio de energia incandescente. Por meio segundo, eu me imagino empurrando para dentro dele, sentindo seu corpo duro roçar contra mim, sua boca quente contra meus lábios, minhas mãos enroscando em seu cabelo.

Por um momento louco, imagino que o mundo não está acabando.

Suas sobrancelhas se juntam acima dos belos olhos que não piscam enquanto ele me perfura com seu olhar intenso.

— Eu vou matar o imperador, Graystone. Vou derrotar seu exército, matar o Falso Príncipe e colocar sua corte corrupta de joelhos. E então reivindicarei o direito de primogenitura que minha mãe nunca poderia me dar.

— Ele estende a mão. — Fique comigo, não contra mim.

— Acredite em mim, se eu tivesse escolha, não iria querer o trono.

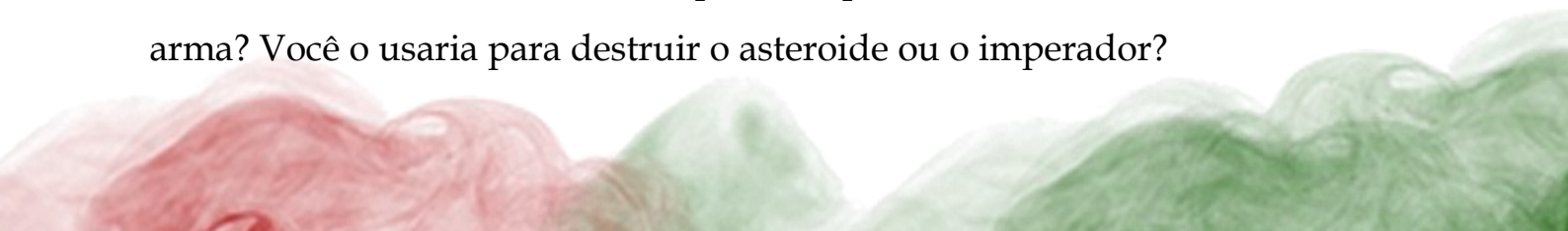
— Isso é sobre o dispositivo de que você vive falando?

Chupo meu lábio inferior. — E se ele existir? Não temos a obrigação de encontrá-lo?

— A única obrigação que temos é varrer os monarquistas da terra. Depois disso, encontraremos nosso caminho para as cavernas abaixo das montanhas onde os Prateados se escondem. Os Redgraves sabem onde estão e têm suprimentos para centenas de anos. E quando a fumaça se dissipar, o imperador e sua corte terão ido embora e podemos reconstruir o que nosso mundo deveria ser.

Mordo meu lábio para não gritar com ele por ouvir Lucy. Ela salva a vida dele e agora ela é confiável?

— E se eu encontrasse aquele dispositivo, mas também fosse uma arma? Você o usaria para destruir o asteroide ou o imperador?



— Se fosse um ou outro? — Ele passa a mão pelo cabelo. — Nós podemos sobreviver ao asteroide. Mas não sobreviveremos ao imperador. Se eu tivesse que escolher, eu destruiria o império.

— E deixaria milhões de pessoas morrerem?

— Você não entende, não é? Eu tenho que matar meu pai. Eu tenho que vingar minha mãe. Eu a vejo em meus pesadelos, vejo eles... vejo-os rasgando-a em pedaços. Seus gritos enchem minha cabeça. Eu... deixa pra lá.

— Riser, matar o imperador e tomar seu trono não fará com que os pesadelos desapareçam.

Sua mandíbula aperta. — Veremos, não é?

Meu intestino aperta. Riser sempre foi cheio de raiva e de alguma forma eu perdi isso? Ou talvez estar dentro da casa da infância de sua mãe, cercado por suas coisas, trouxe à tona o passado.

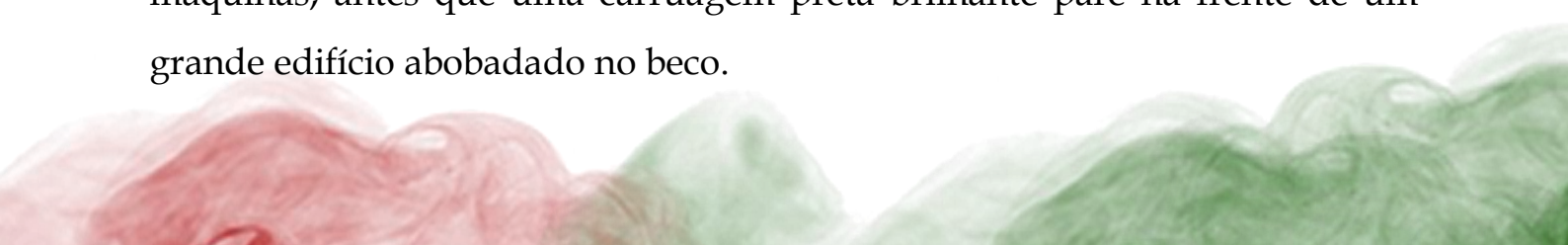
De qualquer maneira, Riser não vai me ajudar. Mas, mais importante, não posso confiar nele.

Minha boca fica seca quando percebo que talvez ele seja mais parecido com o pai do que pensa. Assim que o pensamento entra em minha mente, eu o forço a sair.

Riser não se parece em nada com o imperador. Ainda não, pelo menos. Mas se Flame e Nicolai e os Redgraves continuarem a influenciá-lo...

Cavalos relincham ao longe. Ambas as nossas cabeças chicoteiam na direção do barulho enquanto o som de uma carruagem descendo a rua esburacada enche o ar.

Temos apenas tempo suficiente para subir em nossos Swifters e entrar na loja de brinquedos, aparas de madeira explodindo em chamas sob nossas máquinas, antes que uma carruagem preta brilhante pare na frente de um grande edifício abobadado no beco.



— Dândis. — Riser cospe, sua voz gotejando rancor enquanto ele alcança qualquer arma horrível escondida dentro de seu colete.

Quando olho para a carruagem novamente, um arrepio de reconhecimento passa por mim e eu congelo. A carruagem não pertence a apenas dândis, mas a um dos monarquistas mais importantes desta guerra.

Príncipe Caspian Laevus.

— Vamos voltar. — Digo, esperando que Riser não perceba o quão rápido as palavras saem.

Mas Riser mal parece me ouvir, seu olhar fixo na carruagem.

— Eu preciso desabafar primeiro.

Meu coração bate na minha garganta. Agarro seu braço, ignorando a forma como seus músculos se contraem sob meus dedos.

— Não quero mais lutar hoje, Riser. — Digo. — Por favor.

Suspirando, ele se vira para ir embora. Não há tempo para questionar a presença de Caspian antes de nos esgueirarmos pela parte de trás, encostados em nossas máquinas. Posso dizer pelo corpo rígido de Riser, pela maneira como ele continua a olhar para trás, que ele prefere lutar do que fugir. Estremeço, sabendo que se ele visse quem estava dentro daquela carruagem, suas ações teriam sido muito diferentes.

Nós escapulimos despercebidos. Felizmente, o ar está livre de drones e somos capazes de voltar às falésias rapidamente.

Mas uma pergunta queima em mim. O que o príncipe está fazendo nesta pequena cidade à beira-mar abandonada? Eu reviro o mistério repetidamente em minha mente, procurando uma maneira de usá-lo a meu favor.

Se os Fienianos me ensinaram alguma coisa, é que a informação pode ser a arma mais eficaz de todas.



CAPITULO 40



Algumas roupas rebeldes me aguardam em meu quarto, junto com Lash e Teagan reclinados em minha cama. Conto a eles sobre a carruagem real enquanto me visto, ignorando o olhar interessado de Lash enquanto seu olhar percorre meu corpo.

— O Príncipe Caspian Laevus? — Lash descansa a cabeça no colo de Teagan e balança uma sobrancelha duvidosa para mim. — O quê, ele estava cansado de vitela e carneiro e decidiu comer um pouco de arenque em conserva?

Revirando os olhos, coloco uma bota preta de couro na altura do joelho com uma fivela de ouro reluzente.

— Só estou contando o que vi.

— Não, não. — Diz Teagan, suas unhas compridas e magentas acariciando a barba vermelha dourada ao longo de sua mandíbula. — Algumas dessas cidades costumavam fornecer ouro de casas importantes.

Ela pula da cama e desaparece porta afora. Poucos minutos depois, ela reaparece com um mapa amarelado nas mãos.

— Mostre-me onde você estava quando viu a carruagem.

Nós sentamos na cama ao lado de Lash, e Teagan espalha o mapa, os papéis amassando. Encontro Bloodwyn no mapa e sigo meu dedo ao longo dos

penhascos, virando para o interior e marcando uma trilha ao longo de várias cidades.

— Havia, hum... — Pondero em voz alta, franzindo a testa enquanto pressiono meu dedo sobre as colinas. — Uma cidade por aqui atingida por escombros há alguns meses.

Teagan estala a língua enquanto estuda o mapa. Então ela move meu dedo alguns centímetros para o sul.

— Foi aí que o meteoro caiu.

Chupando meu lábio, empurro meu dedo meio centímetro para a direita para descansar no ícone de um peixe. — Lá.

— Você tem certeza? — Teagan pergunta.

— Sim. Essa é a cidade.

— Hm. Eu ouvi rumores sobre Rowell. Havia... — Ela acena com a mão enquanto tenta se lembrar. — Boutiques Sim do mercado negro que operavam lá. Eles dirigiam Sims especializados para Ouros ricos e cortesãos.

— Certo. — Diz Lash. — Um Sim do mercado negro em uma pequena vila de pescadores.

Teagan sorri para Lash. — E é exatamente por isso que eles fizeram. Era o lugar perfeito para esconder um Sim fora da lei.

— Mesmo se isso fosse verdade, com certeza o príncipe teria acesso a um Sim na Ilha, onde ele poderia...

— Não. — Interrompo, meu coração disparado. — O Sim na Ilha não funciona.

— Hã. — Lash se senta, suas sobrancelhas se encontrando acima de olhos repentinamente interessados. — Se o príncipe herdeiro realmente está se aventurando fora da proteção da ilha, isso significa que ele está vulnerável e podemos agarrá-lo.



— Não.

— Não? — Lash diz.

— Não. — Balancei minha cabeça. — Ninguém toca o príncipe.

Lash lança um olhar curioso para Teagan. — Por que não?

— Nós o tomamos como refém, e daí? O imperador deixaria Caspian morrer antes de negociar com os Fienianos. Então, nós o torturamos? Enforcamos? O que Flame pensa que vai realizar, exceto colocar quaisquer aliados em potencial contra nós?

Lash sorri para mim.

— O que?

— Então você é bonita e inteligente.

— Cale a boca, Lash! — Teagan e eu gememos.

— Esperem. — Lash esfrega um dedo sobre sua mandíbula. — Você se dirigiu ao príncipe pelo primeiro nome.

Teagan dá um tapa na lateral da cabeça. — Ah, linda e inteligente.

— Ai. — Ele esfrega a cabeça com um toque dramático. — Então... É por isso que você ignorou a ordem de matá-lo na Ilha?

— Nós estávamos, hum... — Procuro as palavras para nos explicar. — Fomos combinados, pelo menos com base em nosso mapeamento de DNA. Ele era bom, gentil, até.

— Uh, huh. — Lash diz, sua boca entreaberta.

— Mas então o imperador rotulou meu pai de traidor e o executou, e aqui estamos nós.

— Sim, aqui estamos. — Lash tem um sorriso torto. — Diga-me, Graystone. Como alguém consegue fazer malabarismos com dois príncipes? Eu imagino que seja...



— Lash! — Teagan e eu gritamos, jogando nele uma infinidade de travesseiros vermelhos chiques espalhados sobre minha cama.

Ele se abaixa sob a avalanche de vermelho, cobrindo a cabeça com as mãos.

— Está bem, está bem! Chega, meninas. Vocês vão me deixar todo animado.

Cruzo meus braços sobre meu peito. — Lash, estou falando sério. Eu tenho um plano. — Espero até ter a atenção de Teagan e Lash para continuar. — Invadimos o Sim, eu falo com Caspian para nos levar para o Castelo Laevus e encontramos o Mercurian.

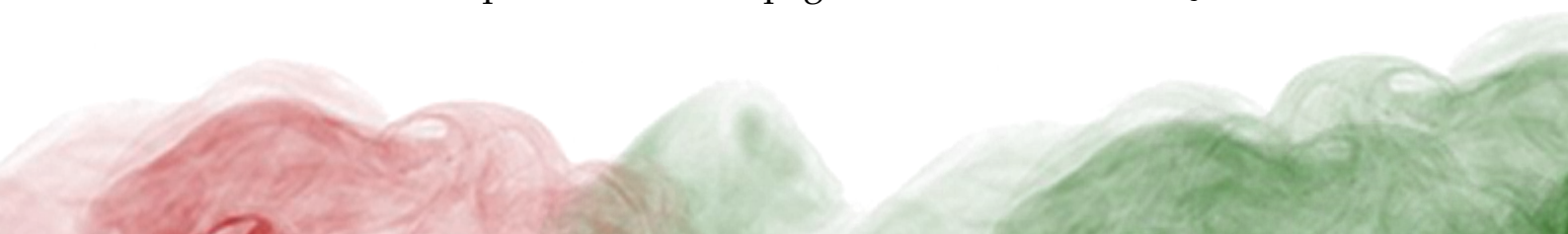
Eles estão me olhando como se eu tivesse enlouquecido. Talvez eu tenha. Mas com Caspian para nos levar para dentro do castelo, não precisaremos de uma equipe, o que significa que não tenho que lutar contra Riser na Corte de Sangue.

Os ombros de Lash caem quando ele se vira para Teagan. — Ela está falando sério, não é?

— Disse para não subestimá-la. — Teagan pula da cama. — Precisamos encontrar uma maneira de acessar esses Sims e ver com que frequência Caspian os usa para que possamos estar prontos na próxima vez que ele os visitar. Precisamos de uma casa por perto para configurar o Sim, um operador Sim capaz de remendar você, e...

— Aster, você realmente acha que isso poderia funcionar? — Lash exige. — Eu tomei um monte de decisões idiotas na minha vida, muitas para contar, realmente, mas isso... esta não será uma delas. Eu sou precipitado, não suicida.

— Lash, outra palavra e eu vou pegar sua cueca e amordaçá-lo com ela.



— Olha... — Digo. — Não lhes pediria para fazer isso se achasse que não funcionaria. O Príncipe Caspian quer parar Pandora tanto quanto eu. Ele só precisa ser convencido de que não estamos tentando usar isso como uma arma contra seu povo... e que não o estou enganando... de novo.

— De novo?

— Bem, duas vezes agora, na verdade. Quer dizer, a primeira vez não foi intencional, houve um bombardeio... e na segunda vez que tinha que fugir...

— O olhar cético de Lash me faz mudar de direção. — Mas o importante a lembrar é que fomos combinados. Cada vez que estamos juntos, há esse... Eu não sei. Esse sentimento, como se nada mais existisse além de nós. Acho que está em seu DNA querer confiar em mim, não importa quantas vezes eu o tenha magoado.

— Hã. — Lash desliza para fora da cama. — Boa sorte com isso.

Teagan e eu reviramos os olhos. — Lash!

Ele faz todo o caminho até a porta antes de parar, balançando a cabeça.

— Bem! Vou ajudá-las a inserir suas lindas cabeças em um laço monarquista. Mas não diga que eu não avisei.

Cruzo o quarto e dou um beijo em sua bochecha barbuda. — Obrigada.

Teagan se junta a mim do outro lado, embora ela tenha que se abaixar um pouco. Ela se inclina para um beijo, e começa a lambe o lado de sua bochecha.

— Esse é o meu corajoso pequeno Lash.

Lash enxuga a bochecha com a ponta do punho. — Pelos deuses, vocês duas serão a minha morte.

O sorriso no rosto de Teagan morre. — Não diga isso, Lash. Por que você tentaria os deuses?



— Foi uma piada, Aster. Afrouxe seu espartilho. Os deuses me garantiram que eu poderia sair dessa vivo, mas vocês duas estão ferradas.

Depois disso, termino de me arrumar em silêncio. Estou confiante de que este novo plano faz mais sentido, especialmente depois da Corte de Sangue de hoje. Mas também sei que, se um elemento do plano der errado, as apostas não serão perdidas na frente de um bando de rebeldes.

Se tudo não funcionar perfeitamente, nós três estaremos mortos.



CAPITULO 41



Nós discutimos os detalhes do meu plano a caminho do jantar. Mesmo que Lash jure que pode me colocar no Sim de Caspian, Teagan insiste que pedimos a alguém mais experiente para ajudar. Argumento, porque a última coisa que quero fazer é colocar minha confiança em outro rebelde, e se isso vazasse, baseados nesse tipo de informação, seríamos todos rotulados de traidores, mas Teagan insiste. Ela também conhece a pessoa perfeita. Mas não descubro quem até entrarmos no grande salão para jantar, e Teagan aponta o dedo para o meio do salão.

Max está em cima de uma mesa ao lado de Rivet, já meio bêbado pelo que parece, seus cabelos dourados bagunçados em uma bagunça selvagem em torno de sua cabeça, pisoteando qualquer balada fieniana que os outros cantem. Cada vez que a palavra *rebellatis* surge na música, Max e Rivet engolem um dedal cheio de um líquido marrom dourado.

— Essa é Rivet. — Teagan elabora. — Além de Flame, ela é a melhor manipuladora Sim que existe.

Cruzo meus braços sobre meu peito. — De jeito nenhum. Ela é impulsiva e imprevisível, e ela vai nos matar.

— Você diz isso como se nós tivéssemos escolha.

— Não temos?

— Se você contar Lash, então com certeza. Mas, querida, você realmente quer Lash mexendo dentro da sua cabeça?

Suspiro, esfregando a mão na minha têmpora. — Bem, quando você coloca dessa maneira.

Olhamos para Max e Rivet, franzindo a testa enquanto eles lutam na mesa, derrubando pratos e taças no chão.

— Vou falar com Rivet hoje à noite no baile. — Diz Teagan. — Você sabe que temos que incluir Ma...

— Não. Fora de questão.

Os rebeldes na mesa de Max comemoram quando ele prende Rivet em um abraço de urso. Com um sorriso selvagem, ela se abaixa e vira, fazendo Max cair da mesa em uma avalanche de pratos. Ele pula de pé, coberto de sujeira, e se curva para mais aplausos.

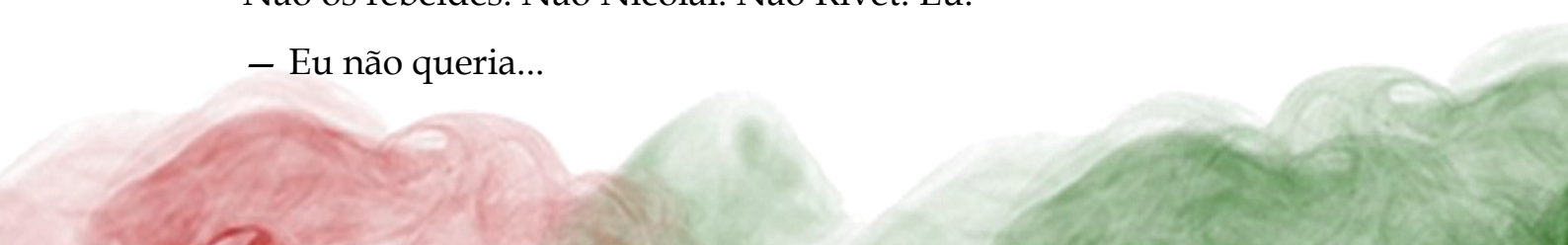
— Quero dizer, basta olhar para ele. — Digo. — Ele nunca levou nada a sério em toda a sua vida.

— Graystone. — Diz Teagan, passando um guardanapo sobre os lábios vermelhos que, de alguma forma, nunca mancham. — Sou rebelde há muito tempo. Não me leve a mal, mas tenho observado Max desde que ele chegou aqui. Ele dá um bom show, mas por trás de seu exterior humorístico está um garoto inteligente e corajoso.

Mesmo que ela não quisesse dizer isso como um golpe, suas palavras doem. Eu não conheço meu irmão, eles insinuam. Fui eu quem o ensinou a dizer as letras, abotoar a camisa e amarrar os sapatos. Fui eu quem o segurou todas as noites depois que minha mãe foi embora. Fui eu que o tirei da cama quando os Centuriões vieram e assassinaram nosso pai.

Não os rebeldes. Não Nicolai. Não Rivet. Eu.

— Eu não queria...



— Está tudo bem. — Minto.

— Claro que não está bem, querida. Seus sentimentos estão estampados em seu rosto. — Teagan empurra o prato de mingau e se inclina. — Não consigo imaginar como isso é difícil para você, ver Max depois de todos esses anos. Mas saiba disso. Mesmo depois que todos os outros jovens recrutas mudaram o nome, ele recusou. Você sabe por quê?

Mastigo meu lábio, balançando minha cabeça.

— Quando ele tinha doze anos, perguntei a ele, e ele me disse que tinha medo de que se tornasse a vê-lo, você não o reconheceria. Mas se ele mantivesse seu nome verdadeiro, você poderia.

Olho para longe para que ela não veja a dor em meus olhos. — Obrigada.

— Claro. Agora, está pronta para a festa hoje à noite?

Quando olho para trás para responder, chamo a atenção de Teagan para a mesa principal onde Riser, Nicolai e Flame jantam. Flame está no meio de uma conversa com Lucy, mas isso não a impede de deixar seu olhar vagar para Teagan, um sorriso tímido e nada semelhante a Flame contraindo seus lábios.

Mordo meu sorriso. — Você ainda vai mencionar o Mercurian para Flame esta noite? Você não precisa agora que...

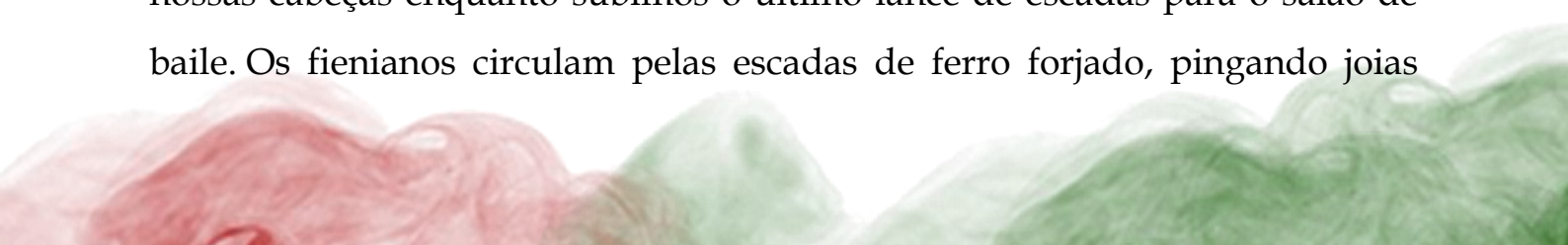
— Sim. — Teagan murmura com o canto da boca, os olhos ainda em Flame. — É melhor plantar a ideia, só para garantir.

Lash e eu trocamos um olhar cúmplice.

— Certo. — Digo.

Lash sorri. — Apenas no caso.

Saímos do refeitório e fomos para a festa. Música percorre o castelo, sacudindo os cristais em forma de lágrima no lustre balançando acima de nossas cabeças enquanto subimos o último lance de escadas para o salão de baile. Os fienianos circulam pelas escadas de ferro forjado, pingando joias



brilhantes, adagas elegantes e segurando taças com um líquido brilhante. Duas garotas com moicanos vermelhos combinando estão abraçadas.

Devo observá-las por mais tempo do que o educado enquanto passamos, porque uma das garotas interrompe o beijo para sorrir para mim, seus olhos iluminados como o líquido em sua taça.

— Pare de encarar! — Teagan grita em meu ouvido por cima da música.

— Estou olhando para as bebidas delas. — Protesto, embora parte de mim esteja curiosa sobre outras coisas.

Eu nunca vi duas mulheres se beijando, mas também nunca vi esse nível de paixão. Meu pai nunca tocou minha mãe assim. Pelo menos, não na nossa frente.

Riser vem à mente, apesar de todos os esforços para bloqueá-lo. Ambas as vezes que nos beijamos, foi breve, cru, como se nossos corpos estivessem tentando se acostumar um com o outro.

Mas aquelas duas garotas pareciam... diferentes, de alguma forma. Mais suaves, com mais ternura. Como se seus corpos estivessem em sintonia. Como se elas tivessem tempo.

Tempo de explorar a outra pessoa, descobrir. Tempo que eu não tenho. Uma dor se abre dentro de mim, um desejo profundo e persistente de ter essa intimidade com outra pessoa.

Assim que as pesadas portas de ferro do salão de baile se abrem e entramos, minha boca se abre. Lumens semelhantes ao dispositivo brilhante que Nicolai usou para me mostrar nossa história voam como borboletas, cuspidas joias de luz em magentas cintilantes e azuis e rosas que dançam sobre a multidão e brilham no piso de mármore branco como osso. O teto abobadado brilha com imagens do pôr do sol de todo o mundo, tornando o ambiente enorme.



Uma enorme varanda de pedra com vista para o mar, cortinas finas vermelhas separando a varanda do salão de baile soprando preguiçosamente na brisa do mar, mas é do palco que não consigo desviar o olhar. Cinco rebeldes dançam juntos, segurando instrumentos estranhos que eu nunca vi antes, seus rostos vermelhos e brilhantes de suor. Quando os sons se misturam, eles criam uma melodia sobrenatural semelhante à música que Riser me apresentou no Swifter. A batida gira em meu peito e afunda na minha pélvis, e sem pensar, eu balanço meus quadris.

Além da pista de dança, cadeiras luxuosas estão agrupadas em torno das mesas. Uma garota alta com longos cabelos rosa serve as bebidas luminosas, seus olhos tão brilhantes que posso vê-los até aqui. Ela coloca uma taça cheia de um líquido dourado cintilante em uma bandeja de prata com três outras taças cheias.

Meus olhos se arregalam quando o prato de repente levanta no ar, faz um zumbido suave e, em seguida, desliza lentamente pelo salão. O prato não vai muito longe antes que os Rebeldes tomem todas as bebidas, e ele volta para a garota de olhos brilhantes para mais.

Lash pega uma taça da bandeja, e então encontramos assentos na varanda. Afundo na minha cadeira, a brisa suave e fria na minha pele. Lash oferece sua taça para mim.

— Sangue da Lua. — Ele diz com um sorriso diabólico que me diz tudo que eu preciso saber sobre sua oferta.

Teagan estala a língua. — Lembre-se, Lash, temos uma missão amanhã.

Mas ela mal está olhando para nós, seu olhar vagando para Flame com um grupo de rebeldes perto da varanda.

— Vá falar com ela!



Teagan passa o dedo pela linha acentuada de sua clavícula, brincando com as pérolas.

— Não é o momento certo.

Lash abre a boca como se estivesse prestes a provocá-la, mas faz uma pausa. Encontro seu olhar e de repente entendo sua hesitação.

Toco seu ombro de ossos finos. — Você está pensando em O?

Uma carranca treme em seus lábios. — Como posso pensar em outra pessoa se ela mal se foi há uma semana?

— Estes não são tempos normais, Teagan. Vivemos sabendo que a maioria de nós não sobreviverá à semana, então, para nós, um dia é praticamente uma vida inteira. Além disso, ser feliz é um tapa na cara do imperador. Então vá.

Ela engole, esticando o pescoço longo para trás para Flame antes de fixar Lash com um olhar severo.

— Seja bonzinho, garoto Lash, e fique de olho nela.

Assim que Teagan sai, Lash me oferece a bebida novamente.

Balançando a cabeça, eu me levanto, a música me chamando. Teagan já desapareceu em algum lugar na multidão. Então faço o mesmo, aproximando-me dos rebeldes dançando, as imagens do teto mudando para raivosas nuvens de tempestade cinza-aço acima da minha cabeça. Pulsos brilhantes de relâmpagos cintilam nos corpos emaranhados e brilhando de suor.

Estou no meio da multidão quando vejo Riser. Ele está perto do palco, aparentemente paralisado pela música, o único parado em um mar de pessoas vibrando com a batida. Sorrio, lembrando-me do dia em que ele ficou no jardim com as peônias depois que fugimos de minha casa, o sorriso estúpido e infantil como o que ele usa agora.



Riser ri de algo, e eu sigo seu olhar para uma garota dançando ao lado dele, as nuvens de tempestade pintando seu cabelo e pele escuros de um azul claro e encantador. Lucy.

Riser e Lucy me notam ao mesmo tempo. Uma pequena carranca contrai seus lábios, nossos olhos se encontram, e por um segundo, algo acende entre nós.

Mas então Lucy se inclina em seu ouvido para sussurrar algo, e eu giro nos calcanhares, deslizando entre os rebeldes dançando.

Aperto minha mandíbula, lutando contra a vontade de me virar e tirar o sorriso do rosto presunçoso de Lucy. Se Riser quer ser amigo dela, tudo bem. Deixe que ela esfregue seu corpo pastoso sobre ele. Corro pela multidão e encontro Lash e uma garota loira com olhos de corça. Suas íris irradiam Sangue da Lua e ele me lança um sorriso desleixado.

Pego uma das taças, gotas iridescentes derramando sobre meus dedos, e engulo o conteúdo antes que eu possa mudar de ideia. Minha garganta formiga, fria e quente, mas eu termino taça inteira.

— Eu não sinto nada. — Digo, segurando minha taça. — Este material é...

Minhas palavras desaparecem enquanto uma sensação de queda e solta se espalha pela minha cintura e chega até os dedos dos pés. O mundo fica mais lento. Eu vejo Lash, seus lábios se movendo lentamente, muito lentamente.

— Demais. — As palavras saem de seus lábios.

— Demais? — Digo, minha voz ecoando em meus ouvidos. — Eu quero mais.

Já sei que estou com problemas, que não estou mais no controle, mas não me importo. Toco o ombro de Lash. Está quente, duro. A garota com olhos de corça desaparece. Lash está sorrindo para mim. Seus lábios... Eu quero beijar eles.



Quando ele ficou tão bonito? Sua pele é a luz da lua. Seus olhos são estrelas.

Meu corpo balança com amor.

Uma risada vem da minha garganta.

Lash sorri para mim, e a música envolve em torno de nós, e eu inclino minha cabeça em seu peito, e ele pressiona suas mãos nas minhas costas, o calor acumulando na minha barriga e derramando pelas minhas pernas. O couro de seu colete acaricia minha bochecha. Nós dois balançamos enquanto eu acaricio meu rosto em seu peito, rindo enquanto nossos corpos se fundem e balançam juntos.

Nunca me senti tão bem na minha vida. Tudo vai ficar bem. Eu posso deixar ir. Estou flutuando. Meu corpo vazio, mas cheio. A música acelera e meu batimento cardíaco se alinha com o ritmo. Eu corro meus dedos pelos cabelos grossos de Lash, e ele pressiona sua cabeça em minhas mãos, como um gato fazendo um barulho de ronronar.

De alguma forma, chegamos ao canto do salão e posso ver o oceano se espalhando além da varanda.

Lash segue meu olhar. — Você quer ir nadar?

— Nas minhas roupas?

— Não boba. Não em suas roupas. — Lash ajeita meu nariz, um sorriso brincalhão dançando em seus lábios, mas seus olhos mantêm uma pergunta ardente. — Poderíamos esquecer nossa dor por uma noite. Aproveitar a vida. Sermos livres.

Livre. Através dos corpos se contorcendo, vejo Teagan e Flame perto das portas, em uma conversa profunda. Bom. Todo mundo merece amor.



Amor. Eu amo tudo. O oceano. Os instrumentos que fazem essa música incrível. O couro flexível agarrado às minhas pernas. Lash. Teagan. Max. — Onde está Max? — Eu me viro, chamando seu nome.

— Uau! — Lash agarra meu cotovelo, me puxando para cima. Como eu caí? O salão gira, um furacão de preto e azul elétrico.

— Max!

Lash me vira para encará-lo. — Calma, Graystone. Você demorou demais e agora está tendo uma viagem ruim.

Arranco de suas mãos. Onde está Max? Eu deveria protegê-lo de algo, e ao invés disso, estou me divertindo. Como eu poderia esquecer?

Lá. Na multidão. Cercado por pessoas. Aquilo era uma arma? — Max!

Ainda estou chamando seu nome enquanto me arremesso para a multidão. Minhas pernas vacilam e minha cabeça gira, meu estômago se agita. Estendo a mão, mas não há nada para agarrar e desabo no chão.

Uma luz forte brilha. A música para. Olho para a coisa que os outros estão olhando. A tela pisca. Uma mulher se materializa enquanto eu observo. Peruca prateada. Cartola preta. Lábios vermelhos cruéis.

Irreal. Irreal. Irreal.

A arquiduquesa zomba enquanto lentamente tira primeiro os braços, depois as pernas e, finalmente, a cabeça da tela e vem em minha direção.

— Eu disse que iria te encontrar, verme.



CAPITULO 42



Alguém me agarra, arrancando-me das minhas alucinações. A arquiduquesa se foi. Tento encontrar um rosto através da minha visão embaçada, mas não consigo me concentrar. Fico sem peso enquanto a pessoa me pega do chão e me carrega. Eu luto, me contorcendo e chutando.

— Pare. — A voz masculina ordena.

— Me deixe ir. — Digo.

Inclinando meu rosto no pescoço do meu captor, reconheço seu cheiro de couro e sabonete. Seus músculos ficam tensos quando eu alcanço a gola aberta de sua túnica e sinto a pele de seu peito. As pontas dos meus dedos percorrem as cicatrizes tênues e salientes que o Recontrutor não conseguiu apagar.

— Riser? — Meu pânico desaparece. Tudo se desvanece.

— Shh. — A voz de Riser é suave, gentil. — Estou levando você para fora, onde você pode respirar.

— Max.

— Seguro.

Para cima e para baixo. Passos nas escadas.

— Onde... nós estamos?

— Cobertura.

O ar frio acaricia meu rosto, secando o suor que gruda em minha carne. Eu me ancorei no céu sem nuvens acima. Para as estrelas que piscam para mim. Estrelas como olhos. Como almas. — Isso foi um... uma alucinação, não foi?

— Sim e não. — A diversão aquece sua voz. — Você viu a arquiduquesa, apenas em uma tela. A taça gigante de Sangue da Lua que você engoliu fez você pensar que ela estava aqui.

O constrangimento arde em minhas bochechas. — Pra baixo, por favor.

Ele ergue uma sobrancelha.

— Por favor.

Meus pés pousam silenciosamente no telhado de cascalho. Olho para Riser, estudando suas feições em um esforço para tirar minha mente da arquiduquesa. Seus olhos incompatíveis, um brilhante como o sol, o outro escuro como a noite. A ponta afiada de seu couro cabeludo pontiagudo, o preto da meia-noite um contraste marcante contra sua carne de marfim.

— Apenas respire. — Riser comanda, e eu percebo que minha respiração está saindo forte e rápida.

O mundo gira. Jogo a mão, os dedos de Riser deslizando em volta da minha cintura enquanto ele me estabiliza. Tremo sob a ponta de seus dedos, o calor se espalhando pela minha cintura.

— Por que o telhado?

— Está quieto aqui. Seguro.

As estrelas. Ele se lembra? Sua mão ainda está na minha cintura. Parte da minha túnica transparente se soltou de minhas calças e seu polegar desliza por baixo, fazendo um círculo lento sobre minha pele nua. Minha boca se abre com a sensação.

— Seguro?



— Sim. Seguro. — Seu polegar pressiona. — E privado. Então, agora posso fazer algumas perguntas.

— Perguntas?

— Você sabe. Uma frase formulada para obter informações.

— Certo. Pergunte-me qualquer coisa.

— Qualquer coisa? — Ele se inclina, tão perto que posso sentir sua respiração em minhas bochechas. — Por que a visão de você com Lash me enfureceu? Por que ver você em uma poça no chão me encheu de terror, quando nada me assusta? — Seus olhos seguram os meus. — Por que tenho essa sensação esmagadora de que nos conhecemos? Que... que me importo com você?

Tantas palavras, mas nenhuma maneira de fazê-lo entender. Pelo menos, não agora, não quando meu cérebro está embaralhado em sensações e cores e estrelas e tudo, menos palavras. Eu não quero falar. Eu quero mais dele me tocando. Mais dele e esse sentimento. Quero, pelo menos uma vez, parar de pensar racionalmente e apenas fazer o que é bom.

A compreensão é como a resposta a um quebra-cabeça.

Eu o quero.

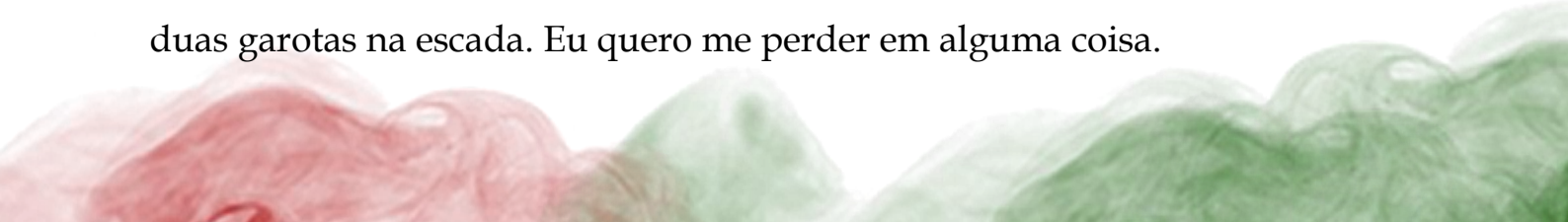
A ponta de seu polegar passa por baixo da cintura da minha calça e eu solto um suspiro, inclinando-me para ele.

— Sem falar. — Ordeno, meus lábios roçando os dele.

Suas mãos enrijecem em volta da minha cintura, mas ele se afasta ligeiramente. — Você está viciada em Sangue da Lua.

— Não. — Passo minha língua sobre seus lábios entreabertos. — Fale.

Ele geme e tenta recuar, as mãos segurando meus quadris no lugar, mas eu pego seu lábio inferior entre meus dentes. Quero sentir o que sentiram as duas garotas na escada. Eu quero me perder em alguma coisa.



Mo Garoto do Fosso.

Um rosnado profundo sobe em sua garganta, as pontas dos dedos pressionando minha cintura, implorando. Lentamente, eu liberto seu lábio e coloco minha língua em sua boca. Ele tem um gosto salgado e doce.

Como o oceano.

Com um suspiro pesado, ele se afasta. — Não até que o Sangue da Lua esteja fora do seu sistema.

Resmungo e tento beijá-lo novamente, mas ele me mantém no lugar, suas pupilas tão grandes que quase não tem íris.

— Não importa. — Digo, me contorcendo sob suas mãos.

— Importa para mim. Quando eu te beijo, quero que se lembre disso.

— Ele mostra os dentes em um sorriso maroto. — Amanhã você pode fazer o que quiser comigo.

Rosno. — Qualquer coisa? Porque agora estou com vontade de bater em sua boca presunçosa.

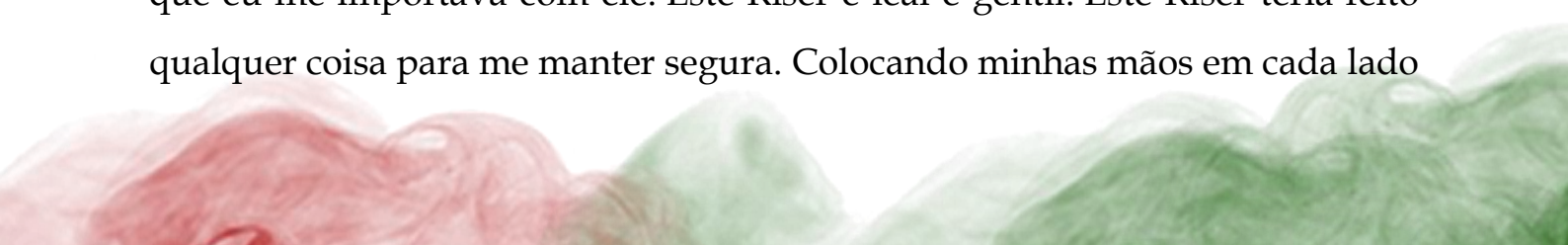
— Isso também pode ser divertido. — Uma de suas sobrancelhas se arqueia. — Se você entrar na Corte de Sangue amanhã, terá sua chance.

É a sua maneira de perguntar se ainda vou lutar com ele. Mas se tudo correr bem amanhã, não há necessidade. E se não correr bem, não estarei aqui para lutar de qualquer maneira.

— Não irei entrar na arena amanhã. — Assim que digo isso, um grande peso deixa meus ombros.

— Bom. Porque a ideia de ter que machucar você, mesmo uma dor simulada, me deixa mal do estômago.

Sua atitude protetora me lembra de nosso relacionamento antes, e por que eu me importava com ele. Este Riser é leal e gentil. Este Riser teria feito qualquer coisa para me manter segura. Colocando minhas mãos em cada lado



de sua mandíbula, trago minha boca para cima e roço meus lábios nos dele. Se eu puder beijá-lo novamente... talvez ele se lembre.

Mas ele se afasta. Com um suspiro profundo, ele remove as mãos da minha cintura, seus dedos cerrados em punhos.

— Amanhã, então, Maia Graystone.

Ele estende o braço e eu o pego a contragosto, permitindo que ele me leve de volta ao meu quarto. Me concentro nas paredes ao invés de deixá-lo ver minha decepção. Quando paramos do lado de fora da minha porta, acho que ele vai mudar de ideia e entrar, mas ele me observa entrar e depois sai.

Lash e Teagan esperam por mim na minha cama. Sangue da Lua ainda emana dos olhos de Lash e ilumina o quarto. Teagan, sóbria e mais irritada do que o normal com Lash, explica entre revirar os olhos que Rivet concordou em nos ajudar a hackear o Sim de Caspian.

Quando eu levanto minhas sobrancelhas, ela acrescenta que Rivet prometeu tentar manter isso em segredo de Max.

O pensamento de Max em perigo literalmente me deixa mal do estômago, mas neste ponto, não há muito que eu possa fazer. Se eu disser a Max que ele precisa ficar, ele irá me irritar. Terei apenas que torcer para que Rivet consiga escapar sem ser notada.

Depois de alguns minutos me provocando sobre Riser, eles vão embora com Lash apoiado nos ombros de Teagan. Deito na cama, meu mundo girando suavemente, e me lembro da sensação dos polegares de Riser sobre meus quadris e estômago. Uma dor profunda se espalha dentro de mim.

Sorrio, jogando um travesseiro de seda no meu rosto.

Nunca me senti assim. Como posso sentir alguma coisa nessas circunstâncias é um mistério. Mas tenho a sensação de que tudo vai dar certo



pela manhã. Caspian vai concordar. Eu o farei, custe o que custar. Não terei que lutar contra Riser na Corte de Sangue.

E então Riser e eu podemos continuar o que começamos.



CAPITULO 43



Guarras de fogo pulam dentro das sombras. A areia da Corte de Sangue puxa minhas botas. Meus tímpanos doem com o choque de espadas e metal, o ar inchado com o cheiro metálico de sangue. O rosto de Riser aparece nas sombras. Ele empunha uma longa espada negra de sangue. Eu levanto minhas mãos, mas elas estão vazias.

Sem arma.

Riser avança sobre mim. Seus olhos não contêm reconhecimento, apenas o olhar astuto de alguém que adora matar.

– Sou eu, Riser! Pare.

Mas ele continua vindo com aquela furtividade predatória, entrando e saindo das sombras, me perseguindo. Ele vai me matar. Grito enquanto ele me pressiona contra a parede, levantando sua espada...

Acordo gritando o nome de Riser. Uma dor de cabeça horrível envolve meu cérebro, e um formigamento estranho permanece em meu nariz e bochechas. Sangue da Lua.

Nunca, nunca mais vou beber essa porcaria.

Verificando meu reflexo no pequeno espelho de vestir, noto que meus olhos verdes ainda estão rodeados por um brilho cintilante. Me visto, penteio meu cabelo e puxo-o em uma trança frouxa e encontro os outros para o café da manhã, empurrando o pesadelo bem fundo com todos os outros.

O refeitório está silencioso a essa hora da manhã. Examino o salão, tendo um interesse particular na mesa de Riser perto da lareira em chamas, mas a mesa está vazia. Lash se inclina sobre nossa mesa de costume, com a cabeça apoiada nos braços.

Ele me oferece um meio sorriso sonolento enquanto eu tomo meu lugar ao lado dele.

— Bom dia, linda.

Dou uma cotovelada em suas costelas. — Por que você me deu aquela bebida horrível na noite passada?

— Eu me lembro de você roubá-lo da garota com quem eu estava dançando.

— Olhos de corça?

— Sim, ela. Aquela que você perseguiu. Tínhamos uma bela noite planejada.

Teagan e eu reviramos os olhos.

— Tem alguma garota com quem você não dormiu, Lash? — Exijo.

— Bem, você, Graystone. Embora na noite passada você quisesse mergulhar nua...

— Não! Esse era o seu plano, não o meu. E, a propósito, a água devia estar congelando.

Ele abre um sorriso travesso que me faz querer matá-lo. — Oh, nós teríamos aquecido a água.

Atiro uma colher em sua cabeça.

Ele se abaixa bem na hora.

— Cale a boca, Lash.

Ele abaixa o lábio em um beicinho e, em seguida, empurra a cabeça no meu colo, ronronando.



Começo a rir, passando meus dedos por sua juba selvagem e balançando a cabeça.

— Você é uma criança!

Teagan entrega a cada um de nós uma tigela fumegante de mingau. Embora o cheiro seja delicioso, com um leve toque de noz-moscada e mel, meu estômago protesta e eu empurro a comida. Lash não tem esse problema e devora o seu com sua graça usual, apenas para dobrar sobre a mesa quando ele termina.

— Grande dia hoje. — Diz Teagan, batendo a unha na mesa. — Acham que vocês dois conseguem?

— Sim.

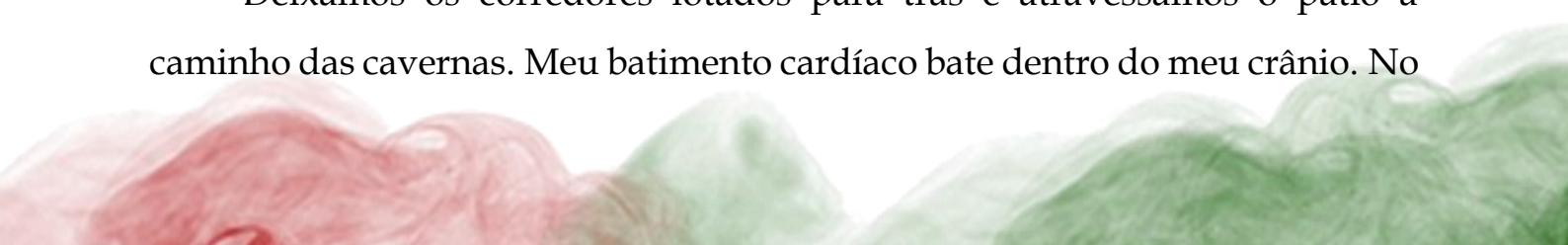
Lash saúda com a cabeça ainda abaixada. — Sempre.

Enquanto Teagan traça o plano, o zumbido em minha cabeça diminui e começo a me sentir eu mesma novamente. Rivet já encontrou uma cabana na vila perto da boutique Sim com um caixão para usarmos. Teagan explica que Rivet está lá desde a noite passada, o que explica onde Max estava, vasculhando o sistema para ver com que frequência Caspian visita. Esta manhã, ela relatou que ele vem quase todos os dias, geralmente antes da chegada da Queda da Sombra.

O que significa que precisamos sair agora. Enquanto caminhamos pelo castelo, encontramos toneladas de pessoas se preparando para o Juramento de Sangue que vem antes da Corte de Sangue, e eu abaixo minha cabeça, aliviada por não ter que decidir agora.

Se tudo correr bem, quando o Juramento de Sangue começar, estaremos no castelo com Caspian.

Deixamos os corredores lotados para trás e atravessamos o pátio a caminho das cavernas. Meu batimento cardíaco bate dentro do meu crânio. No



fundo, sei que há uma chance, talvez uma boa chance, de não voltarmos. E se os monarquistas nos pegarem, Teagan acabará com todos, incluindo ela mesma.

Tudo depende dessa interação com um príncipe que provavelmente me odeia.

Mas se funcionar... Se funcionar, tudo mudará para melhor.

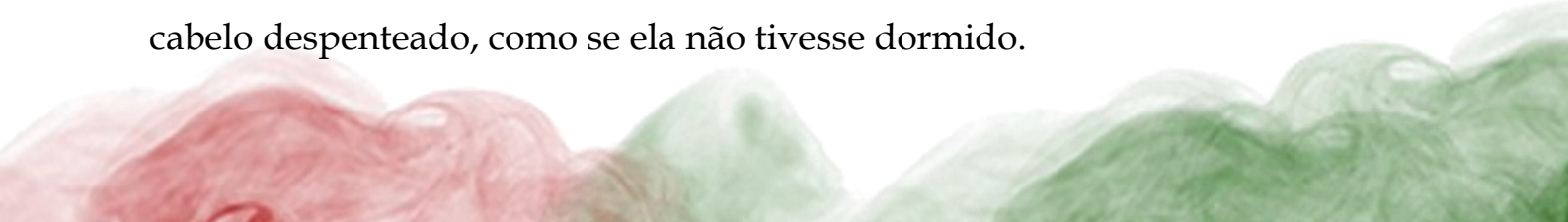
A visão dos Swifters transforma minha boca em algodão. *Isso está acontecendo, então controle sua merda, Graystone.*

Está chovendo gotas gordas lá fora, o oceano azul escuro e espumoso. Nuvens de chuva prateadas cobrem o céu, cobrindo Pandora e infiltrando a paisagem nas sombras. Tremo sob minhas roupas enquanto a adrenalina lava o Sangue da Lua remanescente do meu sistema, me deixando alerta e atenta.

Quando chegamos à cidade abandonada, minhas roupas molhadas e meu cabelo estão colados no meu corpo, a água fria escorrendo pelas minhas costas. Com cada estrondo de trovão à distância, vem o sussurro incômodo de que isso não vai acabar bem.

A casa que Rivet escolheu é uma cabana de dois andares com um telhado podre, perto do mercado, fora da rua principal, e relativamente escondida atrás de um grande armazém de lata abandonado. Nós escondemos nossos Swifters dentro do armazém ao lado e então cortamos o beco para a parte de trás da casa onde Rivet espera por uma porta amarela descascada.

A casa é pouco mais que uma cozinha e uma escada que leva a um sótão. Minhas botas afundam nas tábuas velhas e podres do assoalho. Alho e algo morto há muito tempo permeiam o ar úmido. As escadas de madeira tremem quando Rivet desce correndo ao nosso encontro, franzindo a testa, o cabelo despenteado, como se ela não tivesse dormido.



Não me atrevo a perguntar sobre Max, ou mesmo pronunciar seu nome. Como se apenas mencionar isso, me fizesse invocá-lo.

Rivet remove uma mecha suada e emaranhada de seu rosto.

— Demoraram o suficiente.

— Tarde da noite. — Oferece Teagan, olhando rapidamente em minha direção.

Rivet me encara e me pergunto se meus olhos ainda brilham. Mas então ela se vira e sobe as escadas. Seguimos em fila única, as tábuas empenadas e arqueadas gemendo sob nosso peso. Assim que minha cabeça chega ao segundo andar e vejo o brilho opaco do caixão oblongo que ocupa quase todo o espaço, meu coração fica preso na garganta.

Examino a sala, meu olhar rastreando a massa de fios e a caixa de prata no canto. O resto da sala apertada está vazia e desabo de alívio. Max não está...

Uma cabeça loira surge de trás do caixão. Meu irmão me olha, o brilho de um sorriso em seus lábios abaixo de sobrancelhas unidas.

— Ei. Não fique brava... Ok?

O sangue escorre do meu rosto enquanto uma sensação horrível toma conta de mim.



CAPITULO 44



Eu não consigo decidir com quem ficar mais zangada: Rivet, por trazer Max até aqui, ou Max por ter vindo. Olho para Rivet e levanto uma sobrancelha pontuda. Ela encolhe os ombros.

Torcendo a barra de minha túnica, luto para controlar minha raiva. *Não fique brava?* Max não sabe que sua presença aqui compromete tudo? Que se ele fosse capturado, eles teriam um mapa para o Mercurian?

Além do fato de que eu não sobreviveria à arquiduquesa com ele. Eu simplesmente não faria.

Abro a boca para ordenar que ele saia, mas assim que o faço, seu sorriso desaparece e seu corpo fica rígido, preparado para uma luta. *Inferno.*

Fechando minha boca, engulo meus protestos e forço minha atenção de volta para Rivet. — O príncipe estará aqui hoje?

— Há setenta e dois por cento de chance. — Ela estreita os olhos. — Você realmente vai fazer isso?

— Sim. — Eu caminho ao redor do caixão.

— Loucura.

Levanto minhas sobrancelhas.

— Quero dizer... — Ela diz, abrindo o caixão. — É preciso coragem para pedir ao Príncipe Coroado Realista que traia seu lado.

— Não estou pedindo a ele para se juntar a nós...

— Então o que? — Ela mastiga uma unha gasta enquanto enraíza ao redor do caixão, garantindo que tudo funcione corretamente. — Ele vai apenas nos levar para o Castelo Laevus e nos mostrar onde está a coisa que seu pai construiu porque você pediu?

Max se senta no parapeito apodrecido da janela atrás dela, pedaços de madeira caindo no chão. — Eles foram combinados, Riv. O príncipe até fez um esboço dela.

Corto meus olhos para ele. — Como você sabe disso?

O rosto de Max apresenta covinhas enquanto ele sorri. — Encontrei na sua gaveta.

— Criança mal criada! — Bato em sua cabeça. — Eu sabia que você olhava nas minhas coisas, mesmo que mamãe e papai nunca tenham acreditado em mim.

Max fica rígido. — Então, quando você estava na Ilha para os Julgamentos... você a viu?

— Mamãe? — Fico tensa com a memória. — Sim, algumas vezes. Mas ela não sabia quem eu era.

— Como ela está?

Sua voz é sem emoção, mas não importa o quanto ele tente, ele nunca consegue esconder a dor de seus olhos expressivos. Cerro os dentes, mordendo com força para conter a fúria que sinto com o quão pouco a morte de meu pai e nossa ausência parecem afetá-la.

— Cansada.

Ouve-se o som de passos e Teagan está no topo da escada, seu corpo alto ligeiramente curvado para caber.

— Tudo bem, jovens sangues, o gerador está funcionando.

Rivet dá um aceno respeitoso do qual aparentemente não sou digna e começa a mexer em um dispositivo quadrado compacto. O ar estremece e zumba e uma tela de um metro por um se solidifica. Max fecha as cortinas azuis bolorentas, e nos reunimos em torno da imagem enquanto os dedos de Rivet giram sobre minúsculos botões de prata, o vídeo retrocedendo.

Ela pressiona o play. Me inclino mais perto.

Um oceano impossivelmente azul esverdeado. Três cavaleiros em belos cavalos brancos galopam ao longo das ondas, deixando um rastro de pegadas na areia de baunilha. Eles usam capas verde-esmeralda, seus capuzes jogados para trás com o vento. Os dois cavaleiros de cabelo louro que reconheço imediatamente: Caspian e Ophelia.

— Que... essa é Maia. — Lash deixa escapar atrás de mim. — Com cabelo crespo e... recursos diferentes.

Pisco com a imagem do meu antigo eu. — Isso é...?

— Seu Sim personalizado. — Rivet aperta um botão e a tela pula para outro vídeo. — É o que ele quer. Eu examinei os últimos três. Eles eram todos diferentes, mas essa versão de você está em todos eles.

O próximo vídeo é pior. Ophelia e eu deitamos em um cobertor dourado em algum lugar nas pastagens, rindo em meio a uma horda de comida espalhada. Caspian se senta ao nosso lado, contando uma história que nos faz rir.

Desvio o olhar, incapaz de assistir ao resto. Caspian poderia escolher qualquer experiência Sim, e ainda assim, entre todas as possibilidades do mundo, ele escolheu que Ophelia estivesse viva e eu estivesse lá.

Eu. Ainda não uma assassina. Ainda não uma terrorista.

A velha, fraca, assustada e inocente Maia.



— Isso é bom, certo? — Lash me cutuca com o joelho. — Isso significa que o príncipe ouvirá Graystone.

— Ou... — Digo. — Significa que ele sabe que nunca poderemos ficar juntos, exceto em um mundo de fantasia.

Lash franze a testa. — Use seus truques femininos, Graystone. — Ele se inclinou para sussurrar em meu ouvido. — Como na noite passada.

Max bufa. — Minha irmã, flertando? Sim. Certo.

Olho feio para Max antes de mudar meu olhar para Rivet. — Você pode recuperar o Sim programado para hoje antes que aconteça?

Rivet balança a cabeça, liberando um nó de cabelo que ela conseguiu tirar do rosto.

— Não. Só depois que acontecer. Mas posso ver que eles puxaram as identidades de você e Ophelia Sim novamente, e eu já preparei a troca. Assim que estiver no sistema, você substituirá imediatamente a identidade do seu Sim pelo seu verdadeiro eu, e ninguém ficará sabendo.

— E quando será isso? — Teagan pergunta.

Rivet suga a respiração, suas sobrancelhas puxadas para baixo enquanto ela pisca para uma luz vermelha piscando na parte inferior da tela.

— Agora.

Todos olham para mim enquanto fico enjoada.



CAPITULO 45



O caixão parece frio, impessoal, uma gaiola de metal. Luto contra a onda de pavor que me invade enquanto Rivet fecha. Os outros ficam em volta com expressões nervosas. Max é o único que sorri, mas mesmo sua irritantemente alegre disposição não consegue evitar as linhas de ansiedade em sua boca.

Rivet explica o Sim. Porque ela não teve tempo suficiente para configurar uma conexão de amigos, vou entrar cega e sozinha. Mas embora não possamos nos comunicar diretamente, eles estarão me observando na tela.

Se algo der errado, devo dizer a palavra Cleo, Max sugeriu o nome de sua velha gata, e eles podem me puxar manualmente.

As mesmas regras se aplicam como antes. Se eu morrer no Sim antes que eles me puxem, há risco de ferimento, coma ou até morte. Estou menos preocupada com isso do que com Caspian descobrindo que sou real antes de poder convencê-lo a nos ajudar.

A próxima conclusão lógica seria que estamos próximos. Os drones podem nos encontrar de lá.

Não há razão para se preocupar com isso agora.

Eu deveria estar pensando nas coisas que vou dizer a Caspian para convencê-lo. *Não pense em Riser ou no quanto você deseja retribuí-lo. Concentre-se no Príncipe Caspian, o garoto que desenhou você.*

Faça-o ouvir.

Antes de começarmos, Max se inclina e hesita por um momento antes de tocar meu ombro, com cuidado.

— Eu não vou quebrar, Max. — Digo.

— Promete? — Suas sobrancelhas loiras se juntam. — Se o Falso Príncipe machucar você, eu o matarei.

— Tudo ficará bem. — Digo com mais confiança do que sinto. *Tem que ficar.* Deslizando meus dedos sobre sua mão, eu aceno, mordendo minha bochecha para manter as emoções sob controle. — Mas se algo acontecer, Max, não saia desta sala.

Ele acena com a cabeça e puxa sua mão. — Bem.

Olho para Lash e Teagan pairando ao redor do caixão, e uma dor se espalha dentro do meu peito ao pensar no imperador os machucando. E Max.

Se alguma coisa acontecer com ele...

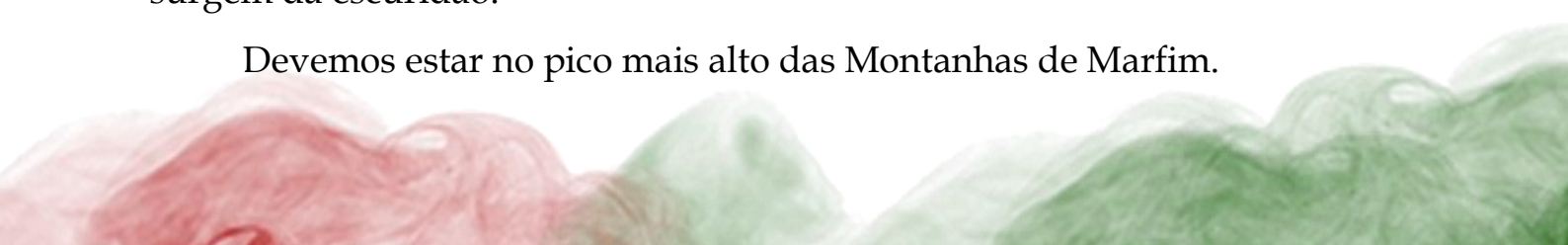
Fecho meus olhos enquanto o capacete se fixa em meu crânio. Um sussurro de pânico treme através de mim. Odeio essa parte. Meus dentes se apertam. Eu abro minha boca para falar...

Um segundo estou na sala com meus amigos. No próximo, estou sob um céu estrelado com um vento frio soprando contra minhas bochechas e rasgando meu cabelo sobre meus olhos. Tremo, minha respiração se espalhando no ar em uma nuvem branca.

Onde estou?

Tudo ao meu redor é um espaço vazio. Escuro, frio. A neve esmaga sob minhas botas, uma camada imaculada dela rolando por uma crista e em um abismo à meia-noite. Abaixo, penhascos com pontas brancas como aço e cinza surgem da escuridão.

Devemos estar no pico mais alto das Montanhas de Marfim.



— Frio? — Uma voz masculina pergunta.

Eu sei que é Caspian sem me virar. Meu coração salta na minha garganta. Inalo uma golfada de ar fresco, me lembrando de agir como uma versão simulada de mim mesma quando me viro para encará-lo.

— Um pouco. — Digo, esperando que minha voz não trema.

— Aqui. — Ele tira o casaco, uma coisa de couro forrado de lã com botões dourados, e o oferece para mim. Ele usa luvas de couro de mogno e um sorriso de partir o coração.

Apoiando sua oferta, fico maravilhada com a capacidade do Sim de replicar detalhes. O cheiro de couro do casaco, impregnado com o cheiro de cavalo e suor de Caspian e o cheiro de canela e cravo do palácio Laevus. O brilho perolado do luar dançando na neve.

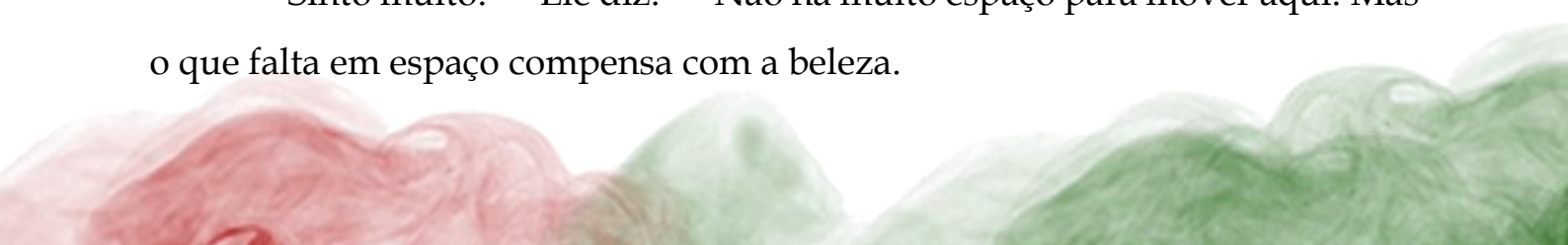
Até mesmo as constelações estão alinhadas perfeitamente, a tapeçaria do céu entre elas é um índigo profundo e rico.

Meu coração bate forte no meu peito. Ainda não estando pronta para enfrentar Caspian, eu olho para a paisagem. O Palácio Laevus brilha à direita, fumaça escura saindo de suas chaminés brancas. Daqui parece lindo, sereno. Não o palácio dos horrores de que me lembro.

Com a intenção de olhar atrás de mim, eu viro, minha bota direita saindo, esmagando a dura crosta de neve.

De repente, meu pé escorrega, meu estômago balança enquanto eu caio em direção ao abismo. Minha cabeça vira para trás quando Caspian agarra minha mão, seus dedos deslizando pelos meus. Ele me puxa para seu peito. Inclino minha cabeça para trás, inalando sua nuvem de geada e expirando de volta.

— Sinto muito. — Ele diz. — Não há muito espaço para mover aqui. Mas o que falta em espaço compensa com a beleza.



Pisco para as estrelas, meu coração pulando um pouco com cada diamante piscando que vejo.

— Eles são como pequenos orifícios de pura luz para outro mundo.

— Isso é algo que eu imagino que você diria de verdade.

— E se eu fosse o verdadeiro eu? O que você me diria?

Uma sombra passa por seu rosto. — Isso nunca vai acontecer.

— Nunca?

Engolindo em seco, ele olha além dos picos das montanhas no palácio além.

— Ophelia tinha essas casas de bonecas idiotas. Dezenas delas. Na primavera, ela as colocava no jardim principal com centenas de bonecas de madeira. Cada castelo e cada boneca tinham um nome. — Ele passa a mão pelo cabelo dourado, alguns flocos de neve caindo para dentro de sua gola preta e derretendo em lágrimas contra sua pele bronzeada. — Ela me implorou para brincar com ela, mas eu disse a ela que era estúpido.

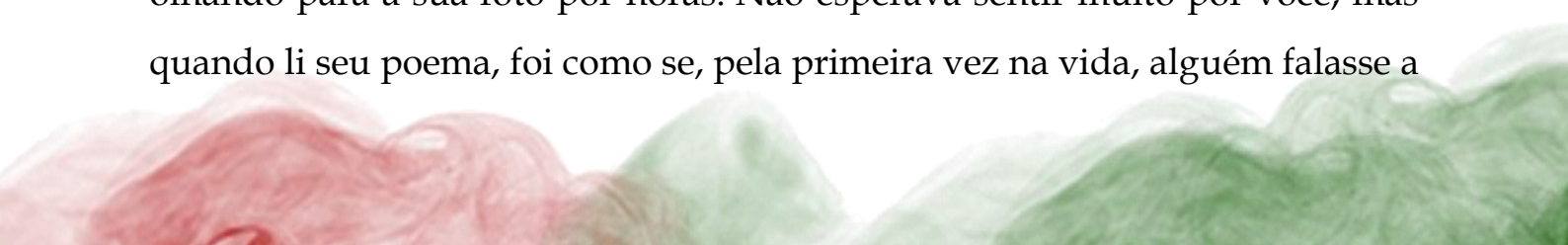
Minha respiração fica presa. Como devo responder? Ophelia ainda está viva neste Sim?

— Às vezes, é assim que me sinto. Como se tudo neste mundo fosse falso. Somos fantoches de madeira presos por um fio, obrigados a amar certas pessoas e desprezar outras, informados para onde ir, o que sentir, quem merece viver ou morrer. Depois de um tempo, parece que nada é mais real.

— Seus olhos, de um ouro escuro e rico sob as estrelas, pousam no meu rosto. — Você sabe o que eu quero dizer?

— Sim.

— Depois que soube que seríamos casados, Maia, costumava ficar olhando para a sua foto por horas. Não esperava sentir muito por você, mas quando li seu poema, foi como se, pela primeira vez na vida, alguém falasse a



verdade. Ao contrário dos cortesãos e Escolhidos, com seus rostos perfeitos demais e sorrisos perfeitos demais, sempre dizendo a coisa certa, você era real, Maia. Suas sardas, seu meio sorriso, sua bagunça selvagem de cabelos vibrantes. Mas então eles levaram você embora e fizeram você como os outros.

Luto contra as lágrimas. Eu odeio ter machucado ele. — Caspian.

— Shh. — Ele passa o polegar enluvado na minha bochecha. — Eu tenho que dizer adeus agora. Tudo está prestes a mudar, e eu tenho que tirar você da minha cabeça.

— Mas...

Ele se inclina e, antes que eu saiba o que está acontecendo, seus lábios roçam os meus. Não sei por quanto tempo nos beijamos. Podem ser segundos ou horas. Como se dentro do Sim o tempo não existisse.

A brisa gelada, as estrelas, as montanhas, tudo desaparece. E são apenas Caspian e Maia, a garota que ele amava; a garota que eu costumava ser.

Ele se afasta. — Adeus Maia das estrelas.

Ele pressiona as pontas dos dedos em meus ombros e empurra. Braços girando no ar, minha visão se enche de estrelas enquanto eu caio.

Então estou caindo para trás na encosta da montanha, o rosto de Caspian se inclinando para me observar.



CAPITULO 46



Eu começo a gritar dentro da câmara escura e abafada, minhas mãos úmidas cerradas na borda do caixão, Teagan e Lash olhando para mim com a testa franzida. O suor escorre pelas minhas costas.

Caspian realmente me empurrou de um penhasco?

Alguém já levantou minha caixa de entrada, então nada me impede de tentar sair, apenas para cair com um baque sem cerimônia no chão de madeira sujo.

Teagan e Lash estão atrás de mim em um piscar de olhos.

Lash sorri para mim. — Deve ter sido um belo beijo, Graystone.

— Não foi o beijo, idiota. — Digo, ignorando sua oferta de ajuda enquanto fico de pé. — Ele estava tentando encontrar um encerramento.

— Jogando você do topo de uma montanha? — Teagan exige, com as mãos nos quadris e cotovelos projetados como adagas.

Suas sobrancelhas elegantes se juntam em uma carranca que sugere assassinato.

Esfrego meu quadril e tento abrir um sorriso para esconder o quanto estou chateada. *Como eu estava tão errada sobre ele?*

— Algumas garotas deixam uma impressão duradoura, eu acho.

Rivet termina de mexer na tela do caixão enquanto grita por cima do ombro: — Bem, sua impressão duradoura quase a matou. Eu mal puxei você a tempo.

— Que bom que você é tão competente quanto Teagan disse. Agora, onde está o diabinho?

— Max? Ele está bem aqui... — As palavras de Rivet se apagam enquanto ela examina o minúsculo cômodo.

Faço o mesmo. — Max?

Ele está longe de ser encontrado.

— Quando você o viu pela última vez? Eles se entreolham, sua confusão lentamente se transformando em pânico.

Com o coração na garganta, pulo as escadas. — Max!

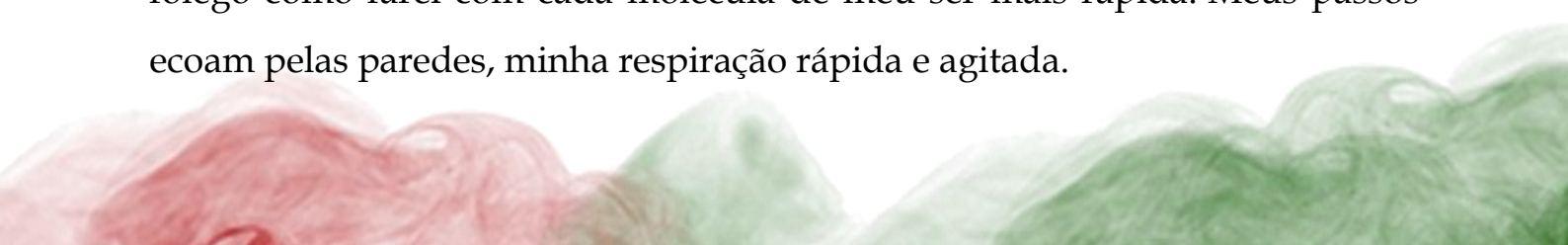
Os outros o seguem, o som de suas botas batendo nos degraus, imitando meu pulso acelerado enquanto o chamam. Grito por ele de novo, mas assim que o nome de Max sai de meus lábios, sua promessa sussurra em minha mente: Se ele machucar você, eu o matarei.

Max foi procurar Caspian.

Rivet abre a porta primeiro, mas passo por ela. Estou correndo. Poças de água espirrando sob minhas botas nas calças. Uma leve névoa molha minhas bochechas. Virando a esquina da casa, eu olho para o prédio onde os Swifters se escondem.

Não há tempo.

Espio o mercado através de uma lacuna entre duas fileiras de casas e sigo naquela direção. Enquanto corro, tiro a adaga de escorpião, prendendo-a na palma da mão. Não me atrevo a chamar o nome de Max, conservando meu fôlego como farei com cada molécula de meu ser mais rápida. Meus passos ecoam pelas paredes, minha respiração rápida e agitada.



No fundo, no fundo, estou quebrando. Fragmentando-me de terror. Peça por peça, tudo o que eu sempre temi desaba, a oração silenciosa que reverbera dentro de mim ficando mais alta a cada batida aterrorizada do meu coração.

Não o deixe morrer, não o deixe morrer, não o deixe morrer.

Não importa o que aconteça a partir daqui. Não importa se eu vou salvar o mundo. Se Max morrer, eu também morrerei.

E vou matar qualquer um e todos para protegê-lo.

Os outros alcançam o mercado, o ronronar de seus Swifters lentamente me tirando do meu transe. As velhas lojas meio vazias estão à minha esquerda. A parte traseira da carruagem preta de Caspian mal é visível da estrada, estacionada em frente ao prédio onde a boutique Sim funciona.

Os outros diminuem a velocidade de seus Swifters, deslizando em fila única ao longo das bordas do mercado, esquivando-se para evitar as cortinas amarelas desbotadas do toldo que balançam com o vento. Eu consigo acompanhar. Quando chegamos ao fim do mercado, Teagan levanta a mão e todos congelam.

A chuva aumentou, batendo no toldo de metal e fazendo um barulho reconfortante ao atingir a rua de paralelepípedos. Muito impaciente para esperar, eu me abaixo e viro a esquina, ignorando a ordem sibilante de Teagan para esperar. Examino a frente do prédio, piscando para afastar as gotas de chuva.

A adaga está fria e úmida dentro da minha mão.

Um movimento. À esquerda, no beco entre o prédio Sim e a casa caiada de dois andares na esquina. Mais movimentos à minha direita.

Onde está Max?



A porta do prédio se abre e dois centuriões correm para a escada. Um atendente todo de preto coloca um guarda-chuva dourado sobre a pessoa que sai antes que eu possa ver quem é.

Mas só pode ser uma pessoa.

Recuo um passo, preparada para me juntar aos outros atrás da esquina, quando alguém aparece perto da Carruagem. Assim que vejo a cabeça coberta com cabelos loiros molhados, meu estômago embrulha. Max.

Eu começo a correr.

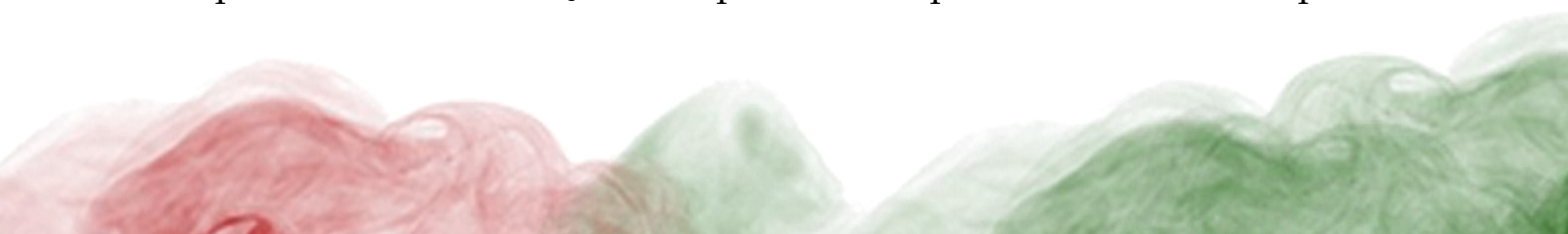
Ao meu redor, a rua agita-se com o movimento enquanto as sombras piscam nos becos e arbustos. Sombras vermelhas brilhando com armas. Rebeldes!

Paro a alguns metros da carruagem enquanto os centuriões se viram surpresos e desembainham as espadas. O guarda-chuva cai da mão do atendente para a rua, um estreito fluxo de água sacudindo-o pela calçada como uma folha dourada.

A mão de Caspian já está em sua espada, metade da lâmina brilhando na bainha. Nossos olhos se encontram. Os dois centuriões deixaram seu lado e estão cercados por rebeldes. O tempo desacelera, fazendo com que a torrente de água que jorra da sarjeta perto de sua cabeça pareça um gotejar lento. Seu olhar se volta para a adaga em minha mão.

Algo sombria e quebrado pisca em seu rosto, assim que uma figura ágil se esgueira por trás de Caspian nos degraus. Minha garganta aperta quando reconheço os movimentos graciosos e mortais de Riser. Ao lado da aparência clara e dourada do Príncipe Caspian, Riser é uma sombra escura.

Minha boca se abre para gritar um aviso, mas é tarde demais. Riser ergue sua pistola acima da cabeça de Caspian e a leva para baixo em sua têmpera.



CAPITULO 47



Caspian grita e cai de joelhos. Ele leva a mão à cabeça antes de desabar de lado, a outra mão ainda no punho da espada, seu casaco preto espalhando-se pela escada.

Tento correr para Caspian, mas os braços se prendem em volta da minha cintura.

— Não é o melhor momento para interferir. — Sussurra Lash em meu ouvido.

— Solte-me! — Torço, mas Lash me segura com força.

— Calma aí, Graystone. Não vamos nos pendurar ainda.

— Deixe-os tentar!

— Prefiro não. — A voz solene de Lash me faz ouvir. — Agora, é hora de agirmos como se fossemos parte do plano, não contra ele.

Hugo aparece perto do príncipe caído, a capa vermelha deslizando sobre o corpo de Caspian enquanto ele arranca a espada de Caspian de sua mão sem vida e a segura no ar ao som de vivas. Os dois centuriões jazem imóveis nas pedras do calçamento.

Pelos deuses, isso era uma armadilha. Uma armadilha que ajudei a montar.

— Max! — Grito, tentando desesperadamente distingui-lo dos outros.

Max ergue os olhos de onde se inclina sobre Caspian, em busca de mais armas. O sangue escorre da cabeça de Caspian, escurecendo seu cabelo e se infiltrando na água ao seu redor. Max olha ao redor enquanto pula no corrimão e cobre a distância entre nós.

Assim que Max chega perto e vejo a culpa em seus olhos, sei que ele é o único responsável, mas meu coração se recusa a acreditar.

— O que você fez, Max?

Max esfrega um dedo no pescoço. — Eu dei uma chance ao bastardo. Se ele tivesse concordado em nos ajudar, eu não o teria denunciado.

— Ele não teve a chance de concordar...

— Porque ele te jogou montanha abaixo e quase te matou! — Max cruza os braços sobre o peito, sua voz falhando. — Como sempre, você me culpa. Por que você não vê que ele não iria nos ajudar? Por que você sempre tem que pensar que seu jeito é o jeito certo? Ele teria nos denunciado e visto nosso enforcamento.

Ele não teria... ele iria? Caio nos braços de Lash. — Mas eles vão matá-lo.

— Melhor ele do que nós.

Três rebeldes cercam Caspian, levantam-no e puxam-no para longe, com a cabeça pendurada para o lado e as botas arrastando no chão. Seu cinto cai do casaco, e um dos rebeldes, protegido da chuva por uma capa escura com capuz, o arranca dos paralelepípedos e o ergue como um troféu. Eu resisto à vontade de correr e lutar contra eles.

Como Caspian pode ter sido tão estúpido por ter apenas dois Centuriões? Onde estão os mantos de ouro? Delphine?

Mas a resposta me encara. Como herdeiro da Coroa, ele não podia usar abertamente um Sim, especialmente um Sim de uma loja altamente ilegal. Ele



tinha que fazer isso em segredo, o que significava que não poderia usar os mantos de ouro.

Meu coração se parte um pouco quando percebo que ele estava tão desesperado para se livrar do meu fantasma que apostou tudo.

E ele perdeu.

O rebelde que agarrou o cinto se vira e eu vejo o rosto lá dentro. Lucy Redgrave. Um ninho de tranças pretas e vermelhas se enrosca em sua cabeça. Ela abre um sorriso afiado, segurando o cinto, seu polegar acariciando as joias.

— Por que você parece tão triste? — Ela pergunta com uma voz doce e escorregadia. — Oh. Eu esqueci. Vocês dois tiveram uma coisa. — Ela se inclina, cobrindo a boca com a mão como se fosse contar um segredo. — Bem, você não terá que se preocupar mais com isso, uma vez que os Rebeldes cortarem sua linda cabecinha. Eu ouço...

Corro para ela, esquecendo quase tudo que Brogue e o Sim me ensinaram. Antes que eu possa avançar 60 centímetros, Lash tem seus braços em volta de mim, me segurando.

— Uau, Graystone. — Ele acalma.

Um segundo era apenas Lucy, no próximo, Hugo sombreia sua irmã gêmea, suas cabeças balançando em tandem como cobras prestes a atacar.

— Eu não faria isso. — Diz Lucy.

— Não se eu fosse você. — Hugo termina.

— A menos que você queira...

— Um acidente vai acontecer. — Hugo parte sua capa para revelar uma pequena pirâmide dourada. O dispositivo sacode quando ele o acaricia. — Lembra-se disso?



Meu estômago dá um nó. Ele sacode a gaiola dourada e os escorpiões dentro sibilam, atingindo as paredes de metal com seus ferrões.

Lash dá um passo na minha frente. — Você não ousaria.

Lucy sorri. — Talvez não...

— E talvez pudéssemos. — Hugo ronrona.

Eles giram nos calcanhares e se afastam como as cobras que são, e eu percebo que meus punhos estão tão fechados que meus nós dos dedos são estrelas de marfim. Forçando meus dedos a relaxarem, limpo minhas mãos na calça, trabalhando para acalmar minha respiração.

Tão rapidamente quanto os rebeldes apareceram, eles voltaram para a cidade. A chuva se tornou um aguaceiro gelado que combina com o frio em meu interior.

Isso não deveria acontecer. Eu estava preparada para lutar ao lado dos rebeldes contra o império, se necessário. Eu estava preparada para invadir o castelo ou cavar meu caminho nele. Para sangrar e morrer.

Mas a única coisa para a qual eu não estava preparada era tomar o príncipe herdeiro como refém, sabendo que os rebeldes o fariam gritar antes de acabar com sua vida.

Eles vão torturá-lo horivelmente, mantendo-o vivo o suficiente para fazer isso de novo e de novo...

Dobrando-me, seguro meu estômago e tento não vomitar.

Lash corre para seu Swifter, e eu espero por ele, tremendo, mechas do meu cabelo agarradas ao meu rosto e pescoço. Tento me mover, mas meus pés estão presos ao chão.

Lash acaba de iniciar seu Swifter quando Riser puxa o dele ao meu lado. Os rios de chuva descem por sua carne, seu colarinho preto cobrindo sua



mandíbula e lábios, então apenas seus olhos brilhantes são visíveis. O vapor sibila sob sua besta vermelho-sangue, enchendo o abismo entre nós.

Ele estende a mão para mim.

— Eu preciso falar com você, Graystone.

Uma hora antes, isso era tudo que eu queria. Estar com Riser. Para beijar seus lábios, sentir seu corpo pressionado contra o meu. E mais. Muito mais.

Uma hora antes, eu teria aceitado sua mão.

Mas agora... agora tudo o que vejo quando olho para ele é sua pistola caindo na têmpora de Caspian. Agora minha cabeça vibra com um milhão de pensamentos sobre como salvar Caspian e ainda chegar à Ilha.

E Riser não se encaixa mais nesse plano.

Lash para à minha direita, olhando para a outra direção. O olhar de Riser nunca deixa meu rosto enquanto ele aguarda minha decisão, embora seu peito se erga de forma desigual, um músculo tremendo em sua têmpora.

Virando minhas costas para ele, eu deslizo minha perna sobre a parte de trás do Swifter de Lash, tremendo contra o calor que imediatamente entra em minhas pernas.

Envolvo meus braços em volta da cintura de Lash, inclinando minha cabeça contra suas costas e olho para onde deixei Riser. Apenas, não há nada além da chuva inclinada e nuvens de vapor de seu Swifter em seu lugar.



CAPITULO 48



O Castelo de Bloodwyn vibra com os gritos dos rebeldes. Alguém deve ter informado a multidão reunida para as celebrações do Juramento de Sangue sobre a captura de Caspian, porque eles obstruem o corredor principal, empurrando e empurrando para tentar dar uma olhada no Falso Príncipe, tornando quase impossível chegar ao meu quarto.

Cada palmada em meu ombro reverbera em mim. Cada canto para matá-lo queima como veneno em minhas veias.

Só um tolo pensaria que isso foi uma vitória; estou cercada por um exército de tolos que morrerão em um dia.

Eu finalmente abro caminho através da massa de celebradores enquanto os gritos clamando por seu assassinato ficam mais altos, o mar de rostos iluminados com taças cheias de Sangue da Lua sendo passados ao redor. O ar estala com violenta energia.

Teagan espera por mim em meu quarto, Lash bem atrás de mim quando bato a porta.

— Por quê? — Grito. — Por que Max faria isso?

Meus amigos me olham de lados opostos do quarto. Poças de chuva no chão abaixo da minha janela quebrada. Cada pedaço de tecido do meu corpo está encharcado e úmido, muito apertado. Eu quero me despir, mas estou

furiosa demais para me mover. Aplausos explodem do lado de fora do corredor.

Teagan se junta a mim na cama. Apesar da chuva, de alguma forma ela ainda parece arrumada, seu cabelo penteado e batom vermelho imaculado.

— Pode não parecer agora, mas ele fez isso por você, querida.

— Você está certa. Não parece nada disso.

— Talvez ele tenha pensado que os Fienianos iriam descobrir, e ele teve que agir para protegê-la. — Lash oferece.

— Isso torna meu irmão um covarde.

— Você deveria ter ouvido quando Caspian empurrou você. — Teagan diz, sua voz suave. — A maneira como ele gritou.

Ouvir isso é um soco no estômago, mas ainda franzo a testa. Por que Max nunca consegue me ouvir? Eu disse a ele para ficar, e ele fez o oposto. Cerro meus dentes. Eu quero gritar com ele. Mas também quero abraçá-lo e dizer que nunca mais o deixarei.

Alguém bate na porta. Assim que vejo a cara de idiota de Max, volto a querer estrangulá-lo. Teagan e Lash saem pela porta antes que eu possa protestar.

De repente, o ar no quarto fica mais rarefeito, o espaço entre nós se tornando um oceano de emoção crua.

— Maia. — Max balança os calcanhares, o mesmo hábito nervoso que tinha aos sete. — Por favor, não fique brava, ok?

— Não fique brava? Você percebe o que você fez?

Seu olhar cai para seus pés.

— Eu precisava que Caspian nos ajudasse a entrar no castelo, mas agora Nicolai e Flame vão matá-lo!

— Ele não ia ajudar...



— Você não sabe disso!

Ele chuta algo perto da minha cama. — Ele machucou você! Assim como eles fizeram com o papai.

— Era apenas um Sim, Max.

Ele balança a cabeça, seus ombros caindo. — Eu estou apenas... Estou cansado, Maia. Cansado deles levando embora todos que me importam. E eu não queria que eles levassem você também.

— Eu... — Todas as palavras raivosas que eu planejei dizer derretem. — Oh... oh, Max.

Com o coração na garganta, pulo e dou a volta na cama. Max olha para mim, lágrimas brilhantes escorrendo pelo rosto. Olhamos um para o outro por um segundo.

Então eu jogo meus braços em volta dele. Pressiono-o em meu peito. Ele é quente e arrogante, seu corpo estremece no meu abraço.

— Sinto muito por ter deixado você. — Sussurro. — E eu prometo, eu nunca vou deixar você de novo. Estou fazendo tudo isso por você. Você e papai.

Ele se afasta, enxugando o nariz na manga. — Típico Maia, tinha que ficar toda piegas.

— Merdinha! — Bato em sua cabeça.

Esfregando sua têmpora, ele franze a testa. — Eles vão realmente matá-lo?

— Não sei. — Minto. — Flame tem que saber que o imperador não negociará com eles, nem mesmo pelo príncipe herdeiro. Talvez eu possa falar com ela.



— Quando eu vi o príncipe empurrar você, eu quis machucá-lo de volta. Mas... Eu não quero que eles o torturem. Quer dizer, ele perdeu a irmã também, certo?

Um suspiro pesado deixa meu peito. — Vou consertar, ok?

Mas minhas palavras soam vazias. Como consertar? Como diabos posso consertar isso?

Nós dois olhamos para a porta quando ela se abre e Rivet enfia a cabeça para dentro, seus olhos examinando Max antes de pousar em mim.

— Então, você não o matou?

— Sou charmoso demais para qualquer um me matar. — Diz Max. — Você sabe disso, Riv.

Rivet revira os olhos. — Obviamente, ou eu teria apagado você anos atrás. Agora, vamos. O Juramento de Sangue é em algumas horas, e precisamos praticar para a Corte de Sangue.

E assim, uma resposta para nossa situação vem até mim. Demora um pouco, mas consigo reunir todos no meu quarto. Teagan e Lash estão na cama, Max no chão perto da janela, trançando o cabelo úmido de Rivet. Rhydian é o último a se juntar, e ele trouxe dois Hawks com ele, ambos com músculos protuberantes, pescoços grossos e carrancas.

É uma tripulação heterogênea. Contando comigo, e assumindo que Lash possa lutar na Corte de Sangue, somos oito. Dificilmente o suficiente para garantir que meu plano funcione.

Rhydian bate com a bota no chão. — Então, deixe-me ver se entendi, Graystone. Você quer que a gente... te proteja, te mantenha viva para que você possa ganhar o Trono do Escorpião?

— Sim, mas...



— Não estou ouvindo isso. — Diz o Hawk à direita de Rhydian, virando-se para sair.

— Espere. — Levanto a mão. — Você não ouviu o resto.

— Não precisa, menina. Eu não estou lutando por você.

— Você tem uma família?

Hawk faz uma pausa. — Óbvio.

— E se eu dissesse que poderia parar Pandora, mas primeiro preciso ganhar o Trono do Escorpião para fazer isso?

O interesse pisca dentro de seus olhos fundos.

Isso chamou sua atenção, não é? — Garanta-me o trono e eu irei impedi-la.

Ele olha para Rhydian. — Você confia nessa garota?

Rhydian me olha nos olhos. — Eu confio.

— Bem então. — O Hawk executa uma rápida reverência. — Eu sou todo seu.

Engulo, mascarando meu alívio com um sorriso. — Max, Rivet?

Max concorda, mas uma carranca contrai os lábios de Rivet. — Se você ganhar, o que fará com o príncipe?

— O príncipe tem que vir conosco para a Ilha...

— Não. — Rivet se levanta de um salto, o cabelo meio trançado caindo sobre o ombro. — Alguém tem que pagar pelo que os realistas fizeram.

— E eles vão. Mas não ele.

Seu lábio inferior treme. Max se levanta atrás dela e coloca a mão em seu ombro, sussurrando algo que não consigo ouvir.

Finalmente, ela diz: — Vou pegar o seu trono. Mas me prometa algumas cabeças realistas.



Antes de compreender as atrocidades do imperador, teria pensado que Rivet era jovem demais para pensar dessa maneira. Agora, porém, simplesmente aceno com a cabeça antes de me virar para Teagan e Lash.

Teagan arqueia uma sobrancelha elegante. — Você realmente tem que perguntar, querida?

Os olhos de Lash têm um brilho diabólico. — Não posso deixar Aster se mostrar, posso?

Uma onda de tensão rola fora de mim enquanto olho ao redor do quarto para as pessoas dispostas a lutar por mim. Poucos dias atrás, a maioria eram estranhos.

Agora tenho que confiar minha vida a eles, e eles precisam confiar a deles a mim.



CAPITULO 49



Agora que todos concordam em me proteger, discutimos estratégias. Lucy e Hugo serão emparelhados, como de costume, então Rhydian e seus homens irão segui-los e esperançosamente eliminá-los mais cedo. Os Hawks são problemáticos, mas se ficarmos do lado de fora e deixarmos que eles tirem o máximo possível uns dos outros, poderemos ter uma chance.

Com a tripulação de Rhydian cuidando dos Redgraves, os outros formarão um círculo de proteção ao meu redor. Lash e Teagan farão a primeira camada, Max e Rivet perfurando o lado de fora.

Teagan traz à tona a catástrofe da última vez, e concordamos que a última hora antes da Queda das Sombras deve ser gasta para me familiarizar com as Armas Quentes que poderiam ser usadas na arena.

Depois de uma palavra final com Rhydian e sua tripulação, eles saem e eu sigo os outros para o arsenal. Assim que entramos no pequeno espaço retangular brilhando com armas de todos os tipos imagináveis, as vozes começam a sussurrar para mim, e uma dor de cabeça inunda meu crânio.

Devo fazer uma careta, porque Teagan franze os lábios. — Você está bem?

— Sim. — Toco o lado da minha cabeça. — As vozes estão de volta. Talvez seja o estresse. Eu não sei.

— Lash pode conseguir algo para você no boticário para a dor.

Balanço minha cabeça. — Não. Estou bem. Talvez me ensinar sobre as armas ajude com o estresse.

Ela me observa por mais um segundo e depois vai até uma parede cheia de dispositivos estranhos. Ironicamente, a primeira Arma Quente que descobri é aquela que me fez perder a última Corte de Sangue: um disco prateado do tamanho de um botão. É um eletrodo, eu descubro. Uma pequena arma média que, quando pressionada e atirada, produz uma nuvem elétrica com voltagem alta o suficiente para matar um homem e atordoar um cavalo. Pode-se conseguir três, talvez quatro utilizações antes que precise ser recarregada.

O problema é recuperá-la após o primeiro lançamento, embora, se todos na vizinhança fossem mortos, acho que não seria tão difícil.

Os fienianos gostam de eletricidade, fico sabendo, passando o dedo pelo cabo de borracha de um chicote elétrico próximo à parede superior. A arma de arremesso de chamas de Max da última Corte de Sangue também está aqui, perto de uma prateleira de armas inflamáveis cuidadosamente armazenadas dentro de uma gaiola de vidro. Incendiador. Eu memorizo o nome e seus detalhes, vinte e cinco segundos de fogo, junto com o resto das armas flamejantes disponíveis.

Os orbes que usamos em nossos pescoços durante a primeira missão estão aqui. Existem Chumbos, Parasitas e todas as outras armas horríveis imagináveis. Tento me lembrar de tudo enquanto Teagan anda pela câmara, referindo-se a esta ou aquela arma.

Ela fala rápido, estamos quase sem tempo.



Perto da última prateleira de Armas Quentes, vejo o dispositivo piramidal que Hugo usou para abrigar os escorpiões que quase me mataram.

— Escorpião-Fogo. — Teagan murmura em voz baixa.

Aceno, inalando uma respiração profunda para afastar a memória horrível de seus ferrões perfurando minha carne, o veneno cruel e torturante que transformou meus ossos em fogo.

— Desta vez será diferente. — Promete Teagan.

Continuamos até que meu cérebro esteja sobrecarregado com todos os dispositivos assassinos aparentemente já feitos, e anseio pela simplicidade de uma lâmina afiada ou ponta de flecha. Existem essas também. Elas brilham de sua posição nas paredes perto da frente, junto com os frascos de veneno bem guardados.

— Coloque sua lâmina nisso... — Diz Teagan, apontando para um minúsculo frasco azul com um escorpião vermelho. — E um arranhão será a ruína do seu inimigo.

— Hmm. — Toco o frasco com cuidado. — Teagan, como você se tornou uma rebelde Fieniana?

Ela caminha ao longo da parede, passando os dedos pelas armas antes de responder. — Vou te dar uma versão curta e doce. Eu tinha acabado de voltar do acampamento. Eu estava confusa, querida. Não conseguia dormir, não conseguia comer. Os porcos realistas haviam cavado seu caminho para dentro de mim e raspado pedaços de minha alma, coisas particulares que eles pegaram sem pedir. A única coisa que me levou ao meu aniversário de 12 anos foi conhecer O. O imperador estava oferecendo uma elaborada festa de aniversário para ela e Caspian na Ilha. Eu a encontrei de pernas cruzadas sob um enorme sicômoro perto da lagoa.



— Logo depois, minha família foi chamada à corte para ficar enquanto meu pai trabalhava no Tesouro. O e eu éramos inseparáveis. Ela gostava de contar essas piadas horríveis, deuses, eram terríveis, e não se importava que eu preferisse roupas masculinas ou não fosse como os Escolhidos. Passamos nosso tempo lendo panfletos secretos em apoio aos rebeldes e fazendo grandes planos para mudar o mundo. E então, um dia, fomos convidadas a conhecer Nicolai.

— Como ele era então?

Teagan ri. — O mesmo. Sêrio, enigmático, obstinado em suas crenças. Mas ele falava verdades sobre as quais ninguém ousava falar. E ele tinha tanta paixão. Ele estava disposto a morrer pelo que acreditava.

Giro uma adaga de ouro leve entre meus dedos. — Há quanto tempo os rebeldes planejavam se infiltrar nos julgamentos?

— Anos. Nicolai tem reunido e treinado um exército dentro do Castelo Bloodwyn desde que o conheci. O plano era usar os julgamentos para matar o imperador, e então, uma vez que o imperador estivesse morto, ele enviaria o exército rebelde.

— Como eu me encaixo nos planos?

— Quando ele anunciou que libertaria o filho de Amandine da Prisão de Rhine, Max implorou que procurasse você também. Ele prometeu que você cooperaria. Ele deve ter contado a Nicolai sobre a coisa que seu pai construiu, porque não posso imaginar que Nicolai teria se incomodado de outra forma.

Quero fazer mais mil perguntas, mas só há uma que ainda me devora.

— Quem é Nicolai? Por que ele odeia tanto o imperador?

Teagan balança a cabeça. — Só os deuses sabem. Ouvi dizer que ele é tudo, desde um cortesão descontente a um servo de Bronze da Casa Croft.



Passos perto da porta chamam nossa atenção para Lash. — Terminaram de fofocar, meninas? O Juramento de Sangue começará em breve.

Teagan joga um escudo em sua cabeça, e ele se abaixa bem a tempo, o círculo dourado ricocheteando na parede de espadas longas e derrapando no chão de pedra.

Quando passamos por ele e saímos pela porta, Teagan dá um tapinha em seu ombro.

— Reflexos agudos, garoto Lash.

Deixo Teagan e Lash para procurar Brogue. Quando eu o encontro escondido no bar no primeiro andar, seu olhar sombrio deixa meu coração disparado.

Nós nos movemos para uma sala mais silenciosa perto da cozinha, e Brogue abaixa a cabeça.

— Eu não posso te dar o que você veio buscar aqui.

Chupo meu lábio. — Eu nunca vi você desistir antes.

— Maia, isso não sou eu desistindo, sou eu sendo honesto. Esse menino não tem nenhuma fraqueza, e se você lutar com ele... Bem, eu me recuso a assistir.

— Então você está desistindo de mim?

— Não. — Ele balança a cabeça, os cantos de seus lábios se contraindo para baixo. — Claro que não...

— Por que você simplesmente não se esconde em um canto e atira novamente? Não é isso que você faz quando a vida fica muito difícil? — Assim que digo as palavras, me arrependo delas, mas elas ficam pesadas no ar de qualquer maneira.



— Isso é você falando, ou Dama March? — Uma veia lateja em sua testa enquanto ele segura meu olhar. — Bom. Você vai precisar que ela tenha alguma chance contra Riser.

— Sinto muito, Brogue. — Imploro, horrorizada com o que disse. — Há tanta coisa acontecendo nisso, e eu preciso de você lá, no meu lado. Não há mais ninguém em quem eu confie como você.

— Garota, eu sempre estarei do seu lado. Sempre. Mas eu não vou assistir você se machucar. Eu não posso. — Ele passa dois dedos pelo queixo. — Mas posso te dizer uma coisa: antes que roubassem sua memória de Riser, você era a fraqueza dele. Na verdade, você foi a única fraqueza que imagino que ele já teve, e provavelmente é por isso que eles fizeram isso. Encontre uma maneira de fazê-lo se lembrar de você. Essa é a única maneira.

Ando com Brogue para a arena, uma sensação de afundamento pesando sobre mim. Como no mundo vou ganhar agora?



CAPITULO 50



Rebeldes em seus melhores couros e armas Fienianas entopem os corredores e amontoam-se na arena interna, o único lugar grande o suficiente para realizar o Juramento de Sangue. A multidão está comprimida ombro a ombro, a arena escura, exceto pelas grandes velas de pilar espalhadas sobre o estrado. Uma estrutura de madeira foi construída sobre os três tronos, uma tapeçaria prata e vermelha pendurada em suas vigas.

Envolvido em um manto vermelho vibrante, Nicolai reclina-se no trono do meio, afundado na rica madeira. Quase consigo ver a expressão entediada através de sua máscara.

Quantos destes ele testemunhou? Uma sensação de perda toma conta de mim quando percebo o quanto deste mundo sombrio e misterioso ainda é um segredo.

Há quanto tempo Nicolai está planejando tudo isso? Eu me pergunto enquanto o Garoto do Fosso e Flame sobem de seus tronos em mantos cerimoniais semelhantes, Flame é da cor da neve fresca, Riser é da cor de uma noite sem lua.

À medida que avançamos para a frente, não fico surpresa quando o olhar penetrante de Riser me pega na multidão. Eu ignoro a pergunta dentro de seus olhos.

Mesmo que meu coração doa ao ver sua confusão, não consigo lidar com isso agora. Em uma hora, terei que lutar com ele pelo trono.

E não posso fazer isso quando estou preocupada em machucá-lo.

Foco, Graystone. Lash e Teagan nos alcançam, cerro os dentes e forço o Garoto do Fosso de minha mente enquanto avançamos, os ombros carnudos de Brogue abrindo caminho pela multidão.

Max e Rivet estão na fila de rebeldes esperando ao longo da parede para fazer o juramento, e minha respiração fica presa. Os ombros de Max estão para trás, sua cabeça erguida. Apesar de minhas recriadas, sua confiança me faz sorrir ao perceber o quão orgulhoso meu pai teria ficado.

Olea, papai. Nosso Max não é mais uma criança.

Lash se inclina em meu ouvido.

— Normalmente, eles não exigem que façamos o juramento até os dezesseis anos, mas com a batalha de amanhã, eles estão abrindo uma exceção.

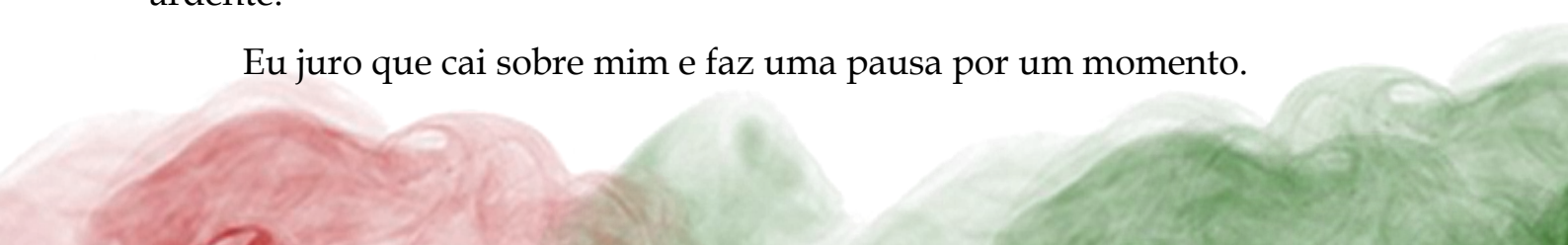
A batalha. Pego a linha, um sentimento pesado me pesando com cada jovem rebelde que vejo. Um exército de crianças.

Claro, temos tecnologia e alguns lutadores treinados, mas não é o suficiente. Nem metade.

A bengala de Nicolai atinge o chão e, de repente, o salão vai de um barulho selvagem para um silêncio mortal enquanto ele se empurra para uma posição curvada. Lentamente, com cuidado, ele se arrasta para a frente. Ninguém ousa respirar, sua capa balançando contra o chão.

Estou perto o suficiente para ver o azul em seus olhos, a costura prateada fina da barra da calça. Sua respiração está agitada, e faz um som estranho e gutural ao sair de sua eletrolaringe. Ele varre a arena com seu olhar lento e ardente.

Eu juro que cai sobre mim e faz uma pausa por um momento.



E então, um pequeno murmúrio pulsa pela arena e morre quando ele remove a máscara, revelando seu rosto arruinado.

— Pronto. — Ele murmura, silenciando a multidão. — Assim é melhor.

A máscara cai de suas mãos enluvadas e bate no chão. Ele tira a capa e depois as luvas. Sua carne manchada e cheia de cicatrizes brilha assustadoramente à luz do fogo.

— Chegou a hora de revelar os muitos pecados do império. Para levar aqueles que ousaram permanecer acordados através do véu da corrupção para expor o cadáver apodrecido e gangrenado abaixo. Não haverá redenção sem anarquia! Nenhuma esperança sem primeiro queimar a podridão.

Gritos selvagens enchem o ar. *Sangue pela liberdade! Morte por honra!*

Nicolai bate com a bengala e o silêncio desce como uma onda. — Hoje, quando vocês proferirem seus juramentos, estão declarando guerra a este mundo que os derrotou, deixou vocês com fome, escravizou-os e lhes deu as costas.

Riser desliza de seu trono para ficar ao lado de Nicolai. No começo, quando vejo a adaga em sua mão, meu coração dá um salto. Mas Nicolai simplesmente estende a palma da mão primeiro, e Riser arrasta a lâmina em sua mão arruinada, do polegar ao mindinho.

— A única lei é o sangue. — Diz Riser com uma voz forte e clara. — Há aqueles que sangram e aqueles que tomam.

Riser pega um linho vermelho e o entrega a Nicolai para estancar o sangue antes de retornar ao trono. Só depois que a fila de jurados começa a se mover em direção ao estrado é que percebo que o vermelho do linho é sangue velho.



Nicolai remove a bandagem e mancha uma faixa brilhante de sangue na testa do primeiro Rebelde, um menino baixo e rechonchudo em torno da idade de Max. O menino declara seu novo nome fieniano.

— Blade. — E cruza o estrado até onde Riser e Flame estão sentados, ajoelhando-se ao lado de cada um e repetindo as palavras, *sangue por liberdade, morte por honra*. Observo até que ele chegue ao fundo, onde ele desaparece com dois rebeldes.

— Para tirar a microplanta. — Explica Teagan.

Meu medo aumenta quando Max e Rivet se aproximam dos degraus. O sangue de Nicolai respinga em torno de seus pés, sua capa se arrastando, manchando um semicírculo vermelho brilhante na pedra cinza.

Max sobe ao palco. Recuo quando Nicolai o reclama com seu sangue, uma fina fita vermelha escorrendo pelo nariz.

Por um momento, acho que Max não aceitará um nome rebelde.

Mas então ele se vira para se dirigir a nós, suas sobrancelhas franzidas em um olhar de concentração.

— Cleo.

Quase caio em choque; meu irmão acabou de se dar o nome de seu gato. Inferno, quase desejo que minha mãe estivesse aqui para morrer de horror.

Rivet é a próxima. Embora ela já tenha escolhido um novo nome em particular, ela o anuncia novamente, sua voz soando alto e claro.

— Rivet.

Me pergunto qual é a história por trás de seu nome enquanto a vejo caminhar em direção a Max. Pela primeira vez, eles não estão brincando.

Pelo menos eles estão levando o Juramento a sério, mais ou menos.



Quando o Rebelde final pega a marca de sangue e vai para o fundo, a arena se agita de excitação, vozes abafadas enchendo o corredor. Muitas das pessoas na multidão provavelmente lutarão na Corte de Sangue por uma chance ao trono.

Olho ao redor, toda a umidade dentro da minha boca se foi enquanto os nervos me tomam.

— Espere. — Diz Teagan em meu ouvido por cima do barulho. — Algo está diferente.

Flame se juntou a Nicolai perto da frente, toda sua atenção focada em um recinto abobadado sendo rolado para os degraus em rodas que rangiam. Tudo, exceto o fundo da gaiola, está coberto por uma manta esfarrapada cor de vinho. Hugo está de um lado, Lucy do outro, e junto com outros dois rebeldes, eles levantam a gaiola oscilante por cima da escada e para o estrado.

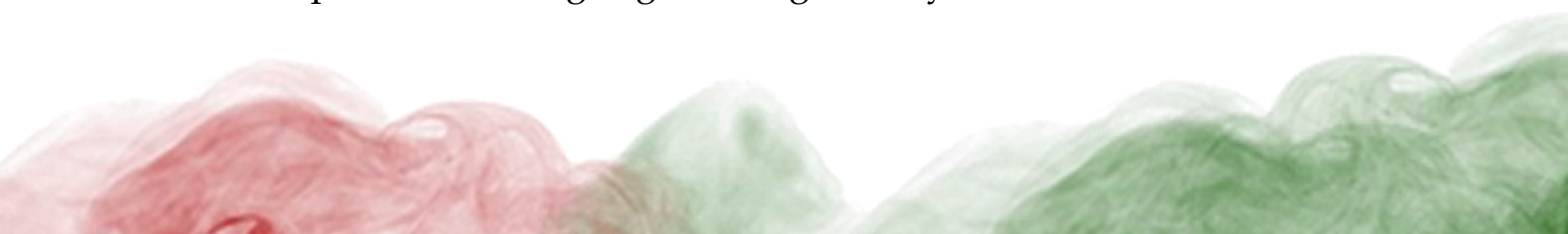
Eu sei quem eles têm dentro da gaiola, mas minha boca se abre de qualquer maneira quando Lucy rasga o cobertor. O recinto não é alto o suficiente para Caspian ficar de pé, então ele se inclina, os dedos cerrados em torno das barras enferrujadas. Seus lábios se curvam em escárnio enquanto encara a multidão.

Os rebeldes rugem de alegria.

Dois meninos pegam suas adagas e cutucam sua gaiola. Um corta um pedaço de sua capa como um troféu. Caspian se inclina para o lado para evitar suas lâminas, seu rosto contorcido com desprezo. Alguém cospe nele.

Com um suspiro cansado, ele limpa a manga da camisa escura sobre a bochecha.

Flame aparece e os rebeldes se dispersam do palco. Ela tem um sorriso demente que faz meu sangue gelar. Hugo e Lucy estão ao lado dela.



— Este é o Falso Príncipe. — diz Flame. — Ele e seu pai nos torturaram, executaram nossas famílias e nos escravizaram. Agora é a vez dele.

Não. Oh deuses, não. O corredor vibra com aplausos, mas estou aparentemente congelada enquanto Hugo tira a arma em forma de pirâmide de seu cinto, pressiona o topo e a joga na gaiola de Caspian.

— Escorpião-Fogo.

A palavra mal saiu dos meus lábios antes de eu vê-los. Os escorpiões dourados enxameiam do dispositivo rachado em direção a Caspian, grandes ferrões de metal erguidos e prontos.

Eles vão matá-lo.



CAPITULO 51



A memória dos escorpiões picando minha carne inunda meu cérebro. A agonia. O terror. Não posso deixar isso acontecer com mais ninguém. Lash e Teagan me observam, ambos esperando para ver o que farei.

— O palco. — Digo enquanto empurro a multidão ao lado de Brogue.

Nós chutamos e socamos nosso caminho até a frente, derramando taças de Sangue da Lua no chão. Lash e Teagan nos ajudam a abrir caminho. Assim que estou perto do estrado, eu me precipito, meus amigos bem atrás de mim.

Os escorpiões quase chegaram ao seu cercado. Alguns correm pelo fundo. Caspian chuta eles, xingando. Algum deve tê-lo encontrado porque ele grita.

Estamos ficando sem tempo. Piso e chuto o enxame de armas, mas são muitas. Caspian grita novamente.

Quantas picadas até matá-lo? Eu não consigo lembrar.

Hugo e Lucy estão gritando para que paremos, mas eles mantêm distância. *Covardes*. Eu pressiono meu ombro na gaiola e empurro. Ela mal se move uma polegada.

— Lash! Brogue! Ajudem-me.

Quando eu olho entre as barras, encontro o olhar de Caspian, a poucos centímetros do meu.

— O que você está fazendo? — Ele sibila, seu rosto vermelho e vidrado de dor.

— Salvando seu traseiro de novo!

Lash e Brogue empurram a gaiola e ela começa a se mover. Teagan fica atrás dele e puxa. Com um guincho alto, ele rola pelo chão de pedra.

Quando a caixa chega à borda, olho para os escorpiões. Eles ainda estão vindo, correndo atrás de sua presa com determinação obstinada.

Lash e eu compartilhamos um olhar questionador.

— Empurre. — Ordeno.

— Estou confuso, Graystone. Estamos tentando salvá-lo ou matá-lo?

Teagan se junta a mim. Juntas, gritamos: — Cale a boca, Lash.

A arena ficou em silêncio mortal. O som dos corpos de metal dos escorpiões arranhando a pedra se aloja profundamente em meus ossos.

Olho para Nicolai. Sua cabeça está inclinada para o lado, um olhar curioso torcendo seu rosto arruinado.

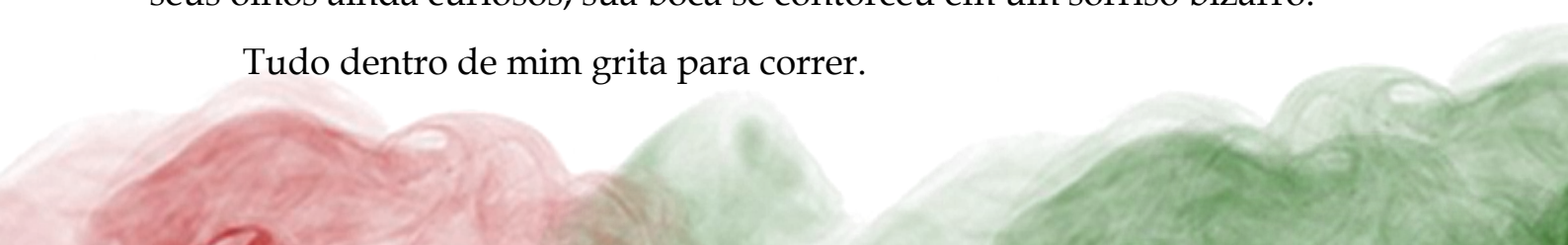
Me viro para Caspian. — Eu sinto muito.

Então, juntos, forçamos a gaiola sobre a borda. Ela bate com um som horrível de metal sendo triturado. Os escorpiões pararam de atacar e formaram um círculo confuso, golpeando o ar com estocadas agressivas. Alguns começam a se matar.

— Verifique o príncipe. — Digo Lash enquanto Teagan, Brogue e eu formamos uma barreira entre os escorpiões em movimento, caso eles se reagrupem.

Por um segundo, há silêncio. Silêncio pesado e sufocante. E então o som de palmas agita o ar quando Nicolai se aproxima. Ele caminha lentamente, seus olhos ainda curiosos, sua boca se contorceu em um sorriso bizarro.

Tudo dentro de mim grita para correr.



Contornando a massa confusa de escorpiões, ele gesticula para Hugo, parado perto de Lucy e Flame perto dos tronos. Hugo avança para os cruéis bastardos dourados, empurra a parte superior de seu dispositivo, e eles enxameiam sobre ele e voltam para sua jaula. Suas sobrancelhas estão abaixadas acima de um sorriso de escárnio enquanto ele olha para mim e passa o dedo pela garganta.

Nicolai para na minha frente.

— O que é isso, então?

— Eu não vou deixar você matá-lo. — Minha voz sai forte, embora o medo aperta minha garganta.

— Não vai me deixar? Como você planeja me impedir?

Com o canto dos olhos, vejo Max e Rivet se juntando a nós. Brogue também apareceu ao meu lado e não preciso olhar para saber que seu rosto é assassino.

Nicolai os ignora.

— Eu tenho uma proposta. — Deslizo meu olhar sobre os rebeldes. — Se eu ganhar a Corte de Sangue e assumir o Trono do Escorpião, então Caspian viverá e você libertará qualquer Rebelde que quiser me seguir.

Flame e Riser se juntaram a Nicolai. Pulando Garoto do Fosso, eu olho para Flame. Seus olhos dançam de raiva, então me concentro em Nicolai.

O corpo de Nicolai treme. *Ele está rindo*, eu percebo.

— E por que eu simplesmente não coloco você e todos os seus amigos dentro daquela jaula com o Falso Príncipe agora e libero os escorpiões? Hmm?

— A única lei é o sangue. Existem aqueles que o sangram e aqueles que o tomam. — Engulo. — Se você não me permite competir na Corte de Sangue, então suas leis não significam nada... e você é exatamente como o imperador.



Os olhos azuis de Nicolai se fixam em mim enquanto um murmúrio percorre o corredor, seus lábios pressionados em uma linha tensa.

— Ela está certa. — Riser dá um passo à frente. — Deixe-a tentar. Ela tentou duas vezes antes e falhou. Não consigo imaginar que desta vez seja diferente.

— Oh, não estou preocupado que ela ganhe o trono. — Diz Nicolai. — Você esquece que estive dentro de sua mente. Ela está fraca, quebrada. Alguém como ela nunca poderia desafiar o trono. Não. A questão é: o que acontece se ela perder?

Nem tinha pensado nisso, mas agora, sei que apenas uma coisa fará Nicolai aceitar.

— Se eu perder, você pode me amarrar com Caspian. Duas execuções. A traidora e o Falso Príncipe. Isso deve deixar seu coração distorcido feliz.

Riser franze a testa para mim, eu faço uma carranca de volta.

Sussurros curiosos deslizam pelos rebeldes enquanto eu direciono meu olhar para Nicolai.

Seu rosto se contorce em um sorriso.

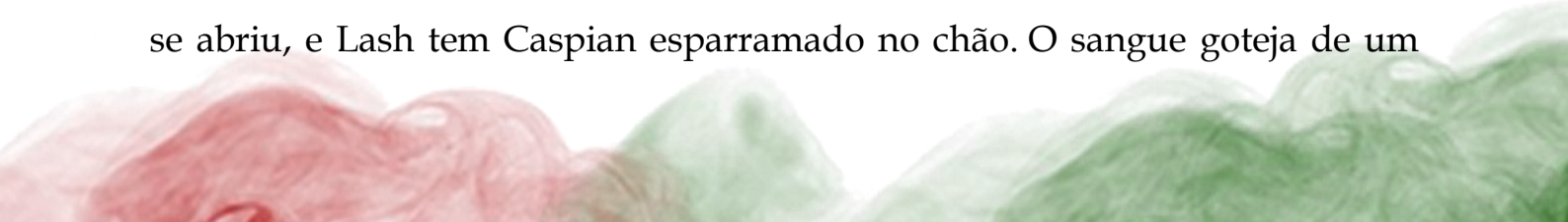
— Como desejar, com uma ressalva. Qualquer um que apoiar você na Corte de Sangue sofrerá seu destino. Você vence, eles vivem. Você perde, eles morrem com você.

Meu estômago aperta. Isso não fazia parte do plano. Olho para meus amigos, tentando ler seus rostos. Eles vão me apoiar agora que sua aliança pode ser sua morte?

Vou ter que confiar neles. Soltando uma respiração aguda, eu aceno.

Simples assim, nossa sentença de morte é assinada com sangue.

Eu pulo do palco, pousando perto da jaula de Caspian. O portão de metal se abriu, e Lash tem Caspian esparramado no chão. O sangue goteja de um



caroço em sua testa, seus olhos vidrados com a loucura e a dor persistentes dos escorpiões.

Caio de joelhos. — Príncipe.

Ele pisca para mim. — Ma-Maia.

— Eu expliquei a Corte de Sangue para o príncipe. — Lash diz.

— Sim? — Rapidamente verifico Caspian por mais ferimentos enquanto falo, ignorando sua expressão de afronta. — E o que os deuses estão dizendo sobre nossas chances?

Lash passa a mão por seu belo cabelo bagunçado acobreado.

— Nada que você queira ouvir.

— Bem, danem-se eles, então.

Caspian estende a mão e agarra meu pulso. — Por que você está fazendo isso?

— Salvando você? — Balancei minha cabeça. — Eu não estou fazendo isso apenas por você. Estou fazendo isso pelo nosso mundo. Tudo que eu disse a você era verdade. O Mercurian existe. Se eu ganhar o trono, você nos ajudará a encontrá-lo?

— Sim. — Embora sua voz esteja rouca de dor, seus olhos estão claros, seus lábios pressionados em uma linha fina e solene. — Eu juro, pela minha honra, Maia. Se você sobreviver, farei tudo o que puder para ajudá-la.

Hugo e Lucy caminham em nossa direção, suas botas raspando na pedra. Eu imediatamente encontro minha adaga, mas Lash balança a cabeça enquanto eles agarram Caspian pelo colarinho de sua camisa e o puxam para cima.

— Olhe para o pequeno príncipe agora. — Sussurra Lucy em seu ouvido.



Hugo bate na arma que abriga o Fogo Escorpião. — Eles já sentiram sua falta, Príncipe. Mas não se preocupe. — Seu olhar se volta para mim. — Vocês vão se reunir em breve.

Depois de arrastarem Caspian, Brogue se aproxima. A maior parte da multidão já partiu para a Corte de Sangue, e a arena interna está silenciosa.

Brogue franze a testa, como se estivesse decidindo o que ele vai dizer para mim.

— Você está com medo?

Eu penso em mentir, mas apenas por um momento. — Sim. Quase tão assustada quanto, quando entrei no labirinto durante o Julgamento.

— Porque você tem medo de morrer?

— Não. Tenho medo de deixar meus amigos morrerem.

— Bom. — diz ele.

— Bom?

— Aqueles jovens rebeldes dos quais você se cercou, eles são sua família agora, tanto quanto Max é, e você finalmente vê isso. Você fará o que for preciso para mantê-los vivos, garota. E se Riser tentar atrapalhar a segurança de sua família, você acaba com ele. A família sempre vem antes do amor.

Aceno, horrorizada com a perspectiva. Mas ele está certo.

As palmas das mãos de Brogue são ásperas em minhas bochechas enquanto ele pega meu rosto entre suas mãos.

— Estou orgulhoso de você, Maia. Sempre fui. Agora lembre-se do que eu lhe ensinei e reivindique seu trono.

Eu sigo para a Corte de Sangue, tentando acalmar meus nervos emaranhados. Cada passo mais perto dessa arena de areia e violência parece um passo mais perto da morte.



Como pode menos de uma hora da minha vida definir o futuro de tudo? Luto para respirar enquanto o peso da minha situação me esmaga. Eu não estou preparada. Tudo está acontecendo muito rápido.

Eu. Não. Estou. Pronta.

Mas então eu olho em volta para meus amigos. Lash, Teagan, Rivet. Além de Max, eles são as coisas mais próximas que tenho de uma família. Eles são minha família. E se eu não tomar o trono, eles morrem ao meu lado.

Eu tenho que vencer por eles.

Uma calma repentina toma conta de mim. Quando fiquei fora do labirinto e gritei que estava pronta, era uma mentira.

Sem mais mentiras. Sem mais meias verdades. Posso não estar pronta, mas não estou sozinha desta vez.

Com amigos, às vezes o impossível se torna possível.



CAPITULO 52



O túnel que leva à arena está repleto de corpos tensos. O cheiro pungente de medo permeia o ar e turva meu estômago. Pressiono mais perto de Max, lutando contra a vontade de puxá-lo em meus braços.

Faça isso mais tarde... Certifique-se de que vai existir um mais tarde.

Rivet remexe em suas pulseiras de couro vermelho. Quase trinta centímetros mais baixa do que eu, sua juventude e inexperiência se tornam difíceis de ignorar. Mas então ela se vira para mim, sua expressão forjada em aço.

— Não vamos decepcionar você. — Ela promete sobre a conversa abafada que enche a câmara, seus olhos sérios e claros.

Aceno, lentamente. Um pouco de seu cabelo cor de mogno escapou da trança apertada, e eu percebo que ela pode ser minha irmã. Como não sei nada sobre ela, essa garota que ajudou meu irmão e jurou lutar por mim?

— Qual é o significado por trás do seu nome Fieniana?

Ela examina as unhas. — Eu tinha cinco anos quando meu pai morreu nas minas de sal do leste e minha mãe nos mudou para a Cidade Diamante de Burnside, pensando que as fábricas têxteis de lá seriam mais seguras para nós.

— Elas não eram?

— As condições, claro. — Uma sombra escura cai sobre seu rosto. — Nem tanto o supervisor. Ele começou a visitar minha mãe todas as noites. Ela nos esconderia no minúsculo quarto que todos nós dividimos e nos diria para nos escondermos sob nosso cobertor comido pelas traças até que ela voltasse. Todas as noites, minha irmã mais nova e eu tapávamos os ouvidos enquanto olhávamos para um rebite brilhante no topo do nosso beliche de metal e fingíamos que estava tudo bem.

A raiva ameaça me cegar. Esta é a vida sob o imperador. É isso que estamos lutando para destruir. Rivet volta sua atenção para as botas, mas me recuso a deixá-la sentir um pingo de vergonha pelo que aconteceu com sua família e chamo seu nome.

Seus olhos se erguem para os meus. Eles brilham com lágrimas e dor de cabeça inimaginável.

— Obrigada por cuidar de Max... Cleo, quando eu não pude.

Ela dá de ombros, mas o fantasma de um sorriso aparece em sua carranca.

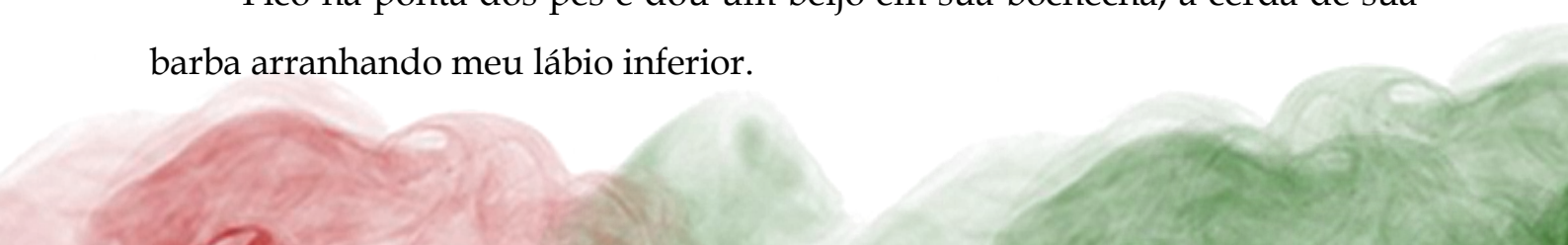
— Nós cuidamos um do outro.

Teagan e Lash abrem caminho através dos corpos para ficar ao meu lado. Lash tem um sorriso que poderia cegar o sol, mas Teagan não consegue esconder seus olhares preocupados para ele. Apenas a luta no meio da multidão o esgotou, seus ombros tensos de dor, o lado esquerdo se arrastando um pouco.

— Você está bem?

Sua testa se franze. — O quê, Graystone? Você acha que só porque sou meio homem, não posso te proteger?

Fico na ponta dos pés e dou um beijo em sua bochecha, a cerda de sua barba arranhando meu lábio inferior.



— Você é mais homem do que todos eles, Lash.

— Uau! — Max fala. — Eu estou, você sabe, bem aqui, pessoal.

Lash sorri. — Alguém já te disse que sua irmã é bonita?

— Lash! — Golpeio seu braço.

De repente, um ruído áspero divide o ar e eu me viro, o barulho se transformando em silêncio. Está na hora.

A multidão de lutadores se avoluma e quase caio no caos que se segue. Lutando para chegar à porta, encontro uma pequena fenda de carne para passar.

Um céu escuro e nublado me cumprimenta quando meus pés tocam a areia. Em algum lugar atrás do véu cinza sujo, Pandora se move continuamente em direção ao sol.

A Queda da Sombra sussurra no ar, um espectro silencioso de morte. Como sempre, minha vida está amarrada e acorrentada à escuridão que cai. Quase posso senti-la lá em cima, cantando por minha morte. Como se ela conhecesse minhas intenções de impedi-la.

Inclino meu rosto para cima. — Eu não tenho medo de você. Não mais.

Teagan e Lash estão ao meu lado. Max e Rivet empurram mais de um metro, usando os cotovelos e joelhos para formar um pequeno círculo de espaço. Olhando para cima, vejo a forma sinistra de Nicolai, Flame no trono à sua esquerda. Caspian apoiado no trono do meio, forçado a assistir seu futuro se desdobrar.

Eu morro, ele morre.

Onde estão Rhydian e seus homens? Procuro na arena, mas é uma floresta de rebeldes.

Eu tenho que acreditar que ele não vai me decepcionar. Ele não vai.



Respirando fundo, forço todos os pensamentos negativos e me concentro em meu entorno. Meu coração bate contra meu esterno. Minha respiração sai forte e rápida. O ar está escurecendo...

Logo antes de a sombra cair, antes que o ar ficasse quieto e as tochas ganhassem vida, uma abertura entre os lutadores aparece e Riser se levanta. Por um segundo, a areia, a pedra ao redor da arena e a multidão desaparecem. É só ele e eu.

Até logo, murmuro.

Seus lábios se curvam em um sorriso.

A cortina sombria cai, separando-nos.

É hora de lutar.

Um segundo, minhas mãos estão vazias. No próximo, o cabo liso de um chicote elétrico de couro pesado repousa dentro da minha mão direita.

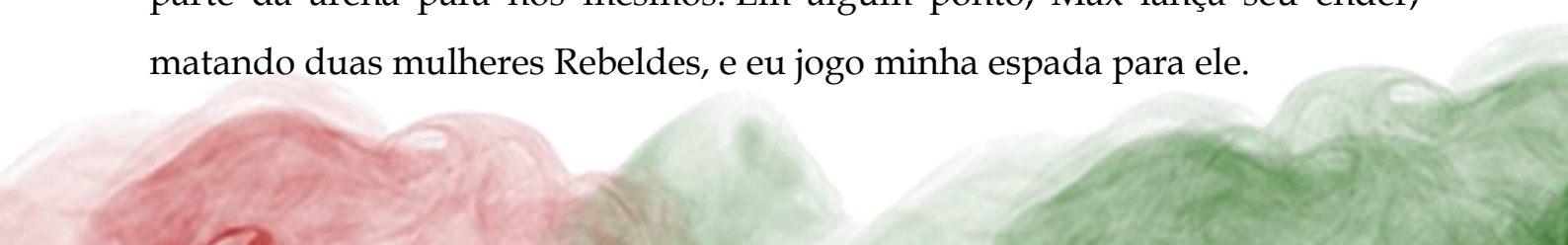
Agarrando o chicote, imediatamente o trago para cima e para baixo, batendo-o sobre o enorme Hawk com uma espada brilhante na minha frente. O cordão preto se enrola em seu pescoço gordo.

Ele cai de joelhos, os dedos ao redor da bobina enquanto a eletricidade zumba por seu corpo.

Lash finaliza o Hawk com sua besta. Pego a lâmina do lutador caído da areia, empunhando a arma na minha mão esquerda.

Surpreendentemente, a eu Reconstruída é quase tão boa com uma lâmina à sua esquerda, e eu consigo eliminar mais alguns rebeldes.

O ar ressoa com o beijo afiado de metal contra metal, o som de fogo e gritos e o grunhido do combate corpo a corpo. Como prometido, Max e Rivet formam uma barreira ao nosso redor, e lentamente cavamos uma pequena parte da arena para nós mesmos. Em algum ponto, Max lança seu ender, matando duas mulheres Rebeldes, e eu jogo minha espada para ele.



Uma ovação sobe da multidão. Hugo e Lucy cortam no meio. Lucy balança um mangual no momento em que Hugo arremessa um eletrodo em uma explosão azul, três lutadores caindo. Rhydian não está em lugar nenhum.

Grande arena. Grande multidão. Mesmo assim, a dúvida lateja no fundo da minha mente.

Nosso grupo se espalha conforme mais lutadores caem. Lash fica sem flechas para sua besta, mas ganha um incendiário poucos minutos depois. Ele troca de lugar com Rivet, que está armada com uma longa espada quase tão alta quanto ela.

Juntando nossas costas, Teagan, Rivet e eu ficamos voltados para fora, dispensando os poucos rebeldes que conseguem passar pela lâmina de Max e pelo fogo de Lash.

Nós nos movemos pela escuridão, as areias quentes da luz do fogo colorindo a areia, golpeando e cortando e queimando, apertando e expandindo, uma entidade de uma mente, um objetivo: Sobrevivência.

A esperança acende dentro do meu peito, acendendo uma chama que eu não sentia há muito tempo. A arena está ficando mais rala, a areia uma bagunça onde as pessoas caíram, os ruídos diminuindo à medida que mais e mais pessoas vão embora.

A cada minuto mais ou menos, um espaço se abre entre Riser e eu, e avaliamos um ao outro. Como se tudo isso fosse apenas uma atuação, um jogo que aos poucos nos aproxima do final.

E então, de repente, não consigo localizá-lo. Algo faz cócegas na minha nuca.

Não importa. Estamos vencendo. Lash está sendo inteligente, conservando sua pequena lata de combustível e...



Uma carga repentina força Lash de volta. Três gigantes Hawk convergem para ele com lâminas. Max rebate o mais próximo, dando a Lash tempo para cuspir uma longa sequência de chamas neles.

Eles caem para trás, e Lash acaba com eles com o resto de seu fogo.

— Estou fora! — Ele chama quando outra onda desce.

Algo bate na areia aos meus pés, e eu tropeço para o lado, o ar caindo à minha esquerda, errando por pouco. Ender.

Nosso grupo está se separando.

Uma garota alta com pele escura passa por Max e Lash. Ela levanta o braço e vejo o eletrodo que ela está prestes a atirar no meu rosto. A coroa do meu chicote ricocheteia em sua têmpora e ela desaba.

O eletrodo parece pequeno e frio dentro da palma da minha mão enquanto atiro a arma na parede de lutadores lutando alguns metros à minha direita, tentando abrir caminho.

Um lampejo azul me cega.

Quando minha visão retorna, eles se esparramam na areia, gemendo.

O pânico me atinge quando percebo que nosso grupo foi forçado a se separar. Girando, recupero o disco de metal, pronta para usá-lo novamente.

Dez metros à frente, Lucy e Hugo aparecem, seus olhares cruéis me prendendo na areia. Preciso deles mais perto antes de jogar meu eletrodo. Exalo uma respiração irregular enquanto Rhydian desliza atrás deles.

Ele levanta um machado...

E então uma sombra com uma espada pisca atrás de Rhydian. Riser. Antes que eu possa avisar Rhydian, Riser mergulha a espada simulada nas costas de Rhydian. Enquanto Rhydian cai na areia, seus dois amigos cercam Riser, mas ele desliza por entre suas lâminas, eliminando-os facilmente.



Meu coração dispara, a adrenalina dispara em minhas veias. Os Redgraves desapareceram. Meus amigos estão caindo. E estou começando a enfraquecer.

Meu plano cuidadosamente traçado está sendo desfeito.



CAPITULO 53



Giro minha cabeça, vasculhando a arena enquanto trabalho meu caminho de volta para os outros. Três Hawks têm Max e Teagan encostados na parede. Um lance do meu eletrodo cuidará deles. Restam duas cargas.

Não desperdice sua carga. Use seu chicote.

Mais uma vez, não consigo encontrar Riser.

Onde ele está? Onde ele está?

Um grunhido soa atrás de mim. Me viro, caindo bem a tempo de perder um machado na minha cabeça. A larga lâmina de aço desliza para fora da parede com um arranhar sinistro, cuspidando faíscas. Coloco minha mão com a palma da mão no nariz do agressor, e ele cai na areia, sangue jorrando de seu rosto.

Mas não é Riser.

Pego o machado e me viro a tempo de ver a flecha espiralando pelas sombras em minha direção. A ponta dourada da flecha ricocheteia na ponta do machado com um estrondo. A garota que disparou a besta marca outra.

Ela está prestes a liberar seu ferrolho quando Max a aborda, o eixo zumbindo acima da minha cabeça. Rivet acaba com ela com sua espada.

Onde está Riser? Os Redgraves?

Uma onda repentina de caças enxameia nossa pequena tripulação. No intervalo de uma respiração, uma batida do coração, tudo desce ao caos.

Meu cérebro luta para processar o que está acontecendo. Areia estourando no ar e atingindo minhas bochechas. Gritos e grunhidos. Metal beijando metal. Eu perco meu eletrodo em algum lugar na loucura. Meus amigos desapareceram.

Tento usar meu chicote, mas não adianta ficar perto, então jogo.

Forço minha saída da luta. *Onde estão meus amigos?* Poucos candidatos sobraram, talvez vinte. Por um momento, estou sozinha, sem armas e despercebida, uma espectadora de uma batalha violenta até a morte.

Rivet sai mancando da arena. Max ainda está lutando, mas ele desaparece em uma massa agitada de rebeldes antes que eu possa chegar até ele. Vejo Teagan e Lash costas com costas, lutando contra duas cabeças de músculos empunhando machados. Quando corro para ajudá-los, eles já cuidaram dos lutadores, mas Teagan está fora.

— Só você e eu, Graystone. — Lash diz em um suspiro sem fôlego.

— Isso pode ser um problema! — Grito, levantando minhas mãos vazias.

Um lampejo à nossa esquerda chama nossa atenção. Lucy empunha uma espada longa, seus olhos são cruéis e astutos enquanto percebem minha falta de arma.

Meu coração bate contra minhas costelas. Cadê Hugo?

Os lábios de Lucy se curvam em um sorriso de escárnio.

— Um erro, deixar o inválido ficar com a arma.

Hugo vem em Lash da direita. Quando Lash se vira para conter o golpe, Lucy avança, sua lâmina brilhando no ar enquanto perfura o estômago de Lash.



E então, como se o tempo tivesse congelado, observo enquanto a ponta sai lentamente de seu flanco. Observo as gotas de sangue espirrando na areia.

Sangue. *Sangue de verdade.*

Lash desaba na areia e não se levanta. Minha mente grita com a memória de Riser caindo sob a espada de Caspian na Ilha. O medo e a raiva daquele momento bem dentro de mim, me enchendo de raiva.

De alguma forma, Lucy tem uma arma de verdade.

Olho para Nicolai e Flame, assistindo de seus tronos. — Ela tem uma espada de verdade!

Flame salta de seu trono, Teagan bem atrás dela. Com um movimento de sua mão enluvada, Nicolai envia rebeldes para bloquear a entrada da arena e impedi-los de ajudar. Seus olhos estão duros, implacáveis, enquanto Teagan agarra a lateral da arena, o rosto contorcido de medo.

Ela vai acusar os rebeldes que guardam a corte, mas Flame a agarra pela cintura e a segura, sussurrando algo em seu ouvido.

Elas não vão fazer nada. Uma sensação de mal estar toma conta de mim. Atiro para frente, alcançando a espada Sim de Lash, mas Hugo a arranca da areia, fazendo questão de contornar a poça de sangue de Lash ao redor dele.

Uma risada de hiena escorre dos lábios de Hugo. — Para onde foram todos os seus amigos?

— Dane-se! — Assobio. Tento verificar Lash, mas Hugo me empurra de volta com sua espada. Eu lanço um olhar assassino para Lucy. — Todos saberão que você usou uma arma de verdade. Eles saberão que você é uma covarde.

Lucy chega mais perto, a luz do fogo brilhando em seu rosto. — De verdade? Como eles poderiam saber disso? A escuridão esconde muito.



Estou presa. Eles estão se aproximando. Não consigo desviar o olhar da espada de Lucy, o sangue manchando a lâmina quase preta nas sombras.

Tire Hugo. Pegue a espada do bastardo. Mesmo em meu estado delirante, sei que essa opção falhará.

Mas tenho que tentar.

Algo pisca na minha periferia. Vejo, mas é tarde demais. Max ataca com a espada apontada para Hugo, mas Max está correndo, sem equilíbrio.

Hugo corta a espada de sua mão com um arco rápido de sua lâmina. Um estrondo perfura o ar.

O medo se acumula dentro do meu peito quando Max tropeça entre eles, a confiança se esvaindo de seu rosto. Lucy sorri e ergue a espada.

Sua espada real, escurecida com sangue real.

Tudo desaparece para meu irmão mais novo, assustado e vulnerável, e o aço afiado e cruel vindo para ele.

Assim que a espada de Lucy está mordendo o pescoço de Max, ele se abaixa, a lâmina dela cortando as pontas de seus cachos. Seu rosto passou de apavorado para confiante quando ele se levanta e agarra o braço da espada dela.

Enquanto eles lutam na areia, corro em direção a eles. Passo por Hugo e vou para Lucy. Assim que meu punho acerta sua bochecha, Max arranca a espada de Lucy de suas mãos e tropeça para trás. Nossos olhos se encontram, e então seu olhar se move para trás de mim.

Hugo está correndo para mim com sua lâmina apontada para meu coração. Com um grito, Max pula na minha frente, levando o impacto da arma.

Enquanto ele cai, ele estende a espada para mim, um sorriso no rosto, apesar da dor.

— Faça-os pagar por Lash, Maia.



Giro a arma real, testando o peso. Parece o mesmo que os outros, mas não é. Eu tenho que me lembrar disso.

O cheiro de sangue assombra o ar enquanto os gêmeos me circundam, seus rostos contorcidos em máscaras horríveis.

— Ela tem a espada real. — Sibila, Hugo.

A luz do fogo cintila na lâmina que Lucy arrancou da areia.

— Então? Veja como ela hesita. Ela está fraca, com medo de sangue verdadeiro. Ela não vai usar quando for importante. Ela está com medo.

Hugo ataca e eu pulo para trás, cortando meus olhos para frente e para trás entre eles. Ao nosso redor, apenas alguns grupos de lutadores permanecem, suas armas se chocando em um ritmo lento e constante. Minha respiração pulsa em meus pulmões em rajadas curtas e superficiais.

Mas Lucy está errada. Eu não estou assustada. Estou furiosa. Cheia de uma fúria cegante e assassina que envia uma dor de cabeça gritando em meu cérebro.

Como eles ousam machucar Lash. Como se atrevem a trazer uma espada de verdade para o campo, quase a usam no meu irmão e depois me obrigam a empunhá-la.

Como. Eles. Ousam.

Exceto que agora eu percebo que outras vozes que não as minhas estão falando.

Como ousa o império nos aprisionar dentro desses caixões.

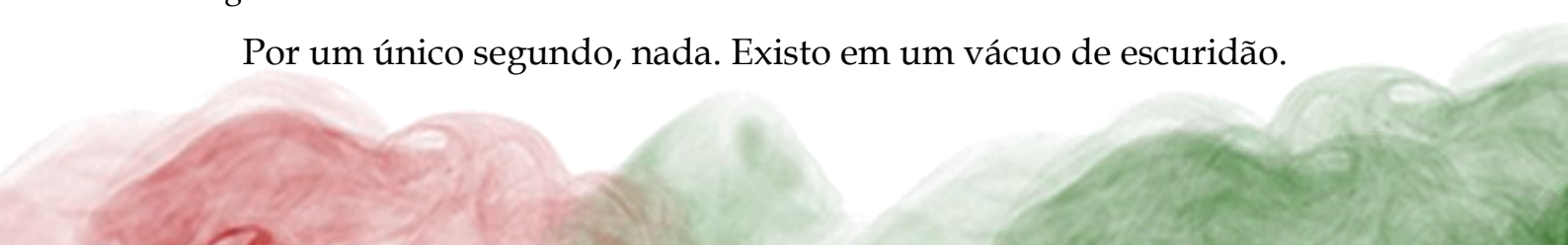
Como se atrevem a nos consignar para morrer.

Como eles ousam nos fazer acreditar que estamos seguros.

— Eu não, eu não sei o que fazer. — Sussurro para eles.

De repente, mil vozes perfuram meu crânio. *Agora!* Eles gritam. *Liberte-nos agora!*

Por um único segundo, nada. Existo em um vácuo de escuridão.



Então a fúria dentro da minha cabeça estoura. Há um pulso de energia. Um lançamento. Grito quando os sinto drenando de mim, derramando-se como um rio furioso de almas até que minha cabeça parece oca e leve pela primeira vez em uma eternidade, meu crânio vazio de vozes estranhas.

Mas ainda há algo mais dentro de mim, algo que não posso explicar, como um formigamento estático que sei que está de alguma forma ligado ao Sim.

As espadas de Lucy e Hugo brilham até se tornarem contornos azuis translúcidos e bidimensionais. As outras armas em campo parecem iguais.

Todas menos a minha.

Uma risada escapa dos meus lábios. — Elas não são... elas não são reais.

Lucy sibila e balança a lâmina na minha cabeça. Há um formigamento e um leve *whoosh* quando passa pelo meu crânio, mas nada acontece. Lucy tenta de novo, e de novo, nada acontece.

Por alguma razão, as armas Sim não podem me machucar.

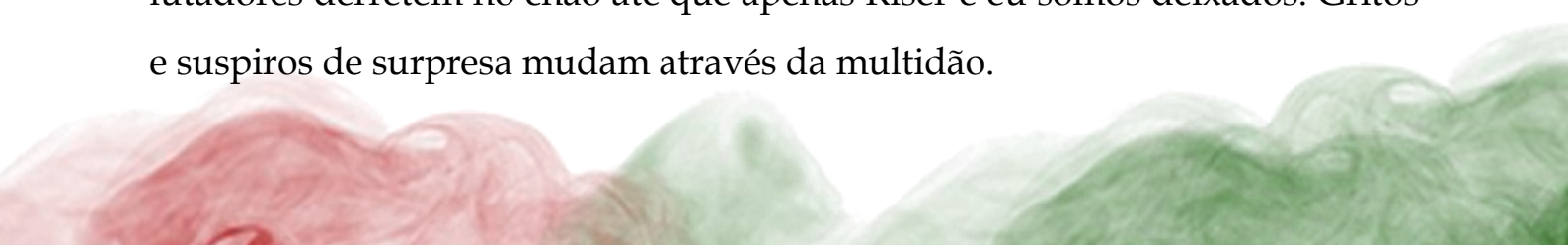
A realização faz meu coração acelerar. Uma faísca de eletricidade pulsa na base do meu cérebro. Eu me concentro na arma de Lucy, atraída pela forma como ela pisca. Quanto mais eu fico olhando, mais parece desaparecer.

Como se eu estivesse controlando.

Rosnando, Lucy ataca, espada apontada para meu peito...

— Não mais! — Minha voz ecoa pela arena, um raio de energia percorrendo minha espinha.

Um momento depois, a espada de Lucy desaparece, e ela e Hugo caem. Eles não simplesmente caem; eles se dobram como dominós, os outros lutadores derretem no chão até que apenas Riser e eu somos deixados. Gritos e suspiros de surpresa mudam através da multidão.



Meu queixo fica aberto. O que diabos eu acabei de fazer?

— Belo truque. — Riser grita, deslizando em minha direção. Ele é o único na arena que não parece afetado pelos corpos espalhados pela areia.

Por que não o incapacitei também? Talvez alguma parte de mim o tenha protegido, por todo o bem que isso vai me fazer.

Cerro meus dentes. — Não foi?

Minha voz confiante esconde o fato de que não tenho ideia do que fiz, ou, mais importante, como reproduzi-lo. Como agora, quando eu mais preciso.

Olho para os rebeldes caídos. Eu não apenas destruí suas armas Sim; eu os derrubei. Eles se levantam lentamente e tropeçam na areia, esfregando a cabeça. Hugo ajuda Lucy a se levantar, e ela lança um olhar selvagem para mim antes de subirem as escadas.

O alívio toma conta de mim. Pelo menos eu não os matei, embora esse sentimento não alcance os gêmeos Redgrave. E minha façanha certamente não melhorou nosso relacionamento. Tenho a mesma sensação que teria se irritasse uma cobra muito grande e muito venenosa e ela estivesse sob os pés em algum lugar, prestes a atacar.

Riser ergue os olhos para o estádio. — Espada, por favor!

Em segundos, Teagan jogou sua espada longa no chão da arena. Ela fica espetada na areia, balançando.

Por mais que eu olhe para ele, não consigo afastá-lo como os outros.

Riser reivindica a arma, jogando-a para frente e para trás enquanto testa o peso. A visão me enche de medo frio e irracional.

Ele inclina a cabeça para o lado, uma mecha de cabelo caindo sobre sua testa e um sorriso felino se contorcendo abaixo de olhos duros e determinados.

— Pronta para terminar a dança que começamos há muito tempo, Graystone?



Engolindo, eu me permito olhar para a multidão. Caspian se senta na beirada da cadeira, com as sobrancelhas abaixadas. Ele me dá um sorriso de boca fechada. Meu coração se enche quando reconheço Brogue inclinado sobre a grade.

Pela primeira vez desde que o conheço, ele parece realmente preocupado, com linhas profundas gravadas em sua testa.

Que faz de nós dois.

Os outros se juntam a ele. Max, Rhydian, Rivet e Teagan. Eles fazem o possível para acenar com a cabeça e parecer esperançosos, mas seus rostos pálidos e tensos dizem o contrário.

Esta é uma luta até a morte. Aquela que decidirá o destino de todas as pessoas de quem gosto. Se eu falhar agora, falharei com eles.

Mas quando olho para trás, para Riser e os tendões em seu pescoço, anunciando seu ataque, sei que uma coisa é certa: treinei para este momento de uma forma ou de outra em toda a minha vida. Fui moldada por meu pai, cinzelada por minha mãe, endurecida pelo Fosso e polida por minha Reconstrução, tudo para me tornar uma arma imparável.

Mesmo assim, apesar de tudo, sei que há uma chance muito boa de que o único menino que eu quase amei me matar.



CAPITULO 54



Riser avança um passo pela areia, sorrindo. — Damas primeiro.

Meu coração bate forte dentro dos meus ouvidos. É uma armadilha? Devo atacar primeiro ou fazê-lo me perseguir? Mas então Lash geme.

Ele não tem muito tempo. Vou ter que atacar primeiro...

Riser se lança. Grunhindo e chateado, eu consigo derrubar sua lâmina com minha espada. Ele ataca novamente e novamente. Me cortando com uma ferocidade calma e graciosa. Minha respiração ofegante enche o ar, e mal consigo desviar seus golpes, o poder de nossas espadas se encontrando reverberando por meu braço e em meu ombro.

Defendo e contra-ataco, mas ele é como as sombras ao nosso redor, piscando e mudando, um espectro escuro e mortal que desafia as regras de espaço e tempo.

Ele se move muito rápido, muito imprevisivelmente.

Do nada, ele desce sua espada e acerta meu ombro.

Grito.

— Você sabe, enquanto eu aproveito esta pequena dança... — Ele diz, quase sem fôlego. — Eu teria preferido o seu apoio.

Aproveito sua conversa para controlar uma saraivada de estocadas e investidas nele.

Rindo, ele defende meu ataque, movendo-se facilmente para o lado.

Me endireito para encará-lo, sem fôlego e furiosa. — Você já pensou em me apoiar?

— Talvez se você me pedisse com educação.

Atiro, apenas errando sua barriga. — Isso é pedir com educação!

Ele balança sua lâmina em direção à minha cabeça, mas eu me abaixo e contra-ataco com uma batida em seu coração.

Desviando, ele finge para a esquerda e me acerta com outro bom golpe no ombro. Qualquer dor que eu normalmente sentiria é atenuada pela adrenalina.

A frustração contorce seu rosto. — Eu não quero machucar você.

— Engraçado. — Contraponho, prendendo a respiração e cortando suas costelas com golpes desajeitados e raivosos. — Porque eu certamente quero machucar você.

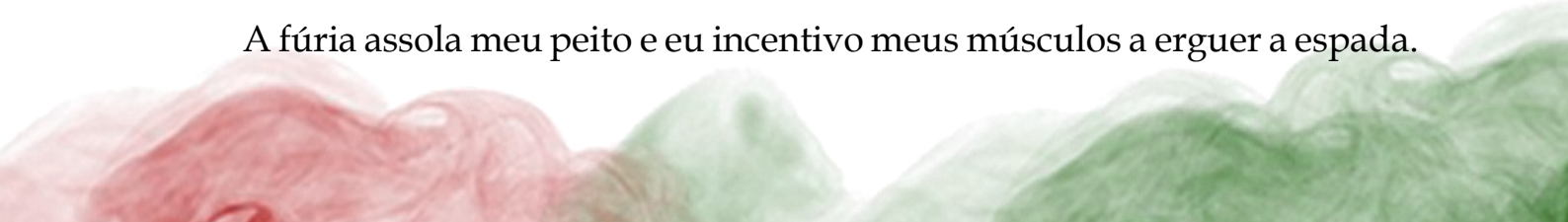
Essa farsa continua por horas. Os gritos e gritos dos espectadores logo dão lugar ao silêncio. Posso sentir Lash sumindo atrás de mim. Seu sangue encharcando a areia.

Ainda assim, Riser brinca comigo.

Tropeço e sua lâmina atinge meu ombro esquerdo novamente. Rujo enquanto o fogo desce pelo meu braço. Minha espada está pendurada na minha mão direita, mas ela cai na areia, meus músculos gritam contra o peso.

Eles não são golpes mortais. Ele está me cansando. Tirando meus braços. Ele quer que eu desista. Mas prefiro morrer por sua espada do que por qualquer arma monstruosa que Nicolai tenha em mente para mim.

A fúria assola meu peito e eu incentivo meus músculos a erguer a espada.



Balanço.

Erro.

Balanço novamente.

E erro de novo.

Rosno de frustração, mesmo quando uma verdade simples fica clara: eu não posso vencer assim. Não posso vencer Riser com minha força. Não posso vencer ele com minhas habilidades e velocidade. Mesmo minha Reconstrução não é suficiente para vencê-lo.

Os mesmos sentimentos que eu costumava ter quando era forçada a lutar contra minha mãe vêm à tona. Não rápida o suficiente. Não violenta o suficiente. Não boa o suficiente.

A menos que eu mude o jogo.

Há um brilho de prata quando Riser balança sua espada na minha cabeça. Ajoelho, lembrando das palavras de Brogue.

Sou a fraqueza de Riser. Agora eu só preciso de uma parte dele para lembrar quem eu sou para que eu possa quebrar suas defesas e vencer.

Seu aço ricocheteia em minha lâmina quando fico de pé, minha espada baixa para conter mais golpes. Espero para atacar, conservando minha energia para o momento perfeito.

— Você não pode me derrotar. — Digo, circulando. — Eu sobrevivi ao Fosso. Você não se lembra?

Seus lábios se torcem em uma carranca e ele ataca novamente.

— Depois, olhamos para as estrelas e você me cobriu com um cobertor. Achei que você fosse me comer por ser tão selvagem.

Riser estala o pescoço. — O que quer que você esteja tentando fazer, você está perdendo seu fôlego.



Me esquivo de outro golpe, por pouco, e continuo. — Eu não sabia então que foi você quem me salvou. — Minhas palavras saem agitadas entre respirações difíceis. — Que fui eu a razão pela qual você perdeu o olho.

Grunhindo, ele ataca duas vezes mais forte, sua espada caindo em uma barragem implacável de golpes, como se seu corpo estivesse atacando as memórias dolorosas.

Caio para trás, deixando-o me perseguir. Tentando ganhar tempo. — Você me implorou para confiar em você, mas eu não pude, lembra? Eu não fui corajosa o suficiente.

Ele está atacando repetidamente agora com ferocidade mortal, seu rosto uma máscara ilegível enquanto ele grunhe e gira em torno da areia. Preciso de tudo que tenho para afastar sua fúria... mas não durarei muito mais.

— Você me disse para lutar, lembra? Lutar até meu último suspiro. É isso que estou fazendo. — Grito quando sua espada atinge meu ombro novamente. — Eu estou lutando com você porque eu preciso. Eu preciso, Garoto do Fosso.

O ataque de metal morre. Riser está congelado no lugar, seus olhos arregalados e procurando.

Por mais que me machuque, eu uso este momento para enfiar minha espada em seu ombro. Sua boca se abre em um suspiro silencioso. Ouve-se o som da lâmina rasgando os tendões e músculos. Mesmo enquanto eu empurro para frente, meu estômago aperta, minha mente repassando imagens dele caindo depois que Caspian quase o matou.

Luto contra minhas emoções, empurrando-as profundamente no buraco que esculpi ao longo dos anos.



Como se estivesse saindo de um transe, ele se solta da minha lâmina e cambaleia para trás, mas eu o sigo. Minha espada se conecta com a dele, há um clangor enorme e ensurdecedor...

Sua lâmina salta de seus dedos e cai na areia.

Por um momento, vejo Riser, meu Riser, e meu coração grita para eu parar.

Mas meu coração parou de importar no dia em que meu pai me tornou responsável por salvar o mundo, então pressiono o gume da minha lâmina em seu peito e digo as palavras que nunca pensei que diria a ele.

— Você cede?

O peito de Riser se agita enquanto ele me estuda, a confusão gravada em seu rosto. O sangue jorra de seu ombro para a areia. O silêncio da arena amplia meu batimento cardíaco em uma sinfonia estrondosa.

Lentamente, sua confusão dá lugar à traição, sua mandíbula tensa.

O olhar de Riser cai na areia. — É seu.

Os músculos dos meus ombros estremecem quando eu ergo minha espada bem alto no ar e me preparo para enfrentar a multidão.

A capa esvoaçante de Nicolai é o único som enquanto ele caminha para o lado da arena, franzindo a testa para nós. Endireitando-me, eu olho para ele, desafiando-o a me desafiar.

Pelo que parece uma eternidade, olhamos um para o outro.

Então ele suspira e grita: — Eis a Rainha Escorpião. — E aplausos afogam o ar enquanto centenas de rebeldes se levantam e aplaudem.



CAPITULO 55



O estádio ainda vibra com aplausos. Teagan corre para cuidar de Lash. Eu quero ir com ela, mas primeiro devo enfrentar Nicolai. Eu preciso ver em seus olhos. Isso ele realmente admite, e eu tenho o Trono do Escorpião.

Eu encontro seu olhar.

— Solte o Príncipe Herdeiro. — Ordeno em uma voz clara e forte, mesmo que meu corpo pareça estar a segundos de desmoronar.

Seu olhar vai para Caspian e depois volta para mim. Mesmo com o rosto arruinado e a expressão mascarada de Nicolai, posso ver o ódio em seus olhos. Acho que por um momento ele vai recusar, mas então ele acena com a cabeça para os dois rebeldes que guardam Caspian, e eles cortam suas amarras.

Satisfeita, cambaleio até Lash, rezando para os deuses que estão ouvindo. *Não o deixe morrer. Não o deixe morrer.*

Teagan tem a cabeça de Lash aninhada em seu colo. Seus olhos estão brancos e vidrados quando me encontram. Sua boca se abre em um sorriso tenso.

— Eu sei o que quero que seja o meu último desejo.

Caio de joelhos ao lado dele. — Qualquer coisa.

Lash franze os lábios. — Talvez um... um beijo?

Luto contra o desejo de bater nele enquanto o alívio treme por mim. Se ele está brincando, isso significa que não está à beira da morte. Teagan levanta a camisa ensanguentada, inspecionando o buraco borbulhante em seu abdômen. Tirando o casaco, ela o pressiona sobre o ferimento, virando-o de costas.

— Cuidado, amor. — Lash geme.

— Precisamos levá-lo a um curandeiro. — Diz Teagan.

— Eu sou um curandeiro.

— Não, agora, você é um paciente. Um chato.

Minha respiração sibila entre meus dentes. Tento me concentrar em ajudar, mas não consigo desviar o olhar de suas costas, entrecruzadas por uma confusão de cicatrizes vermelhas e grossas. Fica pior quanto mais baixo eu olho.

Lágrimas de raiva inundam meus olhos. — Oh, Lash.

— Não é um pouco cedo para gritar meu nome? — Lash murmura, sua voz cheia de dor. — Acho que isso vem depois do beijo.

Reviro meus olhos. — Bem, ser apunhalado por uma espada não fez nada para o seu ego.

Nós o ajudamos a se levantar. Ele está pálido, mas sorrindo, e o sangue parou de correr. Não posso deixar de abraçá-lo, com cuidado para evitar seu lado machucado. Ele afunda em mim. Mesmo que ele esteja brincando e se movendo, ele ainda está em má forma e provavelmente com mais dor do que ele admite.

— Então... — Lash grunhe, pressionando a mão ao seu lado. — O que está na agenda agora que você está no comando, Graystone?

— Não se preocupe com isso.



Nós o levamos até a escada e, sem dizer uma palavra, Riser toma meu lugar ao lado de Lash e o apoia em seu ombro. Um arrepio percorre meu corpo quando faço contato visual com Riser.

É só por um segundo. Um segundo tonto, apavorante e vulnerável.

Ele se lembra agora? Ele me odeia?

Mas não consigo extrair nada de sua máscara dura e inexpressiva; nada, exceto o fato de que, quando nossos ombros se tocam, ele se afasta. Pode ser porque ele está ferido, porque eu o cortei com uma espada.

Ou pode ser porque ele sabe de alguma forma que eu o enganei.

Mordendo meu lábio, eu me afasto, praticamente correndo por entre a massa de rebeldes boquiabertos para mim.

Mesmo que ele esteja livre, Caspian está afundado no trono à esquerda, seu rosto ceroso e pálido, olhos febris. Carne manchada aparece do topo de sua túnica rasgada. Agarrando os braços grossos da cadeira, ele tenta se levantar, mas o esforço é demais e ele cai para trás.

— Par... parabéns. — Ele grasna.

— O príncipe precisa de um Recontrutor. — Ordeno.

Por um momento, meu comando paira no ar enquanto todos observam para ver se eu realmente tenho o Trono do Escorpião. Franzindo a testa, Flame olha para Nicolai, batendo impacientemente com a bota na base de seu trono.

Nicolai dá uma olhada entediada para Caspian e depois acena levianamente.

— Bem. Atendam às necessidades dele.

Enquanto Rivet e Max ajudam Caspian a se levantar, Caspian acena para mim.

— Obrigado.



Mas, enquanto vejo meus amigos ajudando Lash e Caspian dentro do Castelo Bloodwyn, não posso deixar de sentir que é um pouco prematuro estar me agradecendo ainda. Não até que eu tenha reunido alguém que deseja ir comigo e nós sairmos deste lugar abandonado pelos deuses, vivos.

Brogue me encontra na escada e me envolve em um abraço de urso.

— Não poderia estar mais orgulhoso de você, Maia.

Meus músculos machucados gritam sob sua força, e eu me contorço de seu aperto. — Eu pensei que você não viria.

— Quase não, você sabe. — Seus lábios se torceram para o lado enquanto ele passa a mão pela bochecha barbuda. — Não suportava a ideia de você se machucar e eu não ser capaz de protegê-la. Agora vejo que você não precisa da minha proteção. Não mais. Se ao menos seus pais pudessem te ver... eles ficariam tão orgulhosos.

Ele nunca mencionou meus pais antes, mas eu sei que ele me ouviu falar sobre eles, então eu ignoro. — Se você conhecesse minha mãe, não diria isso.

Com um beijo final em sua bochecha barbuda, corro para reivindicar meu trono. Os rebeldes já estão entrando no castelo em preparação para minha coroação. Eu perdi as duas vezes que Riser foi coroado após a Corte de Sangue, então não tenho certeza do que esperar.

Tudo que sei é que tenho que fazer um discurso fascinante o suficiente para atrair os rebeldes a deixar a segurança de Bloodwyn e me seguir, uma tarefa que parece mais impossível a cada segundo.

Derrotei o Príncipe Riser e ganhei o Trono do Escorpião, mas será o suficiente para fazê-los esquecer que sou uma suspeita traidora?

Minha boca está seca como algodão enquanto deslizo por entre a multidão subjugada a caminho da arena interna. A Queda da Sombra se



derrama das janelas gradeadas, escurecendo os corredores. Algumas tochas tremeluzem no ar bolorento.

A arena está quase cheia quando eu entro, meus passos ecoando no silêncio. Por um segundo nervoso, faço uma pausa, torcendo minhas mãos escorregadias de suor enquanto examino os rebeldes.

É normal que os rebeldes fiquem assim depois da Corte de Sangue?

Pouco antes de subir os degraus, olho para a multidão, procurando um rosto familiar. Meu olhar se concentra no trono vazio no meio. Nicolai e Flame me observam enquanto eu hesito, o desdém emanando deles.

Reunindo coragem, subo ao pódio, a base das velas altas com pilares ao longo dos três tronos coberta de cera. O Trono do Escorpião me inundou, o assento duro e desconfortável contra meu corpo dolorido. Afundo para trás, descansando meus braços nos enormes apoios de braços, mantendo minhas mãos longe dos escorpiões esculpidos sob minhas palmas, seus ferrões de cauda prontos para a agressão.

Eu sei que eles não são reais, mas ainda não consigo tocá-los.

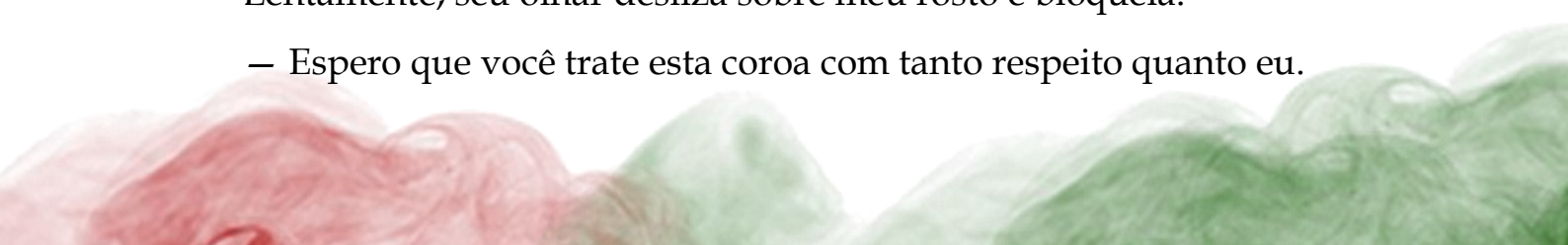
O silêncio invade o salão, as chamas das velas dos pilares aos meus pés crepitando suavemente. Agarrando as laterais da cadeira, lembro-me de respirar.

Passos vazios soam sobre o estrado e quebram o silêncio. Riser desliza em minha direção, seus olhos olhando para além de mim, a coroa de prata denteada em suas mãos brilhando à luz das velas. Ele usa uma máscara indiferente, mas o tendão que cobre sua mandíbula diz o contrário.

Quando ele chega ao trono, ele solta uma respiração irregular e se ajoelha. Seus olhos estão tensos quando ele abre mão da coroa.

Lentamente, seu olhar desliza sobre meu rosto e bloqueia.

— Espero que você trate esta coroa com tanto respeito quanto eu.



Me arrepio com sua voz dura, mas consigo engolir minha dor com um aceno de cabeça. A coroa é mais pesada do que eu imaginava e fica um pouco longe demais na minha cabeça, pressionando atrás das minhas orelhas e instantaneamente causando uma dor de cabeça.

Com um sorriso forçado, eu tiro meu olhar de Riser e fico de pé, ignorando a maneira como meus músculos tremem de dor. A maneira como meu coração dói quando Riser me deixa e fica ao lado de Nicolai.

A multidão me observa com expectativa. Toda a umidade da minha boca parece se transferir para as palmas das mãos, e cerro os punhos para não limpar as mãos na túnica. Meu coração bate com força contra meu esterno.

— Eu... — Faço uma pausa, assustada com o quão alto minha voz soa.

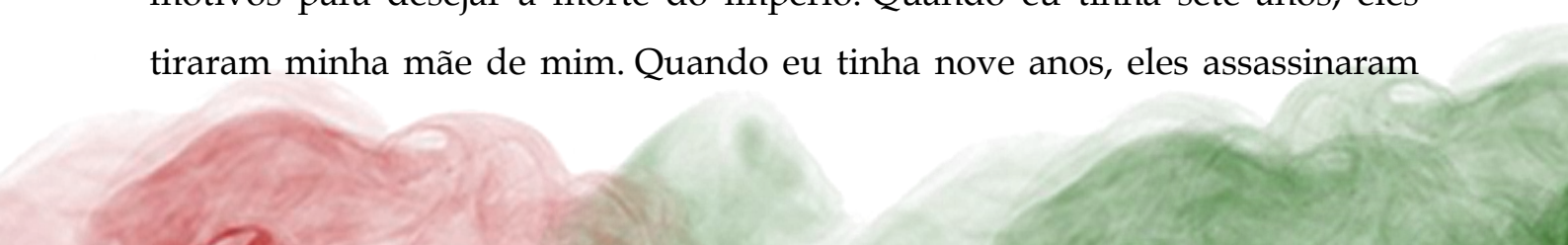
Alguém pigarreja. Pisco, olhando novamente para os rostos, procurando por alguém que eu conheça. Alguém que vai acreditar em mim.

E então eu vejo uma figura familiar sozinha no canto, e minha respiração fica presa no meu peito. Meu pai acena para mim, uma expressão de orgulho em seu rosto enquanto ele sorri e desaparece.

Foi uma alucinação? Um resquício do Sim ou talvez uma falha na minha microplanta?

Não importa. Abrindo meus punhos, eu mais uma vez olho para a multidão. Só que, desta vez, estou falando por meu pai, dizendo as palavras que ele teria falado se não tivesse sido assassinado pelo império.

— Eu sei que a maioria de vocês está se perguntando por que eu queria o Trono do Escorpião. Eu sou uma traidora, certo? — Algumas pessoas riem baixinho, mas a maioria fica sentada, absorta, ouvindo. — Eu entendo porque vocês podem pensar isso. Mas preciso que vocês saibam, tenho todos os motivos para desejar a morte do império. Quando eu tinha sete anos, eles tiraram minha mãe de mim. Quando eu tinha nove anos, eles assassinaram



meu pai e me mandaram para uma prisão que eu não desejaria ao meu pior inimigo. E então, por algum milagre, Nicolai me resgatou e eu entrei nos Julgamentos das Sombras, testemunhando mais horrores infligidos pelo imperador. Fui torturada, espancada, abusada e quase quebrada.

— Então, vocês veem, eu tenho todo o direito de odiar o império. Para querer vê-lo queimar até o chão, assim como vocês. Mas não posso fazer isso ainda quando sei que a única coisa que pode salvar nosso mundo de Pandora está dentro do castelo.

Murmúrios se espalham pela multidão.

— Meu pai criou algo que pode impedir o asteroide de nos atingir, e eu fiz a ele uma promessa... — Continuo levantando minha voz. — Uma promessa de fazer o que for necessário para obter o controle deste dispositivo. Eu até sei onde está. Mas descobri algo nos últimos dias: não consigo fazer isso sozinha. Preciso da sua ajuda. — Estendo minha mão. — Vocês podem ficar aqui se quiserem e lutar uma batalha que não podem vencer. Quem sabe? Talvez vocês matem alguns realistas, mas certamente morrerão. Ou vocês podem se juntar a mim por uma causa maior do que a vingança... e talvez, apenas talvez, salvar nosso mundo agonizante.

Silêncio. A respiração áspera de Nicolai atrás de mim sacode meus ossos, e posso sentir seu olhar queimando em minhas costas. Ninguém se move. Engulo minha decepção, movendo meus calcanhares enquanto vasculho a multidão por um voluntário. Uma pessoa que acredita na minha causa, acredita em mim.

Alguém.

Mas nem uma única pessoa se apresenta.



CAPITULO 56



Aliviando minha garganta, eu amasso minhas coxas e tento não mostrar minha frustração. — Bem, se...

— Eu posso matar realistas em seu plano também, princesa? — Uma voz feminina interrompe por trás.

Não querendo parecer desesperada, me forço a me virar lentamente. Flame se apoia em seu trono, uma mão acariciando sua besta.

— Quantos você quiser... — Respondo. — Exceto o príncipe, é claro.

— Pena. — Ela levanta as sobrancelhas com piercing e caminha para ficar ao meu lado. — Ainda assim, conte comigo. — Ela se inclina para perto. — Por Cage.

Meu queixo cai. Então eu me viro para a multidão, escondendo minha surpresa atrás de uma máscara indiferente. Um momento depois, as portas se abrem e o alívio ronca através de mim enquanto meus amigos caminham em direção ao palco. Teagan ajuda Lash mancando e enfaixado a subir as escadas, seguido por Max, Rivet e Caspian.

O Recontrutor deve ter funcionado porque o rosto de Caspian recuperou um pouco de sua cor e seus olhos estão mais claros, os cantos dos lábios não estão mais tensos de dor.

As cordas do pescoço de Caspian enquanto ele olha de mim para Riser. Por um segundo muito longo, Caspian encara Riser com um olhar que poderia derreter icebergs. Riser sorri para seu meio-irmão, um sorriso brutal que promete morte. A tensão estala no ar. Estou me preparando para intervir antes que os dois se matem quando Caspian se vira, tomando o lugar à minha direita.

— Como é que alguém tão selvagem como ele usa a coroa? — Caspian exige sob sua respiração.

Engulo uma risada. — É diferente aqui do que na corte realista.

— Oh, há selvagens no palácio também, eles apenas se escondem atrás de um véu de boas maneiras e civilidade. — Seu olhar voa sobre meu rosto. — Então, como é usar o... O que eles chamam? Coroa de escorpião?

— Desconfortável. — Coloco a coisa pesada de volta na minha testa, amaldiçoando enquanto ela se enreda no meu cabelo. — Aterrorizante.

— Fica bem em você, se isso serve de consolo.

— Obrigada. — Mordo meu lábio, ignorando a carranca que sinto de Riser atrás de mim. Seu ódio por seu meio-irmão é quase palpável. — Isso significa que você está comigo também? Você vai nos ajudar dentro do Castelo de Laevus?

Caspian coça a nuca. — É verdade?

— O que... sobre o dispositivo?

— Não. Sobre meu pai matando minha irmã.

Solto um longo suspiro. — Sim. Eu sinto muito.

Uma sombra passa sobre seu rosto e ele balança a cabeça, seu olhar em um ponto invisível atrás de mim.



— Eu vou te ajudar a tomar o castelo. — Seu tom distante não consegue mascarar sua dor, e quando ele finalmente se concentra em mim, quero desviar o olhar do tormento dentro de seus olhos. — Sobre o que aconteceu no Sim...

— Está bem. Você não tem que dizer isso.

— Não. Eu tenho. Principalmente agora que... olhe, não sou como meu pai. Eu não queria te machucar, e se eu soubesse que era você de verdade...

— Ele passa a mão pelo cabelo. — Eu pensei que se eu pudesse simplesmente esquecer você, de alguma forma a dor de perder O iria melhorar.

— E me jogar de uma montanha ajudou?

— Não. — Seus lábios se contraem em um meio sorriso triste. — Eu não acho que algo vai.

Passos altos de inicialização chamam minha atenção para a frente do salão. Brogue desfila pelo corredor como um maldito pavão. Enquanto ele sobe as escadas com os movimentos ágeis de alguém com metade de sua idade, fico maravilhada com o quão longe ele chegou desde alguns dias atrás.

É bom saber que o tenho do meu lado novamente. Mesmo que eu tenha que me preocupar com ele usando alcatrão a cada segundo de cada dia a partir de agora.

A multidão rebelde se separa enquanto Rhydian e um dos homens de antes seguem atrás de Brogue. A esta altura, a respiração de Nicolai se acelerou em baforadas raivosas e barulhentas, com as mãos enluvadas cerradas sobre os braços do trono.

Por baixo de sua máscara vermelha, seu olhar dispara sobre mim, suas narinas dilatadas e lábios torcidos para o lado.

De repente, gostaria de ter mantido a espada da arena perto. Deslizo minha mão suada sob a minha cintura, agarrando a adaga do escorpião.

Nicolai não ousaria me desafiar agora... ele iria?



Não, claro que não. No entanto, não consigo afastar a sensação de mal-estar que se apegou a mim. Eu sei que estou apenas cansada, o estresse dos últimos dias batendo de uma vez.

Assim que sairmos deste castelo abandonado pelos deuses, vou me sentir melhor.

Meu peito relaxa e eu respiro um pouco mais fácil conforme mais pessoas sobem as escadas. Rebeldes que nunca conheci. Excitação e adrenalina queimam minhas veias.

Em breve teremos gente suficiente para se infiltrar no castelo.

Olho para Riser parado à esquerda do trono de Nicolai. Embora o Garoto do Fosso não me reconheça, sei que ele sente meu olhar questionador e se recusa a me reconhecer. Chupo meu lábio inferior e lanço meu olhar de volta para o palco, agora meio cheio de rebeldes.

Meus rebeldes.

As palavras me deixam tonta.

Lash se inclina e sussurra em meu ouvido: — Feliz agora, amor?

Um sorriso selvagem encontra meu rosto. — Um passo mais perto.

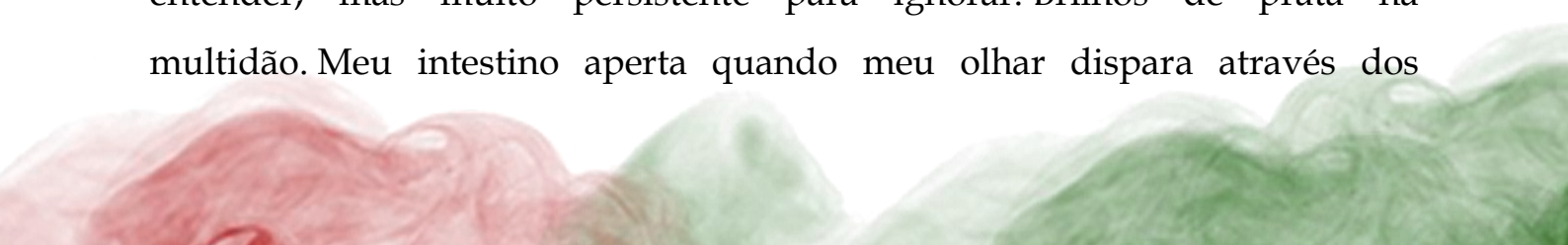
Algo na minha periferia chama minha atenção. Uma mancha de cabelo escuro com mechas vermelhas. Mas meu cérebro está zumbindo com um milhão de emoções e pensamentos, e a imagem se perde na confusão.

Max agarra meu cotovelo, seus lábios se curvando em um sorriso. — Você fez isso.

— Não, nós conseguimos. — Mas minha voz parece trêmula, insegura.

Algo está errado.

Um sussurro de alerta percorre minha espinha, muito baixo para entender, mas muito persistente para ignorar. Brilhos de prata na multidão. Meu intestino aperta quando meu olhar dispara através dos



rebeldes, procurando o que meu corpo já sabe, a razão de todos os cabelos do meu pescoço terem arrepiado.

Errado. Errado. Errado.

Teagan se aproxima, uma linha vincando sua testa. — Querida...

Mas eu estou girando, o pânico agarrando meu peito. Minha mente finalmente reuniu o que vi.

Lucy.

Espada.

Lucy tem uma espada...

Giro bem a tempo de ver Lucy correndo em minha direção, lábios torcidos em um sorriso de escárnio e lâmina posicionada sobre meu coração.

— A arquiduquesa manda lembranças!



CAPITULO 57



O mundo fica mais lento. Minha mão vai para minha adaga. Mas é muito tarde. Recuo, preparada para a dor de sua espada...

Do canto do meu olho vem o movimento. Então estou cambaleando para a esquerda quando alguém me empurra. Eu mal cai sobre um joelho antes de ficar de pé, adaga na mão...

Mas é muito tarde.

Lucy se esparrama no palco, os olhos arregalados e vidrados. Uma adaga com cabo de madeira se cravou em seu peito, sangue escorrendo do ferimento. Brogue está de joelhos, inclinado sobre ela.

Antes que eu possa dizer uma palavra, algo chama minha atenção para o trono de Riser. Hugo está atrás de Riser.

Uma besta está na mão de Hugo, uma flecha brilhante apontada para as costas de Riser.

Não há tempo para avisá-lo. Pegando a lâmina da minha adaga entre dois dedos, eu solto um suspiro e acerto a lâmina do escorpião no peito de Hugo. A adaga atinge seu alvo com um baque surdo, afundando até o cabo. Riser se vira enquanto Hugo cai, segurando a adaga, os lábios abrindo e fechando como um peixe fora d'água.

Corro para Brogue. Ele está de joelhos agora.

— Você está machucado? — Exijo, afundando ao lado dele.

Uma risada explode de sua garganta e se torna uma tosse seca. — Não, Maia. Não machucou. Somente... só cansado.

Meu olhar voa para a mancha de sangue vermelho florescendo sobre a barriga de sua túnica branca e a poça gigante de sangue já agrupada em torno de seus joelhos, e meu coração murcha sozinho.

— Oh, deuses. Você está ferido.

— Acho que sim... vou deitar um pouco.

Brogue rola para o lado e depois cai de costas, uma mão pressionada em seu estômago.

— Tenho que estar pronto para... tudo. Meu lema.

Caio sobre seu torso. A espada que ele pegou para mim deve ter lacerado uma artéria porque o sangue jorra de seu ferimento no mesmo ritmo de seus batimentos cardíacos.

— Alguém me ajude a levá-lo a um Recontrutor! — Grito por ajuda.

— Muito tarde... — A tosse sacode seu peito. — Mas eu protegi você, Maia. Eu mantive minha... promessa. Não foi o suficiente. Não deveríamos ter... não deveria tê-lo matado.

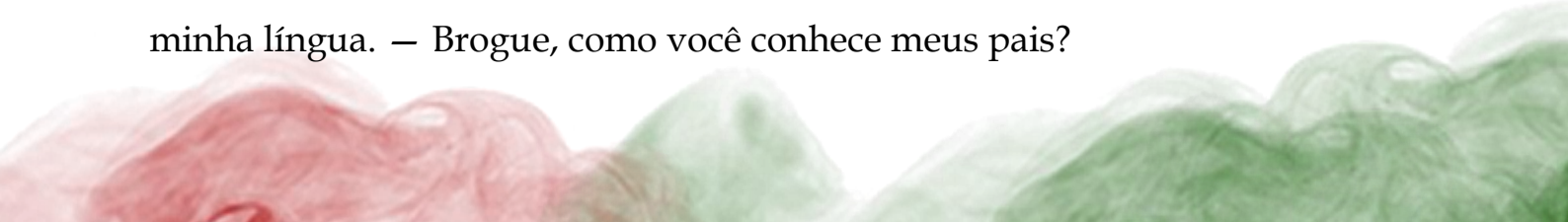
Congelo. O mundo ao nosso redor se reduz a Brogue e eu.

— Matado quem?

Seus olhos vidrados rolam vagamente até que se focam na minha direção. Ele lambe os lábios secos.

— Não me faça dizer o nome do seu pai. Eu quero morrer orgulhoso. Seu pai e Lillian disseram que era a única... única maneira de impedir que os realistas obtivessem o dispositivo. Ele sabia muito. Demais.

— Meu pai? — Minha boca se abre, às palavras pesadas e irregulares na minha língua. — Brogue, como você conhece meus pais?



Suas palavras de antes, de que eles ficariam orgulhosos, voltam para mim com um novo significado.

Seu afiado pomo de Adão balança enquanto ele se esforça para engolir.

— Eu era... supostamente para proteger todos vocês, especialmente você. Mas falhei nesse dever.

— Você... — Um gemido vazio sobe em meu peito. — Gabriel?

— Sim. — Uma centelha de reconhecimento acende dentro de seus olhos moribundos com o nome do meu antigo guarda-costas. O homem que assassinou meu pai e traiu minha família. — E agora você sabe a razão pela qual tive que protegê-la de Nicolai. Eu precisei... para acertar tudo o que aconteceu com você naquela terrível decisão.

Estou chocada demais para fazer qualquer coisa além de olhar para o rosto dele, tentando e não conseguindo conciliar meu guarda-costas com meu amigo.

— Sou eu, Maia. Você não é a única que... eles fizeram para parecer diferente.

Ele foi reconstruído. — Mas por que? — Agarro a lapela de sua camisa, dividida entre a dor e a fúria. — Por que você teve que matá-lo?

— Era o... seu sacrifício final. — Seus ombros tremem com a tosse, sua respiração sai em jorros rasos e ofegantes. — Nós... Nós... Eu sinto muito. — O punho em seu estômago relaxa, seu olhar lentamente se fixa no teto. — Consegui... parar tudo... Dela.

De repente, a ascensão e queda irregular de seu peito termina. Seu nome morre na minha garganta. Brogue. Não, Gabriel. O nome é sinônimo de traição e morte e choro até dormir.



Mesmo assim, eu o amava, esse homem que me treinou, que se importava comigo quando tão poucos se importavam, e quem quer que ele tenha sido no passado morrerá com ele.

Garganta doendo e olhos ardendo com lágrimas que não ousei derramar, corro meus dedos por seu rosto barbudo, fechando seus olhos pela última vez.

— Adeus, amigo. — Sussurro, e leva tudo o que tenho para não desmoronar aqui na frente de todos.

Como se eu tivesse existido no vácuo até agora, o resto do meu mundo grita de volta à vida. Os rebeldes estão em alvoroço. As pessoas estão discutindo, gritando. As armas estão fora. Os rebeldes que se comprometeram comigo estão acusando Nicolai de tentar me assassinar.

O salão está a segundos de distância do caos.

Corro as costas da mão pelo rosto, mesmo que estejam secas, tiro a pistola de Brogue do coldre de couro em sua cintura e fico de pé, abrindo caminho pela multidão. Um salto e estou de pé no trono do meio.

Levanto a pistola até o teto e atiro. O som divide o ar e sacode meus tímpanos. A fumaça sai do cano.

Silêncio.

— Agora que tenho sua atenção, gostaria de falar. — Abaixo minha pistola e examino os rebeldes. — Nicolai não tentou me matar. O imperador fez. E ele vai continuar tentando até que tenha sucesso ou eu consiga.

Murmúrios agitam o palco.

— Agora, se vocês não se importam, eu tenho um amigo que precisa ser devidamente enviado aos deuses, e então planejo fazer uma visita ao imperador. Sintam-se à vontade para se juntar a mim, ou fiquem e morram.

Como se acabasse de perceber que um rebelde morreu, a multidão se separa em torno de Brogue. Flame é a primeira a alcançá-lo, seguida por

Teagan e Max. Outros se juntam a eles, e eles o levantam, carregando-o pelo salão.

Cruzo a plataforma até o corpo de Hugo, empurrando-o de costas com a ponta da minha bota. A adaga do escorpião fica perfeitamente entre o quinto e o sexto ossos intercostais.

— Você me ensinou bem, Brogue. — Digo enquanto a recupero.

Percebo Riser me observando em silêncio e lhe ofereço a adaga. — Isso era da sua mãe, eu acho. Você deveria ter.

Seus lábios se torcem para o lado enquanto ele pega a arma, limpando a lâmina na camisa de Hugo. — Obrigado... por salvar minha vida.

— Certo. — Levanto a pesada coroa da minha cabeça, estremecendo quando ela roça no meu crânio machucado. — Isso é seu também.

A coroa se encaixa perfeitamente nele, do jeito que deveria se encaixar em mim. O verdadeiro Rei de Sangue. Por um momento agonizante, eu o bebo, não me importando se ele se pergunta por que estou olhando, todas as palavras que deveria estar dizendo alojadas na minha garganta.

Volte para mim, Garoto do Fosso. Lembre-se de mim. Eu não quero te deixar.

Seu pomo de Adão balança. — O que aconteceu entre você e eu?

Quero finalmente contar tudo a ele. Nosso passado compartilhado... suas promessas quebradas. Mas como posso, quando é óbvio que ser Rei dos Rebeldes e vingar sua mãe significa tudo para ele?

O que quer que eu tenha sido para ele, tudo o que ele sentiu por mim, é assim que ele é agora.

— Um truque. — Mastigo minha bochecha para manter a dor na minha voz.



Conto dez batidas do meu coração antes que ele finalmente fale. — Sabe, depois de sair por aquela porta, você não será mais considerada Fieniana, o que significa que não somos mais aliados.

— Estou ciente. — Libero uma respiração irregular, ainda lutando contra a vontade de cair de joelhos e implorar a ele para vir comigo. — Você será um bom Rei de Sangue.

— E não tenho dúvidas de que você dará aos monarquistas as boas-vindas de um rebelde quando entrar no castelo.

— Não estou mais me escondendo, estou? — Comento, fazendo referência a palavras que disse a Riser o que parece anos atrás, em uma banheira minúscula e suja enquanto ele lavava meu cabelo. — Eu nunca vou me esconder de novo.

Algo pisca em seu rosto, uma emoção, uma memória, mas eu fujo antes que ele possa ver o quanto deixá-lo me machuca.

Houve um tempo em nossas vidas em que eu poderia ter me perdido em Riser e me esquecido de nosso mundo agonizante e de minha promessa a meu pai. Mas aquele momento passou e não tenho ideia de como recuperá-lo.

Deixar Riser é um sacrifício digno se isso significa poupar inúmeras vidas, digo a mim mesma. Mas essas palavras não fazem nada para entorpecer minha dor enquanto eu atravesso o salão e saio pela porta, a sensação de seu olhar pesado nas minhas costas.

Achei que não importava o que acontecesse, o Garoto do Fosso voltaria para mim. Mas eu estava errada. Ele não vai parar até que ele queime o mundo até o chão.

E não vou parar até salvá-lo.



CAPITULO 58



A promessa distante de uma tempestade treme ao longo do horizonte escuro do oceano, a chuva caindo em gotas grossas sobre minhas bochechas. Eu seguro Max com força em meus braços. Mesmo que eu não possa ver seu rosto, eu sei que ele está chorando pela forma como seu corpo treme.

Eu deveria estar pensando em como encontrar abrigo para meus rebeldes, mas tudo em que posso me concentrar é no minúsculo barco que segura o corpo de Brogue, agora uma estrela vermelho-fogo nas ondas escuras do oceano.

— Não acredito que ele se foi. — Sussurra Max.

Aperto os olhos contra a chuva torrencial. — Demos a ele uma boa despedida, do jeito que ele gostaria.

É verdade. Brogue teria imaginado ver seu corpo queimar até as cinzas no mar, nem que fosse para fazer um discurso profundo e sensível sobre isso e me ver revirar os olhos.

Você foi bem, garota, ouço sua voz dizer. Agora me esqueça e siga em frente.

Deuses, eu quero. Dos penhascos, mal consigo distinguir seu pequeno barco de madeira. Eu prometi a mim mesma, assim que sumisse de vista, que pararia de doer. Meus olhos doem para chorar, para lavar sua memória, mas

empurro minhas emoções para o buraco em que enterrei todas as outras tragédias.

Vou chorar mais tarde, quando for seguro sentir novamente. Quando eu puder quebrar em mil pedaços e não me preocupar em ser vista como fraca. Quando puder ser adolescente.

Sei que há uma grande chance de isso nunca acontecer e também estou preparada para isso.

O estrondo distante do trovão balança o ar, e mando Max para fazer as malas. Em menos de uma hora, liderarei meu grupo de rebeldes para longe da segurança dessas paredes.

Onde, eu não tenho ideia. Também estou lutando para saber como alimentar e proteger quase trinta pessoas.

O vento açoita meu cabelo molhado enquanto olho por cima do ombro para os outros enlutados. A maioria são aqueles que optaram por deixar a segurança da fortaleza rebelde e me seguir.

Só falta uma pessoa: Riser. Um punho frio envolve meu coração. Ele pode não se lembrar de mim, mas certamente se lembrava de Brogue, então por que Riser não está aqui?

Forçando o Garoto do Fosso a se juntar à memória de Brogue, sussurro um último adeus para meu amigo.

— Vou sentir sua falta, Merc. Eu realmente irei.

Rhydian me encontra enquanto passo pelos outros enlutados. A chuva alisou seu cabelo e, por um momento, vejo o rosto de Merida em vez de Rhydian. Então ele enfia algo frio em minhas mãos.

Bramble. Apesar da minha dor de cabeça, estou cheia de alegria ao ver meu velho amigo.



— Sinto muito. — Diz Rhydian. — Eu tive que desligá-lo. Depois que o príncipe escapou e Meadow nocauteou você, ele não nos deixou chegar perto do seu corpo.

Um sorriso encontra meu rosto enquanto corro dois dedos sobre sua concha lisa, escorregadia de água.

— Obrigada.

Seus lábios se torcem para o lado e ele assente. — O mínimo que eu poderia fazer... depois de tudo. E você vai precisar de cada amigo que puder, agora.

Eu o vejo correr em direção ao castelo. Hora de partir. Estou reunindo os outros quando vejo Flame cortando a chuva, rajadas de vento soprando sua capa. Um aviso silencioso soa dentro da minha cabeça enquanto corro para encontrá-la.

Flame nunca funciona.

Ela me puxa para trás de um depósito abandonado, levantando sua capa sobre nós duas para bloquear a chuva. — Houve um desenvolvimento, princesa.

Minha boca fica seca. — Que tipo?

— Pegamos movimento na vigilância em torno dos portões da frente. No início, parecia apenas algumas pessoas, mas...

— Mas o que? — A tempestade chegou até nós e tenho que gritar por cima do vento uivante. — Flame! Apenas me diga. É um exército?

— Em certo sentido, sim. — Ela pisca, seus lábios se curvando nos cantos. — De alguma forma, os Adormecidos acordaram e agora estão perguntando por você.

Eu? Por um momento sem fôlego, estou atordoada. — Como... quantos?



— Milhares. Pratas das montanhas. Bronzes das cidades. Eles simplesmente continuam vindo.

Afundo contra a parede em ruínas, mal percebendo quando a capa desliza da minha cabeça e a chuva fria encharca meu rosto e cabelo.

— Eles querem falar comigo?

Flame acena com a cabeça, seu cabelo escuro colado sobre seu crânio. Suas sobrancelhas pontiagudas se unem.

— Tem mais.

Levanto minhas sobrancelhas. O que mais poderia ser?

— Uma mulher os conduz. Ela é...

Algo sobre sua hesitação, o olhar estranho em seus olhos, e eu sei quem é.

— É sua mãe.



CAPITULO 59



Mandei meu Swifter ultrapassar a linha de duzentos e trinta quilômetros por hora em seu painel elegante, percorrendo a estrada curva e cheia de grama até o portão. A chuva estremece nos dois longos raios brancos dos meus faróis, cedros subindo de cada lado.

Pensamentos sacodem meu cérebro enquanto faço a última curva e os altos portões de ferro surgem à frente. Minha mãe está aqui. A mãe que me traiu. A mãe que é uma monarquista.

Isso pode ser uma armadilha.

Lash, Teagan e Rhyddian lutam para me seguir. Apenas Caspian consegue acompanhar, mas por pouco. Minha pele está fria e úmida, mas um fogo assola dentro de mim, queimando o frio.

Eu vi minha mãe no dia em que ela me deixou. Eu a vi na Ilha durante o Julgamento, seu rosto frio e não afetado pelos horrores que suportamos.

Minhas emoções estão confusas e cruas, mas eu sei de uma coisa com certeza.

Se ela tentar qualquer coisa, qualquer coisa, eu mesma a matarei.

Os portões começam a se abrir com um estrondo enorme antes de pararmos. Conforme o espaço entre as portas range mais largo, meu coração dá um chute selvagem. Teagan puxa seu Swifter para perto do meu, o vapor

subindo da besta negra que ela monta. Ela me dá um aceno de cabeça firme no momento em que Lash e Rhydian deslizam à minha esquerda. Todos nós temos nossas mãos em nossas armas.

Minha mãe está montada em um cavalo branco como a neve, uma capa de ametista caindo sobre suas botas pretas até os joelhos. Atrás dela, as pastagens extensas agitam-se com as pessoas. Milhares e milhares circulam pela terra. Minha boca fica aberta.

— Inferno, querida. — Murmura Teagan.

Lash sorri e estala o pescoço. — Eles ouviram que eu estaria aqui.

De repente, uma menina com um vestido azul-celeste e tranças de seda de milho se separa da multidão e corre. Antes que eu possa reagir, ela está com os braços em volta da minha barriga, me abraçando.

— É realmente você. — Ela grita em meu estômago.

Estendo meus braços, endureço e olho para Teagan. Ela me lança um sorriso divertido.

Uma mulher magra como um caniço se lança para frente e arrasta a garota de cima de mim, se desculpando o tempo todo.

— Eu sinto muito, ela quer ser igual a você. Você... você dá esperança a ela.

Franzo a testa e me concentro em minha mãe enquanto elas se misturam à multidão. Balançando uma perna sobre a sela com uma graça que nunca conheci, ela cai na estrada e vem em minha direção.

Por um momento, estou congelada, meu corpo está tenso e tremendo. Até a chuva parece parar, como se estivesse pasma com sua presença.

— Pare aí mesmo! — Ordena Teagan.



Um ender brilha dentro de sua palma. Caspian e os outros os seguem rapidamente, seus enders iluminando a noite.

Minha mãe para, olhando para Teagan com uma expressão que costumava me assustar, e levanta uma sobrancelha afiada.

Eu espero um segundo a mais do que o necessário, gostando de vê-la se contorcer, provavelmente mais do que eu deveria. Então eu aceno com a cabeça, e ela continua.

Minhas botas afundam na lama enquanto eu respiro fundo e caminho para encontrar a mulher que odiei por metade da minha vida. O brilho suave da lanterna que ela segura pinta suas maçãs do rosto salientes de laranja, e mechas escorridas de cabelo castanho molhado caem sobre sua testa.

Olhos que costumavam me separar com um olhar focado em mim. Agora, porém, eles parecem simplesmente cansados, sobrecarregados com bolsas que a fazem parecer dez anos mais velha.

Sua boca se aperta e ela tira as luvas de couro de montaria.

— Maia? É... você?

Claro que ela não pode ter certeza. Ela se lembra da eu pré-reconstrução. A garota tímida que se encolhia em sua sombra.

Aceno, grata por minha garganta estar muito seca para funcionar corretamente. Receio que, se as palavras começarem a jorrar, direi coisas das quais posso me arrepender. Coisas que queria dizer há anos.

Coisas dolorosas, odiosas e imperdoáveis.

— Estes são os seus Adormecidos. — Ela gesticula para trás com um aceno. — Depois de estarem dentro da sua cabeça por tanto tempo, eles sentem uma certa lealdade por você. Todos eles lutarão para ajudá-la a recuperar o Mercurian e derrubar o imperador.



Dou uma rápida olhada no mar de pessoas, quase sem respirar. Eu queria um exército, mas isso... esta é uma população inteira de pessoas.

— Há muitos.

— Em vez de enviá-los para os Escolhidos depois do bombardeio, secretamente canalizei todos os Adormecidos dos finalistas para dentro de você. Foi falha do seu pai acordá-los após o upload obrigatório. Peço desculpas por quaisquer efeitos cognitivos que o processo possa ter causado. Tentei fazer isso devagar, mas não tinha muito tempo, e você era a única que conseguiria acordá-los.

Certo. Penso nas dores de cabeça que tive recentemente. A primeira coisa que vem à mente é uma réplica sarcástica, algo sobre o amor de uma mãe e brincar de cobaia, mas eu mordo de volta.

— Olha, Maia. Eu sei que você tem perguntas e poderemos respondê-las em breve. Mas primeiro precisamos nos mover antes que a chuva pare e os drones retornem. Então, eu preciso saber... Você está pronta para liderar essas pessoas?

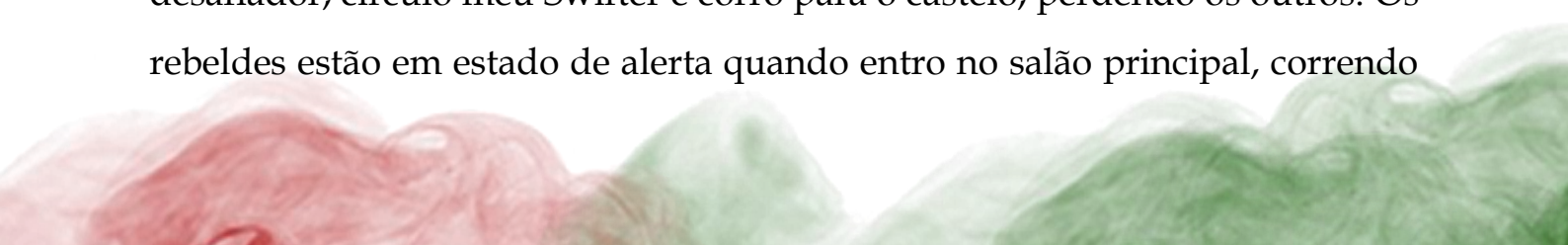
Minha pulsação bate dentro dos meus ouvidos. A voz dela afunda todas as vezes que ela olhou para mim como ela está agora, perguntando se eu era boa o suficiente, forte o suficiente. Todas as vezes que ela me machucou, me empurrou com mais força, me separou e me recompôs.

Todas as vezes que ela esperava que eu fosse forte e eu a decepcionei.

Mas desta vez é diferente. Eu encontro o olhar de aço de minha mãe.

— Estou pronta. Agora, com licença enquanto reúno meu povo e nossas coisas.

Ignorando a forma como sua mandíbula aperta com o meu tom desafiador, circulo meu Swifter e corro para o castelo, perdendo os outros. Os rebeldes estão em estado de alerta quando entro no salão principal, correndo



pelos corredores portando armas. Não é todo dia que um exército aparece do lado de fora de suas portas.

Não um exército.

Meu exército.

Atravesso a arena interna, agora escura e silenciosa em comparação com o meu primeiro dia aqui, e falo com uma garota rebelde para me levar até Nicolai. Pratico o que vou dizer a ele enquanto subo correndo o amplo lance de escadas perto do saguão, mas assim que vejo sua figura solene de pé à mesa dentro da sala de guerra, as palavras fogem da minha cabeça.

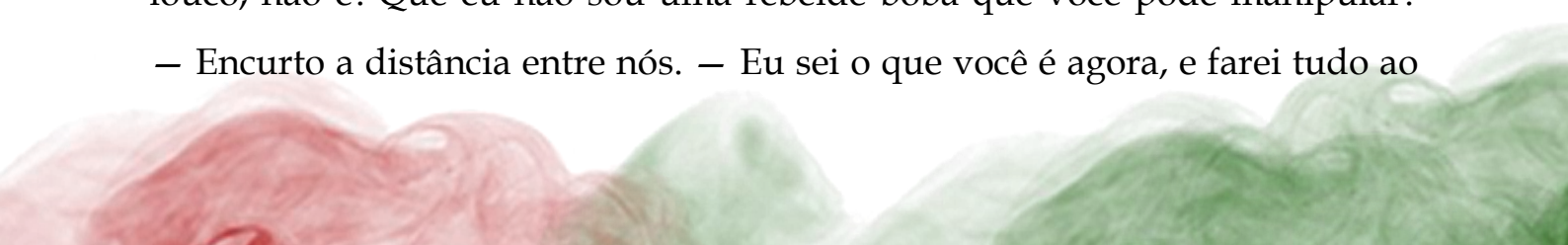
O olhar entediado que Nicolai me dá sob sua máscara sugere que ele estava me esperando. Ele acena os rebeldes para longe, e eu recuo quando a porta se fecha com um baque.

— Maia Graystone. — A eletrolaringe de Nicolai faz meu nome soar grave e estrangeiro. — Vencedora da Corte de Sangue. Campeã do povo. E idiota.

— Talvez. — Digo, passando minha mão ao longo da mesa. — Mas essa idiota venceu você em seu próprio jogo.

Nicolai tamborila com os dedos enluvados nas costas da cadeira. — O que te faz pensar que venceu, hmm? Que coisa, alguns rebeldes se juntam ao seu lado e de repente sua cabeça é tão grande quanto o buraco em que te encontrei. Uma pena que eles não sabem que criatura quebrada e patética você é.

Tremo com o rancor escorrendo de sua voz. — Você pode ter me arrastado de minha prisão infernal, reconstruído minha carne e me transformado em uma dama, mas você nunca me controlou, e isso o deixa louco, não é? Que eu não sou uma rebelde boba que você pode manipular? — Encurto a distância entre nós. — Eu sei o que você é agora, e farei tudo ao



meu alcance para ter certeza de que algum dia, depois de parar Pandora e prevenir sua guerra, Riser também verá.

Ele ri, um som aterrorizante, meio louco. — Você não pode parar o inevitável.

— Me veja! — Grito, batendo minha mão na mesa.

— Criança tola. Se você joga jogos para adultos, deve esperar consequências para os adultos. No segundo que você liderar aqueles rebeldes para fora de minhas portas, você não é mais Fieniana, mas o inimigo. E quando o fim chegar, vou amarrar você junto com os realistas.

Saio da sala e grito por cima do ombro: — Você pode tentar.

Minha respiração não para até que eu esteja dois andares abaixo. Corro pelo corredor até meu quarto e entro na câmara que já foi uma prisão.

O luar abafado se derrama da janela quebrada e se curva ao longo das paredes esculpidas em escorpião. Eu não tinha percebido até agora o quão aliviada estou por deixar este lugar, com suas regras selvagens e segredos obscuros.

Não há muito para embalar. Todas as armas que tenho já estão guardadas no meu corpo. Pego algumas calças e uma velha escova de casco de tartaruga sem metade das cerdas. Bramble, é claro, consegue um espaço seguro aninhado no fundo da minha mochila.

No último minuto, pego o velho diário que descobri de Amandine, a mãe de Riser.

Ainda assim, eu ando pelo quarto, não pronta para sair. Desprezo este lugar, então por que estou protelando? Talvez eu tenha medo de aceitar a responsabilidade de esperar logo após os portões abaixo. Talvez minha mãe seja a culpada.



Exceto que sei o verdadeiro motivo pelo qual não posso ir embora, e ele tem um sorriso infantil e tendências assassinas. Assim que eu sair por aqueles portões de ferro, Riser Thornbrook estará perdido para mim para sempre.

Não, não apenas perdido; ele será meu inimigo.

— Ele fez sua escolha. — Murmuro, agarrando os poucos itens e cruzando o chão. A declaração se torna um mantra ecoando dentro da minha cabeça quando termino de juntar minhas coisas. Quando tudo está embalado e pronto, solto um suspiro.

Adeus, Garoto do Fosso.

E então a porta se abre quando eu a alcanço, me deixando cara a cara com a mesma pessoa pela qual estou obcecada.

Talvez seja o choque, mas recuo quatro ou cinco passos, meu coração bate na garganta.

Riser fecha a porta silenciosamente atrás dele. Por um segundo, nós apenas olhamos um para o outro, nossa respiração sendo o único som. Eu tinha um milhão de coisas que queria dizer a ele, mas agora minha mente está em branco.

Ele caminha lentamente em minha direção, nunca quebrando seu olhar, e cada passo que ele dá esvazia meu estômago um pouco mais, até que estamos a centímetros de distância. Ficamos assim por incontáveis segundos, sua respiração aquecendo minhas bochechas, eu olhando de boca aberta para ele enquanto mil emoções parecem piscar dentro de seus olhos incompatíveis.

Sua boca se abre duas vezes, como se fosse dizer algo, então ele franze a testa.

— Eu não sou... não sou bom nisso.

— Em quê?



Ele cai de joelhos, seu capuz escorregando para trás e o cabelo escuro caindo sobre sua testa, e pressiona seu rosto em meu estômago.

— Me perdoe. — Levantando-se, ele segura minhas mãos. — Me perdoe. — Sua testa repousa contra a minha. — Me perdoe.

Meu coração bate em meus ouvidos. — Isso significa...?

— Eu me lembro de você, Garota Cavadora. Foi algo que você disse na sala do trono sobre nunca mais se esconder. Eu simplesmente... eu não podia deixar isso ir, e de repente cada memória de você veio à tona. Voltando como uma enxurrada.

Emoções conflitantes crescem dentro de mim. Raiva. Dor. Alívio. — Por quê? Por que você deixou eles me tirarem de você?

Ele se afasta, seus olhos azuis tempestuosos e escuros, os lábios tensos.

— Eu não fiz. Presumo que um dos Redgraves inventou isso, mas a única coisa que saberei com certeza é que teria morrido antes de deixá-los tirar sua memória de mim.

Deslizo minhas mãos das dele, não confiando totalmente nisso depois de estar machucada por tanto tempo.

— E agora? Eu não quero impedir você de...

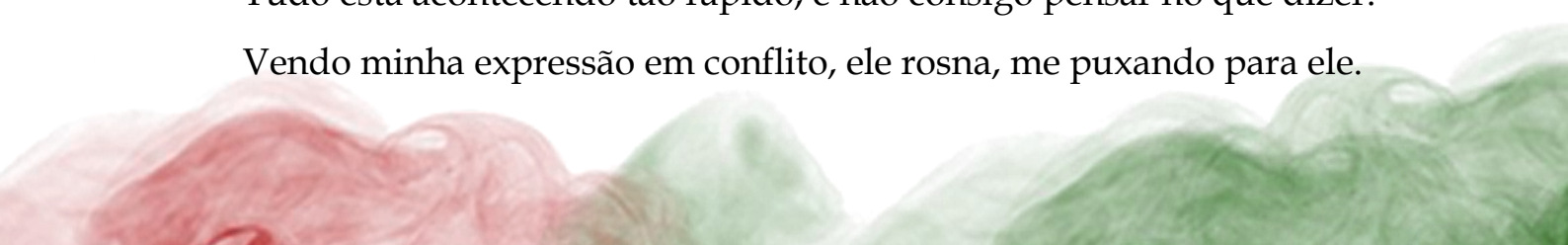
— Pare. — Ele encontra minhas mãos novamente e aperta com força. — Olhe para mim, Maia. Como você pode ver meu rosto, ler a intenção em meus olhos por você, e ainda pensar que eu deixaria você partir sem mim?

— Mas você... sua mãe.

Uma veia lateja em sua têmpora. — Maia, vou tornar isso simples para você. Onde quer que você vá, eu vou. Sempre que você luta, eu luto. E se você morrer... Eu também morro.

Tudo está acontecendo tão rápido, e não consigo pensar no que dizer.

Vendo minha expressão em conflito, ele rosna, me puxando para ele.



— Eu nunca vou deixar ninguém tirar você de mim novamente. Você entende?

Antes que eu possa responder, ele se inclina e captura meu lábio inferior com os dentes. Eu praticamente paro de respirar enquanto sua língua desliza dentro da minha boca, lentamente, suavemente.

Sua respiração sai em baforadas irregulares enquanto ele explorava meus lábios, alternando entre beijos profundos e apaixonados e beijos suaves e sensuais.

— Agora você entende, Garota Cavadora? Eu te amo, amo desde o Fosso, e meu caminho sempre incluirá você, sempre, enquanto você me quiser.

Ele espera em silêncio pela minha resposta, os olhos arregalados e solenes.

Forço de volta um sorriso. — Isso significa que você receberá ordens minhas?

Ele ergue uma sobrancelha adaga. — Possivelmente. Se você pedir com educação.

— E Caspian, seu meio-irmão?

Seus lábios se curvam em uma carranca. — O que tem ele?

— Precisamos dele vivo. Então, por favor, prometa que vão se dar bem.

Uma carranca escurece seu rosto, mas ele concorda. — Bem. Se ele jogar bem, eu também jogarei.

— Bom. — Minha atenção recai sobre a mochila na cama onde o diário se esconde, e encontro seu olhar curioso. — Não me deixe esquecer, tenho algo para você.

— Oh? — Sua voz treme de diversão enquanto seu olhar cai para os meus lábios. — Uma boa surpresa, espero?



— Pode ser, mas terá que ser mais tarde. Agora, precisamos ir antes que Nicolai mude de ideia.

— Sim, sobre isso. Provavelmente deveríamos nos apressar.

Um suspiro sibila entre meus dentes. — O que você fez?

— Posso ter perdido acidentalmente um par de Armas Quentes.

Eu suspiro. — Um par?

Ele encolhe os ombros. — Um par... dez. Elas estão nas cavernas, esperando por nós.

— Então, talvez você devesse reunir alguns de nossos rebeldes e recuperá-los?

Sorrindo, ele saúda. — Nisso... — Ele faz uma pausa por um momento e depois se inclina para roçar os lábios na minha bochecha. — Vejo você em breve, Garota Cavadora.

Meus dedos não se desenrolam até ele ir embora. Respirando fundo para me equilibrar, flutuo até a janela e olho para fora. Pela primeira vez desde que me lembro, as coisas parecem estar indo bem, como se o universo estivesse do meu lado. As marés estão contra os monarquistas; eles simplesmente não sabem disso ainda.

Deuses, mal posso esperar para ver seus rostos quando isso acontecer.

Agarro o parapeito da janela e procuro no céu por ela. Aninhada em uma piscina de nuvens prateadas, ela é do tamanho de uma maçã. A promessa que fiz de destruí-la não parece tão boba agora.

Você ainda está preocupada, Pandora? Você deveria estar. Tenho um exército. Eu tenho amigos. Eu tenho um plano.

Sei que ainda existem mil maneiras de falhar. Ainda não confio na minha mãe. Nicolai não vai apenas sentar e nos deixar ficar com o Mercurian. E terei



sorte se Riser e Caspian não se matarem antes de entrarmos no Castelo Laevus, e mais sorte ainda se não morrermos todos no momento em que entrarmos.

Ainda. Eu sobrevivi ao Fosso. Eu sobrevivi à Reconstrução e aos Julgamentos das Sombras, à sádica Arquiduquesa e à Corte de Sangue, e a Nicolai e a inúmeras outras coisas que deveriam ter me matado.

Acho que é hora de descobrir se o imperador pode sobreviver a mim.

